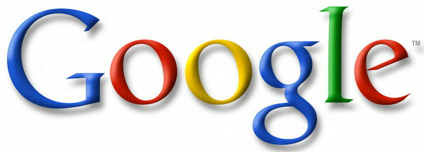
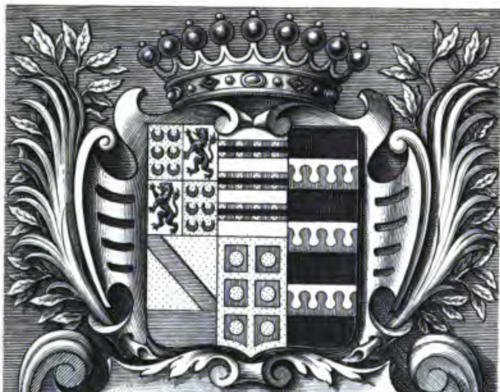

Google



ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

Os artigos, que de qualquer ponto do Brazil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta sobrescriptada a qualquer dos authores, e dirigida para a *Rua do Arsenal, n.° 60, 2.° andar — Lisboa.*

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1867

COM 444 ARTIGOS E 91 GRAVURAS

POR

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO
Tenente da Armada

E

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO
Bacharel em Direito



LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1866

Les longs ouvrages me font peur:
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

LA FONTAINE.

RECTIFICAÇÕES

Escreve-nos o sr. Henrique Ferreira, de Grandola, amigo do nosso infeliz poeta João d'Aboim, morto na flor da idade, como tantos outros amigos das lettras, dizendo que os versos que se lêem a paginas 191 do *Almanach* de 1866, sob o titulo generico—*poesia*—e que estão assignados pelo sr. Valentim Augusto Monteiro da Silva, não são d'este, mas do referido sr. Aboim, e por elle publicados em 1849 no Rio de Janeiro, sob o titulo—*Os meus desejos*.

Mais uma vez foi illudida a nossa boa fé, mas tambem mais uma vez daremos o seu a seu dono, e agora com tanta mais razão quanto a memoria de um escriptor é sagrada, especialmente para os que o conheceram e se disserão seus amigos.

Quanto ás alterações que se dão na poesia são ellas pequenas, e taes, que não deslustrão os versos do sr. João de Aboim. A principal, e que altera um pouco o sentido, é a seguinte:

O poeta escreveu, fechando a poesia:

Sou homem que sinto, que soffro, que gemo,
Que o ver-te na terra me pode matar.

No *Almanach* os ultimos versos são:

Sou homem que soffre, que ama, e que sente,
Que sente, e não pode teu seio abrandar.

Tambem a charada n.º 17, a paginas 220 do precedente *Almanach* se acha assignada pelo sr. José Daniel Soporifero, de Grijó, e ella é do sr. J. O. C. A. C. R. (Beira), o mesmo cavalheiro a que pertence a 23.ª de paginas 359.

Escusamos de dizer que não foi o sr. Soporifero quem nos remetteu a charada, dizendo-se autor d'ella. Não hou-

ve proposito, nem idéa de ninguem se locupletar com o que é alheio. Houve apenas um engano, e esse é todo nosso.

REPETIÇÕES

A paginas 303 acha-se repetida a charada, que já havia sido publicada a paginas 327 do *Almanach* de 1866.

Perguntem-nos como o embrechado do original ficou sem se lhe haver torcido o pescoço depois que o compozerão, que não saberemos responder.

ERRATAS

No logogripho a paginas 307 do *Almanach* de 1866, linhas 6.ª, onde diz:

Mas est'outra é mais formosa,

devia em logar da syllaba 8.ª que se menciona, designar-se a 3.ª

Uma troca de numero faz ás vezes com que o trabalho de advinhar um logogripho, ou uma charada, seja muito maior, senão improficuo.

CHARADAS

Por quantas vezes havemos de pedir ainda que nos não mandem charadas, nem logogriphos, sem as palavras de significação?

Não dizemos isto porque nos faltem charadas; temos de sobejo; mas algumas parecem-nos tao bem metrificadas, e tão bellas pela fórma, que nos custa pol-as de lado por não virem acompanhadas de palavra.

SENHORAS

CUJOS NOMES HONRÃO E AFORMOSEÃO AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH

Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Sras

CAVALHEIROS

Cujos nomes honrão as paginas do presente Almanach

INDICE

DOS

Artigos comprehendidos n'este Almanach



C

D

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

Z

CORRESPONDENCIA

RELATIVA AO

ALMANACH

DÁ LICENÇA (*Coimbra*).—Não lançamos á sua obra o anathema que por ella lançou ao Cupidinho travesso, isso não; mas ainda assim, tambem lhe não damos a publicidade que deseja. E sabe porque? Porque o arrependimento era certo. Porque é uma diatribe a Cupido, e ninguem, pondo a mão sobre o coração para lhe sopear os impulsos, póde sempre jactar-se de triumphar do vendado.

Pois julga que o dia de amanhã é como o de hontem, e que nelle poderá dizer como hontem, e como ainda hoje diz:

Assurriado, Cupido!
Assurriado tu sejas!
Que ainda não tens podido
Conseguir o que desejas. (?)

Está enganada, bella poetisa; e Deus queira que o amor não venha a rir-se ainda das vaias que uma esquiva lhe dirigiu. Está a licença dada, venhão outros versos.

D. A. C. (*Carreço* [1]).—Graças a Deus! A irmã de Fr. Apolinario vive congraçada com seu irmão. Sorri a harmonia, reina a paz de famillia, debaixo do humilde tecto que abriga numa aldeia do Minho o profundo sabedor de Tibães. Assim nol-o diz, a nossa estimavel collaboradora

[1] *A.* de 1863, p. 33. *A.* de 1864, p. 30. *A.* de 1865, p. 30. *A.* de 1866 p. 25.

desde 1863, em carta escripta aos ultimos vislumbres de um dia de outubro do anno passado.

Fr. Apollinario volveu aos seus primitivos dias, chama-lhe filha, e convida-a frequentemente a dar passeios em derredor da sua residencia. Á noite, nos intervallos do *voltarete*, ha palestras, em que o auditorio, de que a nossa collaboradora é parte constante, tem sempre muito que aprender.

Numa d'estas palestras recaiu a conversação de Fr. Apollinario sobre as velhas tradicções da sua provincia, e lastimando que só o pouco que a este respeito deixaram escripto godos e latinos fosse o que estivesse compendiado no capitulo 26, liv. 1.º da Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres, por Fr. Luiz de Sousa, descobriu que era possuidor de um precioso manuscripto em lingua arabica, que lhe fora legado por um esclarecido varão.

Este manuscripto é o repositorio aonde se escondem e e se conservam, muitas das lendas e antigualhas do norte do reino, Fr. Apollinario da-o a sua irmã, mas antes d'isso espera que ella com o favor de Deos conheça a lingua em que está escripto.

Ficou doida de jubilo a nossa collaboradora, e pôz mãos á obra; já traduz, já lê, já se deleita com os poétas arabes, e promette mandar-nos tudo o que no manuscripto achar digno de ser archivado, e que mais se coadune com a indole, e as proporções d'este livrinho annual.

Tudo isto é caso de parabens, e muitos.

Venha o que tem colhido da sua leitura sobre antigualhas, e diga a Fr. Apollinario, que pelos seus annos, instrucção e genio investigador, deve saber muita coisa que não está escripta, que lhe conte algumas das velhas tradicções de sua bella provincia. Até ao anno.

NO-NO. — Sim, sim. Adiante encontrará a pobre saloia dois dos seus artigos. Diz bem — *à bon entendeur... salut.* Entendemos perfeitamente, e retribuimos o cumprimento.

SEREI ATTENDIDO? (*Braga*).—Encostado ao bordão da esperança veio v. sr[a] arrastando-se até que nos bateu á porta. Pois irmão, não póde ser agora. Os seus versos estão muito medidinhos, muito perfilados, muito bem escriptos, mesmo, se os julgarmos pelo lado da calligraphia; mas peccam pela vulgaridade dos conceitos, pela impropriedade das imagens, e sobre tudo pelo alambicado das idéas. Somos severos de mais? Virá tempo em que o não julgue.

ASMODEU QUER CORRER MUNDO (*Beira*).—Asmodeu quer correr mundo e ha de correl-o, não tenha duvida. Não nos mova alguma acção de injuria pelo nome, por que não fomos nós que o baptisamos. Agora ouça. Não surgio das cavernas de Plutão nenhuma invasão de barbaros (tambem por lá os ha?) para apoderar-se dos seus escriptos. Houve uma troca de nomes, e a culpa não foi da pessoa que figura como author de uma das vossas charadas no *Almanach* de 1866, foi nossa. No logar competente fazemos a rectificação.

Tambem não foi de proposito, nem intencionalmente, que o vosso nome deixa de figurar no *Almanach* do corrente anno. Quando nos lembrou já não era tempo. Para não acontecer outra dois annos a fio. será elle um dos primeiros que se hão de ler no *Almanach* de 1868.

SATYRO (*Floresta do Gerez*).—Ainda não estão no limbo os seus artigos, esperão mais alguns, para d'entre todos se escolherem os que mais convenhão á indole d'este livrinho, e ao bom nome de quem vive na poetica serra do Gerez, com o pseudonymo de *satyro*. Deus vos depare uma *dryada*, e até ao anno.

ATOALHADO (*Coimbra*).—Deixe a mente divagar pelas mil idéas que a assaltão nas horas de repouso, traduza-lhe as cogitações, e continue a mandar-nos alguma coisa. Quem bem principia não deve esmorecer.

L. A, B. V. (*Loanda*).—A sua pergunta sobre dias anniversarios, não é de agua morna. Se foramos poder executivo mandavamol-a ao procurador geral da corôa; como o não somos, nem Deus tal permitta, em quatro palavras nos despedimos: Os anjos lhe respondam.

PANEGIRISTA (*Porto*).—Veja se contracta algum cego de bandurra, ou se encontra algum habil tocador de viola, para ensaiarem as suas trovas de panegirico a Ella — e fique certo de que a moda que por ahi andou do *Pirolito que bate, que bate*—lhe ficará a perder de vista, e muito á quem. Nao se descuide.

CREIO E ESPERO (*Sado*). — Crença e esperança são a consolação dos tristes. Porque não ha de crer quem prefere as noites aos dias, e o silencio ao ruido das festas? Porque não ha de esperar, quem embala a alma nas visões melancholicas de um mysterioso destino, na idade em que outras se embriagam com os aureos sonhos da felicidade terrena? Creia e espere. Pela preferencia que dá ao nosso *Almanach* — *muchas gracias*.

DESDEM OU GLORIA?—Nem desdem, nem gloria. Desdem nunca o tivemos, nem teremos, para o sexo amavel. Gloria tambem não podia havel-a em publicar a vossa meditação, e o vosso tio arcypreste talvez nos pedisse contas se o fizessemos. Ficai-vos na paz do Senhor. Sois boa porque amais o campo; bem sabeis o que disse Délille:

Qui sait aimer les champs, sait aimer la vertu.

S. P. Q. R. Senhores, Peço Que Respondam (*Grandola*) — Não demos este anno cabimento ao seu artiguinho, extraido de Cesar Cantu, por nos chegar tarde. No *Almanach* de 1868 o reproduziremos, e ficará campo aberto para as investigações, que a sua duvida suscita.

PS. CA. (*Districto de Villa Real*). — Cá recebemos as suas charadas. Que pena não as podermos adivinhar, nem tambem nos dizer o que ellas significão! A primeira, a que falla de um certo pai que não quiz visitar a filha, deve ser linda; basta ella começar pela seguinte quadra:

Eu sou ainda donzella
Que nunca entrei á opera;
Faço parte do commercio
O mais forte da Europa.

Quantas? Ficou no tinteiro o numero de syllabas, não é verdade? Valha-o Deus com tal esquecimento.

A. C. N. (*Fundão*). — Diz que as suas charadas vem sem nenhuma orthometria. Pois bem, sem orthometria não póde haver versos, e sem versos não costuma haver charadas. Aqui tem a rasão porque não publicamos as suas regrinhas.

Não se incommode a mandar-nos os artigos em que nos falla. Temos cá tantos, que é um louvar a Deus!

BELFÉCIO (*Santarem*). — O logogripho cujas primeiras duas syllabas são *ti ti* não póde publicar-se por causa das duas ultimas. Lembre-se de que este livrinho anda pelas mãos do bello sexo, e que este morre pela agua de colonia.

HA COMMODO PARA UM HOSPEDE? (*Coimbra*). — Tanto houve, que adiante verá v. s.ª reproduzido um dos seus artigos. Ao vel-o assim transformado em letra redonda não lhe baterá de contentamento *o coração em toda a arcada do peito*, como diz; isso não, que não é possivel; mas baterá, envolvido no pericardio, entre os bofes, ou pulmões, junto á parte media do peito, algum tanto para a esquerda. Isto são heresias da sciencia, que não admitte estylos figurados, e é inimiga figadal das amplificações.

FORTE TOLEIMA *(Angola)*. — Não o diremos nós. Não é tolo quem se enthusiasma diante do *Pavilhão Negro* e do *Ave! Cesar*, nem quem no deserto de Angola, de noite, revendo-se na lua esplendida, que surge no ceu, improvisa os seguintes versos:

Por sobre esta terra ingrata
Derrama tua doce luz,
O poder de Deus retrata
Aos que não crêem na cruz!
Dize aos filhos do deserto,
Qual é o caminho certo
Que conduz á salvação,
Diz-lhe que ha um Deus clemente,
Que o seu reino tem patente
Aos que lhe implorão perdão.

Agora um conselho — estude, peça a essa senhora, que de vez em quando lhe requer versos, para o incitar a fazel-os, que se não arrependa, nem desista de taes incitamentos, e um dia, quando a consciencia lhe disser que tem feito alguma coisa, e que em parte o deve ás pompas da naturesa africana, não se admire, se de longe lhe apertarmos as mãos e lhe dissermos — Salve, poéta!

X. P. T. O. — Sr. X. P. T. O., sem ser Christo. Na barafunda dos nossos papeis, não encontrámos nem o artigo, nem a charada, que v. s.ª diz haver-nos remettido. Quanto ao mais, não negando que a cascata de Pernes é digna de ver-se, enviamos os leitores para o n.º 51 do *Archivo Pittoresco* de 1862, onde a par da discripção vem a gravura de tão bella paisagem.

AMOR, DESGRAÇA E POESIA. — Para que em 1867 se não desse o que por inadvertencia aconteceu em 1866, lá vai adiante um dos seus artigos, e ficão outros reservados.

F. A. *(Beira)*—Não queremos privar os leitores do final da sua canção.

Ahi vai, respondemos pela fidelidade da copia.

Uma ausencia apoz se liga
Penas em meu peito senti...
Foi em troca d'amor que me disse!
Sofre! sofre que eu tambem sofri!

Sofreo, sofreo...
Sofreo porque eu bem vi
Apertou-me nos seus braços
Chorai tambem por mim.

Coitadinho, temos pena de não termos agora lagrimas para dar a tanta desventura. Este martyr diz-nos que lendo os *Almanachs* moveu-o a curiosidade a atirar-se ao estudo para d'ora ávante poder mostrar a sua gratidão para comnosco. Não sabemos porque nos ha de ser grato, mas começa bem.

AZA OU AZAR? *(Cabo Verde)*.—Deus nos livre de o querermos privar dos intimos e jubilosos estremecimentos de amor proprio que o arroubão. A sua charada chegou tarde para poder entrar no *Almanach* de 1867; mas, ainda que mais cedo chegasse não teria o prazer de a ver impressa, porque não vinha acompanhada da palavra de significação. Mande-a, e fallaremos para o anno.

SERVIRÁ? *(Coimbra)*.—Talvez, não diremos que não, mas alguma coisa, para o anno. *Almanach* de 1851, não ha. Indice dos indices, está esgotado.

DESEJO E INTREPIDEZ.—Chegou tarde e não foi por isso contemplado no *Almanach* de 1867. É necessario madrugar mais. Dá-se effectivamente o erro que notou a pag. 307 do *Almanach* do anno passado.

MODESTIA (*Ilha*).—Porque não vence a bella insulana a sua modestia para nos dar alguma coisa da sua lavra?

A escolha das tres flores é linda, na verdade, mas quem tem alma para se impressionar com ella, tambem a tem para fazer versos. Experimente.

A QUEM COMPETIR (*Ilhas*). — O seu *Passeio* não está no caso. Se o estivesse escusava v. s.ª de mandar dinheiro para que se imprimisse a tanto por linha. Aqui é porte franco.

C. A. A DE M. (*Minho*). — Ficamos sabendo, porque nol-o dizeis que antes querieis o inferno, antes o ranger dos dentes e toda a proterva corte satanica de feios seres bicornes, mafarricos (quem são estes senhores?) e diabretes a darem cabriolas, e a fazerem carrancas feisssimas, capazes de assustarem seiscentas mil beatas, antes isto mil vezes, que uma existencia sem pena nem gloria no limbo.

Mas quem vos disse que os vossos artigos, um dos quaes era fundado e jurado nas palavras dos dois gravissimos e *veracissimos* escriptores Fr. Bernardo de Brito, e Faria e Sousa, havião sido condemnados a essa mansão aonde não ha penas nem glorias?

É necessario não acreditar tão de leve nas coisas que desconsolam. Ainda póde haver redempção para os dois artigos, o ponto é que elles appareçam. Tambem não tem nada de enigmatica a rasão porque não démos uma resposta á vossa cartinha. Temos cá tantas, que se o não respondermos fosse peccado não haveria agua benta que nos lavasse as culpas.

Deus vos dê a resignação de que precisaes, e as felicidades que para nós desejamos, no vosso retiro campestre.

I. THANK YOU (N). — Não tem nada que agradecer, e está admittido ao gremio dos collaboradores annuaes d'este livrinho.

EXPLICAÇÃO DOS LOGOGRIPHOS

DO

ALMANACH DE 1866

Dos onze logogriphos espalhados,
Qual fino sal, no tomo precedente,
Vós me exigis, leitores meus amados,
Que a explicação emfim vos apresente.

Obedecer-vos é dever, e é gosto;
Mas em vez d'irmos do principio ao fim,
Certo motivo, que me cora o rosto,
Faz-me andar para traz; pois seja assim.

O da pagina tres e seis e sete
É, sem nenhuma duvida, *soldado*.
Na de tres cinco e oito se nos mette
Bem claro á vista um *coévo* repimpado.

Tres, cinco e um, é ilha brazileira,
Diz-se *Itamaracá*, e é baronato;
Trezentas vinte e tres traz-nos á feira
Gala-gala, sem ser gala d'ornato.

Na trezentas e sete o que te espera
É *familiaridade;* na duzentas
Com mais sessenta e sete, és tu, quimera,
Periodico — chamada, a que te ostentas.

Tens na duzentas e cincoenta e quatro,
Qual numa cathedral, *arcediago;*
A duzentas e sete abre theatro
Um *tareco,* rapaz travesso e gago.

Cento e sessenta e duas nos captiva
Co'a sua *philarmonica* a vontade,
Mas a cento e quarenta essa é nociva,
Pois contém dentro em si *malignidade.*

Ai! falta-nos o ultimo, o diabo,
O que fez enraivar a tanta gente,
O que temos deixado para o cabo
Por não ousarmos a metter-lhe dente.

Logogripho de sete cotovellos
Se chama, e vem na lauda cento e duas.
Oh! quem tivesse herdado os teus novellos,
Minha avó torta, entre as bagagens tuas!

Não, que não sei de nojo como o conte,
Por mais que os diccionarios espatifo,
Nem um termo lobrigo, que se apprompte
Para entrar no maldito logogripho.

E entretanto, ha de havel-o, e houve-o de certo
Do poeta na mente, e mais vos digo
Que elle o escrevêra, e que o mandára aberto
Por mão fiel, por mão d'um nosso amigo.

Mas com tantos papeis, tantas mudanças,
Por mais que se buscasse o tal escripto
Fez *visperè,* no livro das *lembranças*
Esquecido ficou — caso exquisito!

O que é certo é que o habito de Christo,
E o garrafão de vinho da Madeira,
(Muito me custa a declarar-vos isto)
Forão-se ambos de vez co'a brincadeira!

NA FOZ *(Porto)*.—Bem lhe diziamos nós ha dois annos que no meio dos milhares de artigos que o *Almanach* tem publicado desde 1851, nem sempre a nossa memoria nos dizia que havia um ou outro repetido.

Dito e feito. Como erudito e lembrado vem agora v. s.ª dizer-nos que no *Almanach* de 1859 a pag. 114, vem com o titulo de *Baralho religioso*, o mesmo artigo que no *Almanach* de 1865 se lê sob a epigraphe *Baralho glorificado*, só com a differença que tem uma vinheta.

Permitta que lhe digamos que o artigo não é bem o mesmo, ha differença, além da vinheta; entretanto, se nos lembrassemos de que no *Almanach* de 1859 havia o tal baralho, não o reproduziriamos.

Cremos que nos fará essa justiça.

Quanto aos artigos respeitantes ás curiosidades da nossa patria, espera-os o *Almanach* para 1868.

VOUGA.—Bella desconhecida, a vossa segunda carta chegou tarde, porque já a esse tempo estava impressa, e com a vossa assignatura, a composição com que nos havieis brindado.

L'ÉTAT C'EST MOI *(Coimbra)*.—Está no seu direito dizendo o que de si dizia Luiz XIV. Tambem nós em relação ás cousas do *Almanach* podemos affirmar *o* mesmo, e é usando d'este poder, que recusamos a luz da publicidade ao seu logogripho e charada. Aquillo a que v. s.ª chama versos não lhe cabe tal nome. São regrinhas, e se tem visto publicacadas algumas peiores, não é isso rasão para que as suas se publiquem, pelo menos aqui.

OBSCURO *(Alemtejo)*.—Tarde piaste, como costuma dizer-se em casos identicos. Se a phrase não é bem diplomatica perdoe-se-nos a limitação. Quando a vossa carta de 27 de março, chegou a Lisboa já estava impresso o seu artigo.

CHARADAS, PROBLEMAS, ENIGMAS E LOGOGRIPHOS

DO

ALMANACH DE 1866



PAG.

75 CASTILHO
85 AZA
94 DIODORO
101 GOLGOTHA
102... Vide explicação a pagina 33.
111 COLMEIA
123 AGUAARDENTE
127 PAPA
130 LIDADOR
140 MALIGNIDADE
143 BOLACHA
150 MARIPOSA
158 CEPA, CACHO, VINHO, AGUAARDENTE
162 PHILARMONICA
172 GREGORIO
181 A LETTRA — O
182 PAPAGAIO
186 DEZOITO
196 LAVRADOR
205 OVO
207 TARECO
212 MUDO
220 ALFAIATE
229 AIPO
236 TROMPA
250 ELVIRA

PAG.

255 ARCEDIAGO
261 FREDERICO
267 PERIODICO
272 MÓ
276 CIVIL
279 AROMA
284 EUTERPE
294 SOTA-VENTO
300 KALENDARIO
302 DEMANDA
303 D. JOÃO 1.º 76 ANNOS INFANTE D. HENRIQUE 66
307 FAMILIARIDADE
314 CORSARIO
319 LAVATORIO
323 GALA-GALA
327 SATYRA
330 CAPACIDADE
335 AMALIA
348 MACARIO
351 ITAMARACÁ
358 COÉVO
359 DESPEGADO
362 USURARIO
366 MONTE
367 SOLDADO
374 CALVARIO
375 AÉREO

TABELLA DOS INCENDIOS

TORRES	badal.	POSTOS DE GUARDA
Beato Antonio	11	Reg. e Cab. de Bola.
S. Vicente	12	Escolas Geraes.
S. Estevão	12	Chafariz de Dentro.
Graça	13	Calçada do Monte.
Sé	14	Loyos.
S. Christovão.........	14	Costa do Castello.
Conceição Nova......	15	Guarda do Deposito.
S. Nicolau............	16	Praça da Figueira.
Soccorro	17	Mouraria.
S. José................	18	Passeio.
Pena.....................	19	Conv. da Encarnação.
Bemposta	20	Cab. de Bola.
Anjos	20	Monte Agudo.
S. Sebastião da Pedr.	21	Quartel de Santa Rita.
Coração de Jesus....	21	Largo de S. Martha.
Monserrate	22	Amoreiras.
S. Mamede	22	Collegio dos Nobres.
S. Isabel	23	Junto á igreja.
Estrella, ou C. Novo	24	B. Ayres, B. Morte, Est.
Lapa	24	Pau da Bandeira.
Necessidades..........	25	Praça d'Armas.
S. Pedro em Alcant.ª	25	Rua da Junqueira.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho	27	Inglezinhas.
Paulistas...............	28	Junto á igreja.
Chagas	29	Rua das Flores.
S. Roque..............	30	T. da Quei.^m, S. P. d'Alc.
Martyres...............	31	Governo Civil.
S. Paulo...............	32	Caes do Sodré.
Boa Hora, Belem....	33	Calçada de D. Vasco.
Jeronymos.............	34	Belem.

DIAS DE GRANDE GALA

1 de Janeiro. Por boas festas, e bons annos.
29 de Abril. Outorga da Carta Constitucional.
31 de Julho. Juramento da Carta Constitucional. Anniv. de S. M. I. a Sr. Duqueza de Bragança. Anniv. do Ser. Sr. Infante D. Affonso.
28 de Setembro. Anniversario natalicio de S. A. o Principe Real D. Carlos Fernando.
16 de Outubro. Anniv. de S. M. a Rainha.
29 de Outubro. Anniv. de El-Rei o Sr. D. Fernando.
31 de Outubro. Anniv. de El-Rei o Sr. D. Luiz I.

DIAS DE PEQUENA GALA

17 de Fevereiro. Anniv. da Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia, irmã de El-Rei.
21 de Abril. Domingo de Paschoa.
1 de Maio. Pro-Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz Filippe.
30 de Maio. Nome de S. M. o Sr. D. Fernando.
20 de Junho. Proc. do Corpo de Deus da Cidade.
28 de Junho. Festa do SS. Coração de Jesus.
4 de Julho. Anniv. da Ser. Sr.ª Inf. D. Izabel Maria.
10 de Julho. Nome de S. M. I a Sr.ª Duqueza de Bragança.
21 de Julho. Anniv. da Ser. Sr.ª Infanta D. Maria Anna.
8 de Setembro. Nome de S. M. a Rainha.
6 de Outubro. Anniv. do Consorcio de S. M. El-Rei com S. M. a Rainha D. Maria de Saboya.
4 de Novembro. Anniv. do Ser. Sr. Infante D. Augusto. Nome do Principe Real.
1 de Dezembro. Acclamação de El-Rei D. João IV.
25 de Dezembro. Dia de Natal.
31 de Dezembro. Ultimo dia do anno.

ECLIPSES

6 de Março — eclipse do sol, visivel em Lisboa.
Principio..... 7 h. 15 m. 12 seg. da manhã.
Maxima phase 8 » 21 » 48 » » »
Fim .... 9 » 50 » 36 » » »
Grandeza 10,5 digitos.

19 de Março — eclipse da lua, invisivel em Lisboa.

29 de Agosto — » do sol » » »

13 de Setembro — eclipse da lua, visivel » »
Principio... 10 h. 23 m. 18 seg. da tarde.
Meio...... 11 » 52 » 30 » » »
Fim (dia 14) 1 » 21 » 36 » » manhã.
Grandeza 8,4 digitio.

MARÉS.

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia de lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de prêamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejão saber os prêamares e baixamares de 15 de março; procurando este dia na folhinha acharemos que é o 10.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 10, acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notão marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

TABELLA DAS PREAMARES E BAIXAMARES EM LISBOA

IDADE DA LUA	Preamar		Baixamar	
	DA MANHÃ	DA TARDE	DA MANHÃ	DA TARDE
	h. m.	*h. m.*	*h. m.*	*h. m.*
1 e 16	2 55	3 20	9 7	9 32
2 17	3 44	4 9	9 57	10 22
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11
4 19	5 24	5 49	11 36	
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5
8 23	8 42	9 7	2 30	2 55
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24
12 27		0 1	5 49	6 13
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42

N. B. As horas das marés do dia 1 da lua são as mesmas do dia 16; as do dia 2, das do dia 17; e assim por diante.

O dia 8 da lua é quarto crescente, e o dia 23 quarto minguante, o dia 15 é lua cheia e o dia 30 lua nova.

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1867

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.
Janeiro	1	7 h. 20′	4 h. 48′	Julho	1	4 h. 39′	7 h. 28′
	9	21	53		9	45	25
	17	18	3		17	50	21
	25	14	12		25	55	17
Fevereiro	1	9	19	Agosto	1	5 3	9
	9	0	28		9	10	1
	17	6 50	38		17	17	6 51
	25	40	46		25	24	40
Março	1	35	51	Setembro	1	30	29
	9	23	59		9	38	17
	17	11	6 7		17	45	4
	25	5 56	41		25	52	5 51
Abril	1	47	21	Outubro	1	57	42
	9	34	30		9	6 5	30
	17	24	37		17	13	18
	25	13	45		25	21	7
Maio	1	5	50	Novembro	1	29	4 59
	9	4 56	57		9	37	51
	17	49	7 5		17	47	43
	25	42	11		25	55	39
Junho	1	39	16	Dezembro	1	7 1	37
	9	36	23		9	8	37
	17	36	25		17	14	38
	25	38	27		25	18	42

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero	6
Cyclo solar	28
Indicção Romana	10
Epacta	xxv
Letra Dominical	F

TEMPORAS

Março	13, 15 e 16	Setembro	18, 20 e 21
Maio	27, 28 e 29	Dezembro	18, 20 e 21

FESTAS MOVEIS

Septuagesima 17 de Fevereiro.	Pentecostes .... 9 de Junho.
Cinza...... 6 de Março.	Trindade...... 16 de Junho.
Paschoa.... 21 de Abril	Corpo de Deus.. 20 de Junho.
Ladainhas 27, 28 e 29 de Maio	Coração de Jesus 28 de Junho.
Ascensão ... 30 de Maio.	Advento...... 1 de Dez.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO

Primavera	Começa	a 20 de Março.
Estio	»	a 21 de Junho.
Outomno	»	a 23 de Setembro.
Inverno	»	a 21 de Dezembro.

BENÇÕES

Prohibem-se desde Quarta-feira de Cinza até ao 1.º Domingo, depois do de Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao dia de Reis.

FOLHINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE  AQUARIO

1 DE JANEIRO. *Terça.* ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. *Festa na Graça, Barreiro e Seixal. Ind. em varias igr. Grande gala. Cortejo.*

2 *Quarta.* S. Izidoro, B. M. *Ind. na igr. da Madre de Deus na 1.ª quarta feira de cada mez.*

3 *Quinta.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. S. Genoveva. *Ind. no conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno, e como a da Porciuncula na igr. das religiosas do Sacramento na 1.ª quinta feira de cada mez.*

4 *Sexta.* S. Gregorio, B. S. Tito. *Com. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula na sua igr. com Ind. Princ. a nov. de N. Senhora de Jesus.*

5 ● *Sabbado.* S. Simeão Estelyta. S. Apolinaria. *Vesp. de instrumental na Sé, e ao escurecer começão as matinas. L. nova ás 11 h. e 56 m. da tarde.*

6 *Domingo.* DIA DE REIS. *Festa na freg. dos Santos Reis (ao Campo Grande) e na Sé, a que assistem SS. MM. Ind. no Loreto e Plen. em Santo Amaro no 1.º domingo de cada mez. Benção no Menino de Deus.*

7 *Segunda.* S. Theodoro. *Abrem-se os tribunaes e permittem-se os casamentos solemnes.*

8 *Terça.* S. Lourenço Justiniano.

9 *Quarta.* S. Julião, M. *Festa na sua freg.*

10 *Quinta.* S. Paulo, 1.º eremita, S. Gonçalo de Amarante, D.

11 DE JANEIRO. *Sexta*. S. Hygino, P. M. S. Honorata, V. *Princ. as nov. do SS. Nome de Jesus, de S. Sebastião, e de N. Senhora da Divina Providencia.*

12 *Sabbado*. S. Satyro, M.

13 ☽ *Domingo*. Nossa Senhora de Jesus, S. Hilario, B. *Festa na freg. das Mercês. Ind. em S. Domingos para os irmãos dos Passos no 2.º domingo de cada mez. Q. cresc. ás 4 h. da tarde.*

14 *Segunda*. S. Felix de Nole. O B. Bernardino de Carleone, Capucho. *Princ. a nov. dos Desposorios de N. Senhora.*

15 *Terça*. S. Amaro, Ab. *Festa na sua igr. Conceição Velha, e em Desaggravo no conv. do mesmo nome com Lausperenne.*

16 *Quarta*. Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. *Com. os dias de Santa Engracia na Sé para desaggravar o SS. Sacramento.*

17 *Quinta*. S. Antão, Ab.

18 *Sexta*. A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.

19 *Sabbado*. S. Canuto, M. *Vesp. e mat. na igrej. de S. Sebastião.*

20 ☺ *Domingo*. SS. Nome de Jesus. N. Senhora da Divina Providencia, S. Sebastião, M. *Festa na igr. do Hospital de S. José, e de instrumental em S. Sebastião da Pedreira, feita pela corporação dos marceneiros de que é patrono. L. cheia ás 7 h. e 3 m da m.*

21 *Segunda*. (*Jej. no Patriarchado*) S. Ignez, V. M.

22 *Terça*. (✠ *no Patr. e no Algarve*) S. Vicente e S. Anastacio, MM. *Festa em S. Vicente de Fóra, e na Sé.*

23 *Quarta*. Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Penafort.

24 *Quinta*. N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B. M. O B. Marcolino, D. *Princ. a nov. da Purificação.*

25 *Sexta*. A Conversão de S. Paulo, Ap. *Festa e Lausp. na sua freg.*

26 DE JANEIRO. *Sabbado.* S. Polycarpo, B. M. S. Paula, V. *Festa a S. Sebastião na freg. de S. Paulo.*

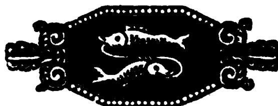
27 ☾ *Domingo.* S. João Chrysostomo. *Festa principal do Sagrado Coração de Maria no most. da Encarnação, e a N. Senhora da Piedade na freg. de S. Paulo. Q. ming. ás 2 h. e 14 m. da tarde.*

28 *Segunda.* S. Cyrillo, B. A. B. Veronica, A. *Princ. a nov. das Chagas de Christo.*

29 *Terça.* S. Francisco de Salles. *Festa e Lausp. nas Selesias a S. Francisco de Salles.*

30 *Quarta.* S. Martinho, S. Jacintha.

31 *Quinta.* S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M.

SIGNO DE  PISCIS

1 DE FEVEREIRO. *Sexta (jej. excepto nos bispados d'Elvas e Vizeu.)* S. Ignacio, B. M. S. Brigida, V.

2 *Sabbado.* ✠ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa nos Terceiros do Carmo, na Sé, e em Bucellas.*

3 *Domingo.* S. Braz, B. M. O B. Odorico, F. *Festa a S. Braz na Conceição Velha, em Santa Luzia, Sé, e na freg. dos Martyres.*

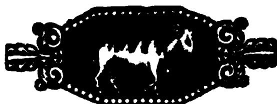
4 ● *Segunda.* S. André Corsino, B.*Fallecimento da princeza a Senhora D. Amelia. L. nova ás 5 h. e 42 m. da tarde.*

5 *Terça.* S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão. *Matinas na igrej. das Chagas.*

6 *Quarta.* As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M *Festa e Lausp. na igr. das Chagas, e Te Deum de tarde. Festa ao Senhor Jesus dos Desamparados, com Jub. para os irmãos no most. da Encarnação.*

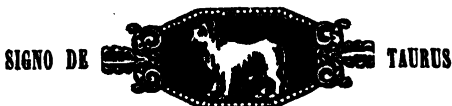
7 *Quinta.* S. Romualdo, Ab. S. Ricardo. *Festa de S. Urbano na igr. das Chagas.*

8 DE FEVEREIRO. *Sexta.* S. João da Matta.
9 *Sabbado.* S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*
10 *Domingo.* S. Escolastica, V. *Festa da archi-confraria do SS. Coração de Maria e Exp. do SS. Sacramento nas igr das Commendadeiras da Encarnação.*
11 *Segunda.* S. Lazaro, B. Os fundadores dos Servitas.
12 ☽ *Terça.* S. Eulalia, V. M. *Q. cresc. ás 4 h. e 6 m. da manhã.*
13 *Quarta.* S. Gregorio II.
14 *Quinta.* S. Valentim, M. *Vesp. da trasladação de S. Antonio na sua igr.*
15 *Sexta.* Trasladação de S. Antonio. SS. Faustino e Jovita. *Festa em S. Antonio da Sé.*
16 *Sabbado.* S. Porphyrio, M.
17 *Domingo da Septuagesima.* S. Faustino. *Começ. os Dom. da Madre de Deus. Faz 22 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia. Pequena gala.*
18 ☺ *Segunda.* S. Theotonio, 1.º prior de S. Cruz de Coimbra. S. Simeão, B. M. *L. cheia ás 7 e 7 m. da tarde.*
19 *Terça.* S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova.
20 *Quarta.* S. Eleuterio, B. M.
21 *Quinta.* S. Maximiano, B. M. S. Angela de Mericia, V. M.
22 *Sexta.* S. Margarida de Cortona. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia.
23 *Sabbado.* (*Jej.*) S. Lazaro Mongc.
24 *Domingo da Sexagesima.* S. Mathias, Ap. S. Sergio, M.
25 *Segunda.* S. Cezario. O B. Sebastião de Aparicio, F.
26 ☾ *Terça.* S. Torquato, Arceb. de Braga. *Q. ming. ás 10 h. e 59 m. da manhã.*
27 *Quarta.* S. Leandro. A B. Eustachia, V. F.
28 *Quinta.* S. Romão, Ab.

SIGNO DE  ARIES

1 DE MARÇO. *Sexta.* S. Adrião, M. S. Rozendo.
2 *Sabbado.* S. Simplicio, P.
3 *Domingo da Quinquagesima.* S. Hemeterio. *Ind. das 40 horas na Sé, e em S. João Nepomuceno, por occasião da Exp. do SS. Sacramento até terça feira de completas.*
4 *Segunda* S. Casimiro. S. Lucio, P. M.
5 *Terça.* S. Theophilo, B.
6 ● *Quarta feira de Cinza. (Jej. até á Paschoa).* S. Olegario. *Benção da cinza na Sé por musica instrumental. Prohibem-se as bençãos matrimoniaes até á Paschoa. L. nova ás 9 h. e 4 m. da manhã.*
7 *Quinta.* S. Thomaz d'Aquino.
8 *Sexta.* S. João de Deus.
9 *Sabbado.* S. Francisca Romana.
10 *Domingo. (1.º da Quaresma).* S. Militão e seus 39 Comp. MM. *Proc. em S. Antão do Tojal, Villa Franca e Cascaes. Princ. a nov. de S. José.*
11 *Segunda.* S. Candido, M.
12 *Terça.* S. Gregorio, P.
13 ☽ *Quarta. (Temp.)* A B. Sancha, V., Inf. de Portugal. *Q. cresc. ás 8 h. e 14 m. da manhã.*
14 *Quinta.* Trasladação de S. Boa-Ventura. *Vai a imagem do Senhor dos Passos da Graça para a igr. de S. Roque*
15 *Sexta. (Temp.)* S. Henrique. *Proc. dos Passos da Graça. Com. a nov. do SS. Sacramento.*
16 *Sabbado. (Temp.)* S. Cyriaco, M. *Com. a nov. da Annunciação de N. Senhora.*
17 *Domingo (2.º da Quaresma).* S. Patricio, Ap. da Irlanda. *Proc. em Sacavem.*

18 DE MARÇO. *Segunda*. S. Gabriel Arch. S. Narciso, **Arc.**
19 *Terça*. S. José. ***Festa e Lausp. na sua freg., igr. do Hospital de S. José, e em Belem, e com Jub. para os irmãos, no most. da Encarnação.***
20 ☉ *Quarta*. S. Martinho Dumiense, Arc. de Braga. ***L. cheia ás 8 h. e 21 m. da manhã. Com. a Primavera.***
21 *Quinta*. S. Bento, Ab. ***Festa do Santo no most. da Encarnação.***
22 *Sexta*. S. Emygdio, B. M.
23 *Sabbado*. S. Felix e seus comp. **MM.** ***Matinas na freg. do Sacramento.***
24 *Domingo* (3.º *da Quaresma*). **Instituição do SS. Sacramento.** ***Festa e Lausp. de instrumental na freg. do Sacramento. Ind. como a da Porciuncula em todas as igr. em que estiver o SS. Sacramento, ou que tiverem a sua invocação. Proc. dos Passos em Oeiras, Alverca e Arruda.***
25 *Segunda*. ✠ ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA. ***Festa e Lausp. na freg. e no most. da Encarnação e conv. de Santa Joanna.***
26 *Terça*. S. Ludgero, B. S. Braulio, B
27 *Quarta*. S. Roberto, B. S. Zozimo.
28 ☾ *Quinta*. S. Alexandre, M. S. Castor e S. Dorothea, **MM.** ***Q. ming. ás 7 h. e 12 m. da manhã.***
29 *Sexta*. S. Bertholdo, C. S. Jonas e seus Comp. **MM.** ***Proc. de Passos em Belem e no Desterro.***
30 *Sabbado*. S João Climaco, A.
31 *Domingo* (4.º *da Quaresma*). S. Balbina, V. S. Beijamin, **M.**



1 DE ABRIL. *Segunda*. **As Chagas de S. Catharina de Sena.**

2 DE ABRIL. *Terça*. S. Francisco de Paula. *Festa e Lausp. na sua igr.*
3 *Quarta*. S. Ricardo, B. S Benedicto, F.
4 ● *Quinta*. S. Izidoro, Arc. de Sevilha *L. nova ás 9 h. e 30 m. da tarde.*
5 *Sexta*. S. Vicente Ferrer, D.
6 *Sabbado*. S Marcellino, M. *Princ. o septenario das Dôres de N. Senhora.*
7 *Domingo da Paixão*. S. Epifanio, B. M. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz, e Santo Antão do Tojal.*
8 *Segunda*. S. Amancio. O B. Clemente de Ozino, A.
9 *Terça*. Trasladação de S. Monica. S. Procoro.
10 *Quarta*. S. Ezequiel, propheta.
11 ☽ *Quinta*. S. Leão I. *Q. cresc. ás 2 h. e 36 m. da t.*
12 *Sexta*. As 7 Dores de N. Senhora. S. Victor, M. *Festa e Lausp. na erm. das Dores e nas mais igr. onde houver septenario. Festa e exposição do SS. na Guia, festa em Santo Antonio da Sé e em Santa Joanna.*
13 *Sabbado*. S. Anicetto, P. M.
14 *Domingo de Ramos*. S. Tiburcio e S. Valeriano. *Officio de Ramos em varias igr. Festa na Sé com instrumental. Proc. de tarde da Cap. dos Terceiros do Carmo, Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*
15 *Segunda*. S. Lucio, F. S. Basilissa e S. Anastacia, MM. *Princ. as ferias.*
16 *Terça*. S. Engracia, V. M. Port.
17 *Quarta feira de Trevas*. S. Aniceto. *Officio de Trevas em varias igr.*
18 ○ *Quinta feira de Endoenças* (✠ *do meio dia em diante*). S. Galdino, B. e Cardeal. *Festa de instrumental na Sé. L. cheia ás 10 horas e 32 m. da tarde.*
19 *Sexta feira de Paixão* (✠ *até ao meio dia*). S. Hermogenes, M. *Officio da Paixão em varias igr. Proc. do Enterro, na Graça, Francezinhas e em Belem.*

20 **ABRIL.** *Sabbado de Alleluia.* S. Ignez de Montepoliciano, V. *Princ. a nov. de N. Senhora dos Prazeres. Ladainha e antiphona de N. Senhora com instrumental na igr. das Chagas.*

21 *Domingo de Paschoa.* S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Festa de instrumental na Sé. Bênção Papal. Festa na freg. dos Martyres. Princ. a nov. de S. Catharina de Sena. Pequena gala.*

22 *Segunda.* S. Sottero e S. Caio, PP. MM.

23 *Terça.* S. Jorge, defensor do reino. *Festa e Lausp. na sua freg.*

24 *Quarta.* S. Fidelis de Sigmaringa, M. *Princ. a nov. da Invenção da Santa Cruz.*

25 *Quinta.* S. Marcos, Evang. *Proc. da Saude.*

26 *Sexta* S. Pedro de Rates, M. *Princ. as nov. de N. Se-Senhora do Resgate e N. Senhora Mãe dos Hómens.*

27 ☾ *Sabbado.* S. Tertuliano, B. S. Turibio *Q. ming. á 1 h. e 27 m. da tarde.*

28 *Domingo.* FUGIDA DE N. SENHORA PARA O EGYPTO. Patrocinio de S. José. S. Vital e S. Prudencio. *Festa a N. Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos e sermão nas freg. do Sacramento e Magdalena.*

29 *Segunda.* N. Senhora dos Prazeres. S. Pedro, M. *Festa em S. Christovão e com Lausp. na freg. da Pena. Proc. de manhã por voto, sae da freg. de Santos para a erm. dos Prazeres. Outorga da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo. Acabam as ferias.*

30 *Terça.* S. Catharina de Sena. V. D. *Festa na igr. dos Paulistas.*

SIGNO DE  GEMINIS

1 DE MAIO. *Quarta.* S. Filippe e S. Thiago, Ap. *Com. o Mez de Maria. Pro-Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Pequena gala.*

2 *Quinta.* S. Mafalda, Inf. de Portugal.

3 *Sexta.* Invenção da Santa Cruz.

4 ● *Sabbado.* S. Monica, mãi de S. Agostinho. *Princ. a nov. de N. Senhora dos Martyres. L. nova ás 7 h. e 6 m. da manhã.*

5 *Domingo.* MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. Pio, V. S. Angelo, M. *Festa na igr. dos Martyres a S. Maria Egypciaca pela irmandade dos Archeiros; ao Patrocinio de S. José na igr. da Estrella; a N. Senhora do Resgate, na sua erm., e ao Senhor Jesus dos Perdões, na freg. da Magdalena.*

6 *Segunda.* S. João *ant portum latinum.*

7 *Terça.* S. Estanislau, B. M. *Festa da Coroação de espinhos de N. Senhor, no conv. deSanta Joanna. Princ. a nov. de S. João Nepomuceno.*

8 *Quarta.* Apparição de S. Miguel Arc. *Festa na sua igr.*

9 *Quinta.* S. Gregorio Nazianzeno, B.

10 ☽ *Sexta.* S. Antonino, Arc. de Florença. *Festa ao Patrocinio de S. José na igr. das Albertas. Q. cresc. ás 3 h. e 31 m. da tarde.*

11 *Sabbado.* S. Anastacio, M.

12 *Domingo.* S. Joanna, princeza de Portugal, V. D. *Festa no seu convento.*

13 *Segunda.* N. Senhora dos Martyres. *Festa na sua freg. Com. a nov. de S. Rita.*

14 *Terça.* S. Bonifacio, M. S. Gil D.

15 *Quarta.* S. Izidro, lavrador, O B. Egydio.

16 *Quinta.* S. João Nopomuceno, M. S. Ubaldo, B.

17 **DE MAIO.** *Sexta.* S. Pascoal Baylão, F. S. Possidonio. *Princ. a nov. de S. Filippe Nery.*

18 ☉ *Sabbado.* S. Venancio, M. *L. ch. á 1 h. e 19 m. da t.*

19 *Domingo.* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F.

20 *Segunda.* S. Bernardino de Sena, F.

21 *Terça.* S. Manço, M. 1.º B. d'Evora. *Com. a nov. da Ascensão.*

22 *Quarta.* S. Rita de Cassia, V. S. Ato, B. *Festa na erm. da Oliveira.*

23 *Quinta.* S. Basilio, Arc. de Braga S. Desiderio, B. M.

24 *Sexta.* N. Senhora Auxiliadora dos Christãos. S. Afra, M.

25 *Sabbado.* S. Gregorio VII, P.

26 ☾ *Domingo.* S. Filippe Nery, fundador da Congregação da Oratoria. *Festa na erm. da Victoria, pelos congregados de S. Filippe Nery. Q. ming. ás 4 h. e* 48 *minutos da tarde.*

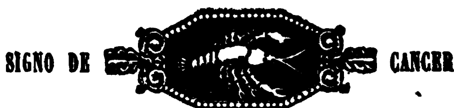
27 *Segunda. (Lad. Abst. de carne e proc.)* S. João P. M.

28 *Terça. (Lad. Abst. de carne e proc.)* S. Germano, B.

29 *Quarta. (Jej., lad. e proc.)* S. Maximo, B. S. Theodosio, V. *Embarca o cirio do Cabo.*

30 *Quinta.* ✠ ASCENSÃO DO SENHOR. S. Fernando, rei de Castella. *Festa na freg. do Sacramento, Santa Martha, e conv. de Santa Clara. Faz-se a hora nos Martyres e no Sacramento. Festa, Lausp. e Ind. na erm. da Ascensão. Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Pequena gala.*

31 *Sexta.* S. Petronilla, V. *Princ. a nov. do Pentecostes.*



1 DE JUNHO. *Sabbado.* S. Firmo, M. *Com. a trezena de S. Antonio.*

2 DE JUNHO. ● *Domingo*. S. Marcellino, B. S. Pedro. *Proc. do Corpo de Deus, no Salvador. L. nova ás 2 h. e 38 m. da tarde.*
3 *Segunda*. S. Paula, V. M. S. Ovidio. *Desembarca o cyrio do Cabo.*
4 *Terça*. S. Quirino, B. M. S. Francisco Caracciolo. Trasladação de S. Pedro, M. D.
5 *Quarta*. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
6 *Quinta*. S. Norberto, M. S. Alexandre, B. M.
7 *Sexta*. S. Roberto, Ab. S. Paulo, B. de Constantinopla. *Com. a nov. da SS. Trindade.*
8 *Sabbado*. (*Jej.*) S. Salustiano.
9 ☽ DOMINGO DE PENTECOSTES. S. Primo e S. Feliciano. *Festa de instrumental na Sé. Sae da freg. de S. Pedro em Alcantara o cyrio de N. Senhora das Mercês. Q. cresc. ás 6 h. e 4 m. da manhã.*
10 *Segunda*. S. Margarida, rainha de Escocia.
11 *Terça*. S. Bernabé, Ap. *Princ. a nov. do Corpo de Deus. Chegada do cyrio das Mercês.*
12 *Quarta*. *(Temp. jej.)* S. João de S. Facundo.
13 *Quinta*. (✠ *no Patriarchado*) S. Antonio de Lisboa. *Festa de instrumental na sua igr. a que assiste a camara municipal de Lisboa.*
14 *Sexta*. *(Temp. jej.)* S. Basilio Magno.
15 *Sabbado*. *(Temp. jej.)* S. Vito, S. Modesto, e S. Crescencia, MM. *Com. a nov. de S. João Baptista. Matinas na freg. da Encarnação.*
16 DOMINGO DA SS. TRINDADE. S. João Francisco Regis.
17 ⊕ *Segunda*. S. Manuel e seus Ir. MM. A B. Thereza. *Festa da irmandade dos Clerigos Pobres, a que assiste como juiz S. Eminencia, na freg. da Encarnação. L. cheia ás 4 h. e 21 m. da manhã.*
18 *Terça*. S. Leoncio, M. S. Amando.
19 *Quarta*. (*Jej.*) S. Joanna de Falconeri, V. *Festa de Desag. no most. da Encarnação. Princ. a nov. do Coração de Jesus. Proc. do Corpo de Deus da freg. dos Martyres.*

20 DE JUNHO. *Quinta.* ✠ CORPO DE DEUS. S. Silverio, M. *Proc. da Cidade. Festa nos conv. de Santa Clara e de Santa Joanna. Princ. a nov. de S. Pedro. Pequena gala.*

21 *Sexta.* S. Luiz Gonzaga. *Princ. as nov. da Pureza de N. Senhora e a de N. Senhora Mãe dos Homens. Começa o estio.*

22 *Sabbado. (Jej.)* S. Paulino.

23 *Domingo.* S. João, Sacerdote.

24 *Segunda.* ✠ Nascimento de S. João Baptista. *Festa na Penha de França, S. João da Praça, Lumiar, Almada e Alcochete.*

25 ☾ *Terça.* S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. *Q. ming. ás 4 h. e 54 m. da manhã.*

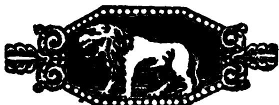
26 *Quarta.* S. João e S. Paulo, IIr. MM.

27 *Quinta. (Jejum.)* S. Theodorico, Ab. *Proc. do Corpo de Deus na Sé, de tarde.*

28 *Sexta.* ✠ O SS. CORAÇÃO DE JESUS. S. Leão II, P. *Festa na Estrella, a que assistem SS. MM., Gran-Cruzes e Commendadores. Festa nas Francezinhas, Santa Clara; e a N. Senhora Mãe dos Afflictos, nas religiosas do Sacramento. Festa e proc. na igr. de Jesus. Peq. gala.*

29 *Sabbado.* ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. *Festa na igr. de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos. Lumiar, Cintra e Seixal.*

30 *Domingo.* A PUREZA DE N. SENHORA. N. Senhora Mãe dos Homens. S. Marçal, B. *Festa na Graça.*

SIGNO DE  LEO

1 DE JULHO. ● *Segunda.* S. Theodorico, Ab. S. Julio, M. *L. nova ás 9 h. e 15 m. da tarde.*

2 DE JULHO. *Terça.* Visitação de N. Senhora. *Festa em S. Roque e nas Selesias.*
3 *Quarta.* S. Jacintho, M. S. Hiliodoro, B.
4 *Quinta.* S. Izabel, Rainha de Portugal. *Festa e Lausp. na sua freg. Faz 66 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Izabel Maria. Pequena gala.*
5 *Sexta.* S. Athanasio, M.
6 *Sabbado.* S. Domingas, V. M. *Princ. a nov. de S. Camillo.*
7 *Domingo.* S. Pulcheria, V. *Com. a nov. de N. Senhora do Carmo.*
8 ☽ *Segunda.* S. Procopio, M. *Q. cresc. ás 4 h. e 58 m. da tarde.*
9 *Terça.* S. Veronica Juliana, capuch.
10 *Quarta.* S. Januario e seus 6 Ir. MM *Princ. a nov. de Santa Justa. Dia do nome de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Pequena gala.*
11 *Quinta.* S. Pio, P. M. Traslad. de S. Bento.
12 *Sexta.* S. João Gualberto, Ab.
13 *Sabbado.* S. Anacleto, P. M.
14 *Domingo.* N. SENHORA DO PATROCINIO. S. Boaventura, B.
15 *Segunda.* S. Camillo de Lelis. *Festa na freg. da Magdalena.*
16 ☺ *Terça.* Triumpho da Santa Cruz. N. Senhora do Carmo. *Festa em S. Nicolau, igr. das Albertas e conv. da Estrella. L. cheia ás 7 h. e 22 m. da tarde.*
17 *Quarta.* S. Aleixo.
18 *Quinta.* S. Symphorosa e seus 6 filhos MM.
19 *Sexta.* S. Vicente de Paulo. S. Justa. *Festa e Lausp. na freg. de S. Justa. Princ. a nov. da Sr.ª S. Anna.*
20 *Sabbado.* S. Elias.
21 *Domingo.* O ANJO CUSTODIO DO REINO. S. Praxedes, V. *Festa e proc. no Sacramento. Faz 24 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Maria Anna. Pequena gala.*
22 *Segunda.* S. Maria Magdalena. *Festa e Lausp. na sua freg.*
23 *Terça.* S. Apolinario, B. M.

24 DE JULHO. ☾ *Quarta*. S. Christina, V. M. *Q. ming. á 1 h. e 59 m. da tarde.*

25 *Quinta*. S. Thiago, Ap. *Festa em S. Thiago. Festa e Lausp. em S. Christovão.*

26 *Sexta*. S. Symphorico, S. Olympio e S. Theodoro, MM. *Com. a nov. de S. Domingos.*

27 *Sabbado*. S. Pantaleão, medico.

28 *Domingo*. S. ANNA, MÃE DA MÃE DE DEUS. S. Innocencio e S. Victor, PP. *Festa de instrumental nas freiras de Sant'Anna, Santa Joanna, e claustros da Sé. Festa e proc. na Magdalena. Festa em Bemfica.*

29 *Segunda*. S. Martha, V. *Festa na sua igr Princ. a nov. de S. Caetano.*

30 *Terça*. S. Rufino, M.

31 ● *Quarta*. S. Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. *Juramento da Carta. Grande gala. Cortejo. L. nova ás 4 h. e 10 m. da manhã.*

SIGNO DE  VIRGO

1 DE AGOSTO. *Quinta*. S. Pedro *ad Vincula*. Os Martyres de Chellas. Os SS. Machabeus IIr. MM.

2 *Sexta*. N. Senhora dos Anjos.

3 *Sabbado*. Invenção de S. Estevão, Proto-martyr.

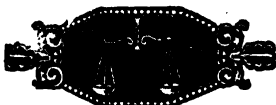
4 *Domingo*. S. Domingos. S. Tertuliano, M. *Festa no conv. de S. Joanna.*

5 *Segunda*. N. Senhora das Neves. *Festa na freg. do Soccorro.*

6 *Terça*. Transfiguração de Christo. Sant'Iago, Eremita. *Festa na freg. do Salvador. Com. a nov. de N. Senhora d'Assumpção.*

7 ☽ *Quarta*. S. Caetano. S. Alberto, C. *Princ. a nov. de S. Roque. Q. cresc. ás 6 h. e 35 m. da manhã.*

8 DE AGOSTO. *Quinta*. S. Cyriaco e seus CC. MM.
9 *Sexta*. S. Romão, M. *Com. a nov. de S. Joaquim.*
10 *Sabbado*. S. Lourenço, M. *Festa e Lausp. na freg de S. Lourenço.*
11 *Domingo*. S. Tiburcio e S. Suzana, VV. MM.
12 *Segunda*. S. Clara, V. F. S. Graciliano, M. *Festa na sua igr. e na das Francezinhas.*
13 *Terça*. S. Hypolito e S. Cassiano, MM.
14 *Quarta. (Jej.)* S. Euzebio. O B. Sancho.
15 ☉ *Quinta*. ✠ ASSUMPÇÃO DE N. SENHORA. S. Alipio, B. *Festa na Sé com instrumental e festa e ind. em varias igr. L. cheia ás 10 h. e 4 m. da manhã.*
16 *Sexta*. S. Roque. *Festa na igr. de S. Roque. Com. a nov. do Sagrado Coração de Maria.*
17 *Sabbado*. S. Mamede, M. *Festa e Lausp. na sua freg.*
18 *Domingo*. S. Joaquim, Pai de N. Senhora.
19 *Segunda*. S. Luiz, B. F. *Princ. a nov. de S. Agostinho.*
20 *Terça*. S. Bernardo, Ab. S. Leovigildo.
21 *Quarta*. S. Joanna Francisca de Chautel, Viuva.
22 ☾ *Quinta*. S. Timotheo, M. *Q. ming. ás 8 h. e 48 m. da tarde.*
23 *Sexta*. S. Filippe Benicio.
24 *Sabbado*. S. Bartholomeu, Ap.
25 *Domingo*. O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. S. Luiz, Rei de França. *Festa na sua erm. ao Campo Grande e no most. da Encarnação.*
26 *Segunda*. S. Zeferino, P. M. S. Gener, M.
27 *Terça*. S. José de Calazans.
28 *Quarta*. S. Agostinho, B. e Dr. da Igr.
29 ● *Quinta*. Degolação de S. João Baptista. *L. nova aos 31 m. da tarde.*
30 *Sexta*. S. Rosa de Lima, V. D. *Com. as nov. da N. Senhora das Necessidades e de N. Senhora do Soccorro.*
31 *Sabbado*. S. Raymundo Nonnato, Cardeal. *Festa em S. Martha.*

SIGNO DE  LIBRA

1 DE SETEMBRO. *Domingo*. S. Egydio, Ab. *Princ. a nov. de S. Nicolau Tolentino. Começão as ferias.*

2 *Segunda*. S. Estevão, Rei da Hungria.

3 *Terça*. S. Eufemia, V. M.

4 *Quarta*. S. Rosa de Viterbo, V. F.

5 ☽ *Quinta*. S. Antonio, M. O B. Gentil, M. F. *Q. cresc. ás 10 h. e 58 m. da tarde.*

6 *Sexta*. S. Libania, V. A.

7 *Sabbado*. S. João, M.

8 *Domingo*. NATIVIDADE DE N. SENHORA. *Festa a N. Senhora Franca na freg. de S Thiago, pela corporação dos cerieiros. Festa e Lausp. na erm. da Victoria. Festa no Loreto, Necessidades, Luz, Guia e Linda a Velha. Nome de S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia. Pequena gala.*

9 *Segunda*. S. Sergio, P. A B. Seraphina, viuva.

10 *Terça*. S. Nicolau Tolentino, A.

11 *Quarta*. S. Theodora.

12 *Quinta*. S. Auta, V. M.

13 ⊕ *Sexta*. S Filippe, M. *L. cheia ás 11 h. e 59 m. da tarde.*

14 *Sabbado*. Exaltação da Santa Cruz. *Festa na sua igr. das Francezinhas e no conv. das Albertas.*

15 *Domingo*. O SS. NOME DE MARIA. As Dores de N. Senhora. *Festa na igr. das Francezinhas, Graça, S. Nicolau, erm. das Dores, Santos-o-Velho e Belem. Arrayal na Cruz Quebrada. Princ. a nov. de N. Senhora das Mercês.*

16 *Segunda*. Translad. de S. Vicente, M.

17 *Terça*. S. Pedro d'Arbues.

18 DE SETEMBRO. *Quarta. (Temp jej.)* S. José de Cupertino, F.

19 *Quinta.* S. Januario e seus CC. MM.

20 *Sexta. (Temp. jej.)* S. Eustachio e seus CC. MM. *Com. a nov. de S. Miguel.*

21 ☾ *Sabbado. (Temp. jej.)* S. Matheus, Ap. e Ev. *Q. ming. ás 2 h. e 35 m. da tarde.*

22 *Domingo.* S. Mauricio e seus dez mil CC. MM.

23 *Segunda.* S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. *Com. o Outono.*

24 *Terça.* N. Senhora das Mercês. S. Geraldo, C. *Festa e Lausp. na freg. das Mercês. Anniv. do fallecimento* (1834) *do Senhor D. Pedro,* 4.º

25 *Quarta.* S. Firmino, B. M. *Princ. a nov. de S. Francisco de Assis.*

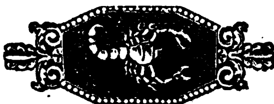
26 *Quinta.* S. Cyprianno e S. Justina, MM.

27 ● *Sexta.* S. Cosme e S. Damião, MM. *Princ. a nov. de N. Senhora do Rosario. L nova ás 11 h. e 8 m. da tarde.*

28 *Sabbado.* S. Wenceslau. *Festa da Dedicação da igreja parochial do Sacramento nesta igr. Faz 4 annos S. A. R. o Principe D. Carlos Fernando. Grande gala. Cortejo.*

29 *Domingo.* S. Miguel Archanjo. *Festa nas freg. de S. Miguel, Sacramento, S. Paulo, Anjos e no most. da Encarnação.*

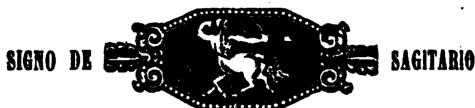
30 *Segunda.* S. Jeronymo. *Acabão as ferias. Festa e feira em Belem.*

SIGNO DE  SCORPIO

1 DE OUTUBRO. *Terça.* SS. Verissimo, Maximo e Julia. *Festa e Lausp. na freg. de Santos.*

2 DE OUTUBRO. *Quarta*. Os Anjos da Guarda.
3 *Quinta*. S. Candido, M. S. Maximiano, B.
4 *Sexta*. S. Francisco d'Assis. *Festa nas freiras de Santa Clara, Sant'Anna e no Soccorro.*
5 ☽ *Sabbado*. S. Placido e os seus CC. MM. *Q. cresc. ás 5 h. e 44 m. da tarde.*
6 *Domingo*. O SS. ROZARIO DE N. SENHORA. S. Bruno. *Proc. do Rosario nas religiosas do Bom Successo. Festa a S. Miguel em Santos-o-Velho. Festa nas religiosas do Sacramento, ás Necessidades, conv. de S. Joanna na igr. de S. Nicolau. Com. a nov. de S. Thereza. Anniv. do Consorcio de SS. MM. Pequena gala.*
7 *Segunda*. S. Marcos, P.
8 *Terça*. S. Brigida, viuva.
9 *Quarta*. S. Dionysio, B. de Paris.
10 *Quinta*. S. Francisco de Borja. *Princ. a nov. de S. Pedro d'Alcantara.*
11 *Sexta*. S. Firmino, B. S. Germano, B. M.
12 *Sabbado*. S. Cypriano, B. M.
13 ☺ *Domingo*. N. SENHORA DOS REMEDIOS. S. Eduardo, Rei de Inglaterra. *Festa na Sé, e com Lausp. nas freiras do Rato. Princ. a feira do Campo Grande. L. cheia aos 50 m. da tarde.*
14 *Segunda*. S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M. *Festa das Palmelloas na Penha de França.*
15 *Terça*. S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa no conv. da Estrella. Princ. a nov. de S. Raphael.*
16 *Quarta*. S. Martiniano, M. A. *Faz 20 annos S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia. Grande gala. Cortejo.*
17 *Quinta*. S. Hedwiges.
18 *Sexta*. S. Lucas Ev.
19 *Sabbado*. S. Pedro d'Alcantara, F. *Festa na sua freg.*
20 ☾ *Domingo*. S. João Cancio. *Q. m. ás 8 h. e 43 m. da m.*
21 *Segunda*. S. Ursula e suas CC. VV. MM. *Festa das onze mil Virgens em S. Martha.*

22 DE OUTUBRO. *Terça.* Ded. da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé.
23 *Quarta.* S. Romão, B. S. João Capistrano, F.
24 *Quinta.* S. Raphael, Archanjo.
25 *Sexta.* S. Chrispim e S. Chrispiniano, II. MM.
26 *Sabbado.* S. Evaristo, B. M.
27 ● *Domingo.* Os Martyres de Evora. *Festa das onze mil Virgens no conv. de S. Joanna. L. nova aos 29 m. da tarde.*
28 *Segunda.* S. Simão e S. Judas, Ap.
29 *Terça.* Traslad. de S. Izabel, Rainha de Portugal. *Faz 51 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Grande gala. Cortejo.*
30 *Quarta.* S. Serapião, B. C.
31 *Quinta. (Jej.)* S. Quintino, M. *Faz 29 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I. Grande gala. Cortejo.*



1 DE NOVEMBRO. *Sexta.* ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS. *Festa do Senhor Jesus da Via Sacra, em S. Engracia, e de tarde proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e proc. por voto em Cacilhas. Princ. a nov. do Patrocinio de N. Senhora.*
2 *Sabbado.* Commemoração dos Defuntos. S. Victorino, M.
3 *Domingo.* S. Malaquias, B.
4 ☽ *Segunda.* S. Carlos Borromeu, Arc. Card. *Faz 20 annos o Sr. Infante D. Augusto. Pequena gala. Q. cresc. á 1 h. e 54 m. da tarde.*
5 *Terça.* S. Zacharias e S. Izabel, pais de S. João Baptista.
6 *Quarta.* S. Severo, B. M. *Princ. a nov. de S. Gertrudes. Missa por alma de João IV.*

7 DE NOVEMBRO. *Quinta*. S. Florencio, B. *Princ. a nov. do Bemaventurado Gonçalo de Lagos.*

8 *Sexta*. S. Severiano e seus 3 II. MM.

9 *Sabbado. (Jej. excepto nos bispados de Coimbra e Aveiro e no priorado do Crato).* S. Theodoro, M.

10 *Domingo*. O PATROCINIO DE N. SENHORA. S. André Avelino.

11 *Segunda*. S. Martinho, B. *Festa na freg. de S. Thiago. Anniv. do fallecimento de S. M. o Senhor D. Pedro V.*

12 🌕 *Terça*. S. Martinho, P. M. S. Diogo F. *Com. a nov. da Apresentação de N. Senhora. L. cheia aos* 36 *m. da manhã.*

13 *Quarta*. Os Santos das Ordens de S. Agostinho, S. Bento, e SS. Trindade.

14 *Quinta*. Traslad. de S. Paulo, 1.ª Eremita. Os Santos da Ordem do Carmo.

15 *Sexta*. Dedic. da Basilica do SS. Coração de Jesus. *Festa no conv. do Coração de Jesus.*

16 *Sabbado*. S. Gonçalo de Lagos, A. Port. *Princ. a nov. de S. Catharina.*

17 *Domingo*. S. Gregorio Thaumaturgo, B.

18 ☾ *Segunda*. S. Romão, M. *Q. ming. ás* 4 *h. e* 32 *m. da t.*

19 *Terça*. S. Izabel, Rainha da Hungria, F.

20 *Quarta*. S. Feliz de Valois, Fundador dos Trinos.

21 *Quinta*. APRESENTAÇÃO DE N. SENHORA. Santos Demetrio e Honorio. *Ind. em varias igr.*

22 *Sexta*. S. Cecilia, V. M. *Festa de instrumental na igr. dos Martyres a que assistem SS. MM.*

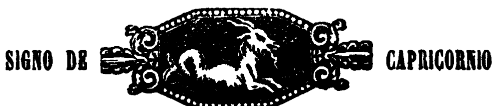
23 *Sabbado*. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.

24 *Domingo*. S. João da Cruz, C. *Com. a nov. de S. Francisco Xavier.*

25 *Segunda*. S. Catharina, V. *Festa na sua freg. Com. a nov. de S. Barbara.*

26 ● *Terça*. S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delphina V. F. *L. nova ás* 4 *h. e* 37 *m. da manhã.*

27 DE NOVEMBRO. *Quarta.* **S. Margarida de Saboia, D.** *Princ. a nov. de S. Nicolau.*
28 *Quinta.* S. Gregorio III, P.
29 *Sexta.* S. Saturnino, M. Os Santos das tres Ordens de S. Francisco. *Com. a nov. N. Senhora da Conceição na sua igr., Anjos, Loreto, e em outras igr.*
30 *Sabbado.* S. André, Ap.


SIGNO DE CAPRICORNIO

1 DE DEZEMBRO. *Domingo (1.º do Advento).* S. Eloy. *Festa na erm. da Victoria. Acclamação de El-Rei D. João IV em 1640. Pequena gala.*
2 *Segunda.* S. Bibiana, V. M.
3 *Terça.* S. Francisco Xavier, I. Ap. das Indias. *Festa na igr. de S. Roque.*
4 ☽ *Quarta.* S. Barbara, V. M. *Officio de Santa Cecilia na freg. dos Martyres. Q. cresc. ás 9 h. e 47 m. da manhã.*
5 *Quinta.* S. Geraldo, Arc. de Braga. S. Sabbas.
6 *Sexta. (Jej.)* S. Nicolau, B. *Festa na sua freg.*
7 *Sabbado. (Jej.)* S. Ambrosio, B. e Dr. da Igr. *Matinas na Sé.*
8 *Domingo. (2.º do Adv.)* A Conceição de N. Senhora, Padroeira do Reino. *Festa de Pontifical na Sé, a que assistem SS. MM. Benção Papal. Festa em outras igr. Grande gala.*
9 *Segunda.* S. Leocadia, V. M.
10 *Terça.* Traslad. da Santa Casa do Loreto.
11 ☺ *Quarta.* S. Damaso, P. Port. *L. cheia ás 11 h. e 36 m. manhã.*
12 *Quinta.* S. Justino, M.

13 DE DEZEMBRO. *Sexta. (Jej.)* S. Luzia, V. [M. *Festa na sua igr. e na das Chagas. Missa e oração funebre por alma de El-Rei D. Manoel em S. Roque.*
14 *Sabbado. (Jej.)* S. Agnello, M.
15 *Domingo.* (3.ª *do Adv.)* S. Euzebio. *Festa da Conceição na igr. da Guia.*
16 *Segunda.* As Virgens de Africa, MM. *Princ. a nov. do Natal.*
17 *Terça.* S. Bartholomeu de S. Geminiano.
18 ☾ *Quarta. (Temp.-Jej.)* N. Senhora do Ó. *Q. ming. ás 3 h. da manhã.*
19 *Quinta.* S. Fausta, mãi de S. Anastacio.
20 *Sexta. (Temp. Jej.)* S. Domingos de Sillos, Ab.
21 *Sabbado. (Temp. Jej.)* S. Thomé, Ap. *Festa na sua igr. Começa o inverno.*
22 *Domingo.* (4.ª *do Adv.)* S. Honorato, M.
23 *Segunda.* S. Servulo. *Princ. a nov. da Circumcisão.*
24 *Terça. (Jej.)* S. Gregorio, M. *Matinas na Sé, com instrumental. Ferias até aos Reis.*
25 ● *Quarta.* ✠ NASCIMENTO DE N. SENHOR JESU-CHRISTO. *Festa de instrumental na Sé. Jubileo no arcebispado de Braga, por 8 dias no patriarchado. Festa em varias igr. L. nova ás 11 h. e 5 m. da tarde. Pequena gala.*
26 *Quinta.* S. Estevão Proto-martyr. *Festa e Lausp. na sua igr.*
27 *Sexta.* S. João Ap. e Ev.
28 *Sabbado.* Os Santos Innocentes. M. *Com. a nov. dos Reis. Está patente ao publico a [Santa Casa da Misericordia. Festa na igr. de S. Roque.*
29 *Domingo.* S. Thomaz, Arc. de Cantuaria, M. *Festa na igr. dos Inglezinhos. Festa de N. Senhora da Conceição e Caridade, na freg. da Magdalena.*
30 *Segunda.* S. Sabino, B. M.
31 *Terça.* S. Silvestre, P. *Te-Deum na Sé e em todas as cathedraes e collegiadas. Pequena gala*

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

JANEIRO — 1

Triste mez! Prantos das nuvens
Do anno turvão a aurora;
Assim, no alvor'cer da vida,
Nasce o infante, e logo chora.



O 1.º de Janeiro.—No primeiro de Janeiro, mez assim chamado em honra de Jano, porque este falso deus presidia a todos os principios, tratavão os romanos de passar alegremente o tempo, persuadidos de que assim lhes correrião todos os mais dias do anno. Se assim fosse com ef-

feito, quem não forcejaria por mostrar-se alegre, ainda que a alma lhe nadasse em tristèzas?

No primeiro de Janeiro os flamines fazião votos e preces para a prosperidade do imperio e saude dos imperadores; o mesmo fazião os magistrados e o povo correndo ao capitolio; presenteavão-se os amigos; reconciliavão-se os desavindos; e sobretudo ninguem ousava soltar palavra que pudesse ser de mau agoiro. Diga-o Ovidio pela boca do seu fidelissimo interprete, o sr. A. F. de Castilho, na traducção dos *Fastos*:

«Que alegre aurora pelos ceos desponta!
Religiosa attenção, silencio, ó turbas!
Ruim palavra susurrar não ouse!
Convem ao «dia bom» palavras «boas.»
Longe os pleitos crueis, a rixa insana;
E tu, censor mordaz, teu fel não vertas!»

«Neste mesmo dia (são palavras do padre Bluteau) todos os officiaes ensaiavão as suas obras, e o mesmo fazião os homens de lettras, com a esperança de que, dando a sua industria e trabalho principio ao anno, tudo mais teria bom fim.»

O mesmo faremos nós, que não somos romanos, dando pincipio a este primeiro artigo do *Almanach de Lembranças* para 1867, com a esperança de que a boa fortuna lhe será favoravel, e o levará a bom fim.

JANEIRO — 2

Regimen animal e vegetal.—O homem que fizesse uso exclusivo do regimen vegetal poderia viver; viveria melhor o que exclusivamente se alimentasse de carne; mas á especie humana, que póde subsistir com todos os regimens, o que mais convem é aquelle em que a carne se associa aos vegetaes. Sendo pouco consideravel a quantidade

de principios nutritivos que se contão nos vegetaes, resulta que os animaes que seguem o regimen vegetal supprem a fraca proporção das materias azotadas pela massa do alimento ingerido.

D'este modo, os herbivoros, taes como o cavallo e o boi, consomem por dia uma quantidade de nutrição solida e liquida correspondente, termo médio, á decima ou duodecima parte do pezo do corpo. O cão e o gato, que são carnivoros, só carecem por dia, para manter o estado de saude, de uma quantidade de carne equivalente á trigesima parte do seu pezo. É por esta razão que o tubo digestivo dos herbivoros é de maior capacidade que o dos carnivoros.

O homem é omnivoro: o seu systema dental, que participa ao mesmo tempo dos caninos do carnivoro e dos molares do herbivoro, prova-o tão claramente como os seus habitos, em todos os tempos e logares.

JANEIRO — 3

Batices de Alexandre Dumas a respeito de Portugal. — Ao que dissemos no *Almanach* do anno passado acrescentaremos o seguinte:

No primeiro volume das suas *Causeries*, fallando em Ceylão, dá os portuguezes como possuidores da cidade de Columbo!

Se os inglezes se enganassem tambem!

Fallando no costume que os habitantes da Grã-Bretanha têem de abreviar todos os termos, diz, no segundo volume das mesmas *Causeries*, que é tal a tendencia dos inglezes para resumir, que, de vinho d'Oporto, fizerão vinho do Porto!

Será bom avisarmos Alexandre Dumas de que tambem nós temos a mesma mania; e a tal ponto desenvolvida, que, não nos limitando a fazer o mesmo que os inglezes, levámos a audacia a ponto de transformar *Lisbonne* em Lisboa!

Sempre somos uns atrevidos!

JANEIRO — 4

CHARADA I

Era poeta. 2 | D'um tyranno
Sou primeira. 1 | Companheira.

Manoel Joaquim Soares Moutinho
(Figueira de Castello Rodrigo).

JANEIRO — 5

Saudação a Coimbra. — Coimbra! Formosissima rainha do Mondego, coroada pelo magestoso edificio da tua Universidade, onde a flor da juventude vem procurar no estudo da sciencia e das lettras a verdadeira nobreza, a unica digna de admiração e homenagem!

Coimbra! quem um só dia te contemplará, sem que lhe fiquem gravadas na memoria indeleveis impressões tuas?

Quem um só momento pisará teu solo, sem que conserve de ti profunda e verdadeira saudade?!... Tu és uma pagina eterna da historia patria, onde se lê em lettras de sangue a melancolica vida de uma rainha infeliz!

Tão formosos são os teus campos, tão poeticas e inspiradoras são as margens do teu Mondego, que tens o condão de alegrar a alma ainda a mais entristecida! Quem não é poeta, ao ver-te sente-se inspirado; e quem o for, aqui mais do que em outra qualquer parte, eleva até Deus um hymno mystico de admiração e reconhecimento.

Tu que me afastaste da mente a nuvem negra que me toldava o pensamento, tu que lograste dar momentanea alegria á minha alma sempre abatida, tu emfim que me fizeste conhecer alguns dias de felicidade sobre a terra, abençoada sejas, Coimbra!

Junho, 1865. *D. Marianna Angelica d'Andrade* (Setubal).

Serra de S. Domingos. — (Addição) Ao meu artigo, que sob a epigraphe — *Serra de S. Domingos* — veiu inserto no *Almanach* de 1866, tenho para fazer as seguintes ligeiras addições:

1.ª É mister fixar com clareza a distincção etymologica que ás duas aldeias, que surgiram sobre as ruinas da antiga Lamego, fez dar os nomes de Queimada e Queimadella. Aquella denominou-se assim, porque foi reedificada *in totum*, nada aproveitando do antigo, que fôra plenamente destruido; esta, porque, compondo-se de algumas casas que escaparam ao incendio, teve sómente de reconstruir-se em parte.

2.ª Além dos concelhos já mencionados, que se avistão da capella do Santo, ha mais os de Castro Daire e Rezende.

3.ª Depois da remessa d'aquelle artigo, li na Historia de S. Domingos, escripta por Fr. Luiz de Sousa, alguns esclarecimentos que entendi dever aqui extractar. Consta da Chronica d'el-rei D. Affonso v haver este monarcha ido em devota romaria a esta capellinha, attraido pela fama dos muitos milagres que S. Domingos fazia, e que já ecoavão ao longe. Era o seu fim implorar-lhe que rogasse a Deus a concessão de um successor para o throno. Apresentadas por tão efficaz medianeiro, forão logo suas preces ouvidas pelo Altissimo. Igual romaria, e com o mesmo intento, fez el-rei D. João ii, seu filho, quando estava em Abrantes, o qual, como que antevendo o desastrado fim do principe D. Affonso, desejava dar-lhe irmãos.

Que o santo costumava interceder para tornar prolificos os conjuges estereis, é crença dos povos das cercanias, já attestada pelo mesmo sabio classico; e a esta especial protecção attribue elle as muitas romarias que lhe fazem, chegando no dia da Ascensão a reunirem-se os povos de dezoito fréguezias! (*Almanach* de 66, pag. 268)

Acacio Mergulhão Neves Cabral Macedo e Gama (Coimbra).

LOGOGRIPHO I

Contém este que apresento
Combinações variadas;
E que não são complicadas
Eu assevero e sustento.
Não será elle um portento,
Não o tenho como tal,
E até creio que vai mal;
Porém digo sem vaidade
Que d'esta simplicidade
Não ha outro assim igual.
Asserção que é verdadeira,
Do que dou a prova já,
Dizendo que em Roma está
Dobrada a minha primeira;
Mas tirando-lhe a parceira,
Reduzindo-a a uma só,
Desenlaçando esse nó,
Cá em Portugal, então,
A vês em valente mão
Dar em gente a fazer dó.
A primeira, quarta, e quinta,
Na igreja a podes ver,
Dando a segunda e primeira
Á farta para beber;
Mas naquella e na terceira,
Se mudares — O — em — A,
Tens logar para consumo
De victimas, se é que as ha.
Inda a mesma, sete, e oito,
Applicando-se a qualquer,
Desconsidera a pessoa,
Seja homem ou mulher.
Aqui tércia, com primeira,
De permeio tendo um — U,
É cobertura e conforto,
Evita que se ande nú.
Terceira, com dois, e oito,
Agora me vai lembrando
Ser moeda conhecida,
Em longes terras girando.
D'estas, se troco a segunda
Pela quarta, com um — Ç,
Coisa bem redonda e nedia
P'ra logo nellas se vê.
Vem depois a quarta só,
E vejo no que me diz
Que p'ra ser o que hoje sou
Isto muitas vezes fiz;
E se lhe junto a oitava,
De pessoa mudo então;
Mas affirmo ser o mesmo,
E ninguem dirá que não;
Mas se, tirando a oitava,
Ponho a quinta por momento,
E transformo um - I - num - E,
Diff'renço-o no firmamento.
A quinta com a primeira
Nos padres a vejo bem,
E a oitava co'a terceira,
Em pipas, barris tambem.
A mesma quinta dobrada,
Tendo a quarta de permeio,

Que dá luz tu bem o crês,
Assim como eu tambem creio.
Para te dizer que sou
De gosto, custoso e rico,
Co'a segunda, prima, e tércia,
Inda a quinta aqui applico.
Sexta, com setima, e oitava,
Descripção vem ministrar.
Se emprego sétima e tércia,
O faço para matar.
Sete e oito combinadas,
Arruinão muita gente :
Haja pois grande cautela ;
Quem o faz sejà prudente.
Sete e cinco o mesmo é,
Mas então é só commigo ;
E se o faço, é com prudencia,
Creião nisto que lhes digo.
Nos pezos, e nas medidas,
Oito, sete, com mais tres,
Ordena a lei que o pratique ;
Farás o mesmo, bem vês.
Mas se em logar da terceira,
Minha oitava ali puzer,
Não sou eu; a outro, em facas
Vejo então isto fazer.
Vou á primeira voltar,
Que poremos invertida :
Se oito com tres lhe juntar,
É palavra conhecida;
Tem-n'o a penna; é reparar.
E vou já finalizar
Com conceito de finura :
O todo mui bem figura
Nas modernas bellas artes,
Inda que digão por partes
Ser eu arte d'impostura.

C. Possolo de Sousa.

JANEIRO — 8

Alexandrinos. — Estes versos que principião a popularisar-se em Portugal, d'onde por tanto tempo forão excluidos, e que a feliz iniciativa do nosso grande poeta Castilho nacionalisou aqui, chamão-se assim porque se encontram pela primeira vez num poema de dois trovadores da idade média, intitulado *Alexandre de Romance.*

Esta obra, como todas as d'esse tempo, torna-se notavel pelos ingenuos anachronismos que a inundão. O heroe do poema ou romance é Alexandre Magno, de Macedonia, o que não impede os trovadores de lhe darem doze pares, de o fazerem entrar em contractos com Satanaz, e outras coisas d'este feitio !

Que ratões !

Dois fidalgos ricos. — Fôra D. Luiz de Menezes, terceiro conde de Tarouca, nomeado governador da cidade de Tanger. Estando tudo prestes para o embarque, e já no barulho do bota-fóra, roubaram ao fidalgo a prata do seu uso.



Começaram as conjecturas sobre quem seria o autor do roubo, e recaiu a suspeita sobre um criado de outro fidalgo, chamado D. Thomaz Jordão de Noronha.

Sabendo este o succedido, escreveu a D. Luiz dando-lhe os sentimentos por tão triste acontecimento, e terminava assim:

«Por mui consideravel que fosse o damno resultante d'este successo, tambem d'elle se segue um bem, que nos deve lisongear a ambos nós; e vem a ser — o saber-se d'aqui em diante que v. ex.ª tinha prata, e eu um criado.»

J. V. Pinto de Carvalho.

Lição de cathecismo. — Agora, lá o cabo de esquadra — dizia o capellão do regimento interrogando a uma roda de soldados sobre pontos de doutrina: quantas são as pessoas da Santissima Trindade?

— Tres para servir a vossa reverendissima.

— Como se chamão?

— Lá isso é que eu nunca ouvi nomear; o que eu sei, e

estes tambem sabem, é que um é pae, outro filho, e o outro Espirito Santo.

— O pae é Deus?

— Tão certo como ser eu cabo da setima companhia.

— O filho é Deus?

— Lá esse por ora ainda não; mas deixe morrer o pae, que elle subirá de posto.

JANEIRO — 11

Concorrencia e plagiato. — Isso é verdade: em ahi apparecendo idéa nova que possa render, surdem logo trinta mil especuladores a ver como a hão de usurpar em seu proveito. Vê-se todos os dias.



Quando ahi se estabeleceram os primeiros *Omnibus*, não houve alugador de trem que se não julgasse perdido, e não desejasse de todo o coração ver arrazada a nova industria.

Um dono de cocheira, persuadido de que a fréguezia dos *Omnibus* bem poderia ser em grande parte attraída pelo insolito e esquisito da terminação, mandou pintar com grandes lettras de oiro em todos os seus vehiculos, segundo as especies e variedades d'elles: *Segibus, Cochibus, Fiacribus, Americanibus, Calechibus*. Os Navarros estavão ainda por inventar.

O carvão de pedra (Lenda).—Tinha um pobre carvoeiro construido umas poucas de covas de carvão, mas tivera o desgosto de as ver destruidas por uma chuva torrencial de trovoada. Lastimava-se o pobre homem ao ver perdidos os fructos do seu trabalho, e afigurava-se-lhe mais medonho ainda o aspecto da miseria, quando de repente lhe apparece Satanaz, o desinquietador do genero humano.

—Amigo, disse elle ao carvoeiro, choras, pareces afflicto, mas deves estar disposto a praticar uma boa acção, e se o fizeres ainda em cima te recompensarei.

Já se vê que o demonio nem sempre se apresenta insolente e sarcastico, e que ás vezes chega até a ser moralista.

—Estou prompto a fazer o que me dizes, respondeu o carvoeiro, com tanto que não corra risco a salvação da minha alma.

—Quem te falla agora nisso? Que queres tu que eu faça da alma de um carvoeiro? Tenho agora coisa que me dá maior cuidado: Ha pouco, illudido pela escuridade (era já noite) desci dos ares sem maior cautela, caí de encontro á cruz que ali se acha, e enterrou-se-me na aza direita uma lasca de madeira. Tira-m'a, e será grande a recompensa que te darei. Vejamos: que queres?

—Peço-te uma provisão inexgotavel de carvão.

—Terás quanto quizeres, disse o espirito das trevas, juro-o pela minha corôa de ferro em braza; mas tira-me primeiro a lasca.

O carvoeiro acceitou o contracto, e em menos de um minuto conseguiu arrancar a lasca de madeira benta, que tanto incommodava o monarcha do inferno.

—Excellente! exclamou Satanaz completamente alliviado; fizeste o que te pedi; agora vou mostrar-te que não falto ás minhas promessas.

Fallando assim, bateu com o pé no chão, e immediata-

mente se abriu um boqueirão fundissimo, que era, nem mais nem menos, a entrada de uma rica mina de carvão de pedra.

— Ahi tens, disse elle ao carvoeiro, a tua provisão inexgotavel de combustivel. Vê como arde bem!

E, tomando um pedaço da substancia brilhante e negra que formava as camadas de carvão, assoprou-o. Immediatamente se inflammou aquella especie de pedra, e irradiou um calor vivissimo.

— Até outra vez, amigo! se chegares a descobrir todos os productos que ha nesta mina, nunca te faltará dinheiro, e em maior quantidade do que pódes desejar.

Disse, e desappareceu.

O pobre carvoeiro ficou deslumbrado; mas o presente não o impediu de morrer de fome, porque offerecia o carvão, e ninguem o queria empregar.

JANEIRO — 13

CHARADA II

Certa nympha, lá junto da segunda 2
Na primeira que vês se transformou. 2
Em triste, solitario captiveiro,
Ai!... mão cruel o todo encarcerou.

João de Castro Monteiro (Figueira de Castello Rodrigo).

Um homem delicado. — Quando Duclos queria expressar quanto despresava alguma pessoa com quem tinha particular teiró, empregava sempre esta fórmula da sua lavra: — Aquillo é o penultimo dos homens!

— Mas porque diz o senhor o penultimo, em vez de dizer logo o ultimo? lhe perguntou rindo um ouvinte. Ao que elle respondeu todo sério: — É para não desanimar a pessoa alguma.

João de Loureiro. — O padre João de Loureiro, da companhia de Jesus, foi um dos que mais serviços prestaram ás sciencias. Nasceu em Lisboa, em 1710, e, depois de tomar ordens, partiu em 1735 para a China. Como no celeste imperio não era permittida residencia aos missionarios, o padre fingiu-se medico. Como medico, entrava nas casas dos christãos, e prestava os serviços do seu verdadeiro estado. Pensando que podia ser chamado por algum doente gentio, poz-se a estudar botanica para conhecer as propriedades medicas das plantas.

Começou pois a colligir todas as plantas, e a mandal-as buscar até de muito longe. Para as classificar carecia de alguns livros que o dirigissem; mas depois de muitos annos de trabalhos, e com muita despeza, obteve que lhe mandassem da Europa as obras de Linneu. Foi quando recebeu estas obras que a sua sorte melhorou. O novo imperador sympathisou com elle, e nomeou-o director dos estudos physicos e mathematicos. Tambem lhe concedeu licença para missionar, mas não em publico.

Depois de muitos annos, regressou á patria em 1782. Trouxe do celeste imperio a sua grande obra, a *Flora Cochinchinense*, uma *Historia natural e civil da Cochinchina*, e muitas memorias scientificas, algumas na lingua chineza. Estas obras erão os fructos de trinta e tantos annos de estudos. Algumas forão impressas pela nossa academia, que o nomeou seu socio em 1781, e pela academia das sciencias de Londres.

Rico de annos e de sciencias, e pobre de dinheiro, morreu o padre a 18 de Outubro de 1791. Falleceu em uma pobre casa da rua do Sol, a Santa Engracia; e alguns amigos derão-lhe a cova e o caixão de esmola!

Dizem que o celebre abbade Corrêa da Serra compoz o seu elogio. Se é verdade, onde pára o elogio?

Francisco José Vieira.

VISÃO

Eu vou muitas vezes chorar minhas penas
Sosinha, fitando no ceo meu olhar !....
E aos dias prefiro as noites serenas
Que elevão a alma no seu meditar !

Assim era a noite ! que lindo era o ceo
Coberto co'o manto do mais puro azul !
A lua, ora vinha formosa sem veo,
Ou vinha envolvida nas ondas de tul.

Na esphera fulgião estrellas brilhantes,
Quaes virgens trementes d'esp'rança, e d'amor;
Reinava o silencio ! Que doces instantes !
Da terra não vinha sequer um rumor !

E vi que entre nuvens um anjo descia !...
Desceu... e foi vindo, 'té junto de mim !
Achou-me prostrada, não crendo o que via..
Olhou-me sorrindo... depois disse assim :

«Eu venho dizer-te, por mando divino,
«Que só mil tormentos o mundo te dá...
«Que a dor, a tristeza, será teu destino...
«Mas breve tu'alma chamada será !...»

E o nuncio formoso, por Deus enviado,
Fugiu resplendente de gloria e de luz !
E desde essa noite só oiço o teu brado...
—Ó morte !—e só amo no mundo a Jesus !

D. Marianna Angelica d'Andrade (Setubal).

Purgação do ferro quente. — Desde o VII até ao seculo XIII são infinitos os exemplos que se referem d'esta superstição, a que chamavão, sem razão, *Juizo de Deus*. O ceremonial, que nisto se observava por lei ecclesiastica e civil, se reduzia: á confissão sacramental, communhão e rigoroso jejum de tres dias, que devia fazer o accusado; varias preces, bençães, orações, exorcismos, aspersões da parte do sacerdote; e finalmente a certa figura, e pezo do ferro; espaço, ou distancia, a que devia, ou ser levado nas mãos, ou calcado aos pés; e precauções escrupulosas, que se devião tomar, para que se não impedisse, enervasse, ou rebatesse com algum remedio, composição, ou encanto, a virtude do fogo. O nosso Portugal não deixou de ter parte neste *juizo*, que o demonio inventára, que o fanatismo introduzíra, e que os successores de S. Pedro, os principes, e concilios, até aos principios do seculo XIV trabalharam para exterminar da igreja e da republica.

Junto ao sepulcro do veneravel D. Garcia Martins, commendador de Lessa, se conservou por muitos annos um ferro de arado, que a mulher de um ferreiro levou em braza até áquelle santo logar sem a mais leve queimadura, para mostrar a sua innocencia no adulterio de que falsamente era accusada (1).

Em Arouca, diz Brandão (2), se conserva a doação que D. Thereza Soares fez áquelle mosteiro no anno de 1254. E nella se faz menção em como, desconfiando seu marido da sua honestidade, e accusando-a de adulterio, ella não permittiu que os seus parentes (que erão dos mais honrados de Riba-Douro) defendessem a sua innocencia por desafio; mas antes a quiz ella mesma vindicar pelo *ferro quente* na cidade de Braga. Então o marido, admirado, e reconhecendo o seu erro, se lançou a seus pés pedindo perdão;

(1) *Agiologio Lus.* 1.º de Maio, letra G.
(2) *Monarch. Lusit.* t. III.

mas ella, voltando-lhe as costas para sempre, e acompanhada dos seus parentes, se foi sepultar em Arouca, para que a sua muita formosura não repetisse occasiões á sua ruina; não obstante que já tinha tres filhas e um filho.

Outros muitos factos se viram dentro d'este reino, que, por serem identicos, não precisam ser referidos. Acrescento só que na jornada de D. Fr. Aleixo de Menezes ás serras de Malabar (liv. II cap. IV) se diz que os juramentos d'aquellas gentes se fazem—ou mettendo a mão em uma certã de azeite fervendo, ou tomando nella um ferro em braza, ou passando a nado alguns dos rios cheios de lagartos; e dizem que, se fallão verdade, nada d'isto lhes faz mal: que tão enganados como isto traz o demonio aquelles miseraveis!...

Fr. *Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*.

JANEIRO — 17

Apontamentos para a historia genealogica da escola transcendental e archaista.— Conta Suetonio que Mecenas tinha a mania de escrever num estylo inintelligivel e pomposo, o que fazia com que o imperador Augusto motejasse muito d'elle; e conta o mesmo historiador que Tiberio tinha uma notavel predilecção pelos termos desusados e antiquados. Por isso tambem Augusto, homem de gosto apurado, o não poupava.

Como Virgilio e Horacio se havião de rir um com o outro, muito em segredo, dos escriptos pomposos de Mecenas! E as velharias de Tiberio, que bons motejos inspirarião aos romanos opprimidos pela tyrannia do devasso de Caprea!

Já vêem os escriptores que adoptão essa *maneira*, que vem de longe a sua raça. Mas vejão tambem que a posteridade presta a devida justiça a esses abortos litterarios: Quem conhece actualmente as obras *transcendentes* de Mecenas, e os escriptos *classicos* de Tiberio?

Ranz das vaccas. — É assim que se denomina uma musica antiga, muito simples e popular na Suissa. Esta musica produzia uma tal impressão nos suissos quando ausentes da patria, que os governos de França e de Hollanda virão-se na necessidade de prohibir que ella se tocasse diante dos soldados d'aquelle paiz que tinhão ao serviço, porque, ouvirem-n'a, e desertarem uns apoz outros, era tudo a mesma coisa.



«Eu creio, diz Bernardin de Saint-Pierre, que o *ranz das vaccas* imita o mugido dos animaes, o estrondo dos ecos, o fragor das torrentes, e outras conveniencias de localidade, que, exaltando o sangue nas veias d'aquelles pobres soldados, lhes recordavão os valles, os lagos e as montanhas da patria, ao mesmo tempo que lhes trazião á memoria a familia, os companheiros da infancia, os primeiros amores, etc.»

Tão poderosa é a saudade do paiz natal! E esta, no dizer dos que têem estudado o assumpto, é mais viva e mais constante nos habitantes dos campos, do que nos filhos das cidades ou das grandes povoações.

JANEIRO — 19

O que é que dita muitas vezes os tratamentos. — Um pretendente, muito enfronhado em fidalguia, tratava por *senhoria* ao secretario de estado Pedro Vieira da Silva, entendendo que por este meio conseguiria mais depressa o seu despacho; mas, vendo frustradas as suas esperanças, foi um dia a sua casa, e tratou-o por *mercê.*

O secretario, que percebeu a sua intenção de vexal-o, chamou um criado, a quem deu um recado para certa pessoa; querendo porém fazer crer que o criado o não entendêra, ordenou-lhe que repetisse o recado. O criado, obedecendo, disse: — *Vossa mercê* mandou-me a casa do sr. Fulano, etc. Voltando-se então o secretario de estado para o cavalheiro, disse-lhe: — Quando *vossa mercê* me tratava por *senhoria*, fallava-me como pretendente; agora falla-me como me fallão os meus criados.

JANEIRO — 20

Calembour. — Apraze-me o sitio aonde quer que eu o espere depois d'amanhã, sr. Duarte de Sá.

— Faz-lhe conta ali pelas immediações do Chiado?

— Faz, pois não faz!



— Então tenha a bondade de me esperar na rua Nova do Carmo, numa loja aonde ha caixeiros *illustres*.

— Como *illustres?!* pois os fidalgos já se mettem a caixeiros?

— Ora essa! quem é que lhe disse que os rapazes da loja erão fidalgos? o que lhe eu digo é que me espere na loja do lampista aonde ha caixeiros *e lustres*.

O senão de uma formosa. — Que mulher tão interessante! Que olhar tão expressivo! Que boca tão graciosa! Que physionomia tão distincta! É uma pena que o nariz não corresponda ao mais: é um nariz *commum*.

— Diga *como dois*, que é mais exacto.

JANEIRO — 21

Pequenos grandes. — Entre os personagens de pequena estatura, celebres por diversos titulos, contão-se: o rei dos hunos, Attila; Gregorio de Tours; Pepino, le Bref; Filippe Augusto; Carlos III, rei de Napoles; Alberto o Grande, a quem o papa, estando elle de pé, ordenou em certa occasião que se levantasse, julgando-o ainda de joelhos; o rei da Polonia Vladislau IV; o papa João XXII; Vasco da Gama; Erasmo; Guiton, o que defendeu tão heroicamente a Rochella contra Richelieu; Maria Thereza; o almirante hespanhol Graviana; o celebre actor Garrick; e o italiano Apostoli, enviado da republica de S. Marinho junto da republica franceza.

Este perdia a gravidade diplomatica, quando, alludindo á sua pequena estatura, lhe dizião que elle era do tamanho do seu paiz.

Picola republica, picolo representante.

Em nossos dias o homem mais celebre e de mais mediana estatura que podemos citar, todos o estão já adivinhando: era Napoleão I.

JANEIRO — 22

O que é não saber das ruas. — Um provinciano chegado de pouco a Lisboa, procurava ver todos os edificios, estabelecimentos, e sitios mais notaveis da capital, de que tinha ouvido fallar na sua terra.

Ao Pote das Almas perguntou a um estudante o caminho para o Limoeiro.—Não tem nada que errar, lhe respondeu este, em chegando áquella rua, que é a dos ourives do oiro (logo se conhece pelas taboletas) quebre um vidro da primeira, pegue no que achar dentro, e em menos de cinco minutos está no Limoeiro.

A Russia religiosamente considerada. — É a Russia uma das nações do norte, aonde mais tarde raiou a luz do Evangelho. Já a igreja contava perto de dez seculos de existencia, e ainda aquelles povos se vião envoltos nas trevas do mais grosseiro paganismo. Finalmente, Deus apiedou-se d'elles, e mandou-lhes pregoeiros da sua palavra. Wolodimir, seu rei, recebe o baptismo com seus doze filhos, e num só dia nada menos de 20:000 pessoas abração o christianismo! Mas como os missionarios fossem do rito grego, assim os russos abraçaram a religião do mesmo rito, que ainda então (988) era catholico. D'aqui resultou que a felicidade da sua conversão não durou para todos muito tempo, visto que, passando apenas meio seculo (1053), se consummou a obra do scisma grego, que tem feito lamentar á igreja mãe a perda de tantos filhos.

Comtudo uma grande, senão a maior parte, d'aquelles povos não se deixou lògo arrastar ao scisma; sendo que na época do concilio de Florença (1439), que tève por fim a reconciliação da igreja grega com a latina, se verificou existirem ainda na Russia tantos catholicos como scismaticos; até que finalmente, meado seculo xv, pelas diligencias de Phocio, patriarcha de Kiow, o scisma se estendeu a toda a nação. Ainda o mal não parou aqui; porque Nicon, patriarcha de Moscou, separando-se da jurisdicção patriarchal de Constantinopla, lançou os fundamentos á igreja nacional russa, e o czar Pedro Grande, vindo depois a constituir-se seu chefe supremo, rematou a obra!

Estabelecida a igreja nacional, com o imperante por chefe, de que liberdade poderá ella gozar, ainda mesmo conservando o scisma grego como o achou, isto é, divergindo do catholicismo só em tres ou quatro pontos doutrinaes? Avalia-se pelo seguinte trecho do cathecismo publicado para os catholicos em Wilna, 1832: «A autoridade do impera-

dor emana directamenté de Deus. Deve-se-lhe culto, submissão, serviço, e principalmente amor, acções de graças, e orações; em uma palavra, adoração e amor. É necessario adoral-o em palavras, em signaes, em acções, no fundo do coração... O autocrata é uma emanação de Deus; é seu vigario, e seu ministro.» A liberdade é esta! Se dos catholicos, que ainda ali são em numero superior a 6 milhões, se exige para com o imperador um culto que só pertence a Deus, se exige uma verdadeira idolatria, o que se não exigirá dos scismaticos?

Em quanto á tolerancia religiosa, é certo que o czar reformador decretou uma, de todas a mais absoluta; foi esta, mantida por algum tempo; mas depois? Diga-o o trecho seguinte de um decreto de Nicolau I, de 1833: «Seja punido como rebelde todo o catholico, sacerdote ou leigo, de condição obscura ou elevada, que se oppuzer por palavras ou acções ao progresso do culto dominante, ou que dissuadir a outro catholico de se unir á igreja grega.»

Digão-n'o tambem os factos recentemente praticados na Polonia com relação aos catholicos!

Comtudo, apesar de tantas medidas violentas, os catholicos vão sempre esperando por dias mais felizes. E convem aqui mencionar que a administração de suas igrejas se acha confiada a um conselho particular, denominado — collegio ecclesiastico catholico romano, composto de muitos prelados, e presidido pelo arcebispo de Mohilev; havendo junto d'elle um procurador imperial, que é em certo modo o seu verdadeiro presidente, embora seja um leigo, e muitas vezes um leigo da igreja nacional.

Em conclusão, comparemos este estado com o da religião entre nós, que desde os Apostolos foi sempre a catholica, e dando infinitas graças ao Omnipotente, digamos com o Propheta rei: *Non fecit taliter omni nationi*: «Não fez outrotanto a todas as nações.»

T. J. F. Costa (Leiria).

JANEIRO — 24

CHARADA III

A primeira não é boa;
Co'a segunda é d'esmagar;
Folga-se com a terceira;
Junto á quarta tem que dar.
O seu todo, por signal,
Póde ser, ou não, real.

A. Latino de Faria.

JANEIRO — 25

Um imperador facèto.— O imperador Adriano antes de morrer fez alguns versos latinos, que Elio Sparciano nos conservou, e que nós damos em seguida. Eil-os:

Animula, vagula, blandula,
Hospes, comesque corporis,
Quæ nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula;
Nec, ut sedes, dabis jocos.

Fontenelle traduziu-os, antes imitou-os do seguinte modo, que, força é confessal-o, não têem nem o vigor nem a graça dos versos de Adriano:

Ma petite âme, ma mignone,
Tu t'en vas donc, ma fille? Et Dieu sache où tu vas...
Tu pars; seulette et tremblotante, hélas!
Que deviendront tant de jolis ébats?

Nem diante da morte, a coisa mais séria d'este mundo, se deixava de facécias!

JANEIRO — 26

Muito em pouco.— Voltaire na idade de 69 annos, em 1763, escreveu a tragedia *Olympia*. «É obra de seis dias,» escreveu elle a um seu amigo, cuja opinião ácerca da peça desejava conhecer, enviando-lhe o manuscripto. «O autor não devia descançar no setimo,» lhe respondeu o amigo, devolvendo-lhe a obra depois de a ler. «Já se arrependeu de o não haver feito,» replicou Voltaire; e d'ahi a algum tempo enviou-lhe a tragedia tão cheia de correcções que não parecia a mesma.

Muito, e bem, ha pouco quem — diz o rifão portuguez; e em litteratura o muito, em pouco tempo feito, raras vezes póde servir de modelo.

Nem os Voltaires são excepção a esta doutrina!

JANEIRO — 27

Funeraes dos pretos em Africa.— É muito curioso o funeral de qualquer preto, ou preta, na Costa d'Africa. Em Mossamedes o tenho eu presenciado, e é do seguinte modo:

Quando qualquer preto, ou preta, morre, dois pretos que levão o defunto á cova, são os unicos que acompanhão o corpo á sua ultima morada.

No dia do enterro á noite juntão-se pretos em grande numero á porta da choupana do finado: tres ou quatro sentão-se num banco, ou no chão, tocando alguns instrumentos rusticos, como uma canna raxada, um tambor feito de um barril de madeira com uma pelle de um lado, um pifano, e outros d'esta ordem, com os quaes fazem uma bulha infernal; outros dançião em torno de uma fogueira, que accendem, e ha sempre uma borracha de aguardente que passa de mão a mão, acompanhando-os neste exercicio.

As pretas, ou dançião, ou vão para dentro da choupana,

onde se sentão (no chão) em redor da casa alumiada por uma candeia muito suja, pendente de um canto. Nesta postura, em quanto umas começão a dar palmas, e a entoar cantigas num som triste e monotono, fumão outras nos seus cachimbos.

Estes funeraes, a que elles chamão — batuque — durão tres dias ou mais, segundo é a dignidade do fallecido.

D. Joanna da Conceição Mesquita (Mossamedes).

JANEIRO — 28

O MEU AMOR

(TRADUCÇÃO DE UM EPIGRAMMA DE SANNAZARO)

Tal ardor o meu peito por ti sente,
Que os olhos suam liquidas centelhas!
Sou um Nilo de lagrimas, emquanto
No peito sinto um Etna escandescente:
Oh pranto, apaga-me este fogo ardente!
Oh fogo, enxuga meu continuo pranto!

A. Candido de Figueiredo (Vizeu).

JANEIRO — 29

Nada de graças. — Um fanfarrão, acostumado a deixarem passar sem castigo as suas insolencias, insultou um dia a um official. Este, por unica resposta, pregou-lhe uma bofetada que retiniu por todos os angulos do botequim onde se achavão, e attraiu a attenção de toda a gente.

— Isso é sério? perguntou o espadachim, impertigando-se.

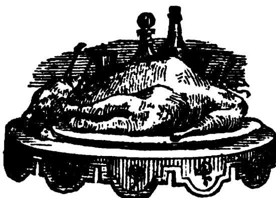
— Muito sério, respondeu o militar. Ao que o primeiro replicou altivamente:

— Lá me parecia; porque commigo ninguem brinca.

C. F. M. (Coimbra).

JANEIRO — 30

Dois. — Um grande comilão encarecia a habilidade do seu cosinheiro, que, de um perú de sua arroba de pezo, lhe tinha arranjado um banquete de alguns seis pratos diversissimos. — Tive perú com arroz, perú cosido, perú assado, perú de recheio, cabedella de perú, e almondegas do mesmo; tudo tão bom, tão bom, que não deixámos senão os ossinhos, e esses mesmos muito bem chuchados.



— Pois sim; mas quantos erão vocês? perguntou um curioso. — Dois unicamente, respondeu elle: eu e o perú!

JANEIRO — 31

Engenhosa lisonja.— O principe de Conti, que todos sabem ter sido um general valente, convidou a jantar o abbade de Voisenon.

O abbade esqueceu-se, e faltou. O principe offendeu-se, e queixou-se da descortezia, o que chegou aos ouvidos do pobre homem, que ficou sobremodo penalisado.

No primeiro dia de audiencia do general, dirige-se a sua casa o involuntario offensor todo encolhido para lhe pedir perdão, e desculpar-se de algum modo com a sua falta de memoria.

O general, apenas bate com os olhos nelle, volta-lhe as costas furioso para se retirar.

— Agradecidissimo, meu principe! exclama todo alegre o pobre homem.

— Agradecidissimo porque? pergunta o general, detendo-se e encarando-o.

—Porque ? responde o cortezão, porque o principe nunca voltou costas a inimigo.

Não era preciso mais para uma reconciliação completa.

FEVEREIRO — 1

Attentae nos seus caprichos,
Que o genio do anno ensinão!
Taes os caprichos da infancia
O homem vos vaticinão.



Adversidade.—Não ha homem algum tão privilegiado sobre a terra, cuja existencia se tenha deslisado, como o brando correr de gracioso arroio por entre salgueiros; não ha um só, digo, a quem o infortunio não faça algumas vezes libar o veneno da desgraça em suas taças de absinthio. É lei do mundo.

«Não ha planta viçosa, diz o distincto orador Malhão, que esta geada não creste; flor delicada, que este sol não murche; arvore robusta, que este furacão não derribe; rochedo duro, que este raio não lasque.» *José Maria da Resurreição.*

Viriato.— Da numerosa e esplendida familia de grandes homens com que a nossa patria se ufana, é este o ascendente. O nome lusitano sôa pela primeira vez no grito de guerra d'este heroico vulto, e leva o terror ao coração da soberba Roma. *Grandeza de caracter, e patriotismo em grau tão subido,* diz o escriptor francez Charles Romey, *raras vezes se encontrarão na historia de qualquer paiz.*

Uma traição nefanda e sanguinolenta dos romanos fez surgir esta grandiosa figura; outra nefanda traição a fez desapparecer da historia. Illudidos os lusitanos pela apparente boa fé do consul Galba, depõem as armas com que tinhão combatido a prol da sua independencia, e dispersão-se por differentes sitios. Então os soldados d'essa Roma republicana, tão afamada pelas suas virtudes, caem sobre elles, e fazem uma terrivel mortandade. Poucos escapão; mas entre esses poucos vai Viriato! A Providencia vela pelos povos opprimidos.

Á sua voz reunem-se os lusitanos, e protestão vingar-se. Viriato ainda não é chefe, combate entre os obscuros combatentes. A disciplina romana vence a desesperação d'esses povos selvagens. O pretor Caio Vetilio derrota os miseros mas valorosos pastores, e compelle-os a refugiarem-se num monte escarpado. Festejae bem, romanos, a vossa ultima victoria!

Viriato sai da turba, e reanima os seus compatriotas. Confião-lhe o commando, e o novo general emprega pela primeira vez o ardil, que ha de mil vezes conduzir á sua perda as aguias do Tibre: Com um grupo de cavallaria mostra querer fazer frente ao inimigo; o resto do exercito escapa-se; e, quando Viriato vê salvos os seus, faz meia volta, e some-se da vista do general romano, que deixa furioso por ver fugir-lhe o inimigo, cuja perda julgava segura.

Depois começa a serie de victorias de Viriato:—Junto a Tribola o mesmo Vetilio é derrotado. Cinco mil homens que

ião soccorrer Tarteno, onde se havia refugiado o resto das legiões romanas, têem igual sorte, sem um só poder escapar. Depois Caio Plancio é batido, não só illudido pelo estratagema predilecto de Viriato, que consistia em attrair o inimigo com uma fuga simulada, mas depois em batalha campal junto a Evora. Viriato entra triumphalmente na Hespanha citerior, e lança contribuições nas cidades que reconhecem o governo de Roma.

Depois Unimano tem igual sorte. Caio Nigidio, que vem com consideraveis reforços, é completamente destroçado junto a Vizeu. Caio Lelio recupera uma passageira superioridade, que enche de alegria Roma, consternada ao ver exercitos sobre exercitos cairem decepados pela espada do terrivel segador lusitano. Fabio Emiliano vem com missão de acabar a guerra, trazendo um reforço de quinze mil infantes e dois mil cavallos, que reune ao exercito de Lelio, ás legiões romanas existentes em Hespanha, e aos alliados. Todo este immenso poder é destroçado, junto a Ossuna, pelo valente general da Lusitania !

Fabio toma a desforra em Beja ; mas Viriato é incançavel : levanta novas tropas, derrota os romanos, encurrala-os nos seus quarteis de Cordova, e caminha em marcha triumphal até Granada e Murcia ! ! Toda a Hespanha está enthusiasmada com as suas victorias ; um immenso terror lavra no seio da cidade eterna ; neste canto do Occidente surge um novo Annibal !

Viriato mostra-se tambem grande politico : aproveita o enthusiasmo dos hespanhoes, consegue soccorros em munições e dinheiro, e procura sublevaI-os contra o inimigo commum.

Roma inteira corre a firmar o seu poder na Hespanha ; os seus melhores generaes vem á Peninsula ; Quinto Metello marcha contra os celtiberos ; Serviliano contra os lusitanos.

O consul romano, duas vezes batido, depois da sua segunda derrota é encurralado num desfiladeiro, d'onde não escaparia um soldado só, se Viriato não preferisse concluir uma paz gloriosa, a vingar-se do morticinio ordenado por Galba.

Essa paz é rompida traiçoeiramente pelos romanos: Sipião penetra na Lusitania, onde Viriato repoisava na fé dos tratados. Mal preparado para resistir ao general romano, Viriato apparenta dar batalha, e depois escapa-se, burlando este pretor, como burlára a Vetilio. Então, para ganhar tempo, envia dois plenipotenciarios a Sipião a perguntar-lhe porque motivo rompêra a paz. Este compra os embaixadores; e os infames, ao voltarem, alta noite, para o acampamento, procurão Viriato, e assassinão-n'o!! Os lusitanos, privados do seu chefe, dispersão-se, e Roma respira.

Assim acabou esta guerra de doze annos, e este grande homem que, á frente de um pequeno povo, impoz leis á Hespanha, assoberbou o immenso poderío de Roma, e inaugurou dignamente a immensa lista de heroes que nobilitão os nossos annaes.

FEVEREIRO — 3

Porque é salgado o mar? — Monsignor Perelli era homem de conselho. Vejão como elle resolveu um dia uma grave questão scientifica.

Discutia-se numa reunião de sabios qual o motivo porque era salgado o mar. Como é facil de suppôr, ninguem resolvêra o problema; e monsignor Perelli estava pasmado da ignorancia d'aquella gente.

— O quê! disse elle; pois não sabem?!

— Não, responderam todos á uma.

— Pois olhem, é bem facil.

— Então porque é?

— Digão-me uma coisa: onde se pescão os arenques senão no mar?

— E então que tem?

— Todos os arenques que nós vemos são salgados; ahi têem a explicação. Os arenques, segundo se diz, existem no mar em quantidade immensa; logo são elles que o salgão!

E retirou-se todo ufano da sua perspicacia scientifica.

Quem é Deus? — Na villa de Monção, no Minho, deu-se um caso muito extravagante. Eil-o:

Na quaresma, o parocho da freguezia de Santa Maria dos Anjos mandou tocar á doutrina. Reunirão-se os freguezes, entre os quaes estava o filho de um contratador de bois de um logar, extra-muros da villa, chamado Pouza. O pae acompanhára o rapaz.

O parocho mandou dizer o padre-nosso a um, o credo a outro, e ao filho do contratador perguntou-lhe:

— Quem é Deus?

O rapaz respondeu muito acanhado:

— É o padre Santo Antonio.

Riu-se o parocho, e tornou-lhe a perguntar quem era Deus.

— É o padre Santo Antonio, repetiu o examinando.

Eis senão quando o pae, que o estava a ouvir, sai de uma esquina, e diz-lhe: — Ó bruto! não te disse eu, ali á porta da igreja, que erão as bemditas almas?

Simeão L. P. A. Mello (Monção).

FEVEREIRO — 5

CHARADA IV

Que ratice! De mim ri-se! 2	Isto é lindo! De mim rindo! 3

É por graça,
Por chalaça.

Antonio Luiz Telles da Silva Menezes (Portalegre).

Tristeza. — A tristeza que vem antes da alegria é menos triste do que a que vem depois.

Modo de ser feliz e prolongar a vida. — Charleval, poeta, era de uma compleição tão fraca e tão delicada, que em creança todos julgavão que não chegaria a homem, e em homem que não alcançaria a velhice. Enganarão-se, e mais que ninguem os seus herdeiros, que olharam sempre a successão como muito proxima. O poeta, pelo seu bom regimen, e pela simplicidade dos seus gostos, achou o segredo de prolongar a vida até aos 80 annos. O seu modo de pensar, que era o de um homem religioso, deixou-o manifestado nos seguintes versos:

Modérons nos propres voeux,
Tâchons à nous mieux connaitre;
Desires-tu d'être heureux?
Désire un peu moins de l'être.

Voici comment j'ai compté
Dès ma plus tendre jeunesse:
La vertu, puis la santé;
La gloire, puis la richesse.

Um censor commodo. — Fr. José da Mãe de Deus, censor neste patriarchado, nos tempos de pouco saudosa memoria, em que, sem as competentes licenças do Ordinario, do Santo Officio, e do Desembargo do Paço, se não podia imprimir nem uma receita para callos, foi encarregado de examinar uma traducção, que se pretendia dar á luz, do Alkorão de Mafôma.

Depois de alguns mezes, lavrou o seguinte despacho: «Li com toda a attenção o presente livro; e nada encontrei nelle que fosse contrario á nossa santa fé catholica apostolica romana, nem á pureza dos costumes.» Assignado, o Padre Mestre, lente de theologia moral, Fr. José da Mãe de Deus.

A antiguidade.— Sempre foi erro commettido pelo vulgo apontar como modelos de prudencia, de sabedoria, e de siso as gerações antigas e os philosophos d'essas eras. Tem-se-lhes o respeito que se professa aos velhos, e dão-se-lhes todas as prerogativas que habitualmente se concedem á velhice: a reflexão, o bom senso etc., emquanto nos considerâmos a nós mesmos como uns rapazinhos estouvados, que devemos guiar-nos sempre pelos conselhos d'esses venerandos anciãos.

E comtudo, considerando estas coisas debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, nós é que somos os Nestores, elles é que são as crianças. Resumindo a humanidade num typo unico, num homem, que, nascido na idade de oiro, vivesse até agora, claro está que seria uma criança estouvada no tempo de Platão e de Socrates, e um velho prudentissimo e sapientissimo no nosso tempo. Ora se tal homem não existe, existe pelo menos o espirito da humanidade, que se foi desenvolvendo, cultivando, aperfeiçoando, e que todas as gerações legaram umas ás outras, enriquecendo-o cada vez mais. Ora nós possuimos o thesouro da experiencia dos seculos: logo, somos nós os que devemos dar conselhos, e não os que os devemos receber.

Os absurdos enraizão-se ás vezes tão profundamente no espirito dos homens, que esta verdade, tão simples, tem á primeira vista um certo aspecto paradoxal.

Um grande logico.— Indo certo dia um sugeito procurar um amigo seu, e respondendo-lhe a criada que seu amo não estava em casa, retirou-se sem dizer coisa alguma, apesar de o ter visto por dentro da janella.

D'ali a poucos dias aconteceu ter o que se negou precisão de fallar ao outro; e, batendo-lhe á porta, veiu elle mesmo abril-a, e lhe disse:

—Eu não estou em casa.

— Então que é isto! disse o que o procurava, o senhor está brincando commigo?

— Ora essa! disse o dono da casa, pois eu dei credito á sua criada quando me disse que v. s.ª tinha saido, e v. s.ª não me acredita a mim!

FEVEREIRO — 8

Comparação innocente. — Tendo um judeu vendido a certo fidalgo um cavallo, quiz persuadil-o de que era turco. O fidalgo, depois de o pagar por bom dinheiro, mostrou-o ao seu mordomo, que era entendedor, dizendo-lhe:



— Que lhe parece? será turco, ou não? — Quer v. ex.ª que lhe falle a verdade? respondeu o bom do mordomo, pois digo-lhe que o cavallo é tão christão como v. ex.ª ou eu.

O espelho do mendigo. — (Apologo) Um pobre de Schiras achou um espelho que tinha a propriedade de aformosear o rosto das pessoas, por feias que fossem. Viu logo o bom resultado que podia tirar de semelhante acquisição, e o espelho converteu-se-lhe em thesouro.

— Contemplae, dizia, apresentando-o aos que passavão, contemplae a bella phisionomia que o bom Allah vos concedeu, e dae uma esmola ao mais pobre dos seus servidores.



Quem poderia esquivar-se a tão lisongeiro cumprimento ? quem fecharia os olhos ao espelho generoso ? Ninguem ; todos davão alguma coisa, e as mulheres principalmente, porque são mais caritativas do que os homens, e nesta occasião o mostravão de sobejo.

Um dia achou-se o pobre doente, e não poude ir ao peditorio ; confiou pois a seu filho o ganha-pão da familia, e instruiu-o do modo porque d'elle se devia servir.

Forão palavras perdidas. Á noite voltou o rapazinho sem se haver estreiado, e confessou ao pae que tinha achado o espelho tão bello, tão bello, que em todo o dia não fizera mais do que rever-se em si mesmo, esquecendo-se de o mostrar ás boas almas que passavão.

— Imbecil ! lhe diz o mendigo, ganhaste com isso alguma coisa ? Estás porventura mais rico, ou és menos feio ? Sabes o que é que distingue o homem de espirito de um parvo ? É que o parvo se lisongeia a si mesmo, em quanto o homem de espirito lisongeia os outros.

Acaba aqui o apologo oriental; mas a maxima do especulador de Schiras não é verdadeira senão em parte. É de parvo o lisongear-se o homem a si mesmo; porém ainda é parvoice, e não das pequenas, o lisongear os outros. Ganha-se com isso algumas vezes, mas nunca tanto quanto se perde.

FEVEREIRO — 10

Vinhos de predilecção de alguns homens celebres.—Todos os homens celebres, mesmo os mais sobrios e os que menos bebião, tiverão um vinho de predilecção.

Frederico, o Grande, gostava particularmente do vinho de Tokay.

Napoleão I preferia a todos o vinho de Chambertin.

Pedro, o Grande, da Russia, collocava em primeira linha o nosso vinho da Madeira.

O cardeal de Richelieu não admittia no copo senão vinho de Romanée.

Rubens estimava entre todos o vinho de Marsala.

Rabelais deixava todos os vinhos pelo de Chablis.

O marechal de Saxe tinha uma predilecção particular pelo vinho de Champagne.

Cromwell, o Puritano, festejava o vinho de Malvasia.

João Bart considerava como o melhor de todos o vinho de Beaune.

Talleyrand, o vinho de Château-Margaux.

Humboldt, o vinho de Santerne.

Balzac, o vinho de Vouvray.

Goethe, o vinho de Johannisberg.

Lord Byron, o vinho do Porto.

Carlos V, o vinho de Alicante.

Francisco I, o vinho de Xerez.

Henrique IV, o vinho de Suresne.

J. A. J. da Costa (Mafra).

Os menestreis da idade média.— Entre os povos rudes dos paizes do norte, o bardo, ou *skald*, era tido em muita consideração. Entrava livremente em toda a parte, e, como os reis e os maiores senhores não desdenhavão aprender o que os trovadores provençaes depois chamaram *gaya sciencia*, esse privilegio serviu muitas vezes para os chefes disfarçados em bardos penetrarem nos arraiaes inimigos.

Na idade média o tocador de harpa era o que occupava entre todos os menestreis logar mais consideravel; recitava lendas heroicas, cantava os grandes feitos, e as amorosas e ingenuas canções que elle proprio compunha. A pouco e pouco essa nobre occupação foi degenerando em officio, e então o trovador acompanhou-se com um bando de menestreis que tocavão nos intervallos da recitação e do canto, e muitas vezes com um palhaço que divertia os nobres castellões, emquanto os menestreis descançavão.

Depois os reis começaram a ter menestreis ao seu serviço, e finalmente os grandes vassallos imitarão-n'os; então a poesia e a musica tornarão-se servís, e, a fallarmos a verdade, só neste seculo é que ellas adquiriram completa independencia.

A obrigação dos menestreis era tocar durante as refeições, presidir ás danças, entreter os longos serões da invernia, e ao mesmo tempo tocar nas capellas durante o officio divino.

De muitos menestreis conservou a historia o nome. Citaremos só dois: Taillefer, o menestrel de Guilherme, o Conquistador, que durante a batalha de Hastings inflammava o valor dos normandos cantando-lhes os altos feitos de Carlos Magno, e que se precipitou nas fileiras dos saxonios para que o sacrificio de sua vida fosse presagio da victoria dos seus compatriotas; e Blondel, o fiel trovador de Ricardo Coração de Leão, que ia cantar debaixo das janellas da torre em que seu amo estava preso, e que foi o cortejão do seu infortunio, e quasi o seu salvador.

CHARADA V

Inda que bem pouco usado,
O Roquete venerando
Confirma que á foz dos rios
Muito parallelo eu ando. 2

Á frente do churrião
Sua fórma estabeleço;
E tambem em certa arma,
Que a metade tem no preço. 1

Sou forte, duro, reuno,
Como a cadeia em que estou!
Vivo a meus irmãos ligado,
O fogo assim me ligou. 2

Folheia o livro sublime
Das glorias da minha terra;
E contempla esse heroismo
Que no meu tódo se encerra!

Aqui succumbiu a audacia
D'um tyranno vil, polluto!
O meu nome attesta feitos
Quaes d'Horacio, Codro, ou Bruto!

Bellarmino Carneiro (Nazareth—Pernambuco).

FEVEREIRO — 13

Conselho a tempo.—Um almocreve de cavallo chegou em noite de natal a uma locanda de Traz os Montes todo coberto de neve, e entanguido de friagem.

Tomou, antes de mais nada, um bom copasio de aguardente, e sentou-se á fogueira da cosinha com as pernas estendidas para o lume, e os olhos meio cerrados, a gozar d'aquella bemaventurança.

— Olhe que queima as esporas! lhe disse a moça da estalagem.

— Tola! as botas é que tu queres dizer.

— Não, senhor, não, senhor, as esporas; lá as botas já estão queimadas.

O supplicio de Francisco de Lucena. — Ácerca dos motivos que derão logar á execução do infeliz Francisco de Lucena divergem os nossos historiadores; nós cingimo-nos á opinião mais recebida, e que julgâmos com mais fundamento.

Na occasião em que se deu o caso, que passâmos a narrar, era Francisco de Lucena secretario d'estado, cargo que lhe tinha sido conferido pelo arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, durante a sua breve regencia, e depois confirmado por el-rei D. João IV.

Francisco de Lucena tinha sido official de Miguel de Vasconcellos, no reinado de Philippe III; o que demonstra até certo ponto a bondade e merecimentos de Lucena; por quanto, se nelle não existissem estas qualidades, certamente não seria nomeado secretario por el-rei D. João IV.

Na epoca da acclamação d'el-rei D. João IV, tinha Lucena um filho em Madrid, ao qual dera assignados em branco de sua mão, para os encher, encommendando as pessoas a quem quizesse obsequiar. Sabida em Hespanha a revolução de Portugal, mandou o conde duque de Olivares prender o filho de Lucena; e, determinando que se lhe examinassem os papeis, para averiguar se elle fôra sabedor da conspiração, não se achou coisa alguma que o compromettesse, a não serem os assignados em branco. Guardou-os o conde duque; e, vendo o mal que Lucena fazia aos negocios de Hespanha, resolveu-se a remetter os assignados em branco, acompanhados de uma carta, a um seu espia que tinha em Lisboa; declarando-lhe na carta que, quando lhe mandasse os despachos que costumava em segredo, lhe remettesse por segunda via, com menos cautela, os mesmos avisos naquelles assignados. Forão estes apprehendidos; e, sendo apresentados a el-rei de Portugal, ficou espantado do seu conteudo; por quanto tinha em grande conta a boa reputação do ministro. Examinando

mais de perto o procedimento de Lucena, e não podendo descobrir coisa alguma que justificasse as suspeitas que tinha d'elle, resolveu-se a pedir conselho a alguns dos seus confidentes; e estes, invejosos do valimento de Lucena para com el-rei, aconselharão-n'o a que o mandasse prender. Assim se fez.

Forão-lhe apresentados os assignados com os outros avisos, cartas, e instrucções d'el-rei de Portugal para os seus ministros nas côrtes estrangeiras, que o espia do conde duque remettia a este, e bem assim cartas suppostas do conde duque em resposta aos avisos que se lhe tinhão enviado.

Era a trama infernal do governo de Hespanha, e do seu agente em Lisboa, urdida contra o ministro de D. João IV!

Francisco de Lucena, perplexo com as imputações que se lhe fazião, e vendo a sua firma assignada em cartas que elle nunca ditára, nem escrevêra, negou o facto, e protestou que, com quanto a assignatura se parecesse com a sua, nunca tivera correspondencia alguma com o conde duque; sustentando que naquillo havia alguma falsidade, que os juizes devião examinar o negocio imparcialmente, e que então se descobriria a verdade. Lucena dizia isto, esquecido dos assignados que enviára ao filho, e persuadido, em boa fé, que lhe tinhão furtado o signal.

Finalmente Lucena foi condemnado á morte, protestando a sua innocencia até aos ultimos instantes que teve de vida. Esta terrivel execução succedeu a 28 de Abril de 1643.

Não tardou muito tempo que se não descobrisse a verdade do caso; porém já se lhe não podia restituir a vida, perdendo el-rei de Portugal o ministro mais habil e trabalhador que tinha ao seu serviço. *J. F. S. Firmo.*

Calembours. — Tinha S. Francisco de Sales, principe e bispo de Genebra, particular amizade com Juvenal, bispo de Salluz, que a igreja pôz no numero dos santos. Entretinhão-se ambos um dia familiarmente, conversando ácerca

do ministerio pastoral, e, admirado da facundia e virtudes do bispo de Genebra, diz-lhe Juvenal, alludindo ás palavras de J. C. no Evangelho — *Vos estis sal terræ:* — Verdadeiramente tu, *sal es...* Ao que S. Francisco respondeu *in continenti:* — E tu *sal* e *luz*, que eu não sou sal, nem luz — referindo-se á diocese de que Juvenal era bispo.

José Maria da Resurreição.

FEVEREIRO — 15

Curiosidade censuravel. — Nem só as crianças e as mulheres são curiosas, ou passão por isso; tambem alguns homens as igualão, se não excedem, nesse defeito.

Condamine, homem bastante illustrado, e que fez parte dos quarenta da Academia Franceza, era tão curioso que se distraía a abrir gavetas e armarios, e a revistar tudo quanto o cercava, quando visitava os seus amigos.

Certo dia achando-se em Chanteloup, no gabinete de Choiseul, aproveitou-se de um quarto de hora, em que o ministro teve de o deixar só, para abrir todas as cartas e muitos dos papeis que havia em cima da secretária, e que escondião talvez segredos d'estado.

— Que fazeis, mr. Condamine? abris as minhas cartas?! Diz-lhe o ministro entrando.

— Não é nada, não é nada, responde-lhe o indiscreto academico; queria saber se havia noticias de Paris.

Este Condamine, que passava por ser o homem mais questionador e mais original do seu seculo, era tambem surdo. A esta qualidade, e ao seu furor de questionar, alludiu elle espirituosamente, dizendo, numa ceia que deu aos seus amigos no dia em que foi eleito academico:

La Condamine est aujourd'hui
Reçu dans la troupe immortelle;
Il est bien sourd, tant mieux pour lui;
Mais non muet, tant pis pour elle.

Invenção da comedia.— Viram os sabios das republicas que, para desafogo, divertimento, e alegria dos povos, era necessaria alguma materia de riso; e porque o riso não podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro, pela união natural que tem com a dor, que fizerão? Inventaram sabiamente as ficções da comedia, para que o ri-



diculo da imitação, como supposto, e não verdadeiro, ficasse separado da dor. Um aleijado com um pé de pau, e uma velha decrepita e tremula, um pobre remendado e enfermo, um cego, um frenetico, e um insensato no theatro fazem rir; e porque? Porque aquelles defeitos são suppostos, e não verdadeiros; que, se fossem verdadeiros, serião motivo de commiseração, e não de riso.

Padre *Antonio Vieira* (Sermões).

Despotismo.—Joga paus, ou mato-te, dizia o dey d'Argel a um seu ministro, com quem estava jogando. Que parceiro!

As viuvas no Indostão.—É geralmente sabido que as viuvas no Indostão (não todas) se lanção na fogueira destinada a consumir os corpos de seus maridos. Este costume, de que se não falla nos livros sagrados dos indios, é antiquissimo, e não se sabe onde tem a sua origem; provém talvez da triste condição a que fica reduzida a viuva sobrevivendo a seu marido, e tambem da esperança que as victimas têem de gozar immediatamente das felicidades celestes.



O modo de combustão varía, segundo as provincias: em Bengalla liga-se a pessoa viva ao cadaver, e os dois corpos são cobertos de bambus para impedir toda a tentativa de fuga; em Orissa a viuva precipita-se nas chammas; noutros pontos a viuva assenta-se sobre a fogueira com a cabeça do marido nos joelhos, e nesta posição espera tranquillamente a morte.

É triste o espectaculo que offerece a viuva que caminha

para o sacrificio; mas é difficil de saber se é a piedade ou se é a admiração que mais domina a alma do espectador. A serenidade mais que humana da victima, os testemunhos de respeito que ella recebe na sua passagem, a sua modestia, o cuidado que ella tem para não esquecer nenhuma das pessoas que lhe são mais caras na distribuição dos seus ultimos presentes, o adeus que dirige ás pessoas conhecidas, o desassombro com que olha o apparato do sacrificio, tudo é digno de notar-se, e causa a mais viva impressão nos assistentes.

A mulher é fragil, e algumas vezes se têem visto as pobres victimas luctar em vão para se desembaraçar das chammas que as rodeão. São excepções. A grande maioria d'ellas morre de mãos erguidas, e orando com a serenidade de quem desempenha uma devoção ordinaria.

Este costume não é universal na India; mas no Indostão propriamente dito, e em Bengalla, o numero das *Sattis*, assim as denominão, é tão consideravel, que chega á cifra de centenas por anno, isto no só territorio governado directamente pelos inglezes. (*A.* de 1858, pag. 293.)

FEVEREIRO — 18

Affabilidade. — O maire de uma pequena cidade de França, encarregado pela sua communa de cumprimentar o rei na sua passagem, e apresentar-lhe as chaves, como a etiqueta exigia, começou dizendo: —Senhor, a alegria que nós sentimos ao ver a vossa magestade é tão grande que...

Não poude continuar; o pobre homem suava por todos os poros da pelle; e, no meio da sua atrapalhação, recorrendo baldadamente á memoria, para ver se lhe suggeria o fio do decorado *speech*, repetiu gaguejando as palavras que havia pronunciado, e de novo estacou.

—Sim, diz-lhe o principe, cheio de bondade, já quando o auditorio começava a dar mostras de mal dissimulado riso, a alegria que sentis é tão grande, que a não podeis exprimir.

A affabilidade e a doçura são qualidades que nobilitão os que as possuem; mas tanto mais elevado é o homem, quanto mais necessario é que as tenha para os que a sorte collocou abaixo de si.

FEVEREIRO — 19

LOGOGRIPHO II

Na segunda, mais a quinta,
Acharás com que cobrir-te ;
Se eu fizer segunda e quarta
A serio, posso affligir-te.

A sexta, reunida á setima,
É verbo, e é substantivo;
Antepondo um *t-e-té*,
Acharás um adjectivo.

Segunda, primeira, e quarta,
Appellido é pouco usado.
Vae á loja do ferreiro,
E tens prima e quarta achado.

A primeira, mais a setima,
Já no jogo exp'rimentaste?
A segunda e prima, viste-as
Se a matta já visitaste.

Se juntas tércia e segunda,
Coiro e setta podes ter.
Tércia e prima, quando unidas,
Nos saloios podes ver.

Se viste a Borghi e o Mongini,
No *Trovador* a cantar,
Não dizes que o logogripho
Se lhes deve adjudicar?

Craveiro (Pedro).

Carvão de pedra.—Em 1853 noticiou o professor Kernat numa sessão da *Sociedade Germanica para o progresso da sciencia*, que a Allemanha possuia carvão de pedra bastante para prover ás necessidades do mundo inteiro durante o espaço de quinhentos annos!

Já lá vão doze; por conseguinte ainda o mundo póde contar com carvão de pedra allemão por espaço de quatrocentos e oitenta e dois annos.

Consolem-se os partidarios das machinas de vapor.

A abertura do Othello. — Mandrião, como um *lazzaroni*, Rossini compõe com tal rapidez que, apesar da sua proverbial indolencia, é um dos mais fecundos *maestros* do nosso tempo.

Barbaia, seu amigo, e emprezario do theatro de S. Carlos em Napoles, apanha-o um dia na formosa Parthénope, e convida-o a que lhe escreva uma opera nova. Accede Rossini, faz-se o contracto, recebe o *libretto* do *Othello*, e promette a opera para o dia 30 de Maio. Estava-se em Fevereiro.

Passão tres mezes, e não estava escripta uma nota. Barbaia, em cuja casa Rossini morava, não dizia nem palavra, porque sabia o modo como o seu illustre amigo compunha, e limitava-se a fazer de vez em quando uma ligeira allusão, que o *maestro* repellia com ira, mudando de palestra.

Finalmente, no principio de Maio, Barbaia, já desesperado, toma uma resolução decisiva. Um dia Rossini levanta-se, vai para sair do quarto, e acha-se preso.

Grita, blasphema, e afinal abre-se uma janella do andar inferior, e apparece o rosto ingenuo de Barbaia.

— Quero sair, berra o compositor chegando ao *dó* do peito.

— Quando a opera estiver escripta, responde tranquillamente Barbaia.

Ameaças, supplicas, tudo foi inutil; Barbaia era inflexivel.

— Bem! diz Rossini vencido, manda esta noite buscar a *abertura*.

Nessa noite Barbaia recebia a admiravel *abertura* do *Othello*; d'ahi a oito dias a opera inteira.

O emprezario deu pulos de contentamento, abraçou Rossini, e, sem se dar ao trabalho de ler a opera, mandou que principiassem os ensaios.

Rossini foi fallar a todos os artistas mysteriosamente: havia conspiração!

Chega o dia do ensaio geral. Barbaia está satisfeitissimo. Principia a orchestra, e toca a *abertura*. Applausos unanimes.

— Adiante, diz Barbaia.

A orchestra vira folha... e repete a *abertura.*

Novos applausos ainda mais enthusiasticos.

— Admiravel! torna Barbaia, mas vamos para diante.

A orchestra continúa a virar as folhas da opera... e repete a *abertura*

— Co'a bréca! exclama Barbaia, que estão vocês a tocar?

— O que cá está, respondem os musicos.

Barbaia corre aos papeis de musica... e encontra a *abertura,* repetida sempre até ao fim!

Era a vingança de Rossini.

Mas, depois de se ter divertido com a afflição do pobre emprezario, Rossini reparou o tempo perdido, e escreveu a opera em oito dias.

Sempre a receita fôra boa.

FEVEREIRO — 21

Como se arranja um nome. — Se procurarmos qual a razão etymologica porque a sciencia denominada metaphysica tem esse nome, nenhuma encontrâmos; e com effeito a origem d'elle é simplesmente a seguinte: O tratado das operações intellectuaes vinha nos manuscriptos de Aristoteles, logo depois do de physica, mas sem titulo. Por isso se forão habituando a designal-o pelas seguintes palavras *meta physica,* «que vem depois da physica;» palavras que no andar dos tempos se forão fundindo numa só, que veiu a ser a designação d'essa sciencia.

A historia está cheia de factos d'esta ordem, que põem a cabeça em agua aos sabios; e é bem feito.

FEVEREIRO — 22

CHARADA VI

Anda cá, anjo querido:
Se aos bailes tu já tens ido,
Nas damas me has de achar. 1
Ai! tal coisa não acceito;
Esse preço não tem geito;
Não me faz conta comprar! 2

Tenho olhos, sem ter graça,
Nada vejo, por desgraça,
Sem ser cego. Póde ser?

Tenho boca, sem ter lingua,
Inda assim não morro á mingua,
Pois não preciso comer!

Aqui termina a charada.
Não é muito complicada!

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

FEVEREIRO — 23

Thomaz de Campanella.—Thomaz de Campanella, um dos precursores extraordinarios dos encyclopedistas e dos republicanos do XVIII seculo, nasceu em Stagnano, aldeia situada nas costas da Calabria. Foi, por seus raros talentos, erudição, e amor da liberdade, perseguido pela inquisição, onde algumas vezes foi submettido aos mais horriveis tratos. Em um interrogatorio, naquelle tribunal, em Napoles, confundiu e derrotou completamente os seus adversarios, que exclamaram admirados:

—Como é que este homem sabe o que nunca aprendeu?.. Terá elle algum demonio ás suas ordens?...

Campanella respondeu immediatamente:—Para eu aprender o que sei, tenho queimado mais azeite do que vinho vós tendes bebido..

D. A.

Vingança napolitana. — É sabido que nas principaes cidades de Italia se instituiu, nos seculos XVII e XVIII, um grande numero de academias, cujas denominações tocavão muitas vezes o ridiculo. Meado este ultimo seculo, um litterato italiano, o abbade Fernando Galliani, julgando-se offendido por uma academia napolitana (não sabemos se pela dos *Ardentes*, a dos *Ociosos*, ou a dos *Estupidos*, que todas estas havia em Napoles) que costumava publicar uma collecção de panegyricos em prosa ou verso, quando na cidade morria algum grande personagem, aproveitou, para se vingar, a occasião em que morreu o executor de alta justiça. Auxiliado por um dos seus amigos, compoz uma collecção de discursos e poesias em estylo sério, relativas á morte do algoz, e em cada uma d'estas peças imitou de tal sorte o estylo de cada um dos academicos, que um d'elles confessou que facilmente se haveria illudido, se não estivesse certo de que não havia firmado com o seu nome o escripto que se lhe attribuia. O volume deu-se á luz em 1749, sob o titulo: *Componimenti vari per la morte di Dominico Jannacone, carnefice della gran cor e della Vicaria, raccolti e dati in luce da Giano Anton Sergio, avvocati napoletano.*

Este Sergio era presidente da academia. Póde suppor-se que tal mystificação produziu um escandalo, superior, e muito, ao que tinhão previsto os seus autores, e por isso, depois de haverem guardado por algum tempo o anonymo, decidirão-se a confessar o facto ao ministro de Carlos III, Tanucci. Este, a quem tambem fizerão sabedor dos motivos que tiverão para assim proceder, não se lhes mostrou muito contrario; disse-lhes até que o rei e a rainha possuião o livro, e se tinhão divertido muito com elle; e por isso toda a culpa dos dois criminosos foi absolvida por *exercicios espirituaes*, a que se submetteram por espaço de oito dias.

Pedido e emprestimo singular. — Um peralvilho que tinha por costume pedir dinheiro emprestado, sem nunca o restituir, foi um dia ter com um homem a quem elle não conhecia, e disse-lhe: — Aposto que vou causar a maior admiração a v. s.ª! eu



me explico: não tenho a honra de o conhecer, e venho pedir-lhe que me empreste dez moedas.

— E eu ainda lhe vou causar outra maior, respondeu o outro, pois conheço-o, e vou emprestar-lh'as!

FEVEREIRO — 26

Vestris. — Famoso dançarino italiano, membro de uma familia choregraphica de Florença, que, tendo vindo para o theatro francez em 1740, se extinguiu em 1842, tendo sempre representantes no palco. Este, de quem fal-

lâmos, é Vestris I, fundador da dynastia. De rosto nobre, de airosa estatura, e de porte elegante, conquistou sempre grandes applausos no theatro. Mas o seu orgulho e a im-



portancia que dava á sua arte fazião com que fosse desfructado por todos. — Só ha actualmente, dizia elle, tres grandes homens na Europa: el-rei da Prussia (Frederico, o Grande), o senhor de Voltaire, e eu.

Em 1779 houve na opera uma especie de insurreição dos artistas contra o director, mr. de Visme. Vestris era o chefe da revolta. — Não sabe com quem falla? dizia-lhe de Visme. — Perfeitamente, respondia o dançarino, fallo com o rendeiro do meu talento.

Quando seu filho se estreiou, Vestris I apresentou-o ao publico, fazendo uma grande allocução sobre a sublimidade da sua arte, e concluiu, voltando-se para o juvenil artista, e dizendo-lhe: — Vamos, mostre o seu talento; seu pae o contempla.

Tendo este mesmo Vestris II recusado dançar uma vez diante da rainha de França e do rei de Suecia, foi preso. — Ai! dizia dolorosamente o pae; é a primeira desavença que a nossa casa tem com a de Bourbon!

Este honrado homem morreu em 1808, de oitenta annos de idade. A dançarino tão ligeiro não podia a terra deixar de ser leve.

FEVEREIRO — 27

Os corredores. — Em toda a parte ha prejuizos entre o povo; mas é certo que, mais que noutra qualquer parte, os ha nesta nossa provincia do Minho.

De muitos d'elles tem já feito menção o *Almanach de Lembranças*, porém em nenhuma de suas paginas appareceu até agora o dos *corredores*. Eil-o, pois, fielmente copiado da boca do povo:

Tendo um pae sete filhos successivamente do mesmo sexo, o ultimo vai «correr fado.» Chegado o tempo que lhe marca a sua sina, o desgraçado, ou desgraçada, sai de noite de casa imperceptivelmente, e, dirigindo-se á margem de um ribeiro (não ha de ser um rio), procura ali o amieiro mais alto, para nelle pendurar a roupa, depois de se ter despido. Em seguida busca o espojadoiro de qualquer animal, e, deitando-se no primeiro que se lhe depara, assim fica transformado em burro, cão, gato, etc., segundo o animal, cujo é o espojadoiro, e immediatamente se põe a ca-

minho, porque tem de correr nessa noite *sete montes, sete pontes, e sete fontes.*

Acabada esta jornada, recolhe-se outra vez a casa, já no estado primitivo de homem ou de mulher, porém continúa neste fadario todas as terças e sextas feiras, dias para isso destinados, até que appareça um caritativo que lhe *córte o fado,* em quanto anda metamorphoseado em irracional, para o que é mister feril-o na cauda. Feita esta operação, acaba-se-lhe o fado, e retoma o seu estado primitivo, porém fíca privado do dedo minimo. Pelos caminhos procura sempre os homens resolutos que tragão uma arma qualquer, que não seja de fogo, afim de lhe cortarem o fado; e, se lh'o não fizerem dentro de certo tempo, passa a lobishomem. É necessario acautelar de noite as crianças, porque o *corredor* devora-as, se as encontra na sua passagem.

O unico preservativo de todas estas fatalidades é tomar o irmão mais velho por afilhado o mais novo.

Este prejuizo é tão vulgar, e tão profundamente arreigado entre o povo d'esta terra, que se nota não sairem aqui os rapazes ao serão nas terças e sextas feiras com medo do *corredor.*

S. Leão (Roriz).

Cabellos brancos por effeito de dor ou de susto. — É hoje sabido que os cabellos podem encanecer de um dia para o outro depois de um grande susto, ou de uma intensissima dor moral.

Ahi vão exemplos:

Luiz de Baviera, que falleceu nos fins do seculo XIII, chegando a convencer-se da innocencia da esposa, que elle havia mandado matar por vehementes suspeitas de infidelidade, viu embranquecer os cabellos quasi subitamente.

A barba e os cabellos do duque de Brunswich encaneceram em 24 horas quando soube que seu pae havia sido mortalmente ferido numa batalha.

O actor francez Brizard, numa das suas excursões dramaticas pelas provincias, descendo o Rhodano, e voltando-se-lhe o barco debaixo de uma ponte, não teve mais tempo do que lançar as mãos a um annel de ferro de um dos pilares, do qual ficou por muito tempo suspenso, e em perigo de vida. Quando o forão livrar de tão violenta posição, tinhão-se-lhe embranquecido os cabellos.

Como ha males que vem por bens, Brizard, com os cabellos de um velho na idade de 30 annos, ficou mais apto, e juntou mais dotes á sua bella phisionomia para o desempenho dos seus personagens predilectos — paes nobres, e reis.

FEVEREIRO — 28

SAUDADES DE MINHA FILHA *

Da planta que mais presavas,
Que era, filha, teus amores,
Venho, de pranto orvalhadas,
Trazer-te as primeiras flores.

Em vez de affagar-te o seio,
De enfeitar-te as longas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descanças.

Já lhes falta aquelle viço
Que teu desvelo lhes dava;
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava!

Desgraçadas violetas!
A fim prematuro correm!
Pobres flores! Tambem sentem!
Tambem de saudades morrem!

Visconde de Sapucahy.

* O signatario d'esta tão singela quanto sentida poesia, é um cavalheiro respeitavel, e muito estimado na côrte do Brazil pela sua illustração e caracter.

Perdeu elle uma filhinha, linda; e esta havia pouco tempo antes plantado um canteiro de violetas, que tratava com o maior desvelo, mas que só derão flor depois da sua morte. O inconsolavel pae foi depositar essas primeiras flores sobre a lousa que cobre a filha, e junto do jazigo compoz os versos que acima se lêem.

Haverá coração de pae que os não entenda?

Não o cremos.

Ruja o vento, ou sopre a brisa,
Sempre folga o carnaval;
Assim nos jogos, a infancia
Ri; que importa o bem e o mal!



Regataria.— Os fidalgos e o clero dos primeiros tempos da monarchia não desdenhavão o commercio. Uns e outros (feliz gente, a quem nunca faltava dinheiro!) compravão por baixo preço muitos objectos, que tornavão a vender com bons lucros. A isto chamava o povo *regataria*.

Se os nobres commerciantes se sujeitassem aos regulamentos que então pezavão sobre o commercio, não lhes aconte-

ceria ser a regataria prohibida em as côrtes convocadas por D. Fernando I. Ahi, ás allegações e queixas do povo, juntou el-rei as suas, que erão, não pagarem a siza, o registro, a aferição das medidas pelos almotacés, e outras coisas mais.

Francisco José Vieira.

MARÇO — 2

O El-Dorado. — A inflammavel imaginação dos hespanhoes phantasiou, assim que Colombo aportou á ilha de S. Domingos, maravilhosas cidades, paizes fabulosos no interior d'essa ilha gentil, que tão feiticeira lhes apparecia, e que surgíra da espuma do mar das Antilhas como a Venus grega do seio das vagas azues do mar Jonio.

Explora-se a ilha, e as maravilhas verdadeiras d'esse solo abençoado vem substituir as maravilhas phantasiadas; mas os hespanhoes ainda se não satisfazem: descobrem e conquistão o Mexico, descobrem e conquistão o Perú, e de certo se terião contentado com as immensas riquezas d'estes dois paizes, se a maravilhosa ficção do *El-Dorado* não estivesse sempre a incital-os a novas expedições.

Chamavão *El-Dorado* a um deslumbrante paiz, cuja posição elles mudavão, á medida que encontravão o desengano nos desertos que ião explorando. Afinal fixarão-n'o entre o Orenoque e o Amazonas nos opulentos bosques da Guyana portugueza, ora brazileira.

Nas margens de uma lagoa, chamada a lagoa Purima, onde o areal é de oiro, se ergue a cidade de Manôa, cujo esplendor é tal, asseverão os indios, que a sua reverberação no ceo produz a *via lactea*. É esta a capital do *El-Dorado*, paiz cujos guerreiros usão couraças de oiro, e cujo rei todas as manhãs espalha nos membros nús nuvens de pó do fulgido metal. Os telhados dos palacios são de prata, e as suas calçadas, de diamantes.

Em busca d'estas maravilhas correram — de um lado os hespanhoes, do outro os portuguezes; a ultima expedição

foi a de Gonzalo Pizarro, e d'Orellana, cujo fim era descobrir o ficticio *El-Dorado*, e cujo resultado immenso, proficuo, e real, foi descobrir o curso inteiro do Amazonas.

Assim muitas vezes, em busca de maravilhas phantasiadas, se descobrem maravilhas verdadeiras. Assim os alchymistas, sonhando a pedra philosophal, enriqueceram a humanidade com utilissimos descobrimentos chymicos.

MARÇO — 3

CHARADA VII

No lirio, no limão, e no lilaz,
É natural que encontres a primeira; 1
Mas nestas não te mettas, aliás
É possivel que faças choradeira. 2
Attenta, e olha bem para o lilaz,
E meu todo, estou certo, encontrarás.
João Carlos de Valladas Mascarenhas.

Vinagre dos quatro ladrões. — Quando Luiz XVI subiu ao throno, cairam do poder e das graças do novo monarcha o duque de la Vrillière, Bourgeois de Boynes, o abbade Terray, e o duque d'Aiguillon, que havião sido ministros de Luiz XV. É costume, e a ninguem admira.

No dia immediato ao da sua queda appareceu affixado nas esquinas de Pariz o seguinte epigramma:

«Ami: connaissez-vous l'enseigne ridicule
Qu'un peintre de Saint-Luc fait pour des parfumeurs?
Il met dans un flacon, en forme de pilule,
Boynes, Maupeou, Terray, sous leurs propres couleurs;
Il y joint d'Aiguillon, et puis il l'intitule:
Vinaigre des quatre voleurs.»

A lingua primitiva.— Houve um rei do Egypto que tentou resolver o insoluvel problema que trata da lingua primitiva da humanidade. Occorreu-lhe para isso o seguinte luminoso meio: Mandou encerrar uma criança recem-nascida numa casa longe do contacto de qualquer ente humano, com uma cabra para lhe dar de mamar. Depois deixou passar o tempo sufficiente para chegar á era em que as crianças principião a fallar; e um dia foi solemnemente



com toda a sua côrte abrir a porta da casa onde se estava resolvendo o grande problema. As primeiras palavras que a criança pronunciasse serião as da lingua primitiva da humanidade.

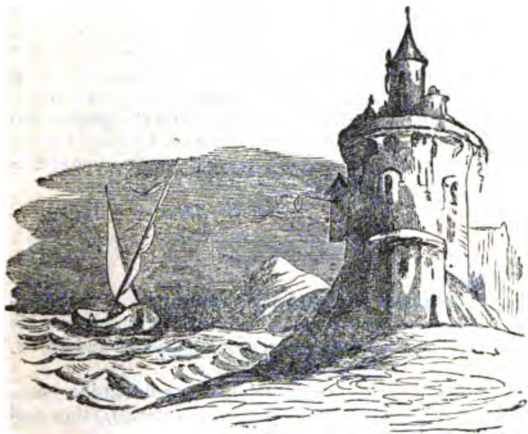
Entraram, e logo a criança começou berrando — *Bé! bé! be!* — Acudiu logo um sabio todo risonho, mostrando que

a lingua primitiva da humanidade fôra o phrygio, porque é neste idioma que a palavra *Bé* ou *Bec* significa «pão.»

Sabidas as contas, a criança, como fez notar alguem que não era sabio, não fizera mais do que imitar o grito da cabra, sua companheira unica!

MARÇO — 5

Ilhas dos Abrolhos. — Assim se denominão



quatro pequenos ilhotes situados sobre um immenso parcel entre o rio de S. Matheus e a villa do Prado, tornando-se um obstaculo para a navegação, e occasionando algumas vezes viagens bastante demoradas. Não obstante existir um canal entre elles e o continente, do qual distão trinta

e cinco milhas, raras vezes é tentada a sua passagem por causa dos «parelles,» baixos perigosissimos que se estendem pela parte de oeste.

Os ilhotes são de um aspecto verdadeiramente selvagem, e parece reinar nelles uma quasi perfeita esterilidade; debalde se procuraria essa animada vegetação dos tropicos que adorna o continente fronteiro, ou esses limpidos regatos que tanto alegram o viajante sequioso. Nada d'isso; apenas aqui ou ali se vê o enfezado catus entre as quebradas da rocha calcinada pelos ardentes raios do sol; e uma infinidade de passaros maritimos, que, pairando sobre ella, vem procurar asylo.

Hoje, porém, no mais consideravel dos ilhotes — Santa Barbara — acha-se construido um pharol de ferro, feito em Inglaterra por conta do governo brazileiro, e que já trabalha, servindo de grande utilidade não só ás pequenas embarcações de pesca que frequentão o parcel, como aos navios que, por ventos contrarios, ou outras circumstancias desfavoraveis, se aproximão de tão perigosos escolhos.

Maritimo (Bahia — Brazil).

MARÇO — 6

Talleyrand e Luiz Philippe. — O principe de Talleyrand, que, segundo todos sabem, levou a vida a enganar as mulheres no amor, e os homens em tudo mais, estava já de cama para morrer.

Foi el-rei Luiz Philippe visital-o, e perguntou-lhe como se sentia.—Ah, senhor! lhe respondeu o enfermo, estou aqui padecendo as penas do inferno.

— Pois já, principe? lhe reperguntou o monarcha.

Bom e acertado foi o dito; o peior é que sua magestade o pagou caro, porque Talleyrand, logo que o soberano voltou costas, recommendou que não retardassem a publicação posthuma das suas memorias, que tantas amarguras tinhão de causar ao ultimo rei dos francezes.

Sentimento pelos mortos na fronteira hespanhola. — Por occasião da morte de qualquer pessoa reunem-se em casa do dorido os seus parentes e adherentes, todos de chapeo na cabeça. O dorido acha-se sentado a um lado da sala, onde se faz esta reunião. Então, o que tem a loquela mais expedita, adianta-se para elle, descobre-se, e diz:

«Dios dé salud à usted para encomendar a Dios el alma de su muger» (se o dorido é um viuvo). Dito isto, põe o chapeo na cabeça, e retira-se. Os outros, cada um por sua vez, aproximão-se tambem, descobrem-se, e retirão-se, depois de dizerem estas palavras sacramentaes: «Yo digo lo mismo, yo digo lo mismo, etc.»

Antonio Luiz Telles da Silva Menezes (Portalegre).

ENIGMA I

Cincoenta sou, e mais um.
Mil sou tambem, e mais nada.
Sendo de pouco valor,
Sou d'uma cor estimada.

Craveiro (Pedro).

Um soldádo intelligente.— Lady H*** estava na Madeira afim de restabelecer a sua saude deteriorada pelo clima da sua frigida patria. Amavel e espirituosa, abriu as suas salas á sociedade madeirense, e recebeu tudo que havia na formosa ilha de mais distincto e elegante.

Um dia, entre mais pessoas, convida ella o commandante do batalhão em guarnição na ilha a ir jantar a sua casa. Acceita o commandante o convite; mas á ultima hora uma exigencia do serviço vem transtornar a disposição que tomára.

Escreve um bilhete a lady H * * *, chama o camarada, diz-lhe que o leve a casa da senhora ingleza, e ordena-lhe ao mesmo tempo que á volta lhe traga o jantar.

O commandante costumava mandar vir o jantar de uma hospedaria do Funchal.

Parte o camarada, entrega o bilhete, e espera pela resposta. A criada volta, e diz-lhe:

— Lady H * * * sente muito não ter a honra de ter hoje á sua meza o sr. coronel F.

— Bem, torna o camarada, mas o meu coronel deu-me ordem que lhe levasse o jantar.

A criada, tão ingenua como o soldado, transmitte fielmente á sua ama as palavras do intelligénte guerreiro.

Lady H * * *, fina e espirituosa, percebe que ha um qui-pro-quo seja elle qual for, e, desejando prolongal-o, ordena que ponhão em cestos um excellente jantar, e manda-o entregar ao servidor de Marte e do coronel, que parte ajoujado, mas satisfeito de si mesmo.

Quando o commandante recebeu o jantar, logo viu que não saíra da cosinha da hospedaria. Chamou o camarada, que lhe contou, todo ancho e ufano, o modo como desempenhára a sua missão.

Que lhe havia de elle fazer? o soldado mostrava tanta ingenuidade, que o coronel não teve animo de lhe dar a minima rabecada.

Mandou chamar tres officiaes, e convidou-os a ajudarem-n'o a dar cabo do excellente jantar.

Depois, como sabia o sitio onde se vendia, só por grande favor, e a pessoas conhecidas, velho e legitimo vinho de Madeira, enviou o camarada a comprar algumas garrafas, e remetteu-as a lady H * * *, certo de que, depois da molestia das vinhas, nunca a formosa ingleza, nem os seus patricios, havião bebido semelhante nectar.

O criado saiu, comprou as garrafas, pagou cinco libras por ellas, achou um tanto caro, e partiu para a residencia da gentil estrangeira, pensando no modo de desempenhar a

sua segunda missão tão cabalmente como desempenhára a primeira.

Entregou as garrafas, e a ingleza, generosa como uma rainha, disse á criada:

— Dá uma libra a esse homem.

— Nada, respondeu o camarada ao receber o retrato da rainha Victoria, as garrafas custarão-me cinco libras; ainda faltão quatro.

A lady, rindo ás gargalhadas, mandou dar as quatro libras, e, voltando para os seus convidados, contou-lhes, sem poder por muito tempo reprimir o riso, a historia do soldado.

— Então que fizeste? perguntava entretanto o coronel ao camarada, que voltava triumphante da sua expedição.

— A senhora só me queria dar uma libra, respondeu o camarada, pondo as cinco libras em cima da meza; mas eu, que não sou nenhum galucho, reclamei cinco, e julgo que o meu coronel ficará satisfeito commigo.

O comico do negocio foi mais forte do que a irritação.

O coronel e os seus convivas desataram a rir, e durante muito tempo não se fallou noutra coisa no Funchal.

MARÇO — 9

Sacrilegio e castigo. — No anno de 1836 a igreja de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, sita na porta meridional da ilha de Santa Catharina, sofreu um desacato, que escandalisou sobremaneira a piedade dos religiosos habitantes da freguezia: Um infeliz, hollandez de nação, que estava proximo a casar, em um momento de fraqueza e allucinação concebeu o nefando e sacrilego projecto de espoliar os altares, apropriando-se dos sagrados vasos do culto.

Alta noite forçou a porta da sachristia; e, para melhor distinguir os objectos, accendeu uma vela em cada altar. Depois de se apoderar das cruzes, corôas de prata, e outras preciosidades que ornavão as imagens, á excepção do res-

plendor de Santo Antonio, que não lhe foi possivel arrancar não obstante estar isto ao alcance de qualquer criança que tal pretendesse, dirigiu-se para o sacrario, e *(horribile dictu!)* espalhando as sacrosantas fórmas pelo pavimento, levou tambem a ambula! Na sachristia tirou do arcaz um amicto, e nelle envolveu todos os objectos.

Ao querer sair, porém, não lhe foi dado acertar com a porta por onde entrára, e ficou immovel, como possuido de terror, até que de madrugada o sachristão, que morava perto da matriz, vendo pelas frestas o clarão das luzes, ali se dirigiu, e sem difficuldade prendeu aquelle miseravel, que declarou não ter podido transpôr a soleira quando pretendeu sair. Tres dias depois fez-se, com a maior devoção e reverencia, procissão de desaggravo, e prégou com muito fructo o reverendo padre mestre Fr. João de São Boaventura Cardoso, meu professor de latinidade. O delinquente, depois de acompanhar os fieis em todos aquelles actos de penitencia, foi submettido ao tribunal do jury, e por este condemnado a nove annos de prisão, que cumpriu. Assim satisfez á justiça dos homens, depois de satisfazer á divina, como devemos crer, attenta a sua contricção.

O Vigario J. G. de Oliveira Paiva (Desterro — Brazil).

MARÇO — 10

CHARADA VIII

O nosso pápa tem duas ; 1	Eu quero uma capa, dêem-m'a,
Tem duas o nosso pápa. 1	Que quem a tem sempre escapa.

Zacharias Nunes da Silva Freire (Bahia).

A falta de luvas. — Era num d'aquelles bailes de meia tigela que tanto se usão em Paris, onde tanta de-

senvoltura e alegria reina, e que principalmente se compõem de costureiras e estudantes, capellistas e caixeiros.

Chega-se um estudante folgasão a uma das mais dengosas d'aquellas senhoras, e convida-a para dançar: — O senhor, lhe responde ella com ar de desdem, esqueceu-se de trazer luvas. — Não tem duvida, minha senhora, acudiu elle no mesmo instante, eu costumo no fim de cada contradança lavar as mãos.

MARÇO — 11

O Fios-Sêccos. — Estando o nosso Camões para voltar da India para Lisboa em companhia do grande vice-rei D. Constantino de Bragança, acudiu um tal Miguel Rodrigues, por alcunha o Fios-Sêccos, a obstar-lhe ao embarque, dizendo-se seu crédor pela quantia de duzentos cruzados. Foi então que o autor dos *Lusiadas* escreveu a D. Constantino o seguinte gracioso requerimento:

«Que demonio ha tão damnado,
Que não tema a cutilada
Dos *fios seccos* da espada
Do fero Miguel armado?

Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadeia,
Do que o demonio arreceia
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contra elle, e contra tudo,
Não tivesse forte escudo
Só em Vossa Senhoria.

Portanto, senhor, proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.»

O gallo e a gallinha.— O titulo parece de uma fabula, mas o caso é historico:



—Ando eu a scismar ha muitos dias, dizia aos seus amigos, numa taverna da Boa Vista, um sineiro de Lisboa já muito bem envernizado: é verdade, ando ha muitos dias a scismar porque será que no pincaro das torres se põe sempre um gallo e nunca uma gallinha! Afinal atinei; e a coisa, em quanto a mim, tem furo: se encarapitassem naquella altura uma gallinha, e ella viesse a pôr, imaginem vocês que taes ficarião os ovos quando elles chegassem á rua!

MARÇO — 13

Un sot trouve toujours un plus sot.— Monsignor Perelli era um prelado conhecido em Napoles pela sua ingenuidade (sejamos parlamentares). Contavão-se d'elle ditos de uma parvoice inexcedivel.

Um dia porém encontrou quem o desbancasse:

Havia uma festa numa igreja de Napoles; na capella-mór estava de sentinella um suisso, a quem se dera ordem de não deixar passar senão quem fosse de batina.

Monsignor Perelli, que não sabia da ordem, vai para entrar, vestindo casaca; a sentinella não o deixa.

— Porque é que você me recusa a entrada? diz o prelado.

— Porque não tem batina.

— Não tenho batina?! diz Perelli indignado. Em casa tenho quatro, e duas d'ellas são novas!

— Ah! isso é outra coisa! torna o suisso.

E deixou-o passar!!

Os bravos chinezes. — Ahi vai um decreto curioso:

Isto é ordenado aos bravos por mim, que sou mandarim, chefe dos bravos. Tremão e obedeção!:

Treze dias antes da batalha, os bravos comerão geléa de tigre, afim de se possuirem da colera, da raiva, e da ferocidade dos tigres.

Doze dias antes da batalha, os bravos comerão figado de leão assado, afim de por essa fórma absorverem a intrepidez natural do leão.



Onze dias antes da batalha, os bravos comerão pelle de serpente, afim de adquirirem a finura d'esse reptil.

Dez dias antes da batalha, os bravos hão de beber licor de cameleão, afim de deslumbrarem os inimigos mudando constantemente de cor e de aspecto.

Nove dias antes da batalha, os bravos tomarão caldo de crocodilo, afim de poderem perseguir o inimigo por mar e por terra, á moda dos crocodilos que se batem em ambos os elementos.

Oito dias antes da batalha, os bravos comerão moela de jaguar diluida em vinho, afim de se lançarem sobre o inimigo com a rapidez e a furia do jaguar.

Sete dias antes da batalha, os bravos comerão cabeças de milhafre, afim de serem dotados, para descobrirem o inimigo, da vista incomparavel d'essa ave de prêza.

Seis dias antes da batalha, os bravos comerão intestinos d'hemione (especie de burro mosqueado) para terem o grito terrivel d'esse quadrupede. *(Pois elles não zurrão?)*

Cinco dias antes da batalha, os bravos comerão miolos d'hippopotamo, afim de communicarem á sua pelle a dureza d'este amphibio impenetravel ás balas.

Quatro dias antes da batalha, os bravos comerão rabos de macaco, afim de subirem ao assalto com a velocidade d'este rapido quadrupede. *(Que demonio de differença haverá entre um chinez e um macaco?)*

Tres dias antes da batalha, os bravos comerão um prato de escorpiões, afim de que todas as feridas que fizerem sejão venenosas e mortaes, como as picadas do escorpião. *(É boa idéa, comer veneno para envenenar os outros!)*

Na vespera da batalha, os bravos comerão peito de panthera, afim de serem despiedosos para os inimigos como a panthera.

Na manhã do dia da batalha, os bravos beberão uma chavena de sangue de leopardo *(não é mau café)*, afim de nunca se voltarem dilacerando um inimigo, o que é a virtude caracteristica do leopardo. — Tremão e obedeção!

Faltou-lhe avisal-os para comerem pernas de veado depois da batalha, afim de fugirem mais depressa, que é em que vem a dar todos aquelles preparativos.

MARÇO — 15

Os calumniadores na Polonia.—Castigavão-se outr'ora na Polonia os calumniadores por um modo que tinha tanto de singular como de infamante. O calumniador convencido devia em pleno senado deitar-se por terra por debaixo de um banco, ou cadeira, em que se assentava aquelle cuja honra havia sido atacada. Feito isto, e ainda nesta posição, era obrigado a dizer em alta voz *que tinha mentido como um cão* quando espalhára os boatos, ou asserções injuriosas contra o offendido. Acabada esta confissão publica e solemne imitava por tres vezes o ladrar do cão, e erguia-se.

Offertorias.—Ha em Minde, no concelho de Porto de Móz, um costume que parece ser tão antigo como a povoação, e consiste no seguinte: Depois da morte de alguma pessoa de maior idade, os parentes, visinhos, e amigos, vão levar ao parente mais proximo até ao primeiro sabbado á noite depois do obito, uns um vintem, outros 40 réis, e até alguns 120 réis, para o offertorio.

No domingo vão todos elles á missa das almas, e vestidos de preto, para assistir á tal ceremonia: colloca-se sobre a sepultura do finado uma toalha lavada com o dinheiro havido, disposto, ou dividido em cinco partes. Acabada a missa, o cura, de estola roxa, vai rezar o *requiem*, aspargindo a sepultura com agua benta, e em seguida o sachristão levanta o dinheiro, que fica sendo propriedade do parocho.

Pouco depois sai o cura acompanhado dos offertantes em direcção á casa do morto. Chegados á porta, o parente mais chegado, e na falta d'este um visinho ou amigo, com o chapeo na mão, agradece da maneira seguinte:—Fico muito obrigado a todas as pessoas que tiverão a delicadeza de me acompanhar; queira Deus que tarde eu pague esta divida.

Abre-se em seguida a porta, e todos entrão a rezar por alma do defunto.

Para o cura é que a ceremonia é realmente rendosa, pois chega ás vezes a retirar-se com uma sofrivel somma.

Antonio de Jesus e Silva (Minde).

Calembour.—Aposto que os senhores não sabem, dizia o nosso Duarte de Sá, interrompendo-se numa leitura que estava fazendo da historia da America, quando é que no novo mundo se comeram bifes pela primeira vez?! Pois foi quando lá chegou Christovão Colombo.

—Como assim?

—De certo, pois se o Christovão não apparecesse lá *co'o lombo*, de que é que se havião de fazer os bifes?

MARÇO — 17

CHARADA IX

O amor assim começa. 1
Assim finda a brincadeira. 1
Se razões commigo travão,
No ralhar sou a primeira. 1

É *bota*, sem pé nem cano,
E anda e corre:
Entre pennas sempre vive,
E em pennas morre.

João Guedes Pinto (Figueira da Foz).

MARÇO — 18

Fr. Thomé de Jesus.— É este varão um dos mais aprimorados classicos, ainda que os assumptos em que escreveu não sejão dos que mais attraem os modernos leitores. A sua obra capital é puro mysticismo; as outras, de controversias religiosas.

Era Fr. Thomé de Jesus filho de Fernando Alvares d'Andrade, homem de alta nobreza, irmão de Diogo de Paiva d'Andrade, theologo bem conhecido pelo seu muito saber. Estava aparentado com a mais distincta nobreza de Portugal, tendo, entre muitos outros parentescos illustres, o conde de Linhares por cunhado.

Entrou na ordem dos Agostinhos por vocação especial, sendo muito querido e estimado pelo padre Fr. Luiz de Montoia, cuja vida escreveu, e cuja *Vida de Christo* terminou.

Acompanhou el-rei D. Sebastião á Africa, portando-se sempre com muita caridade no curar os feridos e no acudir-lhes com os promptos soccorros da religião. Porém o sangue bellicoso dos seus antepassados fervia-lhe nas veias

por baixo da cogula monastica; e, na batalha de Alcacer-Kibir, não podendo cingir a espada, empunhou um crucifixo, e andava animando os soldados, quando o prostrou uma lançada de moiro, e caiu prisioneiro dos marroquinos.

Um *marabout* arabe comprou-o; e, depois de tentar convertel-o, martyrisou-o, encerrando-o num carcere, onde, segundo diz o ingenuo biographo, lhe dava *menos de comer e mais açoites*, regimen pouco substancial, que ó ia fazendo passar para o outro mundo, e que deu em resultado o escrever elle á tibia luz, que se coava pelas grades da masmorra; o seu livro dos *Trabalhos de Jesus*, primoroso em linguagem, e, ainda que escripto no estylo alambicado dos escriptores mysticos, recendendo não sei que amorosos perfumes, que nos fazem presentir Santa Thereza, e que contrastão com o ascetismo feroz dos padres que escrevião em Lisboa á sinistra luz das fogueiras dos autos de fé.

De casa do *marabout* foi passado a Marrocos, a instancias do embaixador de Filippe II, que viera tratar do resgate dos prisioneiros de Alcacer-Kibir. Ali esteve no carcere dos christãos, convertendo moiros, escrevendo refutações a obras de rabbinos judeus, e não querendo ser resgatado, porque desejava consagrar-se ao conforto espiritual dos seus irmãos captivos, até que morreu pranteado por christãos e moiros, porque todos admiravão as suas virtudes e piedade.

Entre todos os nossos escriptores monasticos, é esta uma das mais sympathicas phisionomias. Nem a influencia do jesuitismo, nem a dos inquisidores, havião maculado a limpidez d'aquella alma verdadeiramente christã.

Gagos illustres.—Forão gagos, entre muitos outros cuja innûmeração seria longa, Moysés; Demosthenes; Claudio; Luiz, o Gago; o imperador do Oriente, Miguel II; o rei arabe de Hespanha, Méhemed-el-Nassor; o rei de Suecia, Erico; Luiz XIII; Malherbe; Camillo Desmoulins; e o pintor David.

Excentricidades na comida.—Que o sustento é a lei da vitalidade, é axioma, e universalmente seguido pelos diversos povos da terra. O homem aperfeiçoado carece de sustento, como o *pongo;* este, como o *zoophyto;* e o *zoophyto,* como a *granma.* Diversificando na especie e na natureza, a sustentação é o primeiro motor da vida animal.

Diverso, e sobretudo muito notavel, é o modo porque muitos povos satisfazem a esta necessidade da natureza. Citaremos alguns exemplos:

Os habitantes das ilhas Maldivas procurão a solidão para comer. Se é em casa que buscão saciar esta vontade do estomago, occultão-se, fechão as portas, e, quando de todo se vêem a sós com o seu alimento, é então que tratão de ministral-o. Ha quem queira explicar esta excentricidade, pelo facto da sua religião lhes inhibir a comida em companhia de pessoas de menos qualidade. Isto, quando fosse certo, era pouco provavel.

O contrario se dá com os habitantes das ilhas Philippinas, que, em extremo sociaveis, não podem comer sem companhia, saindo muitas vezes ás praças, d'onde voltão com um companheiro.

O chim é extremamente apparatoso no seu sustento. Quando um mandarim dá algum banquete, é elle o primeiro que se esconde na cosinha, d'onde dirige o andamento do festim.

Os otahitanos não podem comer juntos. Dada a hora do jantar, dividem-se os membros da familia, e cada um vai em sitio differente satisfazer o seu appetite. Nem aos proprios irmãos e irmãs, marido e mulher, é permittida a violação d'este preceito. Separados a uma distancia, que não póde ser inferior a duas ou tres varas (!), têem por não menos imperioso dever o guardar um silencio tumular.

Nenhum povo é mais excentrico nos seus costumes de comer, do que os kamtschatdatos, os tartaros, e os habitantes das ilhas da India americana, cujas extravagancias podem, como muitas de outras nações, ser consultadas numa obra de Blair — *Customs & various nations in their repasts.*

Dona A. Candida.

MARÇO — 20

O que faz uma virgula! — Conhecem todos a formosa quadra de Malherbe, tantas vezes citada:

Elle était de ce monde, où les plus belles choses
Ont le pire destin;
Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses:
L'espace d'un matin.

Pois saibão que o verdadeiro autor do mais lindo verso da quadra foi o typographo encarregado de a compôr.

O caso succedeu assim:

Chamava-se Roselle Duperrier a menina, cuja morte inspirou a Malherbe tão sentida poesia. E por isso dizia o poeta no manuscripto:

Et Roselle a vécu ce que vivent les roses:

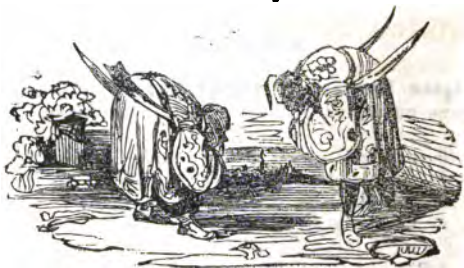
O compositor não entendeu a lettra, ou achou o nome exquisito, e compoz:

Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses:

Forão as provas para casa de Malherbe. Leu-as o poeta, e o engano do compositor foi para elle um raio de luz. Emendou simplesmente o *R* para *r*, e assim fez um verso delicioso.

Bemaventurada virgula, e bemaventurado compositor. Os do nosso tempo não têem d'estes enganos!

Cumprimentos japonezes. — No Japão, quando um inferior falla a um superior seu, curva-se todo, pondo as mãos por baixo dos joelhos. Quanto maior é a differença de jerarchia que existe entre os dois interlocutores, tanto mais o inferior afasta as mãos dos joelhos, e as aproxima dos pés.



De fórma que, quando se quizer fallar num sujeito de altissima nobreza, deve-se dizer : «Todos lhe fallão com as mãos nos tornozelos.»

MARÇO — 22

Os cabellos ruivos.—Por muitos passos dos antigos chronistas deprehende-se que os cabellos ruivos forão considerados como coisa deshonrosa durante a idade média. O monge de S. Gall conta uma historia acontecida a um pobre muito ruivo, que, não tendo chapeo, e *envergonhado* da cor dos seus cabellos, cobria a cabeça com a capa. Este mesmo pobre, como lhe era forçoso descobrir a cabeça quando entrava nas igrejas, não ousou certo dia entrar num templo onde prégava um bispo, não obstante desejar muito ouvil-o.

Este prejuizo nascia de se dizer, ou acreditar geralmente,

que Judas Iscariote tinha os cabellos ruivos. Colombo, Camões, Anna Bolena, João I de Bretanha, o marechal Ney, e muitos outros tiverão os cabellos ruivos.

MARÇO — 23

Salarios na Roma imperial. — O curioso commentario de M. Waddington ao edito de Diocleciano, que fixava um *maximum* ao preço de differentes trabalhos e objectos, faz-nos conhecer aproximadamente os salarios com que ha dezoito seculos erão recompensadas differentes occupações e serviços na Roma dos imperadores.



Ahi vai uma lista, e em parte bem curiosa. Compare-se:

O trabalhador de enxada tinha comida, e além d'isso por dia 280 réis.

Pedreiros e carpinteiros, 500 réis.

Pintor de casas, 840 réis.

Dito de decorações, 1$670 réis.

Pastor, 210 réis.

Barbeiro (por cada barba) 15 réis.

Mestre de leitura, por cada criança, e por mez, 500 réis.

Dito de contas, 840 réis.

Dito de escripta, 500 réis. Dito de grammatica, 2$230 réis. Rhetorico ou sophista (professor de eloquencia) 2$790 réis. Moço dos banhos (por cada banho que se tomava, e em Roma tomavão-se muitos) 15 réis.

Consolem-se os actuaes mestres de instrucção primaria. É sina sua desde o tempo de Diocleciano receberem um salario opulentissimo!

MARÇO — 24

Pobreza do homem.— O homem, embora rei das creaturas, carece d'ellas para viver e cobrir a sua vergonhosa nudez.

Aos irracionaes doou o Creador tegumentos proprios, que só acabão com a sua existencia.

São os irracionaes os unicos proprietarios neste genero; todos os homens dependem d'elles.

É necessario que os irracionaes se dispão para que o homem se vista! Se elles não fossem, e se a terra não produzisse o algodão e o linho, ver-se-hião, talvez, os homens cobertos com folhas de figueira, como os nossos primeiros paes.

Se tudo isto não é assim, digão-me o que é esse paço, de que se vestem os chamados ricos, e outros que o não são? Não é a lã da tímida ovelha, e de outros animaes da sua especie?

Que são esses roçagantes e lustrosos vestidos, que elegantemente adornão as damas da alta nobreza, e ainda aquellas que a não tem? Não são o producto do trabalho d'esse industrioso verme, que, mudando de fórma, e jazendo por algum tempo immovel e sepultado nesse involucro que elle mesmo engendrou, resuscita depois metamorphoseado em linda e engraçada borboleta?

De que é feito esse calçado, de que ordinariamente usão tanto ricos como pobres? Não é da pelle de animaes?

Em vista, pois, d'estas tão evidentes provas da pobreza

humana, que motivos tem o homem para vangloriar-se das suas commodidades e do seu luxo? Nenhuns.

Veste e calça espolios de irracionaes; e tudo quanto neste genero possue, d'elles lhe vem; embora o compre com o dinheiro, de que os irracionaes não carecem para viver, nem para se vestir.

Dos expostos e provados principios póde concluir-se, sem perigo de errar, que o ente racional é mais pobre que os irracionaes.

Manoel Justino Pires (Elvas).

MARÇO — 25

LOGOGRIPHO III

Repara bem, que dois numeros
Na primeira se hão de ver;
Comtudo cincoenta e cinco,
Isso lá não póde ser.

É appellido a terceira,
Que não custa a encontrar;
E antepondo-lhe a primeira
Portugueza a has de achar.

A segunda menos custa
A ser depressa encontrada:
Na propria Italia se topa,
E até mesmo duplicada.

Do logogripho o conceito
A preceito
Desejas tu conhecer?
É o nome... da minha *ella*,
A mais bella,
Por quem me deixei prender.

Francisco Antonio de Mattos.

MARÇO — 26

As barbas ruivas.—Gastão de França, duque de Orleans, tinha barbas ruivas. Achava-se um dia na sua casa de campo, e perguntou a um actor, com quem lhe appeteceu estar debicando, e que era absolutamente privado de barbas, a razão porque as não tinha.

—Eu vol-a digo, respondeu o actor. Quando Deus fez a distribuição das barbas cheguei tarde, e já quando não havia senão das ruivas para escolher. Como não havia d'outras, preferi antes ficar sem nenhumas.

A historia não diz se o principe deu ordem a algum criado para que fizesse sair o temerario da sua presença com alguma carga de bengaladas. Naturalmente estava em hora de bom humor, e riu-se.

MARÇO — 27

Menino Deus. — A capella do Menino Deus é o mais gracioso e poetico edificio de Porto Alegre brazileiro, d'onde dista meia legua para o sul. A sua construcção teve começo em 1849, e a festa do seu orago é a 25 de Dezembro, e 6 de Janeiro.

O viajante ávido de sensações deleitosas, depois de haver admirado os arrabaldes de Porto Alegre, que são um perenne jardim, aonde Pomona e Flora se derão as mãos para lhe prodigalisarem as suas primicias, subindo ao cume do morro de Cristal que se ergue ao sopé da capella, terá ante si o mais soberbo e pittoresco panorama!

Lançando a vista para a direita, verá sosinho sobre o alto da Azenha o cemiterio, ou a cidade dos mortos, dilatando seus alvissimos muros até ao cemiterio protestante. À esquerda, a bahia do Guayba sulcada de vapores, e pequenos barcos lindamente empavezados, afanosos em despovoar a cidade, transportando os seus habitantes á sua festividade mais popular.

Em frente, a rua de Caxias, de $1/4$ de legua de extensão, pejada de vehiculos de todas as fórmas, desde o aristocratico trem, até á mais humilde carroça. Proximo á capella, alvejantes e improvisadas barracas, por entre as quaes oscillão ondas de povo em busca da melhor cerveja para se refrigerar dos ardores do sol.

Depois, a lindissima praia de Bellas, orlada de amenissimas chacaras com seus renques de larangeiras, cuja folhagem verdenegra lhe dá um melancolico aspecto, elegantes casas de campo, entre as quaes sobresaî a do negociante F. Bier, e o palacete da baroneza de Gravatahy; e finalmente, para formar o fundo do quadro, vê-se a parte democratica da cidade, debruçando-se indolente sobre a praia do Riacho, tendo no extremo, e entrada da mesma, semelhante a uma sentinella avançada, a cadeia, de fera e lugubre catadura [1]. Porto Alegre, (que tem vinte mil habitantes, e não seis mil, como lhe dá o Diccionario de Faria) pela sua posição topographica, importancia de seu commercio, e fertilidade das colonias que lhe ficão proximas, terá dentro em poucos annos um logar a par das mais importantes cidades do imperio.

José Thomaz Pereira Soares (Porto Alegre — Brazil).

[1] É exteriormente pintada de cinzento escuro.

MARÇO — 28

CHARADA X

Eis a que tudo se reduz emfim! 1
Não ha, nem póde haver, nobre sem mim 1.
Não quero dizer mais nada.
Não tem conceito a charada.

A. M. (Vizeu).

O numero de idéas.— Um mathematico inglez, R. Kooke, que viveu no seculo passado, dissertando ácerca do modo porque a alma recebe e transmitte as sensações, calculou com *exacção rigorosa,* diz elle, o numero de idéas de que o espirito humano é susceptivel, e chegou á cifra de 3.155,760,000.

Depois d'este systema desanimador, e cuja responsabilidade deixâmos inteiramente a quem o deu como verdadeiro, é facil avaliar a triste posição a que a pobre humanidade ficou reduzida. Por esta theoria a civilisação tinha chegado ao seu apogêo no seculo XVIII, estacionára, e de então para cá erão impossiveis os milagres que estamos presenceando da electricidade, e do vapor, applicados á navegação, e á industria. Era o caso de dizer — *Nihil sub sole novum*

Conta-se que o perceptor de S. Jeronymo entrava em violentos accessos de cholera quando, lendo os que antes d'elle havião escripto, encontrava coisas ou idéas que elle julgava pertencerem-lhe: — *Pereant illi,* exclamava elle, *pereant illi qui, ante nos, nostra dixerunt!* O mathematico inglez, parodiando-o, e convicto da veracidade do seu systema, podia tambem dizer: — Morram aquelles que depois de nós se atrevão a transpor o circulo de ferro em que fechámos as idéas.

Proverbios arabes.— Da palavra que sóltas és tu escravo.

A que retens é escrava tua.

A palavra é de prata, o silencio é de oiro.

Quem bate no cão, bate no dono.

Uma alma sensivel está sempre de luto.

A paciencia é a chave da alegria; a precipitação a do arrependimento.

Ainda que o teu amigo seja mel, não o lambas todo.

Convento das freiras augustinianas da villa d'Athouguia.—Diz a tradição que este convento foi edificado pelos romanos, e dedicado a Neptuno; o que confirmão algumas inscripções lapidares. A traça é antiquissima, e diz-se que fôra consagrado ao deus da gentilidade em reconhecimento de uma victoria alcançada dos lusitanos, que, como idolatras, o adoraram até á vinda de Christo. E ainda que não consta em que tempo acabou a sua veneração, sabe-se que na era de 800 era já templo dedicado a S. Julião, e convento dos eremitas da ordem de Santo Agostinho. Além de muitas inscripções lapidares, vê-se uma no reverso da capella-mór, que diz:

M. Sacel. D. D. D. Jun. Brut.
Cos. ob. Bel. F. gestum.
Adueces. Eburo. bric. et.
Mont. Auxiliares servet.
Q. Mil. in ultimis ter. oris.

Cuja traducção é a seguinte: «Templo consagrado a Neptuno por Decio Junio Bruto, pela felicidade com que acabou a guerra contra os moradores de Eburobricio, e por lhe ficarem salvos todos os seus soldados.»

Tendo D. Affonso Henriques, pela promessa que fizera a S. Bernardo, dado todos os Coutos aos padres de Alcobaça, e entrando este convento na demarcação, elles o não quizerão, por se contentarem com o indispensavel.

Depois, reinando D. Sancho I, foi incorporado no de Alcobaça por causa de uma grande peste, pois que acabaram quasi todos os padres pela violencia do contagio.

Esta memoria acha-se, ou achava-se, no cartorio do real convento de Alcobaça.

Costa Goodolphim.

Oração de um marinheiro. — Quando a esquadra britannica, debaixo do commando de lord Nelson, se dispunha a atacar as esquadras combinadas em frente de Trafalgar, indo um primeiro tenente de uma das nàus examinar se todos estavão a seus postos, deu com um dos artilheiros de joelhos ao lado da peça. Excitando a sua



m marinheiro inglez, e movido de curiosidade, perguntou-lhe se tinha medo.— Medo ! não, respondeu o marujo ; mas estava pedindo a Deus que os tiros do inimigo fossem distribuidos na mesma proporção do dinheiro das prêsas : o maior quinhão para os officiaes.

Um sabio modesto. — Nunca talvez existiu neste mundo pessoa mais vaidosa que um tal Sérégus, lente na universidade de Wittemberg. Mandou gravar o seu retrato por baixo de um crucifixo, com a seguinte inscripção : — Meu Senhor Jesu Christo, Vossa Divina Magestade ama-me ? Ao que o Salvador respondia :— Illmo e ex.^{mo} sr. doutor Sérégus, sapientissimo lente de direito, poeta laureado de Sua Magestade Imperial, e dignissimo reitor da universidade de Wittemberg ; pois eu não havia de amar a v. ex.^{a} !

Eil-a! assoma a primavera!
E desponta a adolescencia!
Nos campos tudo é verdura;
Nos homens, tudo innocencia.



Sabião? — Lê-se o seguinte no *Diccionario da Conversação:*

Bombay (em portuguez Boa-Bahia, *Bonne Baie).*

Nós até agora julgavamos que esta cidade da India se chamava em portuguez *Bombaim;* confirmavão-nos nessa supposição os nossos velhos chronistas; mas os francezes sabem a nosso respeito tantas coisas que nós ignorâmos, que é possivel que seja esta uma d'ellas.

Tambem na *Encyclopedie Moderne* se affirma que o sr. Antonio de Castilho, *poète aveugle,* é muito conhecido em Portugal pelas suas traducções de romances inglezes!

Parece-nos que nem o proprio sr. Castilho sabia de semelhante coisa.

Primeiro retrato. — Em eras tão antigas que ainda a pintura não era nascida, vivia, fosse onde fosse, diz a lenda, uma namorada das mais finas. Atormentava-a a sua má fortuna com frequentes e longas ausencias forçadas do seu querido; fechava então os olhos para o ver; e, para o ver ainda melhor, se adormecia.

Uma rapariga, e então alvoroçada no interior, não póde dormir sempre, nem estar sempre de olhos cerrados; mas tambem como tel-os abertos, quando não tinha para lhes dar o suave pasto de que elles necessitavão? era forçoso acudir áquella mingua; soccorreu-se aos deuses com orações; supplicou-lhes prodigio com que o seu ausente se tornasse presente.

Alguma potencia compassiva lhe acudiu com uma inspiração (havia de ser o Amor). Tudo quanto pertencia ao mancebo caro, lhe era caro; até a sua sombra. Se ao menos a sombra lhe pudesse ficar ali quando elle se retirasse! Experimentemos, diz ella: e logo a mão candida bosqueja com um carvão na parede alva os contornos da figura esbelta do mancebo, que está sorrindo desvanecido de ver como é idolatrado, mas que ainda não adivinha o que nessas linhas magicas se contém de futuras maravilhas. Partiu. A solitaria já póde esperar, sentada defronte do espectro mudo que o talento do seu amor evocou do nada; passa as horas a contemplal-o, emprestando-lhe por um esforço da phantasia as fórmas interiores que lhe fallecem, as cores, a vida, o movimento, a voz, e a ternura, a ternura que ella tem de sobejo para repartir:

Illum absens absentem auditque videtque:

Ausente ao seu ausente está ouvindo e vendo.

Esta visão extatica trouxe nova inspiração: pediu aos

succos das hervas e das flores, ás argilas desfeitas em agua, talvez até a alguma gota do sangue de suas veias, com que fixar dentro no contorno vasio, a fronte, os cabellos, os olhos, as faces, os labios, tudo, até o traje. Quando voltou o amante, houve de recuar diante d'aquelle homem inesperado, d'aquelle intruso nos penates das suas affeições! mas, recaindo logo em si, reconheceu a propria imagem que já no espelho nativo das aguas haveria considerado; sorriu complacente, ora para si mesmo, ora para a feiticeira que o duplicára, e graças a cujo artificio ninguem já poderia apartal-o do seu thesouro. Tal foi o primeiro retrato.

O progresso das artes havia de percorrer interminavel caminho para chegar, de tentativa em tentativa, de achado em achado, desde esse filho inculto do amor e da saudade, até ás effigies instantaneas, debuxadas em nossos dias com a mais impeccavel exacção, sem pincel nem tintas, pelo pintor dos pintores, pelo sol, só hoje verdadeiramente rei das artes. Mas quem pudesse ainda assim mostrar-nos hoje aquella branca parede de choupana! Como se não apontaria com enlevo para a expressão de vida que a pobre rustica, mestra de si mesma, segunda mãe e immortalisadora do seu querido, infallivelmente havia de ter impresso numa effigie que os seus olhos estudavão de continuo, e a sua mão de continuo retocava para poder ser rebeijada a cada momento!

A. F. de Castilho (Nota aos *Fastos d'Ovidio*).

ENIGMA II

Quatro lettras, duas partes,
Meu nome dizem assim:
Do fim lendo p'r'o começo,
Ou do começo p'r'o fim.

Tem os extremos iguaes;
Os meios tambem o são.
Que é um nome de pessoa
De certo adivinharão.

L. Dias (Azinhal).

Direito singular.—Nalguns paizes antigamente, e sobretudo em França, nos casamentos por procuração feitos entre pessoas reaes, tinha o procurador o direito de introduzir a perna direita até ao joelho no leito da princeza desposada.

Luiz de Baviera, que desposou por procuração Maria de Borgonha, filha de Carlos, o Temerario (*), em nome do archiduque Maximiliano de Austria, fez esta ceremonia. O fim era tornar o matrimonio mais certo, e fazer por esta aproximação com que a princeza não pudesse desdizer-se, nem acceitar outro esposo.

O imperador Maximiliano, segundo se diz, esposou do mesmo modo Anna de Bretanha; e assim tambem por procuração se celebrou o casamento de Clovis e de Clotilde.

Anna de Bretanha, cujo matrimonio com o imperador Maximiliano não chegára a fazer-se senão por procuração, veiu por fim a desposar Carlos VIII; mas para isso lutou a consciencia, e forão necessarias concessões theologicas, fundadas *ad hoc* em exemplos tirados das Escripturas Santas.

O casamento por procuração entre as pessoas reaes vigora, mas este direito, a que os francezes derão o nome de *jambaje*, está desde muito abolido.

(*) Maria de Borgonha era bisneta de D. João I, de Portugal.

ABRIL — 4

Duas vezes doido. — Como se não bastára ao inglez Nathaniel Lee para sua desgraça o ser poeta, accresceu-lhe sobre queda coice como diz o rifão : endoideceu, e metterão-n'o num hospital de alienados.

Entre o desarranjo das idéas, a poesia nunca de todo se lhe amorteceu; tanto assim, que naquelle estado lastimoso é que elle compoz a sua tragedia das *Rainhas rivaes*.

Para trabalhar nesta obra predilecta, levantava-se de noite, e punha-se nu a escrever á janella ao luar.

Uma vez, numa das scenas mais patheticas, passa uma nuvemsinha como um filó aéreo por diante da sua lampada celeste.

— Jupiter! exclama elle, chegando mais os olhos ao papel, e sem interromper a escripta; levanta-te, e atiça a lua.

Á nuvem do filó seguiu-se logo outra de baeta negra, com que tudo ficou em trevas.

— Forte doido és tu, Jupiter! exclama o tragico ás gargalhadas: digo-te que a atices, e tu apágal-a!

ABRIL — 5

NUM ALBUM

Accordão em conf'rencia os meus sentidos,
A alma, a consciencia, e o coração:
— Que estes autos, mui bem distribuidos,
Preparados tambem em fórma são:
Em prosa ha nelles termos bem lavrados;
Em versos bons, mui bons articulados;
Ha pinturas, retratos, e bordados,
Tudo bello, conforme a Ordenação.

Não dão ao aggravante provimento;
Bem julgado foi elle a folhas tantas;
Não entraram paixões no julgamento;
Se entraram — ellas são puras e santas.
Portanto, tudo visto e ponderado,
Por nós o aggravante é condemnado
Em dez duzias do *Porto,* — engarrafado,
Branco — Sêcco — Bastardo —

(Angola) *d'Antas.*

Assembléas e constituições de França desde 1787 a 1815.—Para aquelles a quem o conhecimento de datas celebres é não só agradavel, mas tambem conveniente, visto que por elle adquirem uma certa reputação de instrucção historica, vamos apresentar uma lista das diversas assembléas nacionaes ou legislativas, que houve em França desde 1787 até 1815; bem como das constituições que ella teve durante esse periodo de vinte e oito annos, tão fecundo em acontecimentos extraordinarios.

Assembléas

Assembléa dos notaveis, constituida em Versailles, a 22 de Fevereiro de 1787.

Estados geraes, abertos a 5 de Maio de 1789, em Versailles.

Assembléa constituinte, reunida em Paris, a 9 de Novembro de 1789, na sala do Manége.

Convenção nacional, na mesma sala, a 21 de Setembro de 1792.

Assembléa legislativa, na mesma sala, a 1 de Outubro de 1791.

Conselho dos antigos / *Conselho dos quinhentos* } installados a 23 de Outubro de 1795, o primeiro nas Tulherias, e o segundo no palacio de Bourbon.

Corpo legislativo, installado no palacio de Bourbon, a 7 de Janeiro de 1800.

Camara dos representantes, installada no palacio de Bourbon, a 2 Junho de 1815.

Constituições

Constituição de 1791, decretada a 3 de Setembro de 1791, e acceita pelo rei a 13 do mesmo mez.

Constituição de 1793, decretada pela convenção a 24 de Junho de 1793, e acceita a 10 de Agosto.

Constituição do anno 3.º, decretada a 17 de Agosto de 1795.

Constituição do anno 8.º, acceita a 7 de Fevereiro de 1800.

Carta constitucional, dada pelo rei a 4 de Junho de 1814.

I. V. P. M.

ABRIL — 7

Sermão da resurreição. — Os seculos XV, XVI, e XVII distinguirão-se pelas extravagancias e modos de dizer de muitos dos seus homens de lettras. Entre estes os que mais notaveis se tornaram pelas facecias do seu estylo forão os prégadores.

Gabriel Barletta, dominicano do seculo XV, prégando no dia da Resurreição, e dissertando sobre quem devia ser o embaixador d'esta grande nova á Virgem Santissima, exclamou:

«Adão diz a Jesu Christo: — Serei eu *(mihi incumbi)*. Jesu Christo responde-lhe: — Demorar-te-hias talvez no caminho a comer figos. Offerece-se Abel; o Salvador diz-lhe: — Não, talvez encontrasses pelo caminho teu irmão Cain, e este te mataria. Apresenta-se Noé; Jesu Christo diz-lhe: — Gostas muito de beber. Segue-se-lhe S. João Baptista; responde-lhe: — Mal te cobre esse vestido de pelles. Chega a vez ao bom ladrão, e o Senhor diz-lhe: — Não irás, que não tens pernas para isso. Chega por fim um anjo, que para essa embaixada foi enviado, e que levantou o cantico: *Regina cœli lætare, ressurexit sicut dixit, alleluia.*»

Vejão por esta amostra, uma das muitas que podiamos apresentar, se um mathematico do tempo, Tycho-Brahé, tinha ou não razão quando dizia que os prégadores devião saber mathematica afim de discursarem com mais logica, e não cairem em tantas subtilezas. Outro geometra, o P. Marsenne, convidava os oradores sagrados a ornar os seus discursos de argumentos e de textos tirados das secções conicas. Era fugir de Scylla para cair em Carybdes.

Um discipulo de Baccho. — J. Paulo Gundling, homem de estado, e historiador de credito, que desceu ao papel de truão na côrte de Frederico Guilherme I, rei da Prussia, estava sempre em estado de bebedice. Tinhão feito para elle, dez annos antes da sua morte, acontecida em 1751, um caixão mortuario, em fórma de pipa,



pintada exteriormente de negro, e cheia de inscripções bacchicas. Era condigno. Quando morreu, foi nelle que o conduziram, acompanhado por um grande cortejo de officiaes e cortezãos, e pelos bobos da côrte de Saxe, que tiverão ordem de se apresentar neste acto cobertos de crepes e

de mantos de longas caudas. Ia tudo em ordem; só o clero protestante é que se recusou a acompanhar a mascarada. Foi pena, mas fez bem.

ABRIL — 9

Um barbeiro, não das duzias, mas dos milheiros.—Um barbeiro d'aquelles que, como vulgarmente se costuma dizer, levão coiro e cabello, tinha o costume de palrar continuamente com os desgraçados que lhe caíão nas mãos; resultando quasi sempre da conversa o deixar a cara dos fréguezes a escorrer em sangue. Acontecendo um dia entregar-se nas suas mãos um individuo que já lhe sabia da balda, e perguntando o barbeiro como queria elle que lhe fizesse a barba



—Muito caladinho, mestre, respondeu o fréguez, muito caladinho!

Como os judeus explicavão a resurreição de Christo.— Dizião ao principio uns, que

não se encontrára o corpo de Jesus porque os apostolos o tinhão furtado; outros, que fôra o jardineiro de José d'Arimathea quem o fizera desapparecer, porque os incessantes romeiros, que ião ver o sepulcro, ao atravessarem a terra cultivada, estragavão as alfaces ! ! !

É fresca a tal explicação da alface !

ABRIL — 10

O mais elevado tratamento.— Quando Filippe II entrou em Portugal para dar começo a esse longo captiveiro, que elle e os seus dois successores nos infligiram, enviou o duque d'Alba a cumprimentar a duqueza D. Catharina de Bragança. Queria talvez pagar-lhe em cortezia a corôa de que a esbulhára pelo direito da força.

A conferencia entre o duque e a duqueza era espinhosa: esta não queria fazer a minima concessão aos seus vencedores ; aquelle não queria faltar ao respeito devido a tão nobre senhora. A questão principal estava no tratamento. O duque d'Alba era habitualmente tratado por alteza, e D. Catharina de Bragança por fórma nenhuma queria tratal-o como igual.

Curioso de saber como se salvára da difficuldade, Filippe II, apenas o duque voltou, dirigiu-lhe logo a seguinte pergunta :

— Então a duqueza que tratamento lhe deu?

— Um tratamento elevadissimo, meu senhor.

— Senhoria ?

— Mais alto.

— Excellencia ?

— Ainda mais acima.

— Ah ! sempre lhe deu alteza?

— Muito mais, meu senhor.

— O quê ! tornou Filippe II, já espantado, tratou-o por magestade ?

— Acima ainda, meu senhor ! A senhora duqueza de Bragança tratou-me por Jesus, respondeu o duque d'Alba.

Effectivamente D. Catharina dirigira-se-lhe sempre d'esta fórma:

«E Jesus! que gosto que eu tenho em o ver! E Jesus! como passa sua magestade! E Jesus etc.,» e a respeito de tratamento direito, nem por sombras!

ABRIL — 11

Anecdota. — A anecdota, flor de sala, cultivada em todos os paizes civilisados, é em França, principalmente, que tem tido amadores mais distinctos e numerosos. A Grecia e Roma estimarão-n'a. Plutarco, Suetonio e Cicero receberão-n'a nas suas obras, e diz-se d'este ultimo que possuia um volume d'ellas, a que ligava grande apreço. Mas foi em França, onde o espirito em extremo sociavel e galhofeiro dos seus habitantes tem as qualidades necessarias para fazer florescer e medrar a anecdota, que ella se desinvolveu de um modo extraordinario; e são thesouros riquissimos d'essas joias as *Memorias*, desde as de Brantôme até ás do celebre duque de Saint Simon.

Voltaire, no *Diccionario Philosophico*, condemna os livros de anecdotas, e só perdoa á *Menagiana*, onde, diz elle, se encontra muita coisa instructiva. Os primeiros livros d'este genero que se publicaram em França forão as *Anecdotas da Côrte de Florença*, por Varillas, e as da *Côrte de Philippe Augusto*, por mademoiselle de Lussan.

Apesar da vivacidade e agudeza do povo francez, escaceião muitas vezes no mercado as anecdotas novas. *Quandoque bonus dormitat Homerus*, disse um francez de Roma, Horacio. Em taes occasiões lança-se mão da historieta já secular, não se perdoa ás cãs respeitaveis, e pede-se a uma celebridade, Méry, Dumas, ou outro, que acceite a paternidade do ancião remoçado. Não ha muito que os jornaes de Paris attribuiram a Méry um chiste, e não dos melhores, que pertencia legitimamente, nem o leitor imagina a quem, a Cicero!

Alguns jornaes de Lisboa fazem o mesmo. *Z.*

CHARADA XI

Procura-me na fogueira
Em noite de S. João. 1

Achas-me ali, sem demora,
Muito visinho do chão. 3

Se queres o todo achar,
Procura-o d'outra nação.

M. A. C. Junior.

ABRIL — 13

Aberrações de grandes homens. — Os grandes homens têem ás vezes singulares aberrações.

Dante, Petrarca e Boccace, a quem tanto deve a litteratura italiana propriamente dita, não fundavão a sua gloria senão sobre as suas obras latinas, pelas quaes ninguem hoje os conhece.

Cervantes, o autor do *D. Quixote,* preferia a esta obra monumental o seu romance *De Persiles,* e não tinha desvanecimento senão das suas poesias, que quasi cairam no esquecimento.

Lucano era o poeta da predilecção de Grocio, e tambem do grande Corneille, que chegou uma vez a confessar, não sem algum pejo, que preferia a Virgilio o autor da *Pharsalia*.

Corneille punha a sua *Rodogune* acima de todas as outras suas tragedias.

Milton, em summa, morreu na doce illusão de que o seu *Paraiso Restaurado* era em tudo superior ao seu monumental *Paraiso Perdido.*

Esta predilecção dos autores pelas suas obras de menos valia foi já, e com muita razão, comparada ao amor exclusivo que as mães têem em geral pelos seus filhos defeituosos, ou mais desfavorecidos da natureza.

ABRIL — 14

Astucia com duplo proveito.—No começo do reinado de Luiz XVI, um joven official, que se achava preso na Bastilha por uma simples rapaziada, e que desejava vivamente ver-se em liberdade, disse um dia ao tenente general da policia, a quem muitas vezes tinha pedido intercedesse por elle, que, se sua magestade o mandasse soltar brevemente, lhe remuneraria essa graça, pois era capaz de num só dia augmentar aos seus exercitos vinte mil soldados bem adestrados.

O tenente general taxou de loucura este promettimento; mas, não obstante, communicou-o ao rei como assumpto de distracção. O monarcha, por mera curiosidade, ou por qualquer outro motivo, mandou soltar o prisioneiro, o qual, sendo chamado á secretaria da guerra para dar cumprimento á sua extravagante promessa, limitou-se a escrever na margem do primeiro papel que ali encontrou: —*Dae espingardas aos sargentos.*—Com effeito fallava verdade, pois que ainda naquelle tempo elles usavão de piques e alabardas.

C. Sequeira.

ABRIL — 15

Disparate.—Se a feira de Belem durasse toda a vida, dizia um sujeito mettendo-se a bordo do vapor da carreira, o dono d'estes vapores enriquecia num anno!

E quanto tempo seria necessario para que o tal sujeito deixasse de ser tolo?

Nem um anno, nem toda a vida!

Outro.—Appareceu o seguinte annuncio num jornal inglez:

«Aluga-se uma casa situada no Strand para sempre, ou por mais tempo se se quizer.»

Este inglez e o portuguez dos vapores de Belem erão deveras fieis alliados.

Uma de Diogenes.— Diogenes, que tambem ás vezes saía da pipa a dar o seu passeio, encontrou-se um dia numa rua de Athenas com um mariola que levava ás costas uma pequena trave, e por desattento lhe tocou rijamente com ella, dizendo logo depois o — guarda!

Dissimulou por então o philosopho, e seguiu calado o seu caminho.

Dias depois topando por acaso noutra rua o mesmo bruto, desandou-lhe com o bordão no alto da bola, dizendo-lhe tambem depois — guarda!

ABRIL — 16

Algar do diabo. — Assim como ha pontes, cuja construcção é devida ao anjo mau, ha tambem algares que se crêem obra do mesmo autor.

Quem for da freguezia d'Arrimal, no concelho de Porto de Móz, para Alcobaça, encontrará perto da Bairrada, onde existe um arco de cantaria, a que os povos d'aquelles sitios chamão — memoria do rei — as ruinas de uma antiga habitação, onde outr'ora, dizem, morou um lavrador, que foi obrigado a mudar de sitio; e, pouco distante, uma grande cova, ou algar, que denominão — algar do diabo.

Um anno, durante as colheitas, vinha todos os dias, de manhã e de tarde, um bello novilho comer o melhor pasto e as espigas mais gradas ao lavrador. Este espantava-o, batia-lhe, mas o bezerro não deixava de voltar na manhã e tarde seguintes.

Um dia, esgotada de todo a paciencia do velho, deliberou avisar os lavradores que habitavam os casaes distantes; mas, como estes lhe respondessem que o bezerro não era seu, esperou-o á tarde de forcado em punho com o fito de o perseguir até ao curral a que se encaminhasse, afim de descobrir o dono.

Desce o novilho do visinho outeiro, e, em pouco mais de quatro pulos, acha-se na eira! Salta o velho, de for-

cado em punho, grita-lhe, maltrata-o, pica-o, persegue-o, acompanhá-o, até que, já cansado de correr, e de cravar as pontas do forcado no bicho, vê de repente abrir-se uma grande cova, e este sumir-se por ella abaixo! deixando um terrivel cheiro a resina, pez, e enxofre.

Conheceu o velho então que o destruidor do seu milho era o anjo das trevas; e, cheio de terror, mudou a sua habitação para outro sitio.

Passando em 1853 por ali, e observando o algar, que fica perto do caminho, contou-me um homem esta lenda. Desde então é que fiquei sabendo o motivo porque aquella grande cova e aquelle sitio se chamão — algar do diabo.

Antonio de Jesus e Silva (Vermoil).

ABRIL — 17

Estatistica chineza.— Segundo uma obra muito curiosa intitulada — *Doze excellencias da China*, escripta pelo jesuita Gabriel de Magalhães, que residiu na China pelo espaço de 29 annos, percorrendo as suas differentes provincias, tratando com as pessoas principaes d'ellas, e tendo livre entrada no paço dos imperadores, havia naquelle vasto imperio, meado seculo XVII, em que elle escreveu o livro:

321 pontes notaveis.

1472 rios e lagos navegaveis, fontes quentes e medicinaes.

2099 montanhas famosas, fosse pela sua fórma, fosse por causa das nascentes e mineraes que nellas se continhão, fosse pela sua extraordinaria altura.

1159 torres, arcos de triumpho, e obras magnificas erigidas em honra dos imperadores illustres, dos homens celebres pelo valor, ou pela sciencia, e das mulheres abalisadas pela sua castidade e virtudes.

272 bibliothecas notaveis pela magnificencia da sua construcção, e numero de livros que continhão.

709 templos consideraveis pela sua grandeza e architectura, construidos pelos chinezes em diversos tempos em memoria dos seus antepassados.

480 templos de idolos.

685 mausoleos famosos pela sua riqueza.

4402 povoações muradas, sendo 2045 da ordem civil, e 2357 da ordem militar. Além d'isso havia á roda das grandes muralhas que rodeião a China mais de 3000 torres e castellos.

A grande muralha que a separa da Tartaria, na extensão de 600 leguas, era então guarnecida por 900:000 soldados, afóra as tropas auxiliares que ali acudião em caso de necessidade. (*A.* de 56 pag. 171)

ABRIL — 18

Devoção ao santo altar da meza.—Um gastronomo refinado (ha muitos) estava num grande banquete aonde a conversação e os risos se forão a pouco e pouco animando e cres-



cendo até ao ponto de ser já difficil o entenderem-se.

—Meus senhores; bradou elle, peço mais attenção e socego ; assim ninguem póde saber o que está comendo.

Consummatum est!—A grande tragedia chegou ao desenlace; a victima innocente morre no Golgotha escalvado; mas, se o corpo humano fenece, a alma divina desprende-se dos laços, e vem animar a nova humanidade, nascida no sacrosanto berço.

No seu retiro de Caprea entrega-se Tiberio aos inauditos caprichos da sua infame devassidão; Roma, a grande prostituta, a Babylonia dos Cesares, abre o seio impudico ao mundo, que vence, e chama. A Grecia vai queimar no thuribulo romano o ultimo incenso da sua poesia; o voluptuoso Oriente vai recostar-se, rindo, nos flacidos leitos do triclinio imperial. A espada dos legionarios ceifa os bosques sagrados da Gallia, derruba os altares druidicos, abre



veredas nas agruras da Lusitania e da Cantabria. A purpura cesarea envolve o mundo nas suas pregas. Mas a toga republicana, transformando-se em manto de monarcha, transformou-se ao mesmo tempo em toalha de orgia. Ergue-se para o firmamento um hymno de embriaguez, e os povos, que empunhão a taça dos banquetes, não ouvem, no meio dos seus cantares lascivos, as duas notas soltas, que atra-

vessão lugubremente o seu côro de ebrios, uma que vem do Oriente, outra que do Norte surge, uma suave e plangente, outra pavorosa e ameaçadora, uma triste e dulcissima como suspiro de harpa eolia, outra horrisona e grave como o primeiro rugido da procella. Pois essas duas notas presagião a quéda do mundo antigo, porque uma é o brado de Jesus que expira, outra é o hymno de guerra dos barbaros que se atropellão ás portas do imperio.

Idolos vãos, moral depravada, desigualdades absurdas, despotismo oppressor, tudo baqueia, tudo desaba a esse brado de Jesus, e essa quéda immensa resume-se na admiravel synthese: *Consummatum est!* Da chrysalida do sepulcro santo vai nascer a nova borboleta. Após tres dias de espera anciosa, sobre as ruinas do mundo antigo ergue-se o magestoso edificio da civilisação moderna. O madeiro sêcco, plantado no Calvario, desata-se em ramaria magnifica, florí e fruteia, cobre-se de folhas, estende os braços, desdobra a copa, e á sua sombra augusta vem-se abrigar não já só o mundo mesquinho da antiguidade, mas tambem mundos novos, que hão de surgir do Oceano quando no relogio dos tempos soar a hora d'antemão marcada.

A luz que cinge a fronte de Jesus expirante ir-se-ha sempre alastrando; combatel-a-hão as trevas, pugnará largamente com ellas, empanar-se-ha bastantes vezes, mas dos eclipses passageiros surgirá mais radiante e mais bella, e ha de espraiar-se, espraiar-se até que cinja o mundo no seu manto de fulgor.

Toda a civilisação emana da cruz que ali campeia. Embora ás vezes surja um rebento isolado que pareça á primeira vista ter raizes suas, sigão-lh'as nos seus meandros, e verão que por caminhos ignotos lã se vão ligar com a raiz primitiva, com a raiz mãe que se aferra ás penedias do Calvario.

Embora muitas vezes um ramo venenoso pareça emanar da arvore sagrada, mirem-n'o attentos, e verão que foi planta estranha e parasita que traiçoeiramente se foi enroscar no

divino tronco. Da luz não surgem trevas; não crescem viboras no doce ninho das pombas.

Avante pois, humanidade! Não se extinguiu, nem se extinguirá nunca, o sacrosanto fanal. Derrame-se a luz, até que nem uma sombra haja no mundo; e só então poderemos proferir tambem a frase sublime que o Christo proferiu sobre o Calvario ao ver desdobrar-se ante seus olhos divinos o radiante panorama do futuro:

Consummatum est!

M. Pinheiro Chagas.

ABRIL — 20

O bicho do pau podre. — O sol dos tropicos derramou com prodigalidade nas terras abençoadas do Brazil ondas de esplendor: incendeu o diamante no seio das montanhas, e no magnifico docel azul do firmamento entornou os feixes de oiro dos seus raios.

Mais: ainda quando o astro do dia desapparece no occaso, não findão com elle as maravilhas: as estrellas fulgem no ceo, e phantasticas illuminações doidejão nas sombras espessas dos bosques.

Alada estrella, diamante vivo, o *bicho do pau podre,* como os negros lhe chamão, faz ondear por entre as flores o seu luminoso fanal. É um pyrilampo agigantado, como tudo que produz a vigorosa natureza dos tropicos. Consta de doze ou treze segmentos, que se unem uns aos outros como os anneis de uma serpente. O primeiro expande o clarão purpureo do rubim, os outros possuem o limpido esplendor do diamante. Ás vezes encolhem-se todos, e apresentão o aspecto de um magnifico annel de brilhantes com uma pedra vermelha!

Mas tudo se compensa: se a natureza tropical produz pyrilampos agigantados, tambem dá vida a formidaveis mosquitos. O prazer da vista paga-se com as dores das picadas. Não ha medalha sem reverso.

O canto do rouxinol. — Nessas deliciosas e amenas noites da primavera, quando o ceo está sereno, o luar brilhante, o ar perfumado, e a natureza toda em socego, e, por assim dizer, em sofrega espectativa, quem não tem experimentado uma doce commoção ao ouvir desprender as primeiras notas do canto do rouxinol? E quem depois deixou de se sentir melancolico, amoroso, e como que extasiado, quando elle solta seguidamente essa immensa e pasmosa serie de variações, sempre cheias de melodia e encanto? Cantando em todos os generos, empregando todas as expressões, desempenhando todos os caracteres, e collocando todos os ornamentos com a mais exacta conveniencia e esmero, sabe augmentar os effeitos por meio dos contrastes.

Umas vezes ouvem-se sons destacados, fortes, e vibrantes; outras, essas volatas vivas e rapidas, uma especie de descarga de notas, cuja limpidez só póde ser igualada pela sua volubilidade; agora é um murmurio surdo, e quasi imperceptivel ao ouvido, mas de certo muito proprio para realçar o valor dos sons mais apreciaveis; logo, accentos queixosos, cadenciados com suavissima brandura; umas vezes sons espalhados sem arte, mas despedidos com vigor; outras, sons vivos e penetrantes, mas doces, maviosos, verdadeiros suspiros de amor e voluptuosidade, que parecem sair do coração para fazer palpitar todos os corações. Estas differentes cantilenas são intermeadas de pausas, as quaes, como é bem sabido, concorrem efficazmente para produzir os grandes effeitos em toda a especie de canto. O rouxinol, pois, reune todas as condições do musico mais perfeito e completo: é o prototypo dos compositores, o mestre dos executantes.

Um curioso contou na cantiga do rouxinol dezaseis trechos differentes, perfeitamente distinctos pelas suas primeiras e ultimas notas, assim como alguem affirma que elle

nunca repete o mesmo trecho sem o animar por um novo accento. Isto é menos exacto. Nós ainda na ultima primavera tivemos occasião de verificar mais de uma vez que os trechos melodiosos do rouxinol chegavão até vinte, e que repetia a mesma cantiga até quatro vezes sem alteração de qualidade alguma. O alcance da voz d'esta tão pequena ave iguala, nas noites serenas, o da voz humana — uma milha em diametro.

Antonio Candido Palhoto (Chamusca).

ABRIL — 22

Os copistas. — Quando a imprensa foi inventada, chegára ao seu apogêo a arte da calligraphia. O trabalho aprimorado dos copistas fazia d'um d'esses codices com illuminuras uma joia artistica, ainda hoje admirada nas bibliothecas. As maravilhas da typographia moderna adivinhava-as e executava-as á penna o obscuro *scribens* do principio do seculo xv.

Havia dois modos de copiar livros: ou em longas tiras de pergaminho, e então chamavão-se *rotulos*, e dizião-se escriptos em *bandeiras*; ou em *folios*, como os livros actuaes. Estes encadernavão-se; os outros enrolavão-se em cilindros de buxo, ou de ébano.

As copias simples erão escriptas a tinta preta, como as rubricas dos capitulos e as iniciaes dos paragraphos a tinta vermelha. As opulentas tinhão primorosas miniaturas, e as rubricas e as iniciaes illuminadas a oiro e a prata, a mil cores emfim.

Os copistas escrevião no pergaminho com a penna de ferro a que chamavão *estylo*, e em papel com penna de pato, ou de outra ave. Mettião os tinteiros em argolas de ferro ou de latão.

A respeito dos copistas em Portugal vejão-se as eruditas notas feitas pelo sr. Arnaldo Gama ao seu magnifico romance *A ultima Dona de S. Nicolau.*

CHARADA XII

Em noite de estio,
O som repetido
Não ouves ao longe
Tão grato ao ouvido? 1

O — a — pelo — o —
Tu deves trocar,
Se queres o encanto
Mais livre gozar. 1

Senão, ao trabalho,
Que o tempo convida,
E é lei a que Deus
Sujeitou a vida. 2

Tenue como espuma
Que a ardencia desfaz,
Meu ser primitivo
Esvair-se v'rás!

Depois, oh que lindo
Matiz seductor,
Se volve de novo
Á vida, ao calor!

D. Guiomar D. N.ª Torrezão.

As grandes nações. — «Os fogos de vista em Veneza terminão com um feixe luminoso, cujo resplendor eclipsaria o sol no seu zenith.

«Depois d'isso ainda fica mais profunda a noite — a noite que pertence aos ladrões.

«O dia que se segue ao esplendor de uma grande nação, é a noite de um fogo de vistas.»

Este pensamento, que encontrámos no *João Sbogar*, de Carlos Nodier, encerra uma grande e dolorosa verdade. Que espessa noite a que ensombra as ruinas da velha Roma! Que lobregas trevas as que se seguiram ao esplendor do nosso poderio!

As grandes nações expião a sua prosperidade.

O Bussaco. — O que ha mais inspirador em Portugal que estas montanhas sagradas? Hoje, que as novas instituições desaffrontaram a erma floresta dos seus asceticos habitantes, ainda esse templo sublime, que tem cedros por columnellos, verdejantes copas por abobadas, o ceo azul por cupula, aromas por incensos, e por orgão magnifico a ramaria das arvores, onde susurra o vento, parece mais grave e magestoso do que quando o habitavão esses cadaveres vivos, chamados monges, que protestavão pela sua obstinação em se envolverem na lugubre mortalha contra o cantico da vida entoado por essa natureza esplendida! Nunca pudémos comprehender a poesia religiosa d'esse ascetismo lugubre que offerecia a Deus, como um tributo digno d'elle, a morte dos affectos, esses filhos do ceo, e em vez de expandirem sobre a humanidade a urna de suas virtudes, ião enterral-a, como uns avaros, no seio dos bosques ermos.

Oh! como devem ser mais agradaveis a Deus esses murmurios dos cedros, dos cedros que em cada ramo escondem um ninho, e em cada ninho um mundo de affectos, esses perfumes das flores, thuribulos que expandem generosamente no seio das brisas os thesouros das suas fragrancias, do que as preces funebres d'esses espectros lívidos, sem patria, sem familia, sem amigos, lugubres egoistas do tumulo, entes sem nome, que a natureza, toda amor, toda carinho, toda luz, toda vida, toda harmonias parecia repellir com as suas galas!

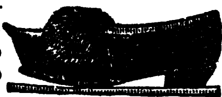
Um amigo da natureza.

Um ovo por um real. — Costumando certa mulher de muito mau genio fazer perder a paciencia a seu marido por qualquer bagatella, e tendo-o incitado um dia ao ultimo ponto, pegou este num pau, e lhe deu de tal modo que lhe quebrou um braço. Chamou-se um cirur-

gião, que a curou; e querendo a mulher fazer perder ao marido a vontade de a maltratar tão cruelmente, entendeu-se com o cirurgião para que este pedisse ao marido quinze moedas pela cura. Não se admirou elle da exorbitancia da quantia, e disse com o maior sangue frio ao cirurgião, no acto de lhe entregar o dinheiro: —Aqui tem, meu amigo, outras quinze pelo trabalho que ha de ter a primeira vez que eu quebrar a minha mulher o outro braço!

ABRIL — 25

Uma casquilha e o seu sapateiro. — Uma senhorita com grandes presumpções de ter os pés como as chinezas, que quasi não têem pés, recommendou a um sapateiro, que a servia pela primeira vez, que lhe fizesse o calçado mais justo que possivel fosse. Tomou-lhe o mestre a medida escrupulosamente, e mandou-lhe a obra tão esmerada, que não havia mais pedir.



Infelizmente ainda mal a fréguesa a não tinha experimentado, ou dado meia duzia de passos quando já os sapatos se lhe rião por todas as costuras.

Chamado o mestre, e ouvida a queixa, examinou elle com a maior attenção a sua obra, de que tanta gloria esperava, e, depois de pensar alguns minutos, disse, como quem acabava de resolver um problema difficil: —Parece-me que vou jurar porque estes sapatos rebentaram: a senhora andou com elles, aposto!

Desforra a tempo. — Querendo certo individuo rir á custa de outro que não passava por muito esperto, disse, no momento de o apresentar numa sala: — Meus senhores, tenho o prazer de lhes fazer conhecer o sr. Fulano, que não é tão asno como parece. Ao que este immediatamente respondeu: —É essa a unica differença que ha entre nós ambos.

Accedeu! — Um marido, apaixonado por sua mulher, e que não era correspondido, queixava-se-lhe um dia de ser tratado por ella tão fria e ceremoniosamente que nunca lhe dissera, nem uma só vez, *tu;* e terminou supplicando-lhe que lhe désse tão doce tratamento.

— Pois sim, torna a altiva esposa, enfastiada da insistencia, *vae-te embora!*

Um mordomo zeloso. — Senhor marquez, trago aqui a nossa continha, que já não é das mais modernas; disse um alfaiate ao seu ex.mo devedor, mas pouco excellente fréguez, entrando-lhe certo dia em casa.



— Pois tudo isto está ainda por pagar?!

— Saberá v. ex.ª que sim.

— Pois ainda não recebeu nada á conta?!

— Uma bofetada do mordomo de v. ex.ª!

— Nada mais?

— Por ora mais nada; isto é, só uma coisa lucrei em servir esta casa: foi aprender a dar *pontos sem nó.*

DEUS, AMOR E POESIA

Á ex.ma sr.a D. M. Isabel

Escuta, virgem: quando, em noite placida,
Mil soes reluzem nos longinquos ceos,
Não sentes n'alma um murmurio mystico,
Que vai no espaço murmurando — Deus?

E em tarde amena, quando finda o transito
Titan, perdendo seu vivaz fulgor,
A brisa sôlta divagando, tepida,
Que vem dizer-te? que te ensina? — amor.

E após, a lua que se arvora limpida
Desenrolando seu argenteo veo,
Ness'hora doce de poesia magica,
Não foge a alma remontando ao ceo?

A. C. N.

O galucho. — Quando o coronel Gomes commandava o regimento n.º 11, chegou-se ao pé d'elle um galucho, e disse:

— Tenho para pedir a v. ex.a um favor.

— Então o que é? perguntou o coronel.

— Se tinha a bondade de me dar um mez de licença.

O coronel não gostou do pedido, e disse-lhe:

— De que companhia és tu?

— Sou da primeira, meu coronel, n.º 175; para o que quizer estou ás ordens de v. s.a.

— Já me déste ex.a, dás-me agora s.a, d'aqui a pouco dar-me-hias um tú. Quero que vás para o quartel.

M. F. (S. Margarida).

A concha de S. Martinho.—A seguinte descripção da actual concha de S. Martinho, (assim se chama á barra e porto d'este nome, em consequencia da configuração que têem) e a importancia da antiga, fazem parte d'uma memoria sobre os melhoramentos que o seu estado está exigindo, apresentada em 1857 ao sr. visconde da Luz, pelo sr. engenheiro Tiberio Augusto Blanc. Hoje, depois do caminho americano, que liga o pinhal de Leiria com o porto de S. Martinho, a importancia da concha, e a necessidade de a desobstruir póde dizer-se que subiu de ponto:

«A concha de S. Martinho está situada na costa, entre a praia da Nazareth e a lagoa de Obidos, das quaes dista uma legua proximamente. A tres leguas para N. E. encontra-se a populosa villa de Alcobaça; ao nascente, a duas leguas de distancia, existe a moderna villa das Caldas da Rainha, celebre pelo seu grande mercado e aguas thermaes; e a duas e meia, ao sul, está situada a antiga villa de Obidos encerrada em suas moiriscas e alterosas muralhas. Entre estas villas e a concha existem muitas outras povoações, avultando, entre ellas, Sallir, Alfeizerão, e S. Martinho. Todas estas tres povoações já forão grandes villas, e banhadas pelas aguas da concha, como está sendo ainda hoje S. Martinho. O diametro da concha na baixa-mar das aguas-mortas é aproximadamente de 1:200 a 1:400 metros; a sua profundidade é muito pequena, tendo hoje na barra, quando muito, quatro metros; e no ancoradoiro mal podem fluctuar alguns hiates, por haver neste logar um grande banco, devido ao deslastramento dos navios, o qual é quasi visivel nas marés baixas. A largura da barra é de 200 a 300 metros, e o seu comprimento não excede a 1:000 metros. Os navegantes, logo que se achão a um quarto de legua arredados da concha, considerão-se no alto mar, a cuja distancia encontram mais de 40 metros de fundo.

«Em tempos remotos foi o porto de S. Martinho (então de

Sallir) de grande e extraordinaria importancia, por isso que ali affluião muitas embarcações, estendendo-se então suas margens até á villa de Alfeizerão (a qual está hoje quasi meia legua distante da concha), como consta de documentos que existem no cartorio do mosteiro de Alcobaça, por quanto foi ali mandado um commissario no principio do seculo XVII a examinar o ancoradoiro, e encontrára 80 navios fundeados. A sua antiga importancia, tambem se deprehende dos foraes dados em 1515 por el-rei D. Manoel, bem assim da carta de foraes dada a S. Martinho em 1295, pelo D. abbade do dito mosteiro. Parece tambem ser fóra de duvida, que nos fins do seculo XVII, se construiram naquelle porto as naus *Nossa Senhora da Nazareth*, e a *Oliveirinha*, ambas de 60 peças; e que no principio do seculo XVIII tambem se fabricaram duas fragatas de mais de 30 peças cada uma, sendo constructores Antonio da Silva e Manoel Vicente. Com taes fundamentos, pois, não é permittido duvidar de que fôra naquelle porto onde se construiu a maior parte das embarcações que acompanharam a armada que levou infelizmente el-rei D. Sebastião á costa d'Africa.»

Abbade cumprimenteiro.—Um poeta abaixo de mediocre, Ximenes, lia em certa occasião uma das suas tragedias, crivada de versos e pensamentos que lhe não pertencião, ao abbade Voisenon. Este, repetindo uma graciosidade já attribuida a Piron, ou a Voltaire, levantava-se a cada instante para fazer uma profunda cortezia.

—Que diabo significão essas vossas saudações? lhe diz por fim o poeta, já impacientado.—Significão que devemos ser polidos e cortejar as pessoas do nosso conhecimento quando passão, respondeu-lhe o abbade.

Esta anecdota, pertença a sua originalidade de direito a quem pertencer, póde perfeitamente applicar-se a todos os que, sem escrupulo, se aproprião do que outro escreveu, não tendo muitas vezes nem sequer o trabalho de lhe mudar um pouco a fórma.

Os kalendarios romanos. — A critica moderna tem sabido descobrir nas *folhinhas* dos antigos denominadores do mundo apontamentos importantes para a historia de Roma.

Havia kalendarios de duas especies: gravados em pedra, ou copiados em folhas semelhantes ás dos almanachs populares da actualidade, que se pregam atraz da porta. Os que se gravavão em pedra continhão em geral dois kalendarios um era o de Numa, kalendario mysterioso e sagrado, cujo conhecimento os patricios reservavão para si, e que foi revelado ao povo por Cneio Fulvio, escriba dos pontifices. Este kalendario continha os nomes dos antigos deuses do Lacio, proscriptos depois em parte pelos deuses gregos, Quirino, Conso, Robigo, Volturno. As festas indicadas erão as anteriores á expulsão dos reis.

O outro kalendario é o do imperio, e mostra-nos claramente o ponto a que chegára o servilismo dos romanos. Os fastos de Prenecto mencionão como festividades publicas dias commemorativos dos acontecimentos felizes da vida particular e publica de Augusto, dia do seu nascimento, o do nascimento dos seus filhos, dos seus triumphos, e da morte dos seus inimigos, etc. Depois os kalendarios não pararam em tão bom caminho: —Manchámol-os com as nossas adulações, dizia Tacito.

Ha alguns kalendarios, do tempo em que principiava o christianismo a ser a religião dos imperadores, que nos dão os mais extravagantes exemplos da transição do paganismo para a religião de Jesus. O kalendario de Sylvio menciona o dia da festa pagã das Lupercaes, e lógo depois o dia de S. Pedro e S. Paulo!

Que miscellanca!

Segredo.— O meu segredo, diz um escriptor oriental, é o meu escravo; se elle me escapa tornar-se-ha meu amo.

ENIGMA III

Ha um substantivo portuguez que tem oito lettras, com as quaes se podem formar vinte e oito outros substantivos, tambem portuguezes, pela fórma seguinte:

A 1.ª, 2.ª e 3.ª lettras formam um
A 2.ª e 3.ª » » outro
A 6.ª, 7.ª e 8.ª » » »
A 7.ª e 8.ª » » »
A 1.ª e 8.ª » » »
A 1.ª, 2.ª, 7.ª e 8.ª » » »
A 6.ª, 7.ª, 1.ª e 2.ª » » »
A 1.ª, 8.ª, 3.ª e 2.ª » » »
A 3.ª, 2.ª, 1.ª e 8.ª » » »
A 2.ª, 3.ª e 8.ª » » »
A 1.ª, 2.ª, 3.ª, 7.ª e 8.ª » » »
A 3.ª, 8.ª, 1.ª e 2.ª » » »
A 2.ª, 1.ª, 8.ª e 3.ª » » »
A 4.ª, 5.ª e 8.ª » » »
A 4.ª, 5.ª e 2.ª » » »
A 6.ª, 7.ª, 4.ª e 8.ª » » »
A 3.ª, 2.ª, 4.ª e 8.ª » » »
A 5.ª, 3.ª e 2.ª » » »
A 5.ª, 3.ª, 7.ª e 2.ª » » »
A 2.ª, 1.ª e 8.ª » » »
A 1.ª, 2.ª, 4.ª e 8.ª » » »
A 4.ª, 5.ª, 6.ª e 8.ª » » »
A 1.ª, 5.ª, 4.ª, 3.ª e 2.ª » » »
A 3.ª, 2.ª, 5.ª e 8.ª » » »
A 3.ª, 5.ª, 4.ª e 2.ª » » »
A 4.ª, 5.ª, 6.ª e 2.ª » » »
A 1.ª, 5.ª, 3.ª e 2.ª » » »
A 2.ª, 7.ª e 8.ª » » »

Qual é?

Quem adivinhar ganhará uma bella modinha petanguiense.

Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior (Petangui).

CHARADA XIII

A

F. P. S. M.

Afamado matador de charadas

Attenção, caçador! Uma charada,
Nunca vista, confusa, intrincada!

O todo rouba a primeira, 2
Se pratíca a derradeira. 2

Não é volatil;
Não é levita;
Não é quadrupede;
Na agua habita.

Duarte Augusto Alvares Ribeiro
(Figueira de Cástello-Rodrigo).

Boa resposta a um paradoxo. — Tinha para si o padre Hardouin (e talvez que para si o não tivesse, mas só para os outros) que os famigerados escriptos dos classicos romanos e gregos erão pseudonimos, e fraudulentamente compostos e publicados sob esses nomes millanarios e illustres na sombra e silencio dos claustros por frades eruditos e habilidosos.

Ao que lhe respondeu uma vez o enthusiasta da velha Roma, o satyrico Boileau: — Eu de frades em geral não gosto muito; mas não se me dava de conviver com Fr. Virgilio, com o padre mestre Horacio, com D. Homero, e com os reverendissimos Juvenal, e Aulo Persio.

Entre as rapidas tormentas,
Viça e cresce na hastea a flor;
Entre ligeiros desgostos,
Brota nas almas o amor.



Modo facil de se mascarar. — Um sujeito muito feio tinha o pessimo costume de desfigurar ainda mais a sua grotesca pessoa por andar pouco lavado, por grande desleixo em seu trajo, e pouco asseio na roupa branca.

Querendo um dia ir a um baile de mascaras, e perguntando a um amigo de que modo se havia de disfarçar para não ser conhecido, respondeu-lhe elle : —Nada mais facil: lave-se, e vista camiza lavada!

Por bagatellas. — Duprat, bispo de Clermont, morreu em 1560, na idade de 72 annos, porque os conegos da sua cathedral o querião forçar a cortar a barba.



Castillo, pintor hespanhol do seculo XVII, morreu aos 66 annos, porque se reconheceu inferior ao grande Murillo.

O famoso compositor Corelli tanto se preoccupou que veiu a morrer de pena, porque Scarlatti, criticando-o, lhe disse que elle se havia enganado no valor de uma nota.

Já é morrer por bem pouco, pois não é verdade? Ainda houve porém quem o fizesse por menos:

Alexandre Guidi, denominado Pindaro italiano, indo certo dia a Castel-Gaudolfo para offerecer a Clemente XI um bello exemplar illustrado de seis homilias do pontifice, que elle tinha traduzido em verso, aconteceu-lhe abril-o ao acaso no caminho, e descobrir um erro de imprensa! Tanto isto lhe foi doloroso, que o pobre Guidi, chegando a Frascati, caiu apopletico, e expirou poucas horas depois, a 12 de Junho de 1712.

Se tanto nos penalizassemos com as erratas, saltos de composição, e outros desares typographicos, que todos os dias, por assim dizer, nos estão acontecendo, ha já muito que não existiamos.

MAIO — 3

Amar a vida. — Foi por muito tempo theoria assente, e é ainda hoje para asceticos, o desprezo da vida mortal, e o odio a este exilio terreno em que vivemos. Quanto não é preferivel o suave, o doce, o meigo pensamento de Silvio Pellico, o martyr do Spielberg!

Amemos a vida, mas amemol-a, não por causa dos seus vulgares prazeres, e das suas miseras ambições: amemol-a pelo que tem de importante, de grande, e de divino! amemol-a porque é o exercicio dos meritos, porque é cara ao Omnipotente, e para elle gloriosa; gloriosa e necessaria para nós.

Amala ad onta dė suoi dolori, diz elle no seu formoso livro sobre os deveres dos homens; e até por essas mesmas dores, porque são ellas que a nobilitão, são ellas que fazem germinar, crescer, e fecundar no espirito do homem os generosos pensamentos, e as generosas vontades!

Não será bem mais christã esta theoria?

MAIO — 4

Borba.— A fundação d'esta notavel villa é de antiga data. Sabe-se que estava debaixo do dominio dos arabes, e que em 1217 foi conquistada por D. Affonso II, que a mandou povoar de novo. D. Diniz deu-lhe o foral, e fundou o castello que tem.

A tradição diz que a origem do nome de Borba vem de um grande barbo, que appareceu em uma fonte (que ainda hoje existe) junto á muralha do castello; o que é facto é que as suas armas são um barbo, um castello, e uma sovereira.

A situação d'esta villa é muito aprazivel: está rodeada de um tão grande numero de quintas, hortas, olivaes, e vinhas, que, posto as suas bellezas não sejão do genero das de Cintra, muitos lhe dão o nome de Cintra do Alemtejo.

É muito abundante de aguas; está dividida em duas fréguezias: a de Nossa Senhora do Sobral, que é a matriz, e a de S. Bartholomeu, e tem um sofrivel hospital, e misericordia com collegiada, um recolhimento, e um convento de freiras.

A industria de Borba não é muito limitada; e o genero que mais exporta é vinho, estimado em todo o reino.

Tambem exporta grande porção de azeite.

Tem uma bella fonte publica, mandada construir em 1781 pela camara municipal.

Nota-se em Borba o progresso que nestes ultimos annos se tem desenvolvido, bem como os melhoramentos que se têem feito, sendo um d'elles a collocação de todas as repartições no bello edificio dos paços municipaes, tudo devido ao zelo e patriotismo das suas autoridades administrativas.

Um borbense.

MAIO — 5

LOGOGRIPHO IV

Sendo bella nos seduz!
Mil encantos lhe encontrâmos!... 1.ª e 3.ª
Que prazer ali fruímos,
E que delicias gozâmos!... 1.ª e 2.ª

Sendo bella nos encanta,
E nos traz d'amor perdido... 4.ª e 2.ª
Tirando os raios do sol
Torna abrigo appetecido... 3.ª e 2.ª

É indicio de desgraça;
Isso lá não tem questão... 2.ª e 1.ª
—Procura-me um companheiro,
Não o procuras em vão.—

Guilherme Augusto Cezar de Castro (Porto).

MAIO — 6

Um testador? ou dois?—Poucos dias antes de morrer na sua residencia em Londres o nosso bem conhecido escriptor padre Amaro, resolveu-se a fazer testamento do pouquissimo que possuia.

Ao acto assistiram outros portuguezes, emigrados como elle, achando-se nesse numero o celebre padre Marcos, arcebispo que veiu a ser de Lacedemonia.

Ditava o moribundo, escrevia o tabellião, os circumstantes escutavão com religioso silencio.

Parecendo ao padre Marcos que as posses do seu amigo não davão para a largueza com que elle ia estabelecendo legados, atreveu-se a interrompel-o e ir-lhe á mão com seus reparos dubitativos.

Escutou-o o enfermo; e, sem lhe responder, continuou a ditar, alargando-se nas deixas ainda mais.

Não se poude ter o censor, e novamente lhe acudiu com as suas estranhezas; ao que o doente, puchando por si, e sentando-se na cama, respondeu com voz desfallecida: — Ó Marcos, qual de nós é que morre? se és tu, dita lá o testamento; agora se sou eu, deixa-m'o fazer á minha vontade!

Foi-nos este facto contado por testemunha presencial e de toda a conta: o sr. major Zacharias Aça, intimo, companheiro, e collaborador, que foi, do mesmo padre Amaro.

MAIO — 7

Morte preferivel.—Um soldado francez, sendo condemnado á morte, implorou a Napoleão I que lhe perdoasse.

—Não posso consentir no que me pedes, respondeu o imperador.

—Senhor, confesso ter perpetrado o crime de que me accusão, e reconheço que devo ser castigado; mas o genero de morte que me destinais é horroroso.

—Sendo só isso o que te inquieta, poderei conceder-te um favor.

—Qual, senhor?

—Escolheres o genero de morte com que preferes acabar a vida.

—Mil vezes obrigado, senhor; acceito.

—Escolhe: como queres morrer?

—De velhice.

O imperador, conhecendo o logro, pôz-se a rir, e perdoou-lhe.

* * * (Grijó).

MAIO — 8

Perspicacia dos arabes. — São os arabes que habitão os desertos de Africa dotados de um tacto particular, que os habilita a conhecer as differenças das pisadas que descobrem na arêa.

Auxiliados, pois, da sua natural tendencia, conseguem descobrir mediante larga pratica:

1.º Se as pisadas são de individuo da sua tribu, ou de alguma outra; e, por conseguinte, se o que passou é seu amigo, ou inimigo.

2.º Conhecem, pela profundidade da impressão da pisada, se o que a fez ia ou não carregado.

3.º Pelo estado mais ou menos recente da pisada, determinão se o transeunte passou no mesmo dia, ou se em outro.

4.º Finalmente, por certa regularidade dos intervallos de um a outro passo, julgão se o caminhante ia ou não cansado; servindo-lhe este indicio de base para calcular a probabilidade de alcançal-o.

Os arabes não só distinguem as pisadas humanas, mas tambem as dos irracionaes; resultando-lhes d'estes conhecimentos diversas vantagens para o exercicio das suas occupações, e de plano para a guerra.

Mathias Firmo.

CHARADA XIV

Não atinas co'a charada
Sem buscares o conceito:
Não por ser mui complicada,
Mas por ter mui pouco geito. 2

Ainda que boa, posso
Em putrefacção estar.
Vê, medita, e pensa bem,
Que a podes adivinhar. 1

Vamos agora ao conceito:
Começarei por dizer
Que alguma das que conheces
Tal sobrenome ha de ter.

L. A. Ferreira (Pombal).

Rei achado. — Assim denominaram os inglezes a Filippe de Valois, e tambem os belgas, que o não querião reconhecer por legitimo herdeiro da corôa de França.

Quando este principe veiu em 1328 sitiar Cassel, os belgas, dizem as chronicas de S. Diniz, longe de se atemorisarem, levantaram as suas tendas fóra da cidade, e forão acampar sobre o monte proximo, afim de que os francezes os pudessem ver á sua vontade.

Fizeram mais. Para escarnecer do rei, e de todo o exercito, collocaram no alto do seu campo, sobre um poste, um grande quadro com um gallo pintado, e por cima este letreiro:

Quand ce coq ici chantera,
Le roi trouvé ci entrera.

Custou-lhes cara a irrisão, porque os francezes atacaram-n'os, e os belgas, vencidos, deixaram treze mil mortos no campo da batalha. É celebre na historia d'aquelle povo a sanguinolenta derrota de Cassel por Filippe de Valois.

Soldadas pagas.—Daniel Pereira, criado da real casa de Bragança, queixava-se repetidas vezes de não lhe mandar pagar o duque D. Theodosio os seus ordenados. Certo dia dirige-se o criado ao confessor do duque, e pede-lhe para que intervenha na pendencia, pois era de presumir que a voz do reverendo ecclesiastico movesse o amo ao pagamento do que se lhe devia. Assim o fez o padre confessor; mas o duque, sem dar mostras de enfado, respondeu-lhe:

— Não sei se sabeis que esse criado entrou no serviço d'esta casa sem trazer de seu mais que uma capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher e filhos vestem galas, e comem tão bem como os que se sustentão da nossa meza. Perguntae-lhe vós se lhe faltou, depois que nos serve, alguma coisa; e dizei-lhe que assás mercê lhe fazemos em não mandar ao nosso desembargo que lhe tome contas, e examine as superfluidades da sua casa, e de seu trato, porque, se pucharmos por isso, é de temer que tenhamos d'elle queixas mais graves que as que dá de nós.

Simeão Pinto Victorino (Brazil).

A prol da belleza. — Um dos argumentos que mais geralmente se empregão contra a belleza, diz Affonso Karr no seu gracioso livro *As mulheres*, é a sua pouca duração. Mas o que é que tem duração? Não devemos admirar o sol, porque as trevas se lhe hão de seguir? a primavera, porque virá depois o inverno? Não prestão os pecegos, porque os comemos em tres dentadas? Desdenha-se ali pelas onze horas da manhã uma succulenta costelleta, porque sabemos que não será immortal como o figado de Prometheu? Recusa alguem respirar o perfume das rosas, porque as rosas dos jardins durão menos do que as artificiaes feitas de pano e de papel?

São argumentos a um tempo graciosos e acertados.

Dinheiro mal empregado.—Concorria toda a gente a ver a collecção de animaes que esteve ultimamente em Lisboa, e se mostrava na rua do Outeiro.



— V. ex.ª já os foi ver? perguntava um sujeito a uma senhora conhecida pelos seus bons repentes.

— Dar um tostão para ver brutos! respondeu ella; o dobro daria eu para não ver tantos!

MAIO — 12

Uma consolação a tempo.—Um moço muito esturdio de um capitão de navio, estando a limpar á borda da amurada um bule de prata pertencente ao amo, deixou-o, sem querer, escapar da mão, e cair ao mar.

Correu logo á camara do commandante, e disse-lhe:

— Commandante, póde-se dizer que uma coisa está perdida, quando se sabe com a maior certeza onde ella pára?

— De certo que não.

— Bravo! então não tenha cuidado no seu bule: está no fundo do mar.

Um original. — Entre os excentricos do theatro francez, um dos mais celebres foi, sem duvida, Révalard, actor, e depois tambem director d'uma companhia ambulante



Em uma cidade de provincia onde o seu theatro tinha estado todas as noites ás moscas, Révalard, na vespera da partida, fez affixar um cartaz em que se lia o seguinte: «A companhia de mr. Révalard, extremamente penhorada pelo generoso acolhimento dos habitantes d'esta cidade, tem a honra de lhes annunciar que, em vez de partir no sabbado, como era sua primeira tenção, sairá ás seis horas da madrugada do dia de ámanhã.»

Na representação d'um melodrama em que havia um bombardeamento, aconteceu dar a bucha de um morteiro na cara d'um espectador. Para tranquillisar os animos dos timoratos que se arreceiavão das buchas, e que talvez não voltassem ao theatro, Révalard juntou ao cartaz a seguinte advertencia. «Previnem-se as pessoas que nos honrarem com a sua presença que, d'ora ávante, o bombardeamento será á arma branca.»

PERDÃO!

............Anjo do ceo,
Perdoa a quem te offendeu!
BULHÃO PATO.

Anjo, emfim! eis-me rendido!...
Eis-me a teus pés fascinado!
Vê como estou demudado
De louco que tenho sido...
Se andei por longe perdido,
Eis-me outra vez algemado!

Outra vez, anjo bondoso,
Volve a dita do peito meu,
E és tu que me abres o ceo.
Que coração generoso!
Anjo, esquece o criminoso,
Perdoa a quem te offendeu!

E eu offendi-te... bem sei,
Com magoa funda o confesso!
Oh! nunca, nunca me esqueço
Da indiff'rença que te dei;
Nem eu talvez mer'cerei
O perdão que ora te peço.

Quão fatal... ai! quão pungente
Ha sido ao meu coração
A louca divagação
Em que errou a minha mente!
Por piedade, anjo clemente,
Ao desvairado — perdão!

Perdão! Joelhos em terra,
Venho a teus pés supplicante!
Vê o remorso incessante
Que hoje minha alma encerra!
Este peito não mais erra;
Juro-te affecto constante.

....
....

Mas, no teu rosto formoso,
Espelho do coração,
Vem reflectir-se a expressão
D'um pensamento amoroso!
Obrigado... anjo bondoso,
Leio em teus olhos *perdão!*

S. C. (Coimbra).

O que é não ter meio tostão. — Prégava na igreja de S. Roque, em Paris, o padre Coeur; um sol-

dado que passou pela igreja, vendo tanta gente, e não tendo que fazer entrou, para matar tempo, e sentou-se numa das pouquissimas cadeiras que ainda estavão devoluto. Chegou-se a elle a mulher que as alugava (segundo o costume de lá) e requisitou-lhe o meio tostão devido.

— Meio tostão! respondeu o soldado; se eu tivesse meio tostão não me apanhava você cá; então era eu quem prégava na taverna!

MAIO — 15

Os retratos. — Ao pintor Pedro Antonio José dos Santos, que muita gente por ahi ainda conheceu, aconteceram passagens das mais curiosas:

Uma vez foi um namorado procural-o para que o retratasse de corpo inteiro, com um livro na mão, a ler em voz alta, para entreter a uma senhora, emquanto ella bordava; a senhora era a que elle andava requestando.

— Mas como posso eu fazer o retrato da senhora, sem a ver?

— Pinte-a de costas para os espectadores; não é muito polido, mas não ha outro remedio.

Noutra occasião, um caixeiro de um mercador abonado, entrou-lhe no gabinete com todo o ar de mysterio, e, depois de bem certificado de que ninguem os ouviria, e vencendo uma grande timidez, lhe disse debaixo do sigillo de confissão: eu, e a filha do meu patrão namorâmo-nos; ella deseja por todos os modos ter o meu retrato, e obrigou-me a prometter-lh'o, sob pena de nunca mais olhar para mim. Ora eu queria-lhe fazer a vontade; mas, ao mesmo tempo, não queria arriscar-me a perder o commodo, se a mãe, por alguma d'estas que o diabo ás vezes arma, lhe fosse dar com o contrabando; o que eu então pretendo é que o sr., já que tem tanta habilidade, me faça o retrato de modo que se a mãe, o pae, ou as tias o descobrissem, não pudessem adivinhar que era meu!

Jorge Dosa.— Jorge Dosa, de nação siciliano, sendo, por uma sublevação do povo, acclamado rei da Hungria, poz-se em campo á frente dos seus partidarios contra os que lhe disputavão o throno: em quatro mezes de guerra civil converteu-se o *seu futuro reino* em um montão de ruinas, e as barbaridades, por elle praticadas, agoiravão para a Hungria um segundo Nero, se por desgraça o timão do estado lhe caisse nas mãos.

Derrotado em 1574, caiu o infeliz aventureiro nas mãos dos seus contrarios, que bem caro lhe fizerão pagar a tentação de ser rei coroado. Horrorosas são as peripecias do seu martyrio; prolongado e penosissimo foi o passamento do infeliz.

Um throno, uma corôa, e um sceptro de ferro em braza forão os utensilios para o seu supplicio: sentaram-n'o no primeiro; cingirão-lhe a cabeça com a segunda; e obrigarão-n'o a empunhar o ultimo.

Abrirão-lhe em seguida um veia, e derão a beber o sangue a um irmão, que o tinha acompanhado na empreza.

Lançarão-lhe tres homens esfomeados, e em poucos momentos estavão os seus membros devorados ou dispersos!!...

Após tantas scenas de horror e barbaridade, juntaram os restos espalhados pelo chão, cozerão-n'os, e derão-n'os a comer aos seus companheiros, que jazião nos carceres.

Jorge Dosa sofreu o martyrio sem soltar um ai, e sómente pediu que poupassem seu irmão.

Os outros prisioneiros forão: uns esfolados vivos; outros empalados, e muitos mortos á fome.

J. V. Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Cortezania por isca d'anzol. — Um lapidario apresentou a Philippe II, cognominado o Prudente, um annel com tal brilhante que admirou toda a côrte. Perguntou-lhe o monarcha quanto lhe havia custado; e, sabendo que setenta mil cruzados, ficou pasmado de que um

lapidario tivesse animo para comprar um brilhante por tão alto preço, e disse-lhe:

— Então em que pensaste quando déste setenta mil cruzados por aquelle brilhante?

— Senhor, respondeu o lapidario immediatamente, pensava em que havia um Philippe II a quem o offerecer.

MAIO — 17

CHARADA XV

Bem parece em casa pobre. 1 Da vida o caminho é assim:	Ora espinhos nos descobre, Ora as flores d'um jardim. 3

A vista de tão alto monumento
Mais alto nos eleva o pensamento.

Dona M. da G. (Vizeu).

MAIO — 18

Album original.—O *album* que se deve provavelmente considerar como o mais original, e o mais volumoso de todos os *albuns* conhecidos, é o do barão de Burkana. Este personagem, que, depois de haver percorrido a Europa, e uma grande parte da Asia, morreu em Vienna em 1766, tinha nascido em Allepo, e sido criado na côrte do imperador de Allemanha. O seu *album* continha 3532 testemunhos de estima e de amizade, em prosa e verso, cumprimentos, louvores, pensamentos, maximas, epigrammas, anecdotas, etc.

O seu proprietario tinha-lhe posto o seguinte titulo, escripto em francez e em latim:

Templo da piedade, da virtude, da honra, da amizade, e da fé, consagrado á lembrança duradoira e eterna. Vós todos

que sois pios como Eneas, fortes como Hercules, amigos como Pylades, fieis como Achates, entrae, e honrae-o com a vossa presença. A isso vos convida

O barão de Burkana, *Allepo-Syriaco.*

Este *album* em que havião escripto Montesquieu, Voltaire, Crébillon, Muratori, Molina, Metastasio, Gessner, e outros muitos homens celebres, acabou por pertencer a Goethe, e hoje não se sabe aonde pára, se é que ainda existe.

MAIO — 19

A columna de Nelson.—É assim que se denomina um monumento, que os habitantes de Dublin levantaram á memoria do heroe, que tem um nome immortal nos fastos navaes da Gran-Bretanha. Este heroe é o almirante Nelson.

Foi-lhe lançada a primeira pedra pelo duque de Richmond a 15 de Fevereiro de 1808; a columna tem 121 pés e 3 polegadas de altura; no cimo avulta a estatua de Nelson, de 13 pés de alto.

Nas faces do pedestal lêem-se os seguintes nomes, que recordão as principaes victorias de Nelson:—*S. Vicente*—*Nilo*—*Copenhague*—*Trafalgar.*

Foi neste ultimo combate naval, dado nas aguas do Cabo do mesmo nome, a 21 de Outubro de 1805, que Nelson morreu, depois de deixar feridos mortalmente o almirante francez Villeneuve, o duque Gravina, commandante das forças hespanholas, e de ter derrotado completamente as suas grandes esquadras hespanhola e franceza.

O monumento foi levantado por subscripções espontaneas.

Nós ainda não erguemos uma pedra á memoria do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, e de outros, que são dignos de que os não esqueçamos, porque nos ennobreceram!

Ruy da Cunha C. Portocarrero.

Um apologo de Napoleão. — Quando, no principio d'este seculo, depois da ruptura do tratado de Amiens, começou a guerra entre a Grã-Bretanha e a França, Napoleão Bonaparte, primeiro consul, tratou logo de invadir o Hanover, que pertencia então á corôa ingleza. Os estados allemães, cujos interesses erão lesados por esta invasão, pediram ao governo francez que não fizesse tal. Comtudo era evidente que, sendo a Inglaterra quasi inaccessivel por estar cercada pelo Oceano, e este occupado pela sua magnifica esquadra, seria uma loucura não a ferir no unico ponto vulneravel do seu territorio. Foi isso o que Napoleão exprimiu neste engenhoso apologo, com que respondeu ás reclamações allemãs:

«Certos templos antigos, disse elle, tinhão direito de asylo. Um escravo, tendo-se uma vez refugiado num d'esses templos, e estando já quasi no sacro recinto, foi agarrado por um pé. Os seus perseguidores respeitaram o direito de asylo, e não arrancaram do templo o escravo; mas cortarão-lhe o pé que ficára de fóra!»

O templo era o mar, o escravo a Inglaterra, o pé o Hanover.

Esta mutilação foi cruelmente vingada. O sinistro Hudson Lowe foi quem respondeu com a prosa de Santa Helena á poesia d'este apologo.

Confissão de um ingenuo.—Nos *Entretenimentos physicos*, de um certo P. Regnaul, encontrão-se frases como esta: «Hercules era um physico; e não havia forças que resistissem a um *physico d'esta força.*» Noutro ponto o autor examina a questão do vacuo, e diz engenhosamente: «Vejamos se ha vacuo noutra parte que não seja na garrafa e na bolsa.»

O homem tinha espirito á força de ser amigo de vinho, e não encontrar para o obter senão cotão nas algibeiras.

Rola. — Qual é o poeta que não tem cantado este meigo passarinho? Quem não se tem enternecido ao ouvir os seus plangentes gemidos!

A historia natural, muitas vezes inimiga das ficções da poesia, d'esta vez vem confirmal-as. A rola, diz essa grave matrona, é uma das especies da familia dos pombos. Distingue-se d'elles por ser mais fina, mais delicada, mais mimosa, pela cabecinha mais pequena, pela sua plumagem, e pela colleira de cor mais carregada, cor de café com leite.



Mora nos sitios mais espessos e reconditos dos bosques. O seu canto é um ternissimo arrulho; raras vezes se separa o macho da femea, por isso se considerão o symbolo da fidelidade conjugal.

A sciencia culinaria é que vem metter nisto a sua prosa, dizendo-nos que tem um delicioso sabor a carne de rola.

O pobre animalsinho falla ao coração de uns, e ao estomago dos outros.

Grutescos.—O celebre pintor João d'Udina passeiava um dia nas ruinas do palacio de Tito, quando viu pintadas e cinzeladas nas paredes de uma gruta extravagantes figuras de homens e de animaes das mais extraordinarias proporções. Umas tinhão cabeça humana, e o resto era a capricho; outras, cabeças monstruosas; outras só tinhão busto; outras só tinhão braços de homem; mas todas tão divertidas, e de tal variedade, que João d'Udina ia morrendo a rir.



Quando voltou para o seu gabinete de trabalho pegou no pincel, e traçou na tela chimeras ao gosto das que vira. Espalhou-se o genero pela Italia, e escusamos dizer aos leitores qual o motivo porque esses desenhos, imitados dos que havia numa gruta, se chamaram grutescos.

Monte Carmel. — Dá-se este nome a uma montanha na Palestina, que faz parte da cadeia do Libano. Está situada na fronteira meridional do paiz de Galliléa, a pouca distancia de S. João d'Acre, e apenas separada do mar por um apertado valle. Tem de altura 680 metros.

O monte Carmel representou um importante papel na historia religiosa. Quando o rei Achab e a rainha Jesabel ordenaram contra Elias a perseguição, ante a qual o propheta se viu obrigado a fugir, foi no monte Carmel onde procurou um asylo, e onde as aves do Senhor o sustentaram até ser arrebatado para o ceo. Desde esse tempo, a memoria do propheta perseguido chamou sobre a montanha grande numero de anachoretas, e muitos mosteiros forão ahi fundados, dos quaes só hoje vemos as ruinas. Existe ainda a gruta em que Elias habitava, e a fonte onde bebia agua; as cavernas em que meditavão, no seculo IV, os anachoretas christãos; os vestigios de uma antiga sepultura, onde foi, diz-se, enterrada uma das mulheres de Alexandre, o Grande; o hospicio, junto do primeiro mosteiro, consagrado a S. Brocardo; as ruinas do grandioso convento, cuja fundação alguns attribuem a Santa Helena, mãe de Constantino, o Grande; emfim os restos de muitas igrejas e mosteiros edificados na edade média, no tempo em que Jerusalem tinha reis filhos da Europa

No tempo das Cruzadas, quando o monte Carmel, situado entre S. João d'Acre, Nazareth e Cesaréa, nas proximidades da Terra Santa, era o ponto de reunião dos peregrinos christãos, o grande mosteiro foi crescendo em importancia. Quando os infieis ficaram senhores d'esta terra onde nasceu o christianismo, tornou-se um ponto de paragem, uma pousada para descanso, na escabrosa estrada que os peregrinos tinhão de percorrer. Em 1821, Abd-Adllah, pachá de S. João d'Acre, mandou demolil-o, e empregou os materiaes na reparação das muralhas da sua cidade; mas em 1828 o mosteiro foi reconstruido por ordem expressa do

imperador da Turquia, metade á custa d'Abd-Adllah, metade com o producto de esmolas e subscripções que se fizerão em toda a christandade para prover a tão piedosos trabalhos.

O convento do monte Carmel é actualmente o mais bello da Terra Santa. Edificado num promontorio avançado, e dominando o mar de uma immensa altura, é vasto, bem construido, e bem disposto para a defeza. A igreja é edificada na gruta que serviu de asylo ao propheta Elias.

Abreu Marques (Santarem).

MAIO — 24

CHARADA XVI

Eu impalpavel sou. Isso que importa? 1
Repara, que inda assim me encontrarás 1
Mesmo á beira do tumulo, sósinha 1
Vivendo na alegria, e doce paz. 1

E depois, se inda olhares mais attento,
Acharás no meu corpo tão subtil
Que sou sagaz, ligeira, e donairosa,
Prazenteira, voluvel, e gentil.

Manoel Ferreira da Portella (Aguim).

MAIO — 25

Deuses da Gallia. — Como todos os povos na sua infancia, os gallos divinisaram os objectos ou os phenomenos da natureza que lhes infundião mais respeito, terror, ou admiração. Adoraram o trovão, o oceano, os lagos, os bosques, etc. *Kirk,* era o vento do sul; *Tarann,* o genio do trovão; *Bel,* o deus do sol; *Pennin,* o genio

dos Alpes; *Arduine,* o da immensa floresta das Ardennes. Depois vierão *Hesus,* o genio da guerra; *Teutates,* o deus do commercio e o inventor das artes; *Ogmius,* o deus da poesia e da eloquencia. Todas estas divindades tinhão um culto sanguinolento, e os sacrificios que mais lhes agradavão erão os sacrificios humanos.

MAIO — 26

Utopia.—Morus, chanceller de Henrique VIII, lembrou-se de estabelecer as bases de um governo, por meio do qual se realizasse a felicidade geral, e destinou para sua applicação o paiz da *Utopia,* nome formado de TOPOS (logar) precedido da negação OU, que quer dizer, região ou logar que não existe. Desde então começaram a dar nome de utopia a todo o plano, todo o systema de reforma e melhoramento, que parece impraticavel, e o de *utopistas* aos autores d'esses systemas. A experiencia porém mostra-nos a necessidade de sermos moderados no emprego d'estas palavras. Quantas pessoas têem dissertado, com todas as apparencias de razão, sobre a utopia da republica (que é a fórma suprema das sociedades, a imagem da familia), sobre a utopia do suffragio universal, sobre a utopia da igualdade dos direitos, sobre a utopia da extincção da escravatura, sobre a utopia de um systema de direito penal, que substitua a pena, desmoralisadora e cruel a maior parte das vezes, pela emenda do delinquente?!! A telegraphia electrica, o caminho de ferro, a photographia, o grande numero de machinas de lavoira, de costura, e outros muitos inventos do fecundissimo engenho do homem, não erão verdadeiras utopias para os nossos antepassados?

Tinhamos a experiencia dos seculos, quando não bastasse o estudo philosophico da natureza do homem, para demonstrar a lei da perfectibilidade humana. A utopia de hontem converte-se hoje em realidade; a utopia de hoje, deixará de o ser ámanhã. *D. L. C.* (Cabeceiras de Basto).

MAIO — 27

Um rei pedinchão.— Segundo Chateaubriand diz na sua *Tentativa sobre a litteratura ingleza* existe nos archivos de Inglaterra uma ordem escripta por Eduardo II mandando que se pague ao seu barbeiro a quantia de cinco schillings (pouco menos de mil e duzentos réis), que elle el-rei lhe pedíra emprestados para jogar!

O demonio do monarcha queria sustentar os vicios á custa do barbeiro!

MAIO — 28

O alfabeto na arithmetica.—No *Almanach* de 1864, a pag. 237, disse eu qual fôra o emprego das lettras do alfabeto na musica; hoje mostrarei qual foi o uso das mesmas na arithmetica:

A, como lettra numeral, valia 500, e com um til, 5:000.

B, valia 300; acrescentando-lhe um til, valia 3:000.

C, tinha o valor de 100; com um til, o de 100:000; e voltado para trás valia 100.

D, valia 500; plicado tinha o valor de 5:000.

E, como lettra numeral, valia sempre 250.

F, valia 40; com uma risca por cima, 40:000.

G, na arithmetica dos antigos, valeu 400; plicado, 40:000.

H, valia 200; sendo plicado, 200:000.

I, na arithmetica dos antigos, valia 100; para os bons latinos, 1; e para os nossos maiores valia 1:000, sendo coberto com uma linha recta, que depois se mudou em curva.

K, valia 150 ou 151; com um til por cima, 150:000 ou 151:000.

L, sempre valeu 50; e plicado, 50:000.

M, valeu sempre 1:000; plicado, 10:000.

N, valia 90, ou melhor 900; e sendo plicado, 9:000.

O, valia 11; plicado, 11:000.

P, valia 400; plicado, 400:000.

Q, valia 500; com um til por cima, 500:000.

R, valia 800; com til, 80:000. — Depois de 1400 se introduziu neste reino o uso de escrever 40 com um *R*, que é propriamente um monogramma d'um *X* e um *L*.

S, valia 7 ou 70; com til, 70:000. Depois das lettras numeraes valia metade mais do numero precedente. D'aqui veiu que o *sestercio* (que valia duas pequenas livras da moeda romana) se escrevia com dois *LL* e um *S*, que depois se transformaram nesta figura *HS*.

T, valia 160; com til, 160:000. Entre nós valeu constantemente 1:000.

V, valia 5; com til, 5:000.

X, sempre valeu 10; e com uma linha horisontal, 10:000. Com um til ou plica entre as duas hastes superiores valeu 40; mas para isto era indispensavel que a tal figura representasse sempre um *X* e um *L* unidos e ligados, para se verificar que o *X* tirasse 10 ao *L*, e ficassem justamente 40. Ligado com um *L* na figura de um *R*, valeu 40.

Y, valia 150 ou 159; com um til, 150:000.

Z, valia 2:000; plicado, 2.000:000.

Poderá descobrir-se uma certa ordem e regularidade neste systema de numeração? Qual o valor do til ou plica? Era porventura arbitrario, ou, pelo contrario, tinha um valor certo e determinado? A identidade de valor attribuido a lettras diversas, por exemplo *A*, *D*, e *Q*, cada uma das quaes representava 500, não daria occasião a grandes difficuldades e enganos?

Ahi ficão esses problemas, esperando que alguem lhes dê uma solução. *José Caetano Preto Pacheco* (Escarigo).

Um desejo asisado. — Um frade Bernardo, ou coisa que o valha, tinha o maior medo possivel de morrer.

— Não se chegar a descobrir, exclamou elle uma vez, alguma terra do mundo em que se não morra!... Lá é que eu queria ir acabar os meus dias!

MAIO — 29

ENIGMA IV

A primeira, que ao todo equivale,
Co'a segunda verás que é terceira;
A terceira é menor vinte vezes
Do que o todo, e tambem que a primeira.

D. Justina Augusta Ramos e Mello (Escalhão).

MAIO — 30

Aonde póde ir uma bala de artilheria

— Em 1803 visitou Napoleão o collegio militar de Fontainebleau, e assistiu aos exercicios de infanteria e de artilheria feitos pelos alumnos.

Folgando de se desenfadar por um instante dos cuidados do governo, andava o primeiro consul por entre as crianças, conversando com ellas, animando-as, e dirigindo-lhes perguntas. Pára diante de um dos alumnos, que estava todo azafamado carregando uma peça, e diz-lhe:

— Que polvora é necessaria para arrojar um balazio de doze?

— Vinte e cinco arrateis; responde o rapazito, que estava todo occupado com a manobra da sua peça.

— Vinte e cinco arrateis! torna Bonaparte rindo; mas, desgraçado, aonde queres tu que vá parar a tal bala?

— A Vienna, meu senhor! responde vivamente a criança.

Bonaparte gostou da resposta, e nunca mais perdeu de vista o juvenil estudante, que foi o coronel Marnier, ajudante de campo do general conde Rapp.

Respostas assim forão a origem da prosperidade e elevação do general Junot, duque de Abrantes.

Lingua universal. — Um official de marinha (não sabemos de que esquadra, nem de que paiz, disserão-n'os só que era grande enthusiasta dos estudos linguisticos) mostrava um dia a certo individuo uma bella obra ingleza, que trazia pintadas as bandeiras de diversas cores e feitios, com que os navios de todas as nações se communicão entre si no meio dos mares, e dizem uns aos outros tudo quanto querem. — Eis aqui, acrescentava o official, eis aqui o que se póde já chamar uma lingua universal. Pois não é verdade?



— É verdade, respondeu o outro; mas realmente que muito nos mortifica sermos forçados a chegar a uma triste conclusão.

— A uma triste conclusão! Qual? Replicou o enthusiasta.

— Que a lingua universal, com que tanto por ahi sonhão os philosophos humanitarios e não humanitarios, — que a lingua universal, que tão facil se afigura a certos utopistas, não passa de ser uma *lingua de trapos*.

Remar para a salvação. — Uma tafulona que não deixava perder nenhuma das vantagens da sua mocidade, dizia que andava juntando com que metter-se freira em sendo velha.

— Imita, como póde, a S. Pedro e a todos os mais barqueiros, disse um mordaz; rêma com as costas viradas para o sitio a que pretende chegar.

JUNHO — 1

Brilha o sol no ceo, na vida;
Calido sol de verão
Doira a flor, e em fruto a muda,
O amor transforma em paixão.



JUNHO — 2

O seculo áureo de Portugal. — O que o seculo XVII foi para França, foi o XVI para Portugal. Lá, em torno do throno respeitado de um monarcha faustoso, Luiz XIV, brilhão as lettras, as artes, e as sciencias: Vauban faz uma revolução completa na engenharia militar; Turenne, Condé, Luxembourg, Villars, formam uma brilhante pleiade de generaes que elevão ao mais alto ponto a gloria das armas francezas; Bossuet, Massillon, Bourdaloue, Fléchier, fazem resplandecer a eloquencia sagrada com um fulgor, que nunca teve nem depois terá; na poesia dramatica franceza brilha nessa época a trilogia que é por muito tempo a triplice estrella que todos os francezes contemplão respeitosamente, estrellas, cujos raios se chamão Corneille, Racine, Molière; a pintura tem em Lebrun um signo pre-

cursor da esplendida escola do seculo XVIII, e da ainda mais notavel escola do seculo XIX; na architectura Mansard, e Le Notre firmão o seu credito com os esplendores de Versailles; a musica tem Lulli, que encontra um *librettista*, como Quinault; o romance, ou antes, a epopeia, tem Fénélon; a poesia didactica, Boileau; o apologo, La Fontaine; e, para completar o quadro, desenhão-se no fundo aquella graciosa e espirituosa figura de madame de Sévigné, e outra figura, não menos notavel, o zombeteiro vulto do duque de Saint-Simon.

É grande, é realmente notavel, este reinado; e comtudo esta explosão de genios era natural, como é natural a explosão da seiba, que intumece a cortiça das arvores, quando chega o mez de Maio, e quando as fecundantes chuvas de Abril, e o ridente sol do mez seguinte, têem acabado a sua obra de resurreição.

Era o que succedia no reinado de Luiz XIV. A renascença preparára o terreno á litteratura, o sangue dos martyres do pensamento fecundára o campo da sciencia, Richelieu e Mazarino tinhão aplanado o campo em volta do throno; surgiu Luiz XIV, e, aos primeiros calores do sol monarchico, tudo que estava em fermentação se expandiu; os poetas cantaram, soaram as trombetas guerreiras, a sciencia devassou novos mundos á intelligencia, e tudo emfim que se estivera preparando em silencio veiu á luz do dia.

A nós não nos acontece o mesmo: a brilhante pleiade da época de D. Manoel brotou de repente, projectou immensa luz, e sumiu-se de subito tambem, cerrando-se por um lado em D. Sebastião, por outro lado em Camões.

E comtudo, que grandes talentos, que vigorosos engenhos! Naquelle tempo erão raros os homens d'aquelle cunho! Em quanto Vasco da Gama dobrava o cabo das Tormentas, e abria os mares do Oriente ao exercito triumphador do progresso; em quanto Francisco d'Almeida e Affonso de Albuquerque espantavão a India com a sua energia e com

os seus talentos militares; em quanto Duarte Pacheco renovava os fabulosos feitos de Achilles; e, na côrte de D. Manoel, Bernardim Ribeiro, o infeliz amador, descantava as suas éclogas cheias de sentimento,— Gil Vicente, apesar da sua rudeza, eleva-se nos seus autos tanto acima dos seus contemporaneos e dos seus predecessores, que, depois d'elle, só encontrâmos progresso na brilhante phalange dramatica hespanhola de Lope de Vega, Calderon, Tirso de Molina, e depois em Molière. Sá de Miranda, e Antonio Ferreira davão fóros de fidalguia á nossa formosa lingua, e enriquecião-n'a com admiraveis poesias, dando-lhe ao mesmo tempo a gloria de ser a primeira em que se escreveu tragedia pautada pelos bons modelos da antiguidade; tal foi a *Castro* de Antonio Ferreira. Por outro lado João de Barros escrevia a historia portugueza, com a penna de oiro de Tito Livio; Damião de Goes traduzia Cicero, e photographava fielmente os grandes acontecimentos que se passavão em torno d'elle; Fernão Lopes de Castanheda voltava da India e começava a contar o que víra, na sua linguagem austera; ao passo que o doce e ingenuo Fernão Mendes Pinto embarcava á procura de aventuras que a sua imaginação tanto havia de aformosear. André de Rezende, debruçado sobre o solo da sua patria, procurava ler nos livros de pedra alguma pagina da historia d'esse grande povo romano, cujos feitos nós renovavamos, e cujas aguias havião aqui poisado um instante, o sufficiente para ensinar ás gaivotas do Douro e do Tejo, e aos abutres do Herminio, o segredo que deu á cidade eterna a posse do mundo inteiro. Jeronymo Osorio, o bispo de Silves, eloquente como Bossuet, levantava a voz em favor dos judeus perseguidos, bem superior nisso ao arcebispo de Meaux que levantava a voz para applaudir o exterminio dos protestantes. Heitor Pinto e Amador Arraes, os dois grandes moralistas, começavão a apparecer no horisonte, em cujo fundo se desenhava já vagamente o vulto gigante de Camões, em quanto Pedro Nunes, o grande mathematico, iniciava o

descobrimento de todos os instrumentos astronomicos, e topographicos com o descobrimento d'esse instrumentosinho que se chama *Nonio*, do nome do seu inventor, e sem o qual seria completamente impossivel obter a precisão em qualquer calculo, e em qualquer instrumento de observação.

Ahi têem qual era a côrte portugueza no tempo em que nos outros paizes apparecião vultos notaveis, mas separados; aqui, o Tasso; além, Shakespeare; acolá, Ariosto;—no tempo em que Cervantes chorava ainda talvez nos braços da ama, e em que a França ouvia meio adormecida as suaves, ainda que um tanto adocicadas, canções de Ronsard, e a primeira gargalhada sceptica do maganão de Montaigne!

Pinheiro Chagas.

JUNHO — 3

CHARADA XVII

Affirma alguem que as mulheres
São assim! Eu não o creio. 1
Confuto a opinião
Sem o mais leve receio.

De certo me encontrará
Quem na França me buscar;
Tambem commigo dará
Quem um baralho tomar. 2

E se inda não transluzir
A minha decifração,
No theatro serei vista
D'uma lettra co'a addição.

Foi um guerreiro valente,
Denodado sem igual;
Sossobrou a sua audacia
Em terras de Portugal.

A. Augusto de Araujo e Mello (Coimbra).

Belleza.—Que linda casa para tão mau inquilino! dizia Diogenes, vendo uma senhora formosa, mas de pessimo caracter.

O mesmo famoso philosopho costumava comparar as mulheres formosas, mas irritaveis e freneticas, a vasos de alabastro que encerravão vinagre.

HAL-EL-UIAH!

(CANTICO)

Que canto é esse que o oceano entôa
Das vagas ao fragor?
Que diz o raio, que açoitando vôa
Com pallido fulgor?

Que diz a estrella, espelhamento casto,
No seu mago luzir?
Que diz a recta do horisonte vasto?
Das nuvens o fugir?

Que diz a voz da feia tempestade,
E a furia do bulcão?
Que diz a luz que espalha a immensidade,
E o ronco do trovão?

Que diz a natureza no seu grito?
Que dizem terra e ceos?
Que diz o espaço, e os vôos do infinito?
Diz tudo: — Existe Deus! —

Existes, alta Essencia!
Existes, ó Senhor!
A tua luz benefica
A todos dá calor.

Existes, alta Essencia!
O ceo é teu docel!
Ahi resôa o cantico
Que entoou Daniel!

Existes, alta Essencia!
Existes, ó meu Deus!
Louva-te o insecto pávido!
Louvão-te immensos ceos!

Existes, alta Essencia!
Existes, ó Senhor!
A tua luz tão fulgida
A todos dá calor!

Tu, ó Deus! tu, Senhor! tu, quem veste
Estes prados de claro matiz;
Tu, que ás aves o cantico deste;
Tu, que o justo só fazes feliz;

Tu, que vives na voz da tormenta,
Como outr'ora na voz do Synai;
Tu, que és grande, quem tudo alimenta;
Tu, que és forte; que és justo; que és pae...

Tu que és pae... olha a terra que pizaste,
E os impios confunde ante essa cruz!
Confunde as trevas! mostra o que criaste
Aos pobres cegos de tão clara luz!

Ó abre-lhes as palpebras cerradas
Pela sestra do vicio e da paixão!
Estende as tuas mãos abençoadas,
Estende-as sobre nós, dá-nos uncção!

D. Anna Candida (Carreço).

JUNHO — 5

Providencia de um grande magistrado. — Pernoitou na villa de... um regimento que tinha de marchar antes de romper o dia.

O administrador do concelho, homem de quem as cãs e um genio naturalmente medroso tinhão feito um varão de notavel prudencia, levantou-se alta noite, e, entrando no quarto do commandante, que era seu aboletado, acordou-o, e disse-lhe: — Ahi logo adiante da povoação num pinheiral que hão de atravessar já tem saido ás vezes sua ladroagem; por isso tome vossa senhoria o meu conselho: não saiam sem levar d'aqui quatro dos meus officiaes de diligencias, que, se for preciso dar bordoada, são gente de todo o desempenho.

JUNHO — 6

Fato esplendido. — Um viajante voltava de uma excursão ás terras ainda desconhecidas da Oceania.

O principe e a princeza do seu paiz querem vel-o, e fallar-lhe. Interrogão-n'o, elle conta as maravilhas que viu, perguntão-lhe se não trouxe algumas memorias das suas viagens, responde que trouxe um fato completo de rainha, e que no dia seguinte terá a honra de o offerecer a sua alteza real.

No dia seguinte apparece com um collar de perolas magnificas.

A princeza põe-n'o ao pescoço, mira-o ao espelho, e, voltando-se para o viajante, pede-lhe o resto.

— O resto de quê, minha senhora?

— O resto do vestuario.

— Perdão, minha senhora; o vestuario de rainha em que fallava consistia só nisso!

Conta a chronica que a princeza tirou logo o collar de perolas, fazendo-se muito córada.

JUNHO — 7

Nomes esquisitos. — Aos mencionados nos *Almanachs* de 1854, 1856, e a pag. 132 do de 1858, podem-se juntar os seguintes de umas senhoras, irmãs, residentes nesta cidade de Ponta Delgada.

Elizéa Ludorifica Lima.

Leoñila Grizélida Lima.

Justina Andreslina Arcácia Lima.

Tiverão mais uma irmã, que já morreu, por nome Felizarda Arsénia Lima, e um irmão padre, Hilario Norberto da Costa Lima, tambem fallecido, sacerdote muito lido em materias theologicas e lithurgicas.

J. I. Cabral (Ponta-Delgada).

Musica inspiradora. — Bacon, Milton, Warburton, Alfieri, não trabalhavão bem, nem de boa vontade, quando não estavão escutando musica. Era mania.



Diz-se que Bourdaloue, o grande orador da tribuna religiosa, sempre tocava um pouco na sua rabeca antes de se sentar para escrever um sermão. Leonardo de Vinci, o grande pintor, nunca se collocou diante do cavallete para continuar os seus admiraveis quadros, sem que primeiro se houvesse recreiado com algum exercicio musical. A musica deleita os sentidos e faz os homens melhores, porque quando lhes não apura a intelligencia, dispõe-lhes muitas vezes a alma para obras meritorias.

Pergunta. — Qual é o meio de achar a quaresma curta? perguntava um individuo a outro.

— É pedir dinheiro emprestado na quarta feira de cinza para o pagar na Paschoa, respondeu este.

O principe formoso. — Era uma vez um dey de Tunis, que tinha um filho tão feio, tão feio, que, temendo que elle se desconsolasse muito com tal fealdade quando se visse, deu ordem para que nunca se lhe mostrasse um unico espelho; e, afim de desviar d'elle até a sombra d'esse pensamento, deu-lhe a denominação de Principe Formoso. Cresceu por conseguinte o principe julgando-se o mais esbelto e formoso rapaz de Tunis, e os cortezãos, como é facil de suppor, não o desenganavão.



Mas um dia caiu-lhe nas mãos um espelho, e o principe, vendo-se tão feio, teve um immenso desgosto, chorou lagrimas amargas, e arrancou molhos de cabellos.

O seu primeiro ministro, que estava presente, ainda fez mais berraria, e ainda arrancou mais cabellos.

O principe foi-se consolando, mas o ministro não cessava de chorar e berrar.

No dia seguinte o filho do dey, já resignado, mandou chamar o ministro, que lhe appareceu, chorando cada vez mais, soluçando, e dando murros no peito.

— Porque motivo está ainda tão afflicto, perguntou o principe, estando eu já resignado?

— Oh! meu senhor, respondeu o ministro, se vossa alteza chorou por se ver apenas um instante, como não hei-de eu chorar, eu que o vejo desde o seu nascimento, e que o hei-de ver até á hora da sua morte!

JUNHO — 10

LOGOGRIPHO V

Sem ser fuso buliçoso,
Tambem sirvo p'ra fiar. 4.ª e 1.ª
O que estas dizem agora,
Deus me livre de pagar. 2.ª e 4.ª

Lá na côrte brazileira
Dão este nome a José. 2.ª e 1.ª
Ó que fruta! boa e doce,
Affirmão estas que é. 1.ª e 2.ª

Nome formoso e querido
Estas dizem que é tambem. 1 e 4
Se carregares na ultima
É nome que um peixe tem. 3 e 4

Todos mil festas me fazem
Se me vêem carregado;
Fujo dos gelos do norte,
Busco solo abençoado.

Antonio Teixeira Carneiro (Santarem — Brazil).

JUNHO — 11

Os geraes dos jesuitas. — Desde o dia 27 de Setembro de 1540, em que a ordem dos jesuitas foi instituida pela bulla de Paulo III, que principia *Regimini militantis Ecclesiæ*, até ao dia 21 de Julho de 1773, em que foi abolida pela bulla do papa Clemente XIV, que prin-

cipia *Dominus ac Redemptor*, teve esta celebre ordem religiosa dezoito geraes, que forão os seguintes:

Santo Ignacio de Loyola, seu fundador, fidalgo hespanhol; Jaques Laynez, hespanhol tambem; S. Francisco de Borja, ainda hespanhol, duque de Gandia, e vice-rei de Catalunha, que despiu a purpura das grandezas mundanas, e regeitou a purpura cardinalica para envergar a roupeta jesuitica; Everardo Mercuriano, belga; Claudio Aequaviva, italiano, o primeiro que poz o punhal regicida na mão dos Balthazar Gerard, dos Parry, dos Jacques Clement, dos Ravaillac; Mucius Vitelleschi, italiano; Vicente Caraffa; Francisco Piccolomini, Alexandre Gothofridi, todos italianos; Goswin Nickel, allemão; João Paulo Oliva, italiano; Carlos de Noyelle, belga; Tirso Gonzalez, hespanhol; Miguel Angelo Tamburini, italiano, que figura no romance do sr. Rebello da Silva *A Mocidade de D. João V*, com o pseudonymo do padre Ventura; Francisco Retz, francez; Ignacio Visconti, italiano; Aloysio Centuriano; e finalmente Lourenço Ricci, que proferiu a celebre frase: *Sint ut sunt, aut non sint*, que citámos no artigo *Laconismo* do *Almanach* do anno passado.

JUNHO — 12

Esperteza de um bobo. — Achando-se uma noite o bobo de Luiz XVI na presença d'aquelle monarcha, na occasião em que elle ceiava, e tendo os olhos fitos num prato de perdizes, disse o soberano ao official que servia á meza:

— Dá aquelle prato ao meu bobo.

— Meu senhor, e as perdizes tambem? perguntou elle.

Penetrando o rei o pensamento do seu bobo, respondeu:

— Sim, e tambem as perdizes.

Com esta lembrança ficou o bobo com as perdizes, e com o prato, que era de oiro.

FLOR E AMOR

Murcha a flor,
Se o ceo límpido orvalho lhe não dá.
Morre o amor,
Se no peito, que anhela, amor não ha.

A flor podia viçosa
Num prado ou jardim viver,
Acolher a mariposa,
Seu calix dar-lhe a beber.

Que custava ao Deus sob'rano
Dar-lhe o pranto da manhã,.
Se essas lagrimas bastavão
P'r'a tornar fresca e louçã ? !

O amor tornar podia
Bem ditoso um coração,
Dar-lhe prazer e ventura,
Dar-lhe doce inspiração.

Que custava á meiga virgem
Dar-lhe um sorriso dos seus,
Se esse sorriso bastava
Para o transportar aos ceos? !

Porém nem Deus mandou do ceo o pranto
Banhar a pobre flor,
Nem a virgem ao triste que a adorava
Deu sorrisos d'amor.

Crestada pelo sol da primavera,
A flor na haste pendeu.
Cansado de gemer, saudoso, e triste,
Amor alfim morreu.

E. A. F. da C.

Escapar á critica pela mercê.— Um mau poeta levou a Piron um volumoso caderno de versos, pedindo-lhe que os examinasse, e marcasse com uma cruzinha aquelles que carecessem de correcção. Poucos dias depois, restituindo-lhe Piron o manuscripto, exclamou o autor

muito ufano : — Quê ! nem uma só cruz ! — Não, senhor, replicou Piron ; pois julguei que não queria que fizesse da sua obra um cemiterio.

JUNHO — 14

CHARADA XVIII

Eu estou em toda a parte,
Já na terra, já na lua,
Já na cova, já na vida,
Já no fim de qualquer rua. 1

Não estou em toda a parte ;
Se me queres encontrar
Vai abrir o seio á terra,
Onde eu tenho o meu logar. 2

Eu mostro tenacidade,
Adhesão forte, segura.
Deus me livre d'este estado
No peccado e culpa impura.

Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior
(Pitangui — Brazil).

O quadro de um doido.— Houve em Charenton um alienado que se julgava um grande pintor, e que, para provar que o era effectivamente, mostrava a todos o seu quadro da *Passagem do mar Vermelho.*

Era uma tela branca, sem o minimo traço.

— Mas onde está o mar Vermelho? perguntavão os visitantes.

— Afastou-se á voz de Moysés.

— E os hebreus?

— Já passaram.

— E os egypcios?

— Ainda não vierão.

Quantos artistas não ha por esse mundo que muito desejariamos que pintassem sempre quadros assim !

JUNHO — 15

Monte Sameiro.—É um ponto soberbo pelas suas bellezas, onde se encontram reunidas a amenidade e a aspereza, onde o espirito sobe e desce de monte a monte, de fraguedo a fraguedo, e fica arrobado de deleitação!

O Sameiro fica a um kilometro do Santuario do Bom Jesus: é um monte fragoso, ingreme, mas dotado de uma verdura permanente, d'aquella verdura que mereceu á nossa provincia o chamar-se-lhe—paraiso portuguez.

Descobre-se do alto d'este monte a linda villa de Barcellos, a cidade de Viana, a praia de Espozende, o alto de Moragueiras no Gerez, Guimarães, e a igreja da Lapa no Porto.

Anda-se ali construindo um monumento á Immaculada Conceição de Maria, para o qual foi lançada a primeira pedra no dia 24 de Junho de 1863.

Fazem parte da commissão para este fim nomeada muitos cavalheiros dos mais respeitaveis de Braga.

A. M. Alvão Junior (Braga).

JUNHO — 16

Regiões de Roma.—Augusto, que se gabava, e com razão, de ter encontrado uma Roma de tijolos e de a haver transformado numa Roma de marmore, dividiu a cidade eterna em quatorze regiões ou bairros, divisão mais racional, que substituiu a primitiva distribuição em 4 tribus.

Essas regiões erão as seguintes:

1.ª *Porta Capena*; 2.ª *Cœlimontium*, onde havia os grandes matadoiros; 3.ª *Isis e Serapis*, onde se construiram depois o amphitheatro Vespasiano (Colyseu) e os banhos de Tito, Philippe, e Constantino; 4.ª *Via sacra*, onde havia o Colosso do Sol, e os arcos de Tito, Severo, e Constantino; 5.ª *Esquilina*; 6.ª *Acta Semita*; 7.ª *Via Lata*; 8.ª *Foro*

Romano; 9.ª *Circo Flaminio;* 10.ª *Palatino;* 11.ª *Circo Maximo;* 12.ª *Piscina Publica;* 13.ª *Aventino;* 14.ª *Transtiberina.*

Só esta ultima conserva ainda o mesmo nome: é o Transtevere, tão celebre pela formosura das suas mulheres.

JUNHO — 17

Vandalismo atroz.—Em 10 de Julho de 1830, regressando dos banhos de Vichy a duqueza de Angulême, visitou o priorado de Sauvigny. Fazendo abrir o carneiro onde repousavão os seus antepassados, perante elle ajoelhou e orou por muito tempo.

Quando se levantou, por acaso fixou a vista no escudo d'armas da casa de Bourbon, do qual havião apagado as tres flores de liz azues e a palavra *esperança,* que é a divisa da ordem do escudo d'oiro. Perguntando a duqueza pelo autor d'aquella mutilação, responderão-lhe que fôra o povo.—Que elle destruisse as flores de liz, diz ella, ainda se comprehende; mas a *esperança!...* Onde de futuro a encontraremos nós, se até dos tumulos a fazem desapparecer?!...

Vinte dias depois a filha de S. Luiz partia para o seu terceiro exilio.

D. Maria Salomé (O).

Epigramma de Bocage.—A um poetastro, que o grande Elmano tinha a desgraça de conhecer, fez o cantor de *Leandro e Hero* o seguinte epigramma. Suppõe-se um dialogo entre Bocage e o vate d'agua doce:

—«Elmano, lê-me os teus versos.»—
—«Melhor sorte me dê Deus;
Tremo d'isso.»—
—«E porque tremes?»—
—«Porque pódes ler-me os teus.»—

Uma criança interessante. — Uma senhora tinha um filho pequeno muito malcriado, desinquieto, e bulhento. Outra senhora que a visitava pela primeira vez, aborrecida com as impertinencias do trasgo, voltou-se para ella, dizendo com a maior amabilidade: — Sempre é muito interessantinho! A que horas o deitão? — Quando elle quer; ás vezes chega a estar levantado até depois da uma hora da noite.—Ah! sim? pois então vou-me eu deitar os meus!



Cá e lá más fadas ha. — Uma das curiosidades que se notão na cidade de Nevers (França) é um quadrante solar pintado no centro da fachada do palacio dos duques do mesmo titulo da cidade, por baixo do qual o pintor *ingenuo* escreveu as linhas seguintes:

«Este quadrante foi feito em Nevers, entrando o sol no signo de capricornio, por ordem da convenção nacional.»

É um francez que affiança o facto, por consequencia insuspeito.

D. Maria Salomé (O).

O theatro no tempo de Shakespeare. — Era miseravel para a arte o tempo em que viveu este formosissimo genio, e parece impossivel que a realidade que o rodeava lhe não tolhesse os vôos, se a imaginação não isolasse e elevasse o espirito acima das circumstancias transitorias do mundo, e lhe não mostrasse o bello através do feio, os esplendores da opulencia contrastando com as agruras da miseria, e se elle não encontrasse no amor, na graça, no sentimento, a luz da eterna verdade, um sorriso de Deus.



Foi em pateos de estalagem, ao ar livre, que se representaram, pela primeira vez, essas obras immortaes que se chamão *Romeo e Julieta*, *Macbeth*, *Othello*, o *Rei Lear*, e *Hamlet*. As decorações estavão em harmonia com a sumptuosidade dos edificios; erão d'uma simplicidade admiravel. Duas espadas cruzadas representavão uma batalha; a camisa vestida sobre o fato significava que o individuo assim trajado era cavalleiro; um palafrem ajaezado era commodamente substituido por um cabo de vassoura com uma saia. Um actor coberto de gesso fazia de parede; um homem com um feixe de lenha,

uma lanterna na mão, e acompanhado por um cão, era a lua. Em Black-friars o camarim dos actores era separado do publico por um pano com figuras representando uma forja, e pelos immensos buracos d'esta *parede* os espectadores vião os actores pintar as faces com tijolo moido, e fazer os bigodes com cortiça queimada.

E as platéas ouvirião com attenção? Serião silenciosos espectadores os populares, os fidalgos, os soldados, d'uma nação tão agitada pelas lutas politicas e religiosas? Esquecerião elles dentro do recinto do theatro as questões do dia, que são hoje para deixarem de existir ámanhã, pelas impressões do bello e do sublime, que são eternos? Não. Reinava ali a maior confusão. Marujos e soldados gritavão, insultavão-se, jogavão, bebião cerveja e dormião no templo da arte, sem lhes passar pela mente que desacatavão a maior magestade da terra: o genio.

Z.

JUNHO — 20

Quatro homens com emboccadura para litteratos.— Representava-se em D. Maria II uma peça nova.

No intervallo do quarto para o quinto acto, um dos espectadores da platéa geral perguntou a um desconhecido que lhe ficava ao lado:

— O sr. não poderá fazer-me o obsequio de me dizer se esta coisa é em prosa ou verso?

— Olhe, meu caro visinho, respondeu o outro, eu estou tão endefluxado, que ainda não pude formar o meu juizo a esse respeito.

— É em prosa com suas fumaças de verso, acudiu um do banco detrás que tinha pescado o dialogo.

— Perdão, meu sr., atalhou outro do banco de diante, é em versos, mas tão naturaes, que parecem prosa.

O nome do autor da peça é que nós não queremos dizer.

A lingua portugueza na costa occidental d'Africa. — Desde lat. S. 3° 22' até 8° 6', todos os negros do litoral fallão portuguez, idioma denominado por elles lingua de branco!

Menciono só esta parte, que é a que vai de Mayumba até ao Ambriz, porque é justamente aquella onde Portugal não tem autoridade.

Esta circumstancia só por si attesta o nosso antigo poderio neste grande continente africano, e que nossos maiores não só forão os seus descobridores, mas os primeiros europeus com quem os negros tiverão relações. Os inglezes podem assenhorear-se de parte dos nossos descobrimentos, e hostilisar o nosso commercio, como já o fizerão nos estados da India, mas não logrão destruir este padrão das nossas antigas glorias.

Lembro-me de um caso bastante chistoso passado aqui em 1856 ou 1857, entre mr. M. Daumas, e um preto cabinda, criado que estava ao seu serviço.

— Eu hei de mandal-o embora, porque você é muito bruto!

Contestou immediatamente o cabinda: — Eu não sou bruto! sei fallar lingua de francez, lingua de inglez, e lingua de branco!

Já se deixa ver que a lingua de branco é a portugueza.

C. M. (Rio Zaire).

Motivo justo. — Uma noite d'estas entra um *dilettanti* no *Gymnasio,* durante um intervallo, e senta-se na geral ao lado d'um sujeito de bengalão entre os joelhos, e em cima do bengalão um chapeo d'abas largas.

— Tem a bondade, pergunta o recem-chegado, diz-me em que acto estamos?

— Não sei, senhor, responde o homem do bengalão, eu não sou de Lisboa.

A TI.

Agora que vejo proximo
O momento da partida,
E que te venho, querida,
Adeus saudoso dizer;
Agora que tuas palpebras
Humedece triste pranto,
E que vai quebrar-se o encanto
Do nosso feliz viver,—

Quero levar um perpetuo
Penhor da tua ternura,
Para que na senda escura,
Onde não verei o sol,

Me guie o reflexo pallido
Dos fulgores do passado,
E no meu porvir cerrado
Veja uma esp'rança, um pharol;

Quero esse fio de perolas,
Que te orvalha o rosto bello;
Vem, querida, desprendel-o
De meu seio no calor:
Qual salamandra, essas lagrimas
Ficarão eternamente
No meio da chamma ardente...
Da chamma do meu amor!

A. Candido Figueiredo (Vizeu).

Pluralidade de mulheres. — Um autor dinamarquez, do fim do seculo XVII, passou a sua vida, e despendeu parte dos seus haveres, a sustentar o dogma da pluralidade das mulheres; e numa obra intitulada *Polygamia triumphatrix* chamou heroica á determinação que tomou um descendente de Caim, Lameche, de esposar duas mulheres!

Agora querem saber? Este homem era perfeitamente desinteressado na questão, porque nunca teve senão uma mulher, e essa tanto lhe bastava, diz o seu malicioso biographo, que muitas vezes não sabia o que havia de fazer d'ella.

Pobre lunatico! queimarão-lhe a obra, que não fazia mal, nem pervertia ninguem, e foi condemnado a sair da Dinamarca!

Horror á calva. — Um janota todo presumido da abundancia e formosura do seu cabello, procurava todos os modos de fazer com que lhe reparassem nelle.

Numa sociedade de senhoras em que, por acaso, se fallou de calvas, — Eu, exclamou elle, se chegasse a ter a desgraça de me ver um dia careca, arrancava os cabellos de desesperação!

As senhoras portuguezas avaliadas pelos estrangeiros. — Na segunda metade do seculo XVI, dois embaixadores venezianos visitaram Lisboa, e, de volta ao seu paiz, fizerão uma descripção pittoresca da nossa soberba capital. Erão homens distinctos, instruidos, e de bastante agudeza de espirito.

Depois de minuciosamente pôrem em relevo o aspecto das ruas e edificios, e de analysarem os costumes do nosso povo, acrescentão:

«As mulheres portuguezas são dignas de menção pela belleza e elegancia das suas fórmas; têem os cabellos naturalmente pretos; algumas, porém, tingem-n'os de loiro. Nota-se-lhes uma presença agradavel, e feições seductoramente engraçadas; os olhos pretos e brilhantes realça-lhes extremamente a formosura. Podemos affiançar, com a melhor boa fé, que durante a nossa viagem na Peninsula forão precisamente as lisbonenses que mais galantes nos pareceram.

«O trajo das mulheres de Lisboa é igual ao de todas as mulheres de Hespanha. Consiste elle em uma ampla mantilha de lã ou seda (segundo a condição) em que ellas litteralmente se envolvem, escondendo até a cara. Assim vestidas, vão onde lhes apraz, tão perfeitamente disfarçadas que seus proprios maridos as não poderião conhecer, de cujo privilegio tirão algumas mais liberdade do que convém a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As senhoras de alta gerarchia fazem-se acompanhar por criados bem vestidos, que

as precedem a passo vagaroso e cadenciado; levão tambem comsigo mulheres de uma gravidade irreprehensivel: estas vão atrás. Não considerão como signal de boa reputação serem acompanhadas por meninas solteiras...»

Creio firmemente que os espirituosos embaixadores de Veneza escreveram com sinceridade; mas não sei se hoje conscienciosamente poderá qualquer viajante estrangeiro distinguir como formosas as mulheres de Lisboa entre as de toda a Peninsula.

M. Alves de Sousa (Castello-Branco).

JUNHO — 24

Por um triz. — Campeava em França a tyrannia popular e sanguinaria de Robespierre. Estava o terror no galarim. O ex-marechal de França, Rochambeau, velho de setenta annos, condemnado á morte pelo tribunal revolucionario, saía da prisão para ser levado á guilhotina, quando o algoz, vendo o carro fatal já tão cheio que nem cabia mais uma pessoa, se voltou para o venerando marechal, heroe de guerra americana, e lhe disse:

— Vae-te embora, velho; ámanhã chegará a tua vez.

Isto passou-se no dia 8 de *thermidor*. No dia 9 rebêntava a revolução contra Robespierre, abrião-se as portas das prisões, e Rochambeau via-se com espanto restituido á liberdade.

O velhinho, salvo por um milagre, ainda viveu doze annos, porque morreu em 1807, em pleno gozo do seu titulo de marechal de França (que lhe fôra confirmado pelo imperador Napoleão) do cordão da legião d'honra, e d'uma pensão consideravel.

Porque é que este acaso providencial, que serviu apenas para prolongar um pouco os dias sem luz d'um velho, não salvou a cabeça esplendida, juvenil, e talentosa de André Chénier?

Arcanos mysteriosos da Providencia!

Superstições lunares. — Por differentes vezes tem este livrinho mostrado os numerosos prejuizos do nosso povo; porém não é só entre nós que elles existem: ha-os em todos os povos do mundo; e principalmente entre a gente rude é que elles mais ou menos se manifestão.

Na Inglaterra era costume sairem os camponezes de noite na primeira apparição da lua nova, depois do dia de Anno Bom, encostarem-se a um muro ou a uma porta, e, encarando a lua, dizer:

«All hail to thee moon, all hail to thee!
Ó prith'ee good moon, revail to me
This night who my wife shal be!»

Que póde paraphrasticamente traduzir-se:

Todos, lua, te saúdão;
E quem te saúda quer
Que nesta noite lhe digas
Quem será sua mulher.

E, retirando-se em seguida a suas casas, deitavão-se a sonhar com suas futuras esposas.

Tacito na sua obra sobre os costumes dos antigos allemães diz que elles fazião os seus *meetings* em certos dias da lua nova, ou da lua cheia, pois consideravão este tempo o mais propicio para encetar qualquer negocio.

Os camponezes da Irlanda ainda hoje conservão uma certa adoração á lua nova, benzendo-se, e dizendo:—Deixa-nos tão sãos como nos achaste!

No interior da Africa, entre os mandingas, existe uma igual superstição.

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

O criado de Satanaz.—Um confessor de genio algum tanto aspero, como ha muitos por esse mundo de Christo, estava certo dia no seu confessionario quando viu chegar-se a elle um sargento de archeiros com a alabarda ao hombro, a qual depoz a seus pés. Ajoelhou em seguida o penitente, persignou-se, entoou o *Confiteor Deo* em voz alta, e, batendo no peito compungido, começou a accusar-se de se haver, momentos antes, dado ao diabo, num momento de ira. — Ao diabo! respondeu o padre num impeto de colera? Então levante-se, pegue na alabarda, e vá servir seu amo.



Isto vem para dizer que o nosso repentista e mimoso poeta Manoel Maria Barboza du Bocage tinha carradas de razão quando, numa das suas fabulas, escrevia:

...............Ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave.

A peça nova.—D'onde vem? — Do theatro.— Ah! foi ver o drama novo? então que tal? — Gostei muito do fim; acabou por dois fogos de bengala: um no palco, outro na platéa.

A guerra. — Descreve-a assim o nosso padre Antonio Vieira num dos seus inimitaveis *Sermões:* «É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come, e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos, e



monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que ou se não padeça, ou se não tema, nem bem que

seja proprio, e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro.»

Victor Hugo, o grande poeta da actualidade, escrevendo sobre os motivos mais que futeis que levão muitas vezes os homens a despedaçar-se uns aos outros, diz no volume que ultimamente publicou — *Chansons des Rues et des Bois :*

Aucun peuple, ne tolère
Qu'un autre vive à côté ;
Et l'on souffle la colère
Dans notre imbécillité.

C'est un Russe ! Égorge, assomme.
Un Croate ! Feu roulant.
C'est juste. Pourquoi cet homme
Avait il un habit blanc ?

Celui-ci, je le supprime,
Et m'en vais, le coeur serein,
Puisqu'il a commis le crime
De naître à droite du Rhin.

Rosbach ! Waterloo ! Vengeance !
L'homme, ivre d'un affreux bruit,
N'a plus d'autre intelligence
Que le massacre et la nuit.

Amor de mãe.—O coração da mulher, por mais arido que o tornem o sopro dos preconceitos e as exigencias da etiqueta, tem sempre um cantinho fertil e risonho destinado por Deus ao amor maternal.

Este delicado pensamento é de Alexandre Dumas.

Notavel denodo de cinco portuguezes. — Abundão nos nossos fastos casos do valor individual dos nossos antepassados; mas, entre todos, escolhemos o que vamos narrar, por causa da enthusiastica admiração que inspirou aos proprios inimigos.

Sitiava Affonso d'Albuquerque a cidade de Goa. O Hidalcão (assim o appellidão os nossos chronistas, que tiverão a habilidade, com esta maldita desinencia em *ão*, de tornar horripilantes as palavras da harmoniosa lingua indiana) o Hidalcão, pois, tencionou queimar a frota sitiadora; e, para isso, preparou uma grande quantidade de jangadas cheias de materiaes inflammaveis que devião ser arrojados em tempo opportuno contra os navios portuguezes. Teve Albuquerque conhecimento do projecto, e determinou tomar a dianteira. Altere-se o proverbio, e diga-se: «Para lhe não arderem as barbas, foi queimar as do visinho.»

Encarregou d'essa missão a D. Antonio de Noronha, e poz ás suas ordens dez lanchas e trezentos homens. Quando este ia dar principio á sua incumbencia, assaltão-n'o trinta paráos vindos da ilha de Divarim, emquanto do lado da cidade se encaminhava para as lanchas um grande numero de embarcações do Hidalcão.

Dividiu D. Antonio de Noronha a sua frotasinha em duas esquadrilhas: uma, de seis lanchas, commandada por Jorge da Cunha, foi contra os paráos da cidade, que fez logo encalhar, e que varejou com a artilheria; a outra, commandada pelo proprio Noronha, foi contra os paráos vindos de Divarim, que fizerão maior resistencia, mas que forão afinal compellidos a retirar-se. Perseguindo-os até proximo da cidade, a lancha de Noronha adiantou-se ás mais, e poz a prôa em cima da pôpa do paráo principal. Logo dois soldados chamados Andrades, seguidos por outros tres, saltaram para dentro d'elle. Noronha ia a seguil-os, mas as frechas que partião dos muros de Goa, chovião no mar, e

uma d'ellas feriu Noronha na perna. Ao mesmo tempo a lancha, em que estava, privada momentaneamente de governo, em consequencia da perturbação produzida por esse acontecimento, afasta-se violentamente do paráo, e ahi ficão os cinco valentes desamparados no meio da frota inimiga, que volta a elles de roldão e os cerca, expostos de mais a mais aos tiros dos sitiados.

Era tão grande a multidão dos inimigos, que, apesar do incontestavel valor dos capitães portuguezes, nenhum ousou ir soccorrer os cinco bravos. Pois, apesar d'isso, nem um dos milhares de inimigos que cercavão o paráo foi capaz de entrar nelle; até que Jorge da Cunha, vindo de fulminar os outros paráos, libertou os seus compatriotas, e os salvou a todos, excepto a um, chamado João de Oeiras, que se havia arrojado ao meio dos inimigos, e tinha morrido crivado de golpes.

Tanta admiração produziu a braveza d'estes homens no animo dos proprios inimigos, que o Hidalcão mandou-os cumprimentar, e assegurar-lhes que com elles cinco estava certo de que poderia conquistar a India toda.

Que homenagem maior do que esta se póde prestar ao valor ? !

CHARADA XIX

Já fui substancia agradavel ;
A cristaes fui reduzido ;
A transformação que tive,
Meu sabor não ha perdido. 2

Como sôa, não é nada ;
Mas se a fores prolongar,
Peixe verás excellente,
E não facil d'apanhar. 2

De dia sou desprezado.
Sou á noite procurado.

Alfredo Adolpho d'Aguiar Moutinho.

Festas ao Espirito Santo na ilha de S. Jorge.— O tempo que decorre desde a Paschoa até á Trindade é de grande regosijo nos Açores.

Eis o modo porque celebrão essas festas na ilha de S. Jorge:

O povo de cada fréguezia divide-se em duas irmandades, uma das quaes dá bolos para domingo de Espirito Santo, e se denomina *dos velhós*, e a outra, para o da Trindade, e se denomina *dos mancebos*.

Cada chefe de familia dá ou 50 bolos, ou 24, ou 12, a que chamão uma conta, meia conta, ou quarto de conta. As sete domingas anteriores ao Pentecostes são festejadas por sete individuos d'essas irmandades, que, por sua vez cingindo a fronte da sagrada corôa, e empunhando o sceptro, vão fruindo a excelsa prorogativa de lhes ser dado o alto nome de imperador ou imperatriz. Assiste cada um a uma missa cantada, e, no fim, retirão-se, no meio de grande sequito de convidados, e de padres entoando a *Magnificat* ao som dos rufos de um tambor, e das cantarolas de desentoados foliões. Chegando a casa achão um magnifico jantar para se regalarem, não esquecendo todavia fazer muitas esmolas em honra do Divino Espirito.

No domingo do Espirito Santo e da Trindade ha coroações de manhã, e de tarde reune-se o povo em torno da igreja, onde cada individuo recebe as suas *vesperas*, (como lhes chamão) as quaes consistem em um bolo, um bocado de queijo, e um copo de vinho. Ali passão a tarde tocando e dançando. Na fréguezia da Urzelina e Vellas, o bello sexo equipara-se em adornos a qualquer terra opulenta; e para taes dias, sobretudo, os prepara do mais apurado effeito.

Na fréguezia do Tôpo as *vesperas* são coscorões. Ali são as festas com menos graça, não só porque a fréguezia é pobre, como porque é pouco dada ao luxo: as mulheres, com

especialidade, são desalinhadissimas, o que fez dizer a um individuo que lá foi:

Fui ás *vesperas* ao Tôpo
Para ver a bizarria;
Mas não vi senão grajaus
Por cima da penedia!

Jorge Severino da Silva (Ilha de S. Jorge).

JUNHO — 30

O convento de S. Francisco da villa de Alemquer.—Este convento, que foi o segundo d'esta ordem neste reino, foi mandado edificar, no anno de 1222, pela infanta D. Sancha, filha d'el-rei D. Sancho I. Teve por seu primeiro guardião a S. Zacharias, que nelle falleceu em 3 de Maio de 1249, e onde foi sepultado.

Em 1280, a rainha D. Brites, mulher d'el-rei D. Affonso III, fundou a igreja, cujas obras, interrompidas pelo seu fallecimento, só vierão a concluir-se no tempo de seu filho, el-rei D. Diniz.

Consta a fundação do templo de dois distichos, abertos em pedra, que estão collocados sobre a porta principal da entrada, aos dois lados d'ella.

Diz o da direita: «*Esta igreja fundou a mui nobre rainha Dona Brites, e acabou-a o mui virtuoso seu filho rei de Portugal, comprido de virtudes D. Diniz.*»

E o da esquerda:

«*Hoc perfecisti nimis inclite rex Dionysy;*
Quo virtus, tibi gaudia det paradisi. Amen.»

Ácerca da data da fundação do convento ha outro distícho, tambem aberto numa pedra que está dentro da igreja, por de baixo do côro. Diz assim:

«A infanta D. Sancha, filha d'el-rei D. Sancho, neta d'el-rei D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, fundou este convento no an. 1222. Esta senhora recolheu aqui os santos 5 Martyres de Marrocos, pelo que mereceu vel-os na hora do seu martyrio glorioso.»

Está este convento edificado numa collina, num sitio d'onde se goza uma vista aprazivel para o lado do Tejo, e em frente do logar em que outr'ora existiram os paços em que habitou a sua santa fundadora, os quaes hoje se achão de todo arruinados.

Em 1834, pela extincção dos conventos, ficou este quasi desamparado; e em 1853, por carta de lei de 18 de Agosto, foi concedido á camara municipal d'este concelho, com a sua cerca e igreja, para nelle se estabelecerem a igreja parochial de Santo Estevão, matriz d'esta villa, o hospital da Misericordia, e o cemiterio publico.

Continuou, apesar d'isso, o desamparo, chegando a igreja a ser quasi de todo destruida pelos rigores dos invernos, até que em 1862, forão convento e igreja reedificados, dando-se-lhes a applicação recommendada naquella lei, porque o coração piedoso d'uma senhora, no momento final da sua existencia, se lembrou de deixar meios para a sua inteira reconstrucção.

Acha-se, pois, a freguezia de Santo Estevão, que é antiquissima e que noutros tempos teve uma collegiada de dez beneficiados, com as suas annexas de S. Thiago e S. Pedro, estabellecida desde 25 de Julho de 1863, no sumptuoso templo d'este extincto convento. É a principal e mais populosa d'este concelho: tem 326 fogos com 2:220 almas; tem em si um magnifico estabelecimento fabril, que é a fabrica de lanificios d'esta villa; comprehende muitas quintas de grandes valores, e é muito fertil em vinho, azeite, cereaes e frutas.

O hospital da Misericordia, tambem estabelecido no edificio do antigo mosteiro, não é grande; mas encontrão-se nelle as commodidades necessarias para o bom tratamento

dos enfermos: tem duas grandes enfermarias para pobres, com 20 camas; outra, chamada particular, com 4 camas, para se tratarem aquelles individuos que quizerem pagar a modica quantia de 300 réis diarios; e, além d'estas enfermarias, ainda tem mais dois quartos mobilados com aceio, para quem ali quizer ser tratado á sua custa. Este hospital recebe annualmente, termo medio, 120 doentes pobres, e despende com elles cerca de 800$000 réis.

Quanto ao cemiterio, tambem desde 1843 estabelecido em terreno adjunto ao convento, só se conhece que é o logar onde jazem os restos mortaes d'aquelles que para sempre desceram á escuridade pela cruz tosca, insignia da religião, que se lhe vê cravada na terra; por mais nada. E assim continuará, emquanto os que estão á testa do municipio se não lembrarem do que lhes cumpre, tornando-o policiado e digno do piedoso fim para que se instituiu.

Ernesto A. Ferreira (Alemquer).

JULHO — 1



Dos campos no immenso estuario
Co'o veneno brota o aroma;
Assim co'a virtude o vicio
Arde, referve, e assoma.

Prégação no deserto.—Ha cento e vinte sete annos usavão as nossas portuguezas de certas confeições que punhão no rosto para se tornarem mais brancas e córadas. O padre João Baptista de Castro, escriptor muito conhecido, e que então contava 29 annos, exprobra-lhes esse costume num dos colloquios da sua *Recreação proveitosa*, dizendo:

«Parece-vos que a alvura contrafeita não offende e escandalisa o lustre verdadeiro de vossos rostos? Basta o veneno do solimão para o infeccionar. Onde está ahi logo o esforço da belleza? Olhae: por acaso dois dedos mesclados de alvaiade, inda que seja brunido sobre as faces com estudioso desvelo, poderão emendar, ou pulir algum defeito na symetria das feições? Poderão rasgar mais



os olhos, se são pequenos, e fazel-os negros, se são verdes, ou azues? Poderão corrigir a grandeza da boca, se é desbaratada, ou fazer o nariz mais afilado, se elle for rombo? Não podem: pois vêde quão habil é semelhante adorno para augmento da belleza! antes com esses atavios e esmeros enxovalhais o aceio, que é tambem fundamento da formosura. A cor morena não tem pequeno attractivo para o agrado; e vós, affectando ser alvas, o diminuis; porque dais a entender com esses artificios que desconfiais de vós mesmas.»

Vê-se que preferia as morenas.

Tambem então se usavão espartilhos, *crinolines*, bálões, *merinaques*, donaires, ou o que quer que seja d'este genero, e o bom do padre, depois de lhes censurar que ellas inutilisassem os dedos com as algemas de rubins e diamantes, prendessem os braços com manilhas de aljofres, o pescoço com garrote de perolas, e as orelhas com labyrinthos de oiro, diz-lhes: «Para que martyrisais e opprimis a cintura com a molesta estreiteza do espartilho se haveis de dar tantas largas aos escandalos da neve? Que importa irdes fazendo solidas pavonadas e ostentação de airosas, se esta mesma indecente compostura que em redondo se vos affasta do corpo duas varas, dá franco conhecimento de qual seja o ambito e desar da vossa vaidade?»

Prégava no deserto. Os donaires acabaram quando já o bom do padre não existia, e acabaram para depois resuscitar mais amplos.

JULHO — 3

LOGOGRIPHO VI

Uma prima, que já tive,
Santa familia illudiu;
Intrigou-a, fez-lhe guerra,
O bem estar lhe baniu. 1 e 2

O precipicio não vês?
Alto, alto, cavalleiro! 1 e 3
É mais leve, deixa-o ir,
Não sigas o companheiro. 2 e 1

Alto, grito, se prosegues,
Sentinella vigilante. 2 e 3
Não me pertence a dobrez,
Apanagio do tratante. 3 e 2

No meu estado actual
Nada valho, nada sou;
Faze-me leve mudança,
Valho muito, abrigo dou. 3 e 1

Custou-me a recuperal-o;
Não torno mais a largal-o.

João Maria Mergulhão Neves Cabral (Armamar).

A igreja de Santa Croce.—Entre todas as maravilhas de Florença, a nova capital da Italia, ha uma que, mais do que as outras, attrai e prende o viajante; não porque encerre prodigios artisticos, não porque o cinzel de Miguel Angelo, ou o pincel de Orgagne fizessem brotar obras primas dos seus marmores, ou das suas telas, mas porque ali, debaixo d'aquellas abobadas, campeião cinco tumulos, onde se achão gravados outros tantos nomes, que nas trevas do sepulcro scintillão, como constellação gigante nos abismos do infinito.

Esses tumulos são os de Miguel Angelo, Dante, Alfieri, Galileu, e Machiavello.

Sobre o de Miguel Angelo debrução-se as estatuas da pintura, da architectura, e da esculptura, chorando o seu valido. No de Dante lê-se o epitaphio singelo:

Onorate l'altissimo poeta.

Sobre o tumulo de Alfieri, obra de Canova, chora o vulto de Italia, que o grande poeta cantou. No de Machiavello lê-se este epitaphio altamente expressivo:

Tanto nomini nullum per elogium.

Tem a Inglaterra Westminster; a França, a Magdalena; a Italia, Santa Croce,—pantheons dos seus grandes homens. Em que recanto se esconde o pantheon portuguez?

Deus e o trajar feminino.—Se Deus quizesse, diz Tertulliano argumentando contra o luxo, que as mulheres usassem fatos de cores brilhantes, teria dado aos carneiros lã vermelha, ou azul.

Esta razão é dada por um padre da igreja; mas, aqui para nós, parece de cabo de esquadra.

A UM RETRATO

Foi assim que eu a sonhei!
Timida, pura, singela,
Eil-a aqui, em fina tela,
Como na mente a criei!
Limpida a luz de seus olhos;
Nos labios, terno sorriso
Suspenso ainda diviso;
Foi assim que eu a sonhei!

Que de lembranças agora,
Me vens, retrato, avivar!
Como estou vendo passar
Ante meus olhos, d'outr'ora
Momentos lêdos, formosos,
Que junto d'ella passei!
Que sonhos que então sonhei!
Que de lembranças agora!

Na praia á noite sentados,
Á meiga luz do luar,
Ouvia-a de amor fallar,
E os olhos... tão namorados
Na fina arêa fitava!
Como ali era feliz!
Que de protestos lhe fiz
Na praia á noite sentados!

Depois, olhando as estrellas,
P'ra mim sorrindo volvia,
E baixo, assim me dizia:
«Oh Jayme! como são bellas!»
E o peito, lindo, arquejante,
Co'a nivea mão comprimia;
«Que noite linda!» dizia
Depois, olhando as estrellas!

Uma tarde, ai! que saudade!
Ao cair da noite o manto,
Cheio de luz e de encanto,
Sobre os tectos da cidade,
De branco toda vestida
Passeiava á beira-mar;
E vi-a, vi-a a chorar,
Uma tarde, ai! que saudade!

Cheguei-me a furto, e olhei-a!
Chorando era tão bella,
Que perto, ali, junto d'ella,
dos ceos baixada julguei-a!...
Seus negros, longos cabellos,
A leve brisa ondeava...
Que forte o seio lhe arfava!
Cheguei-me a furto, e olhei-a!

Quizera vel-a chorando
Assim, tão cheia d'encanto,
Se não soubera que o pranto,
Seus lindos olhos turvando,
Lhe ia fundo ao coração!
Ai! quem assim a não vira!
Se a dor julgasse mentira,
Quizera vel-a chorando!

. . . .
. . . .
Ai! que saudosa lembrança,
Me vens, retrato, avivar!
Que meigo sonho é amar,
Amar em sonho a esperança,
Amal-a... como eu a amei,
Sem acordar uma hora!
Lembrando tempos d'outr'ora..
Ai! que saudosa lembrança!

Joaquim Alves C.

JULHO — 6

Phaetonte.— Na casa que serve de tribunal ao juizo de direito d'esta comarca vê-se, entre outros quadros de azulejo, o seguinte: Phaetonte, na acção de cair do carro do sol, fulminado pelos raios de Jupiter; e, por baixo, a seguinte quadra:

Quien, contra consejo sano,
El suyo sigue arrojado,
Que mucho precipitado
Se mire, por ser tan vano!

Com quanto baseado na mythologia, é dictame de moralidade, e para não desprezar.

Cesar Augusto Falcão (Braga).

JULHO — 7

Lisongeiros. — Os esforços que esta raça emprega para conseguir agradar aos dispensadores das mercês e das honras, que elles tanto cubição, levão-n'os a taes exagerações de elogio e baixeza, que tocão as raias da tolice, e que muitas vezes as transpõem. Citaremos alguns exemplos de tolices por lisonja:

Um cortezão, a quem Luiz XIV perguntava que horas erão, respondeu-lhe: —As que vossa magestade quizer. Outro, a quem o mesmo rei se queixava de já não ter den-

tes, acudiu logo: — Dentes, meu senhor! é coisa que ninguem tem!

Napoleão tambem teve o dom de inspirar aos seus lisongeiros algumas d'estas grandes tolices, como, por exemplo, a d'um senador, que, fazendo um discurso á imperatriz mãe, a comparava com a mãe de Christo, e outro que, apresentando ao imperador uma leva de recrutas, se extasiava sobre o *exercicio salutar* que esses felizes filhos de França iam ter, exercicio salutar em que deixavão os ossos por todos os campos de batalha da Europa!

Santa gente!

JULHO — 8

Villa Nova de Gaya. — Na margem esquerda do rio Douro está situada a povoação de Villa Nova de Gaya, mandada fundar por D. Affonso III, em 1255, para cujo fim ordenou que descarregassem d'esse lado todas as embarcações dirigidas ao Porto; para d'esta fórma lhe serem pagos os direitos, e não aos bispos, que os recebião como senhores, que erão, da mencionadá cidade.

Sendo D. Affonso III imitado por seus successores, produziu isto varios interdictos, queixas para Roma, e excommunhões, até que finalmente ficou vencida a influencia episcopal.

D. Diniz deu-lhe foral em 1288.

Tinha esta Villa dois conventos: o do Corpus-Christi, e o da Serra do Pilar, celebre desde 1832 a 1834; das suas eminencias se goza o lindo panorama da cidade do Porto, que lhe fica fronteira, e á qual está unida por uma magnifica ponte pensil.

Existiu outr'ora entre o logar de Santo Ovidio e o de Coimbrões, d'esta fréguezia, uma villa chamada Portugal. Fez doação d'ella el-rei D. Ordonho II, de Leão, a D. Gomado, bispo de Coimbra, no anno 912.

Tem igualmente esta villa um excellente estaleiro para construcção de navios, e numerosos armazens em que os

negociantes depositão os generosos vinhos do Douro, bem conhecidos e estimados no estrangeiro.

É de todos bem sabido que de uma antiga povoação chamada *Cale*, hoje Gaya, e da palavra *Portus*, se deriva o nome de Portugal.

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

JULHO — 9

CONCHA Y CORAZON

Viste la concha del mar,
Que bebiendo el sudor bello
Del alba, forma una perla
En su concavo pequeño:
Y que al paso que la concha
Va con la perla creciendo,
Crece la union de entrambas,
Con un lazo tan estrecho
Que para sacar la perla
Rompen la concha primero,
Y se quiebra con el golpe,
En pedazitos pequeños?

Pues asi mi corazon
Fue concha que con el tiempo,
Hiba criando una perla,
Que es nuestro amor; fue creciendo
Tan unido, que en los dos
De dos almas hizo un cuerpo,
De dos mitades un alma,
Y un todo de dos compuestos.

Sacanme del corazon
Con violencia y con estruendo
Un amor que habia criado,
E asi a los ojos salieron,
Estas lagrimas, que son,
Por mas que encubrirlas quiero,
Pedazos del corazon,
Que se ha quebrado allá dentro.

João Peres Montalvan.

Um absurdo com sua verdade. — Uma senhora moça e feliz estava desenganada de morrer breve. Bem se póde imaginar se andaria melancolica!

—Que tristeza! lhe disse uma sua amiga; que é o que sente?

—Saudades de mim! respondeu ella.

Franqueza germanica.—Rapp, um dos ajudantes de campo mais queridos de Bonaparte, era alsaciano, e por conseguinte semi-allemão. Dedicadissimo ao seu imperador, tinha uma certa rudeza de maneiras, e tomava liberdades que o grande homem só a elle permittia.

Uma noite, em Vienna d'Austria, conquistada pouco antes da batalha do Austerlitz, tinha acabado o jogo na meza do imperador, e este entretinha-se a brincar com essas moedas de oiro francezas, muito conhecidas, que valem vinte francos, e que se chamão napoleões.



O imperador, que se divertia ás vezes motejando com os seus cortezãos, volta-se para Rapp, e diz-lhe:

— Ó Rapp, os allemães gostão muito d'estes napoleões pequenitos, não gostão?

— Sim, meu senhor, torna brutalmente o ajudante de campo, muito mais do que do grande.

Napoleão franze a sobrancelha, conserva-se um instante silencioso e sombrio, e depois acode sorrindo-se:

—Isto, meus senhores, é que se póde chamar franqueza germanica!

Se todos os que o rodeiavão fossem assim, talvez o grande homem não houvesse morrido em Santa Helena!

Bom contracto.— Alexandre Magno, de Macedonia, resignando-se a não ter um Homero que lhe cantasse

os feitos, resolveu-se a acceitar um poetastro que lhe appareceu.

Mas, não querendo ser roubado, ajustou o seguinte com o poeta: por cada verso bom dava-lhe uma peça d'oiro; por cada verso mau, uma bofetada.

Se os editores modernos seguissem este systema!...

JULHO — 11

Amor sympathico e natural. — É o das creaturas irracionaes originado da semelhança das feições, ou do temperamento. Tal é o commercio das abelhas na sua politica, das formigas na sua economia, dos quadrupedes e dos volateis na sua republica. Até nas plantas, e nos mineraes reluzem faiscas d'este amor. Folga a palmeira na visinhança de outra, e ambas,



abraçando-se occultamente com as raizes, ostentão na sua abundancia dos frutos os effeitos da sua fecundidade. Outro milagre do amor se vê no ferro e no iman: o ferro, iman metallico, e o iman, ferro empedernido, tão amigavelmente communicão as suas virtudes, que ao iman vôa o ferro sem pennas, e o iman sem vinculos prende e suspende o ferro!

D. Raphael Bluteau.

JULHO — 12

CHARADA XX

Com uma vez anda á roda. 1	É um nome. É tão galante !
Aperta, com outra voz. 1	Mas isto aqui para nós.

Post scripto. Eis um signal:
Fallo de voz musical.

M. J. R. (Villa Alva).

JULHO — 13

Palmares. — É uma das paginas mais originaes da historia do Brazil esta que vamos narrar : Em 1650 uns quarenta pretos escravos, todos do paiz de Guiné, fugiram, levando comsigo armas de fogo, e refugiarão-se no interior da provincia dos Alagões, onde construiram cabanas, fundando o que se chama Quilombo. Todos os pretos que se escaparam das roças da provincia, ali se lhe ião agrupar ; alguns mulatos tambem para lá forão ; de fórma que vendo-se já em numero sufficiente, internarão-se na porção da provincia ainda não explorada, dividiram entre si os campos descobertos, e fundaram uma villa, a que chamaram villa de Palmares.

Nesta Roma preta faltavão mulheres do mesmo modo que na Roma italiana, e do mesmo expediente usaram os negros imitadores dos companheiros de Romulo : assaltaram as roças visinhas, e raptaram não só pretas e mulatas, mas tambem algumas brancas.

A fama d'esta gente dilatou-se pela colonia, e muitos pretos fugiram para se lhes irem associar; de maneira que, augmentando em numero a negraria, ditaram leis á provincia, e foi necessario que os plantadores se alliassem com

elles, e os abastecessem de armas, de mantimentos, e de munições.

Nem o governo da colonia, ainda exhausto de forças pela recente guerra da restauração contra os hollandezes, nem o governo da metropole, que ainda lutava com os hespanhoes, podião destruir esta juvenil republica.

Livres de cuidados, os pretos entregarão-se á agricultura. Aldeias florescentes se ergueram á sombra dos muros da capital. Fundaram um governo electivo, cujo chefe se chamava *Zombé*, e que tinha magistrados secundarios.

Promulgaram leis que punião com a morte o assassinio, o adulterio, e o roubo. Não havia disposições escriptas: era um codigo oral. Havia uma lei singular: o escravo que conquistava a sua liberdade gozava dos foros de cidadão; o que era raptado das roças por algum destacamento dos pretos republicanos, continuava a ser escravo.

Fizerão uma formidavel circumvallação de duas ordens de madeiros em torno da capital. Tres portas de rija madeira nella se rasgavão. Cada porta tinha uma plata-fórma, e a cidade tinha sempre duzentos homens de guarda.

Não havia ruas: as habitações estavão dispersas d'um modo altamente pittoresco, pelo meio de espaços de terreno cultivado, cortados de regatos que derivavão d'um lago proximo.

Durava já, havia cincoenta annos, a republica: tinha a capital vinte mil habitantes, quando o governador de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro, homem de grande energia, portuguez de rija tempera, entendeu que devia dar cabo d'aquelle *statum in statu* que ameaçava tomar proporções gigantes, e que ia já privando de escravos todo o Brazil. Combinou-se com o governador geral D. João de Lencastre, e um pequeno exercito, commandado pelo mestre de campo dos Paulistas. Domingos Jorge marchou contra Palmares. O exercito não levava artilheria: este desprezo pelo inimigo foi fatal á expedição. Os pretos fizerão uma resistencia desesperada, e os portuguezes tive-

rão que retirar-se. Marcharam novas tropas, commandadas pelo capitão mór Bernardo de Vieira e Mello. A artilheria fulminou a circumvallação, as pontes forão arrombadas, e o exercito entrou em Palmares. Então realizou-se um acto de energia selvagem, que lembra a heroicidade feroz dos primitivos romanos: o *Zombé* e os outros chefes subiram a uma eminencia central que dominava a cidade, e precipitarão-se do rochedo, não querendo sobreviver á sua liberdade.

Palmares foi arrazada, e os seus habitantes distribuidos como escravos pelos homens da expedição.

Assim acabou a ephemera republica.

JULHO — 14

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?
— A infancia!

Que sombra, que phantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?
— Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?
— D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo
Surgindo bella, qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma,
Dize, poeta, o que escolhias?
— Flores.

E se ella, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Dize, meu louco, o que mais tinhas?
— Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?
— A vida!

Casimiro d'Abreu (Brazil).

JULHO — 15

Resposta acertada. — Depois da celeberrima noite de S. Bartholomeu, em que o fanatismo horrendo de Carlos IX lhe fez perpetrar esse abominavel crime da matança dos protestantes, e, entre outros, do honrado, valente, e digno almirante Coligny, Catharina de Médicis, principal instigadora d'esse acto barbaro e impolitico, querendo attenuar o horror d'esse attentado nefando aos olhos das côrtes estrangeiras, estando em conferencia com o embaixador de Inglaterra, disse-lhe, como que para desculpar o assassinio de Coligny, que este aconselhára muito a el-rei que desconfiasse da côrte ingleza.

— Ah! eu sei, acudiu com todo o sangue frio o digno embaixador, que o almirante sempre foi muito mau inglez, mas era em compensação muito bom francez.

O grillo.—São os grillos estimados de alguns habitantes de Lisboa pelo som da sua musica produzido com as azas. Crião-se nos campos onde ha herva com abundancia, e abrem buracos profundos, usualmente em terras barrentas. As tocas são feitas em fórma de caracol. As femeas são conhecidas por terem tres quinas na cauda, sendo a do meio mais comprida do que as dos lados, e mais grossa no fim do que no principio, emquanto os machos têem só duas, e ambas do mesmo feitio.

As grillas produzem immensos filhos, que nascem do tamanho de formigas pequenas, brancas, e sem azas; mas logo depois fazem-se negros e luzentes. Pelo anno adiante vão mudando a pelle, que sai inteira, ficando brancos. Tornão porém á sua cor negra em menos tempo do que quando nascem.

Os grillos, á proporção que mudando a pelle, vão-lhes nascendo as azas inferiores, isto é, as que têem por baixo d'aquellas que produzem o zunido, e no fim de as mudarem umas tantas vezes nascem-lhe então as azas superiores.

Nascem sempre no verão, e começão logo a andar, separando-se das mães para agenciar a vida. Quando chega o inverno fazem buracos tão profundos, que custa a dar com elles; porém, quando chega a primavera, começão a vir para a superficie da terra, e a cantar á borda da sua toca.

Vendem-se a 10 réis em Lisboa, na praça da Figueira. Os pobres engaiolados morrem umas vezes de fome, outras de frio, logo que chega o outono. Se não fôra o seu captiveiro, e os deixassem, viverião annos.

Eugenio Albano Gonçalves (Salvaterra de Magos).

JULHO — 17

Um aborto de cidade. — Existem no mundo em abundancia ruinas de cidades, onde todos os viajantes,

mais ou menos poetas, gostão de meditar sobre o nada das grandezas humanas. Mas o que nos parece que só existe em França, é um esqueleto de cidade, morta antes de nascer, uma Palmyra embrionaria, um feto de Balbek.

Um dia Napoleão percorre o sul da França, e depara-se-lhe um sitio, onde julga que poderia existir uma cidade e um porto. Dá as ordens necessarias para que se principie a construcção, manda fazer o plano, baptisa-a com o nome de Bone, e avisa logo engenheiros.

Passava-se isto pouco antes da campanha da Russia. Sobrevém os desastres de 1812, logo os de 1813, depois a invasão da França. Vão lá pensar em construir uma cidade quando desaba um imperio! Que passaro se atreve a edificar o ninho na ramaria do carvalho que baquela fulminado pelo temporal?

A cidade ficou, pois, por nascer.

Se percorrerem a França meridional, lá encontram, ou lá encontrarião (não sabemos se ainda existem) postes com as taboletas seguintes: *Theatro da imperatriz Maria Luiza, Rua do Grande Porto, Casa da Camara,* etc.

Que meditação faria Volney sentado neste ermo, que esteve para ser mais uma vasta colmeia da humanidade?

JULHO — 18

O castello velho.— Nas proximidades de Villa Nova de Foscôa, sobranceiro ao rio Douro, e coberto de magestosos sobreiros, eleva-se um pequeno monte chamado *Monte Meão.*

No centro d'este monte estão as ruinas de um espaçoso e seguro castello; ignora-se o seu primitivo nome, mas hoje é conhecido pelo de Castello velho.

Segundo a tradição, pertenceu a alguns moiros; porém mais parece ter sido habitado pelos romanos, porque nas suas proximidades se têem encontrado moedas com o nome e a effigie de alguns de seus imperadores.

Individuos d'aquella villa têem já por varias vezes querido examinar differentes inscripções que se têem achado em algumas pedras; mas, infelizmente, não têem podido colher coisa alguma, por se acharem deterioradas.

S. C. (Foscôa).

JULHO — 19

Bom livro.—Enviaram a Leibnitz um livro, pedindo-lhe que desse a sua opinião ácerca d'elle. Foi esta a resposta do grande philosopho allemão:

—Este livro tem muitas coisas boas e muitas coisas novas. O peior é que as novas não são boas, e que as boas não são novas.

Ha tantos assim!...

Archeologia bracarense. — Ao que dissemos no *Almanach* de 1865, pag. 159, acrescentaremos agora:

No *Campo das Hortas,* da cidade de Braga, appareceram em 1862 restos de construcções romanas. Forão descobertas por occasião de se demolirem uns casebres, tidos, sem duvida, por coisa insignificante pelo comprador, por isso que mandou proceder no mesmo local a uma nova edificação, mas que na realidade erão uma das antigualhas mais notaveis de Braga.

Ahi, segundo é fama, viveu por dilatado tempo o celebre romano, pae das nove irmãs, em cujo numero entra Santa Quiteria. A esposa d'este régulo dera á luz nove irmãs, que depois se tornaram eminentes nas virtudes christãs, e na firmeza com que confessaram a fé, sendo victimas do martyrio no tempo da nona ou decima perseguição.

Nos seguintes annos, dando mais extensão a esta materia, faremos chegar aos leitores do *Almanach* as noticias archeologicas, que nos seja possivel colher, pelo que diz respeito a esta cidade e suburbios.

A. Sotto Maior (Braga).

Um discipulo de Rubens.— Saíra um dia de casa o grande pintor d'Antuerpia, deixando os seus discipulos folgando uns com os outros a descansar do trabalho.

Um criado condescendente franquea-lhes a porta do gabinete do grande artista. Era esse o sanctuario mysterioso, cujas portas elles tinhão desejado mil vezes abrir. Era esse o tabernaculo da arte, o asylo venerado das grandes obras, o ninho sublime da aguia.

Possuidos de respeito, os discipulos contemplão unidos o quadro que está no cavallete; é a *Descida da Cruz*. Já algumas figuras sobresaem completas do esboço geral, e entre ellas admira-se principalmente a *Magdalena* e a *Virgem*, que o mestre acabára nesse mesmo dia. Extaticos e silenciosos, os discipulos contemplão longamente a obra prima, porém afinal vence o estouvamento da idade, e voltão á brincadeira, depois de se terem fartado de admiração e enlevo.



Correm, folgão, riem, empurrão-se, e um d'elles, impellido no ardor da folgança por um seu companheiro, vai cair em cima da tela, e apaga com o cotovello o braço da Magdalena e a cabeça da Virgem!...

Foi geral a consternação, e já ião todos a safar-se, quando

o criado, que assistíra ao desastre, fecha a porta á chave, e diz que d'ali ninguem sai emquanto as duas figuras não forem de novo completadas.

D'esta vez ainda foi maior a afflicção. Quem se atreveria a pôr mãos profanas na tela sacrosanta? Mas o carcereiro é inflexivel, e o tempo aperta. Por votação unanime dos estouvados, sai um d'elles do grupo, e toma, com mão trémula, o pincel do mestre.

D'ahi a pouco estava tudo reparado!

No dia seguinte Rubens, quando vai a pegar no pincel, olha para o quadro com complacencia, e murmura:

—Eu hontem não estava infeliz! Este braço da Magdalena e esta cabeça da Virgem sairam primorosos, valha a verdade.

O discipulo a quem Rubens, involuntariamente, acabava de fazer tamanho elogio, chamava-se Antonio Van-Dick.

Os gigantes logo se revelão no berço. Os Hercules infantis trucidão as serpentes.

JULHO — 21

Origem das synagogas.—Moysés, autor do *Pentateuco*, lia e explicava a sua lei ao povo (*Deuteronomio* I 5), e proximo á sua morte mandou a Josué e seus successores que a continuassem a ler e explicar ao povo de sete em sete annos (*Deuteron.* XXXI, 9 e 11). Vierão depois os prophetas, que tambem recommendaram a leitura dos livros sagrados (*Isaias* XXXIV, 16); e os judeus os lião em suas casas no centro das familias para a sua instrucção religiosa.

Porém, depois do captiveiro de Babylonia, a religião esteve em decadencia; não só porque os judeus, estando no captiveiro, sem templo onde pudessem observar os officios divinos, se forão esquecendo a pouco e pouco da disciplina religiosa, mas tambem porque, depois da sua volta para Jerusalem e da reparação do culto, os doutores da lei, pelo

decurso do tempo se tornaram desleixados e pouco zelosos das suas obrigações, que erão principalmente ler e explicar a lei ao povo (*Deuteron.* XXXI, 9 e 11). Então alguns judeus mais piedosos, levados do amor e zelo pela religião, tomaram a seu cargo o explicar e ler as Escripturas; e para isso escolheram uma casa, onde se reunisse o povo para assistir á sua leitura e explicação. Isto, que começou por uma instituição, ou devoção particular, tomou depois quasi um caracter legal; de modo que no tempo de Jesu Christo já se contavão em Jerusalem 480 casas de *synagoga*.

F. F. de C. L. (Couchel).

JULHO — 22

LOGOGRIPHO VII

A terceira com a quarta
Uma somma é verdadeira
De partes, que são expressas
Pela segunda e terceira.

Não ha ninguem que não tenha
A quarta junta á primeira;
E poucos ha que dissolvão
A quarta que é derradeira.

Has de ter exp'rimentado
Muita vez a principal
Co'a primeira da segunda
E a segunda da final.

A primeira da primeira,
Com terceira, e quarta, dão
Um parente muito proximo,
Uma suave expressão.

Se procuras um retiro
Aprazivel para a gente,
Junta a terceira e primeira
Com a quarta finalmente.

Tenho em tudo um meio termo:
Não sou rico, nem sou pobre;
Não sou alto, nem sou baixo;
Não sou villão, nem sou nobre.

Francisco Ferreira de Carvalho Lucas (Couchel).

O parto da montanha.— Quando se concluiu a paz entre a França e a Inglaterra em 1783, o ministro

Maurepas pediu á academia de inscripções uma divisa ou legenda para a medalha destinada a commemorar este acontecimento. A academia, depois de haver levado seis mezes a discutir o assumpto, enviou uma deputação ao ministro, com a seguinte legenda d'uma rara simplicidade:
— *Pax cum anglis.*

— *Et cum spiritu tuo,* respondeu o ministro.

Tambem por lá os ha.

JULHO — 23

ADEUS!

Despedida ao valle das Furnas, na ilha de S. Miguel

Adeus, Furnas! deveza formosa,
Valle ameno de encantos, adeus!...
Como a luz que fulgura dos ceos
Reanima, aviventa uma flor,
Tal ao triste romeiro da vida,
Que da sorte ao rigor é votado,
Tu acalmas o mal do seu fado,
Trazes dias de paz e de amor!

Das mil crenças que o peito alimenta,
Esta vida é cruel desengano;
É a queda um por um em cada anno
D'esses sonhos que traz a illusão...
E, se vemos brilhar a ventura
Lá na aurora feliz de algum dia,
Logo após vem acerba agonia,
Vem a dor por lutuoso condão!

Assim, tu, tu se ao pobre romeiro
Enfloraste uns momentos de vida,
Sôa a hora fatal da partida,

E a tristeza ao seu peito voltou!...
Mas se á ave, que emigra no outono,
Nunca ao longe teus bosques esquecem,
Tambem nunca em minh'alma fenecem
Impressões que um affecto gravou.

Adeus, pois!... É chegado o momento
De sofrer o pungir da tristura...
Que um destino de atroz amargura
Assim liga o prazer ao chorar!
Mas da vida onde quer que o bulicio
Me arrastar entre as vagas da sorte,
Será sempre meu rumo e meu norte
Tua memoria, ó asylo sem par.

Caetano d'Andrade (Coimbra).

JULHO — 24

O vicio do jogo. — *Auron Raschild*, califa de Bagdad, teve dois filhos: *Amin-Bon-Haroun*, o mais velho, e que lhe succedeu na dignidade, e *Mamoun*, o mais moço, a quem deixou o governo e exercito do Khorasan, com todos os moveis do palacio imperial. *Amin*, desprezando a ultima vontade de seu pae, mal se viu proclamado califa, fazendo recolher a Bagdad as tropas do Khorasan, esbulhou seu irmão dos moveis que lhe pertencião (acção que ainda hoje tem muitos imitadores). *Mamoun* rebellando-se, com toda a razão, contra o irmão, reuniu tropas, e sitiou Bagdad. Dizendo-se a *Amin*, na occasião em que jogava o xadrez, que seu irmão acabava de tomar um posto importante, e que, para reanimar o valor dos sitiados, urgia que sem perda de tempo empunhasse as armas, e se puzesse á sua frente, respondeu: — Deixe-me socegado, porque estou quasi a fazer um lance, com que conto dar *xámate* ao meu adversario.

Entretanto *Mamoun* tomou Bagdad, venceu, e fez matar o irmão.

Mouhamud VI, rei de Granada, sentindo-se moribundo, e querendo assegurar a seu filho a corôa, escreveu ao commandante da fortaleza, em que definhava preso seu irmão mais velho, *Syd Youzef*, ordenando-lhe que, logo que recebesse aquella carta, o matasse. O alcaide estava jogando o xadrez com o principe seu prisioneiro, quando recebeu tal ordem. Vendo-o mudo e perplexo, *Syd Youzef* previu a sua sorte:

— Que ordenou o rei? disse elle, pede a minha cabeça?

O alcaide apresentou-lhe a carta.

— Muito bem, replicou *Youzef*, já agora acabemos a partida; estou certo de que a perco.

O alcaide estupefacto confundia as tabolas; o principe mostrava-lhe e corrigia-lhe os erros. Sempre tinha sangue frio, mesmo de moiro! Neste momento chegavão de Granada a toda a brida dois cavalleiros, para lhe dar a noticia grata (pudera não!) de que seu irmão acabava de fallecer, e que o throno de Granada o esperava.

Eis um azar, e uma fortuna do jogo, ou de gastar o tempo nelle: a um rouba a vida com a corôa; a outro dá ambas as coisas. A quantos porém não tem elle roubado tambem a honra, sem nunca a ter dado a ninguem? São mais as victimas do que os felizes; se algumas vezes dá fortuna ou riqueza, é sempre á custa da desgraça alheia.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Barcellos).

Desejo razoavel. — Ducis, o bom, o pacato Ducis, que se dava tão bem com tudo que o rodeava, teve um dia um momento de zanga contra a humanidade, e exclamou:

— Quando vejo o que se passa por este mundo, tenho vontade de me safar para a lua, e, assim que lá me pilhasse, de abrir a janella, e escarrar no genero humano!

Tinha razão, tinha.

JULHO — 25

CHARADA XXI

São do reino mineral. 1
São do reino vegetal. 2
E são do reino animal.

Theodoro João Henriques (Ilha da Madeira).

JULHO — 26

Logro mutuo. — E passou-se o caso nada menos que entre dois homens celebres de Inglaterra: o actor Garrick, e lord Chesterfield, o autor das instructivas — *Cartas a seu filho.*

Garrick, vendo-se num aperto pecuniario, recorreu a Chesterfield pedindo-lhe de emprestimo 50 libras, que dentro em um mez lhe serião pagas. Emprestou-lh'as o fidalgo; e o comediante, ao expirar o praso, pontualmente lh'as satisfez.

Passa algum tempo, e Garrick novamente em casa de Chesterfield. D'esta vez só necessita de 25 libras, e restituir-lh'ás-ha dentro em quinze dias.

— Tudo isso está muito bom, mas eu é que lh'as não empresto.

— Não m'as empresta! pois eu da outra vez não o reembolsei como um cavalheiro?

— Por isso mesmo! a mim quem me engana uma vez, não me engana segunda; eu nunca esperei que o meu amigo me restituisse as outras.

Quando se fallava de lord Chesterfield diante de Garrick, era sempre este o primeiro a divertir o auditorio com a anecdota.

Porque é que os cães ladram a lua. — Caso parece á primeira vista de difficil explicação o habito inveterado que estes dignos quadrupedes têem de ladrar contra a rainha da noite. Ninguem póde imaginar que isso seja um simples capricho sem motivo, e com effeito não é. Os cães, animaes de vasta erudição, tanto assim que os ha que se denominão com especialidade sabios, o que não quer dizer que o resto da classe não seja illustrada, conhecem a fundo a historia da sua raça nos tempos antigos e modernos. Ora sabem elles que essa branca deusa que se ostenta no ceo azul não tinha simplesmente uma feição celeste, mas tambem outra infernal, que a irmã d'Apollo era a deusa do Erebo, que a Diana caçadora era a Hecate de cabeça de cão, e á qual se sacrificavão cães. Esta hecatombe antiga excitou, como é facil de suppor, as iras da raça canina. Transmittiu-se o odio de paes a filhos, e hoje, que já estão extinctos os sacrificios, ainda nas horas mortas da noite os cães erguem a voz para injuriar a triplice deusa, e vingar por essa fórma a sua velha offensa.



Elogio funebre da Inglaterra e dos inglezes. — Dizia um francez, voltando de Londres, onde passára muitos annos : Na Grã-Bretanha oito mezes do anno são de inverno, e quatro de mau tempo.

Para uma pessoa se purgar não precisa de mandar á botica: basta abrir a janella, e mastigar uma, ou duas dóses de nevoeiro.

Fruta madura é coisa que lá não ha: só maçãs cozidas.

Agora, quanto a polidez, sim, senhor : a do aço é admiravel.

Muito gostão os francezes da Inglaterra !

Um pae.—Conta o marquez de Saint-Lambert que, durante as guerras de que a America foi theatro nos fins do seculo passado, um joven official inglez tivera a má sorte de cair nas mãos de dois selvagens *abenakis*. Esta tribu era então bastante conhecida pela crueldade com que tratava os inglezes captivos; e o mancebo, que perdêra a liberdade, perdêra tambem a esperança de escapar á barbaridade dos sertanejos.

Os açoites começavão a rasgar-lhe as carnes, quando appareceu um velho *abenaki*, a quem os dois selvagens cederam respeitosamente as honras da vingança. O velho, armado de arco, aponta ao prisioneiro; porém, um momento antes de despedir a frecha, deixa cair a arma, e vai, com as lagrimas nos olhos, pegar na mão do mancebo, e conduzil-o para a sua cabana!



Durante o inverno, o filho do sertão ensinou ao inglez a lingua dos *abenakis*, e os usos e costumes d'aquelles povos selvagens. Quando chegou a primavera, os *abenakis* pegaram de novo em armas, e o generoso velho lá se dirigiu, acompanhado do inglez, para o campo da batalha, que da sua cabana distava duzentas leguas.

Chegaram, e, ao avistar as tendas e o arraial do inimigo, disse o *abenaki* ao inglez:

—Eis teus irmãos diante de nós. Porém, olha tu: fui eu quem te livrou da morte, quem te ensinou a caçar o orinhal, a fazer canoas e frechas, a atacar o inimigo com vantagem. Serás agora tão ingrato que te vás reunir aos inglezes e combater contra nós?

—Perderei mil vezes a vida, antes de derramar o sangue de um só *abenaki*, protestou o inglez.

O velho meditou um instante, e disse:

—Tens pae?

—Era ainda vivo quando me ausentei da patria, respondeu o joven.

—Ai d'elle! suspirou o *abenaki*. E, depois de algum silencio, continuou:

—Eu tambem era pae; meu filho caiu ao meu lado no campo de batalha. Vi-o cair coberto de feridas... mas vinguei-o! sim, vinguei-o!

O velho tremia, e comprimia um gemido de dor e de colera. A tempestade, que por um momento lhe agitou a alma, serenou-se a pouco e pouco.

—Vês este ceo esplendido? Gostas de ver aquella franja de oiro e purpura, lá ao cabo d'este nosso horisonte? perguntou o velho, voltando-se para o sol que rompia das montanhas do levante.

—Sim! respondeu o inglez, sinto prazer ao contemplar este ceo encantador.

—Não q sinto eu, disse o *abenaki*, derramando copioso pranto.

—Apraz-te ver esta bella arvore? tornou o velho, indigitando uma mangueira em flor.

—Apraz, sim.

—Pois a mim já não me apraz! Vae, torna ao teu paiz, para que teu pae sinta alegria ao ver o sol nascente, e as flores da primavera!

A. Candido Figueiredo (Vizeu).

DUAS FADAS

Che eleggio far?...

Que duas fadas tão lindas,
Mas que diff'rente lindeza!
São formosuras distinctas!
São dois typos de belleza!
Ao ver d'uma a graça infinda,
D'outra a meiga singeleza,
O peito bate por ambas,
Mas vacilla na incerteza.

Tem esta negros cabellos,
Negros os olhos tambem;
Mas não ha no ceo archanjo
Com olhos como ella tem!
Quando os fita com ternura,
Não lhes resiste ninguem;
Mas são uns olhos suaves,
Uns olhos que fazem bem.

Aquella, de loiras tranças,
Tem nos olhos fogo tal,
Que ao vel-os logo rebenta
No peito incendio fatal!
São garços, vivos, ardentes,
Têem um fulgor divinal;
Mas são uns olhos tyrannos,
Uns olhos que fazem mal.

Esta, morena, sympathica,
Singela, mas elegante,
Tem mais modestia no porte,
Mais tristeza no semblante;
Olhar timido, innocente,
Mas tambem vivo e radiante,
Que revela menos fogo,
Mas affeição mais constante.

Aquella, branca, animada,
Cutis da cor do jasmim,
Tem finas rosas nas faces,
Nos labios fino carmim;
Aquelle olhar desenvolto
Despede chammas sem fim!
Diz agora um—não—soberbo,
Mas logo um rapido — sim!—

Ambas têem mil attractivos;
Mas é vario o seu condão:
Uma os sentidos embala,
Outra accende o coração.
Esta ha de amar co'a loucura
D'uma instantanea paixão.
Na morena descortino
Um ceo de pura affeição.

Oh! É esta a que eu prefiro!
Esta não ama um momento;
Esta ha de amar toda a vida
Num eterno encantamento!
Pode com fé adorar-se,
Querer-lhe sem sofrimento,
Que esta não dá, como a outra,
Por cada affago um tormento.

Antonio Xavier de Sousa Cordeiro (Coimbra).

JULHO — 30

CHARADA XXII

Com lume, é sem lume.	1	Medonho phantasma,
Estou no vapor.	1	Tu causas-me horror !

S. M.

JULHO — 31

Ara cœli. — Antonino refere em suas chronicas o seguinte facto:

Quando Jesu Christo nasceu, achava-se reunido o senado romano, para sanccionar que Augusto Cesar fosse venerado como Deus; tendo-lhe previamente erigido estatuas, e dedicado altares.

Por esta occasião foi chamada uma sibylla, que então vivia perto de Roma, para que ella predissesse se algum outro homem poderia succeder a Augusto no imperio.

A sibylla aponta de repente para o ceo, e mostra nelle um circulo de oiro que resplandecia com brilhantissimos raios, e sustendo no seu centro uma formosissima donzella com um menino nos braços de estranha belleza; ouvindo-se distinctamente, e ao mesmo tempo, uma melodiosa voz, que dizia: *Hoc est ara cœli.*

O senado, assombrado com este prodigio, proclama que aquelle é o verdadeiro Deus, e converte a casa da camara, aonde se achava reunido, em um sumptuoso templo, dedicado ao Menino Deus, e sob a denominação de *Ara cœli.*

O Mantuano toca neste prodigio nos seguintes versos:

Fulgentem nitido monstravit in oethere circum
....
Ille puer, Deus est, inquit.

Constantino T. de Vasconcellos Leite Pereira
(Amarante).

Murcha flores e verdura
O beijo canicular;
Morre da vida a poesia;
Campeia a prosa no lar.



Maxima questionavel. — Dizia em certa roda um credor diante do seu devedor, marralheiro como poucos:

— Quem paga o que deve, fica rico. Sempre ouvi esta sentença, e é verdade.

— Historia! atalhou o outro, são balelas que os credores espalhão.

— Eu por mim, insistiu o primeiro, não sei como um homem que deve póde dormir.

— O que eu não sei, triplicou o segundo, é como póde dormir um homem a quem os outros devem!

A religião christã e o n.º 7. — Pelo só querer da sua vontade, e ao som de sua voz poderosa, fez Deus sair do nada a portentosa machina do Universo com toda a immensidade e diversidade de seres, que o adornão e povoão, no espaço de seis dias; e descansou no setimo, dia que abençoou e santificou (diz o texto sagrado). Assim pois, e em memoria de tão grande feito, ficou a semana composta de 7 dias, sendo o ultimo considerado como um dia de repouso solemne, consagrado especialmente ao Senhor e ao culto publico da religião. São 7 as epocas, ou antes periodos, em que o commum dos historiadores costuma dividir a historia da Igreja do Antigo e Novo Testamento. São 7 os sacramentos que Jesu Christo instituiu para nossa sanctificação, e 7 são tambem as ordens, ou graus do sacramento da ordem. São 7 os dons do Espirito Santo. São 7 as principaes virtudes que constituem um verdadeiro christão: tres theologaes e quatro moraes. Contão-se quatorze artigos da nossa fé: 7 pertencentes á divindade, e 7 á humanidade de Nosso Senhor Jesu Christo. São quatorze (duas vezes 7) as obras de misericordia, ou de caridade: 7 corporaes e 7 espirituaes. São 7 os peccados capitaes, e 7 igualmente as virtudes que lhes são oppostas. São 7 as horas canonicas ou partes do officio divino. São 7 as petições do Padre Nosso. Faz duas vezes 7 o numero das famosas epistolas de S. Paulo, e 7 é tambem o numero das restantes do Novo Testamento, escriptas por S. Pedro, S. João, S. Thiago e S. Judas. São 7 as dores de Nossa Senhora, e 7 as dezenas da corôa. No computo ecclesiastico usa-se, para designar as lettras dominicaes e festas moveis, do cyclo solar, ou periodo de 28 annos, que é divisivel por 7, e 7 são igualmente as lettras dominicaes, correspondentes aos 7 dias da semana. São 7 os signos ou notas do canto ecclesiastico. São 7 os Passos do Nosso Divino Salvador, que se contão desde o Pretorio

até ao Monte Calvario. 7 vezes fallou aquelle Senhor, estando pendente da cruz, e 7 forão as palavras que proferiu a ultima vez que fallou, já prestes a expirar!...

O vigario, *Manoel Henriques David*
(Graça de Pedrogam).

AGOSTO — 3

A ordem da abelha. — Esta ordem, instituida a 11 de Junho de 1703, entrava no numero das diversões da pequena côrte formada em Sceaux (França) pela duqueza de Maine. A medalha da ordem, gravada nas *Recreações numismaticas* de Dubey tinha a cabeça da duqueza de Maine com a legenda: L. BAR. D. SC. D. P. D. L. O. D. L. M. A. M. (Louise, baronne de Sceaux, directrice perpétuelle de l'ordre de la mouche à miel). No reverso, uma abelha dirigia o seu vôo para uma colmeia, com a divisa: *Piccola si fa, ma gravi le scrite.* (Eu sou pequena, mas dou profundas picadas).

Os cavalleiros, no acto de se lhes conferir a ordem, pronunciavão o seguinte juramento: «Eu juro pelas abelhas do monte Hymetto fidelidade e obediencia á directora perpetua da ordem, trazer toda a minha vida a medalha da abelha, e cumprir os estatutos. Se eu faltar ao meu juramento, consinto que o mel se converta para mim em fel, a cera em cebo, as flores em ortigas, e que as bespas e os moscardos me atravessem com os seus ferrões.

AGOSTO — 4

Bom Jesus de Iguápe. — A veneranda imagem d'este Senhor inspira ardente devoção a todos quantos a têem visitado; e o numero de romeiros que ali concorre nos primeiros dias de Agosto cresce annualmente. Iguápe é uma pequena cidade da provincia de S. Paulo; porém no tempo d'aquella romaria torna-se animada, e as suas festas

fazem-se com extraordinaria pompa. O provedor é sempre um capitalista eleito em qualquer das provincias do imperio, e sempre acceita de bom grado este pio encargo. Um antigo documento firmado por certo visitador em 22 de Outubro de 1730, e que se conserva cuidadosamente na igreja, em logar patente, refere: Que no anno de 1647 dois indios boçaes, indo para a villa da Conceição, a mandado de Francisco de Mesquita, morador na Juréa, acharam na praia de Una aquella sagrada imagem, e, junto da mesma, uma caixa com velas de cera, e alguns vasos de azeite doce; e, correndo a participar o caso ao referido Mesquita, um visinho d'este, de nome Jorge Serrano, com algumas pessoas de sua familia se dirigiram ao logar, e, achando realmente a santa imagem, a conduziram até ao rio Iguápe, onde, com respeitoso acatamento, a lavaram, tirando-lhe o salitre; pelo que se ficou chamando áquelle logar *Fonte do Senhor*. É uma verdadeira piscina para o povo, que lhe attribue curas milagrosas. Neste mesmo logar ha uma pedra, sobre a qual depositaram a imagem no acto da sua purificação, e da qual se extraem tenues particulas, que, com muita devoção, se distribuem pelos fieis.

A santa virgem, depois de encarnada, foi collocada na igreja de Nossa Senhora das Neves no dia 2 de Novembro do referido anno. Affirma mais esse documento ser constante tradição que a sagrada imagem do Senhor Bom Jesus vinha de Portugal embarcada para Pernambuco, e que, encontrando-se o navio com infieis, os portuguezes a lançaram ao mar para não ser profanada, tomando a precaução de a fazer acompanhar de uma caixa de velas de cera, e vasos de azeite doce, afim de ser alumiada, se porventura, como a fé lhes certificava, ella aportasse a praias de christãs.

O vigario, *J. G. d'Oliveira Paiva* (Desterro—Brazil).

Quantos são os doidos neste mundo?

—Quem doidos não quer ver, adopte o meu conselho:
Feche-se no seu quarto, e quebre o seu espelho.

AGOSTO — 5

Retrato de mulher. — Tinha ella, dizia um autor, fallando de certa mulher, que talvez lhe prendêra o coração derretido, tinha ella uma fronte de marfim, olhos de saphira, sobrolhos e cabellos d'ébano, faces de rosa, uma boca de coral, dentes de perola, e um collo de cisne.



Alphonse Karr, o espirituoso folhetinista, fallando d'este retrato de mulher, tão parecido com outros que ahi estamos vendo todos os dias pintados por poetas, e por outros que querem parecel-o, diz judiciosamente: —Isto pode accender os desejos de um ladrão, creio eu, mas nunca os de um amoroso. Dizemos o mesmo.

AGOSTO — 6

Comediantes canonisados.— Cuidão que os não ha? Pois ahi vão; e têem mais do que os advogados, que só contão por seu patrono S. Ivo:

S. Genest, actor do tempo de Diocleciano, e cuja conversão foi declarada em pleno theatro.

S. Porphyrio, comediante de Andrinopolis. Confessou altivamente diante de Juliano, apostata, que era christão, e este mandou-lhe cortar a cabeça.

Ardeleon, actor da Alexandria. Foi tocado da graça em uma representação, onde lhe competia ridicularisar os mysterios do christianismo, e martyrisado no tempo do imperador Justiniano.

Pelagia, a principal actriz de Antiochia. Ouvindo um dia prégar o bispo de Héliopolis sobre a conversão dos pecca-

dores, abandonou logo o theatro, recebeu o baptismo, deu aos pobres tudo quanto possuia, e retirou-se, disfarçada em homem, para uma montanha, onde esperou a morte no meio das austeridades da vida.

AGOSTO — 7

LOGOGRIPHO VIII

O poder em si reune ; 1 3	São effeitos do canhão ; 2 1
E deu Christo um tal poder. 1 2	Vai divisão exercer. 2 3
Anda tudo em reboliço ; 3 2	Se comprehendes que existo,
Pois é verbo de mover. 3 1	Jámais folgas de me ver.

João Maria Mergulhão Neves Cabral (Armamar).

AGOSTO — 8

Presença de espirito.—Bordier, actor do theatro das Variedades, em França, sendo em 1789 accusado de haver promovido uma insurreição a proposito de cereaes, foi preso em Rouen, julgado, e justiçado em vinte e quatro horas. Este actor numa das peças em que representava com maiores applausos, tinha uma passagem onde, prestes a subir uma escada, se detinha para dizer, voltado para a plateia : *Subirei ou não subirei?* Pois no dia da execução, junto á escada do cadafalso, e proximo a subil-a, deteve-se um instante, e, voltando-se para o executor, disse-lhe tambem sorrindo : *Subirei, ou não subirei?*

Não se póde dar maior prova de sangue frio.

Este homem, dias antes, desempenhando na peça — *Enganos contra enganos*, o papel d'Olivio, coube-lhe pronunciar estas palavras : — Vereis que para arranjar este negocio eu é que hei de ser enforcado.

Tinha, sem o querer, e sem o julgar, lavrado a sua sentença, e soltado o funebre prognostico do seu destino.

A penna.—Sempre foi, e é, na mão do sabio o facho luminoso que esclarece o cahos da ignorancia, o oraculo d'um novo destino, e a arca santa que encerra os segredos do porvir.

Na mão d'um historiador é o alvião com que revolve as ruinas, a picareta com que abre brecha nas tradições esquecidas, e a alavanca com que põe os seculos em movimento.

Na mão de uma mulher é a confidente das suas acções, a encobridora muitas vezes das suas faltas, e a trombeta que apregoa as suas virtudes.

Na mão d'um nescio é o vidro de augmento que faz mais visivel o que elle vale, o operario que trabalha em seu proprio descredito.

Na mão d'um estadista é ás vezes uma arma homicida, outras vezes um remedio heroico.

Na mão d'um poeta é a varinha magica que abre o palacio dos sonhos, a fonte inexgotável de que emanão loucas esperanças, que vão perder-se depois no oceano da vida.

A penna! Que é feito d'aquella que, adornada de missangas e seda, era o regalo da irmã carinhosa, ou da noiva agradecida? Que é da que se collocava num quadro, recordando já a assignatura d'um contracto ante-nupcial, já a paz entre dois exercitos inimigos, já a conclusão de uma obra que o publico cheio de enthusiasmo havia applaudido?

Se quizesseis, por curiosidade, possuir um exemplar, terieis que buscal-o no modesto gabinete de alguma antiga actriz de theatro, na escusa bibliotheca de algum cartorario enriquecido, ou nesses immensos armazens de despojos chamados *bazares*, em que cada civilisação deixa um farrapo, emblema do seu luxo, como outras tantas esquirolas arrancadas ao corpo social de suas duas feridas mais profundas: a miseria e a moda.

Manoel Marques e Silva (Salreu).

LOGOGRIPHO IX

A primeira co'a terceira
Sempre o esperâmos bom;
A quinta com a terceira
Tem ao longe lindo som.

Não se póde duvidar:
A quarta só não é boa;
Mas, antepondo-lhe a sexta,
Quer bem a alguma pessoa.

A segunda com a quarta
Vale o mesmo que offertar;
Se ouvires soar a quinta
De certo te ha de agradar.

Eu não sou um nome proprio;
Não sou cognome tambem:
O meu todo é uma alcunha,
Que me botou não sei quem.

F. A. Machado (Espirito Santo — Brazil).

A republica de S. Marinho. — Nos Apenninos, no cume d'uma inaccessivel montanha, existe esta republicasinha, a mais antiga da Europa, e a mais pequena. Consta de tres povoações, e de quatro ou cinco mil habitantes. Apesar d'isso tem conservado sempre a sua independencia. Têem-n'a protegido: a sua franqueza, a obstinação constante dos seus habitantes em se conservarem livres, e os fraguedos onde existe.

As tres villas de que consta a republica são: Serravelle, Borgo, e S. Marinho, capital que está situada na planicie, e goza d'uma vista magnifica. Esta cidadella sustentou dois assedios com optimo exito.

Na campanha de 1797 Bonaparte, guerreando o pontifice, e passando junto do territorio da republica, enviou lá o sabio Monge para dizer ao governo que respeitava escrupulosamente a sua autonomia, e para lhe offerecer até augmento de territorio no primeiro tratado. Enviou-lhe um presente de mil quintaes de trigo, e quatro peças de artilheria. O governo de S. Marinho acceitou o trigo, mas te-

ve o bom senso de recusar augmentos de territorio, e de reenviar as peças de artilheria ao joven general, dando esta espirituosa resposta: «Para que nos servem essas armas de grande alcance, visto que nós, se nos quizermos exercitar com ellas, não podemos atirar um tiro sem violar o territorio da nação visinha?»

O governo d'esta republica consta de um conselho geral de sessenta membros nomeados por uma assembléa popular, e de um conselho de doze membros, que fórma uma especie de senado, e que nomeia de seis em seis mezes os dois capitães ou regentes encarregados do poder executivo. A justiça é ministrada por um magistrado, que vem de fóra do paiz. O exercito consta de quarenta homens, vinte soldados, e vinte musicos, e é commandado por um general e por um major!

Esta republica, por tal fórma se esconde aos olhos da historia nos refolhos do seu monte, que não podemos dizer se a nova organisação de Italia a foi perturbar. Cremos que não. Esta republica de Lilliputé deve ser conservada como uma curiosidade.

AGOSTO — 11

Guerra dos tres Henriques. — Deu-se este nome á guerra civil que houve em França, entre Henrique de Guise, Henrique III, e Henrique, principe de Bearn, e rei de Navarra, que depois foi o grande Henrique IV.

Quatro Henriques disputavão então a corôa de França, e todos acabaram tristemente:

Henrique, principe de Condé, foi envenenado por sua mulher em Saint-Jean d'Angeli.

Henrique, duque de Guise, e chefe da Liga, foi assassinado em Blois a 23 de Dezembro de 1588, por Montlhery e Loignac, dois dos quarenta e cinco gentilhomens da camara de Henrique III.

Henrique III de Valois, assassinado em Saint-Cloud por

Jacques Clement, sicario assalariado pela duqueza de Montpensier, e pelos duques d'Aumale e de Mayenne, irmãos do defunto duque de Guise.

Henrique IV de Bourbon, assassinado em Paris a 14 de Maio de 1610 pelo fanatico Francisco de Ravaillac, que morreu sem declarar o nome dos seus cumplices, persistindo em dizer que era elle o unico que tinha planeado e posto em execução a morte do rei.

A. X. da Silva Pereira.

AGOSTO — 12

Manias de autores. — Ao que já a este respeito se lê num dos *Almanachs* anteriores acrescentâmos:

Conti, o espirituoso autor dos *Animaes Fallantes*, compunha os seus bellos versos deitado na cama, e jogando sósinho as cartas.

O bibliographo allemão Reimmaner, fallecido em 1743, passou a maior parte da sua vida em pé; e, para não contrariar este bom costume, nem cadeiras tinha no seu gabinete de trabalho.

Cujas, trabalhava sempre deitado no chão, rodeado de livros e papeis. Este é que devéras escusava cadeiras.

Goethe, compunha, andando de um lado para o outro.

Leibnitz e Descartes, pelo contrario, preferião o que elles chamavão *meditação horisontal*. Se era como a de Conti, ou como a do jurisconsulto Cujas, é que não sabemos dizer.

Corneille, Malebranche, e Hobbes, compunhão as mais das vezes quasi ás escuras.

O historiador Mezerai, era de opinião tão opposta, que trabalhava de luz acceza, mesmo em pleno dia, não deixando nunca de acompanhar, com a luz na mão, até á porta da rua, as pessoas que o visitavão.

O compositor Sacchini, não podia escrever uma nota se não estivesse ao lado de sua mulher, que era nova e bel-

la, e vendo ou sentindo ao mesmo tempo uma recua de gatos, animaes a que era muito afeiçoado, e a cujos saltos ou movimentos graciosos elle julgava dever os mais bellos trechos do seu *Œdipo*.

AGOSTO — 13

A guerra da America. — Dos calculos a que procedeu um escriptor de Nova-York sobre o numero de mortos que houve desde o começo da guerra, se tiraram os seguintes resultados:

1.º Que morreu um numero de homens sufficiente para rodear Nova-Yorck, collocando os corpos em linha continua.

2.º Que, se os mortos estivessem em caixões, e se puzessem em feixes, como a lenha, formarião 30:000 feixes.

3.º Que, se com elles se fizesse um muro de 25 pés de espessura, e 30 de altura, este muro teria mais de uma milha e um quarto de comprimento.

4.º Que, formando uma pilha de 5 pés de grossura e 10 de altura, ella atravessaria a America.

5.º Que, estendidos no solo de Jefferson, ficaria todo coberto.

6.º Que correram 75:000 toneladas de sangue humano, quantidade sufficiente para fazer andar todas as fabricas de Lowell, e que, se se lhes juntassem as lagrimas derramadas, moverião todas as machinas do continente.

Os milhares de feridos e aleijados para toda a vida, que esta guerra occasionou, não entraram nestes calculos.

Albano Gonçalves.

Receita contra suicidios. — Certo irlandez, membro do parlamento, animado de sentimentos philantropicos, e querendo ver se punha termo aos suicidios, apresentou um projecto para que o *suicida fosse punido com a pena de morte!*

Um julgador litterario.—Quando em Italia se discutia muito ao serio nas academias, nos cafés, nas salas, e em toda a parte onde se reunia gente mais ou menos instruida, qual era melhor poema, se o *Orlando Furioso* d'Ariosto, se a *Jerusalem Libertada* de Torcato Tasso, houve um fidalgo que, para sustentar os creditos do autor do *Orlando*, quatorze vezes arriscou a vida em desafio.



Já era força de convicção! pois não era?

Pois esse mesmo fidalgo, achando-se em artigos de morte, declarou, por descargo de consciencia, naturalmente, quę nunca em dias de sua vida lêra um verso sequer nem de um, nem de outro poeta!

Ha por esse mundo de Christo tanto julgador litterario d'esta laia!...

Remedio contra o gorgulho.— No *Almanach* de 1855, a pag. 278, no de 1858, a pag. 184, e no de 1865, a pag. 214, vem differentes remedios contra o gorgulho. Como este destruidor de cereaes nos causa muitos prejuizos, lá vai mais outro, e muito facil: consiste em lavar bem os celleiros, ou arcas de trigo, ou outro qualquer grão, com vinagre muito forte. Passados tres dias procura-se pelo gorgulho, e não se encontra.

A.

AGOSTO — 15

SAUDAÇÃO Á SANTISSIMA VIRGEM

Salve, dos anjos Rainha,
Flor mais que as flores formosa!
Salve, Maria tão pura,
E do ceo fragrante Rosa!
Salve, Estrella, que nas trevas
Te mostrás tão luminosa!

Salve, porto de bonança
Mais seguro á salvação;
Rosa mystica, orvalhada
Por prantos de compaixão;
Doce mãe, que em risos trocas
Os lamentos d'afflicção!



Ao banido, que te invoca
Na mudez da soledade,
Luz benefica e divina,
Matas a funda saudade;
Regeneras com o exemplo
Da tua conformidade!

Do nauta, que da procella
Desfallece ao negro horror,
Em teu seio as vivas preces
Acolhes com vivo amor,
Concedendo-lhe a bonança,
Que imploras ao Redemptor!

Ao orphão, que immerso vive
Num mar d'infindo sofrer,
Que por vida julga a morte,
Por morte, o triste viver,
Fazes que brilhem auroras,
Centelhas d'almo prazer!

Á virgem, cuja existencia
É fanal de castidade,
E que implora do teu peito
A inexhaurivel bondade,
Alcatifas-lhe o caminho
Que conduz á eternidade!

Ao infeliz, que succumbe
Nesta senda atribulada,
Dás esp'rança animadora,
Em teu amor abrazada,
Dás conforto, alento e graça,
Virgem santa immaculada!

Salve, sacrario de graça!
Fonte d'eterna magia,
Refugio de peccadores,
Causa da nossa alegria,
Salve, Mãe de tanto affecto,
Ó sempre Virgem Maria!

Salve, dos anjos Rainha,
Flor mais que as flores formosa!
Salve, Maria tão pura,
E do ceo fragrante Rosa!
Salve, Estrella, que nas trevas
Te mostras tão luminosa!

A. E. Moniz Barreto (Bahia).

AGOSTO — 16

Grande exercicio. — Estava Luiz XIV gracejando com o duque de Vivonne ácerca da excessiva gordura d'este, e achava-se presente o duque de Aumont, primo d'elle, e que ainda o excedia muito em obesidade

— Parece-me, disse o rei, que, se fizesse mais algum exercicio, havia de abater essa corpulencia.

— Saberá vossa magestade, respondeu Vivonne, que o meu medico é da mesma opinião, e até já me aconselhou a que désse diariamente dois ou tres passeios á roda de meu primo. Mas eu a pé é que não dava conta do recado!

Vántagens de não ter passaporte. — Andava em reboliço toda a cidade de Francfort por causa d'um ladrão, que se abrigára dentro dos seus muros, e que não parecia disposto a deixar-se prender. Temendo que o homem saisse da cidade, ordenaram os padres conscriptos de Francfort que ás portas se confrontassem escrupulosamente os signaes dos passaportes com as feições dos portadores, emfim que se procedesse a todas as pesquizas necessarias; para que o bandido não pudesse escapar com auxilio d'um falso passaporte.

Quem ficou embaraçadissimo foi o ladrão. Consultou os papeis, e viu que nenhum dos passaportes que tinha dava signaes que pudessem concordar com a sua phisionomia demasiadamente caracteristica. Entendeu que não podia sair d'aquelle embaraço senão por um rasgo de audacia.

Determinou sair da cidade sem passaporte, como um honrado burguez que vai dar o seu passeio *extra-muros*.

Assim fez com effeito; mas as ordens que se tinhão dado erão das mais rigorosas, e ninguem podia passar assim tão facilmente.

— Faça alto! bradou a sentinella.

Não havia remedio senão obedecer. O bandido parou.

— O seu passaporte?

— O meu passaporte! acudiu o ladrão como que espantadissimo da pergunta, não tenho!

— Está bom, torna a sentinella voltando ao seu passeio interrompido, dê parabens á sua fortuna pelo não ter, porque, se o tivesse, via-me obrigado a fazel-o entrar na casa da guarda, para se ver se os signaes estavão d'accordo com as suas feições, o que lhe tirava uma boa meia hora. Mas como o não tem, é outro caso, póde passar!

E a sentinella cumprimentou o ladrão, o ladrão cumprimentou a sentinella, e foi-se embora!

Era de bom calibre este allemão.

CHARADA XXIII

Quem és? Escapa talvez
Á minha penetração. 2
Corri toda, e não te achei;
És feiticeiro ou ladrão. 3

Se a tens, mereces conceito,
E eu dava-t'o muito embora;
Mas a charada dispensa-o;
Não faço conceito agora.

Juveniano Monteiro (Rio Formoso — Pernambuco).

AGOSTO — 19

A procissão de Corpus Christi em Monção, do Minho. — A festividade do *Corpus Christi* é a que se faz mais luzida nesta villa. O campo da feira logo de manhã cedo está cheio de povo das fréguezias proximas, mas especialmente de gallegos. Logo que finda a função de igreja, que sempre se faz com a possivel pompa, sai a procissão. Na frente vai a musica, que se compõe de uma gaita de folles, um tambor, e um bumbo; segue-se-lhe a colossal figura de S. Christovão, que é levada por seis barqueiros. Desfilão depois algumas corporações, e, apoz, um boi, a que chamão *boi bento*, com as pontas doiradas, e o corpo coberto com um manto de damasco, guarnecido de oiro. Atraz segue o *carro das hervas*, que é dado pelos marchantes. O carro é todo coberto de buxo e flores, e dentro vão meninos vestidos de branco com enfeites e fitas vermelhas, cantando psalmos. Segue a ordem terceira, o clero, e o pallio. Depois vem S. Jorge. É a parte mais pittoresca da procissão.

O S. Jorge é um ferrador da mesma villa, que, depois de se confessar e commungar, vai receber á camara 2$250 réis. Na procissão vai com capacete na cabeça, saia de

malha, grevas de aço, lança e espada, montado em um fogoso cavallo. Acompanha-a até que se mette na rua do Castello, ahi volta para traz, esporeia o cavallo, e, derrubando gente para a direita e esquerda, entra no campo da feira em procura da santa Coca para travar combate com ella.

A tal Coca é um monstro em figura de dragão. É de arcos, cobertos com lona, e rodas por baixo, sobre as quaes marcha e contra marcha Tem azas, pontas, e uma grande cauda retorcida. A boca é de molas, e, para que se abra e feche, atão-lhe uma corda porque pucham atraz os homens que fazem andar o dragão para metter medo ao cavallo.

Esta luta de S. Jorge com a santa Coca é o que mais embasbaca o povo.

Depois de muitos assaltos, S. Jorge sempre consegue traspassar o costado do monstro ; e, praticado este feito, recolhe-se.

Por fim dirigem-se os monçanenses em grande numero a Salvaterra da Galliza, onde passão em folguedos o resto do dia.

Não haverá em tudo isto ainda alguns restos de paganismo ?

Simão Luiz Pereira de Abreu e Mello (Monção).

AGOSTO — 20

Remedio contra os canceros. — O chlorato de potassa foi applicado por um medico do hospital real de Londres ás ulceras cancrosas com o melhor resultado. A mistura de que fazia uso compunha-se de 600 grammas de agua, 15 de chlorato de potassa, 40 gotas de acido chloridico, e 8 grammas de tintura de opio.

É caso para se experimentar, mas sempre por conselho e annuencia do facultativo, porque póde haver situações em que o uso de semelhante remedio seja contra indicado.

ENIGMA V

Ha na lingua portugueza duas palavras synonimas, uma das quaes lida ás avessas dá uma palavra latina, que significa a outra immediatamente. Quaes são?

A. Magalhães Alvão Junior (Braga).

Instincto da formiga-leão. — O admiravel e prodigioso instincto d'este animal, que na vasta escala zoologica occupa um infimo logar, é um dos mais maravilhosos exemplos que citar-se podem d'essa fatal e irresistivel força, que involuntariamente arrasta os animaes irracionaes á sua conservação e desenvolvimento, bem como á propagação da sua especie; força que a sempre providente natureza parece haver-lhes concedido para nelles substituir a razão, particula da sua omnipotencia, e que é o apanagio exclusivo da especie humana.

A formiga-leão sendo, como é, um animal destituido de agilidade sufficiente para alcançar os outros animaesinhos, que, como as formigas ordinarias, constituem o seu principal alimento, serve-se de um meio extremamente engenhoso para fazer a sua caça.

Com a cabeça e mandibulas de que é dotada, faz na arêa uma pequena cova em fórma de funil. No fundo d'esta covinha agacha-se, e esconde-se de modo que não seja vista pelos pequeninos insectos que em cima passeião. Estes, se porventura acontece passarem despercebidos pela beira da cova, escorregão e caem dentro para virem a ser presa, e em seguida manjar delicioso da formiga-leão. As armas de que ella se serve para a luta, que se dá sempre que encontra inimigo decidido a escapar-se-lhe, são a cabeça e mandibulas, com as quaes lhe arremeça grande porção de arêa.

Tal é a Providencia, que até aos mais pequenos insectos ministra poderosos meios de acudir ás suas necessidades!! ..

José Leite Monteiro (Coimbra).

AGOSTO — 22

PRESENTIMENTO

A pedra tumular está erguida;
Mas inda a não tombou sopro mortal,
E já o triste olvido vai pezando
Sobre o verde matiz do meu rosal!...

Rosal d'esp'ranças em botão viçando
Na linda estancia do primeiro amor,
Que requeimou da indiff'rença o gelo
Quando a seiva ostentava mais vigor!

O teu silencio diz olvido, olvido,
Como se a vida, o amor, findasse aqui;
Eu morto, e ouvíras, escutando a campa,
Pulsar meu coração inda por ti...

A. E. (Rio de Janeiro).

Depoimento. — Um homem foi citado como testemunha para comparecer num tribunal de audiencia geral.

— Amigo, diz-lhe o presidente, quando chegou a sua vez de depor, sabeis como a desordem começou?

Testemunha. — Eis aqui as expressões de que se serviu o reo, sr. juiz: vós sois um imbecil, sois...

Juiz, percebendo que os jurados e o auditorio começavão a rir da ingenuidade da testemunha: — Dirigi-vos, dirigi-vos antes aos senhores jurados!

Um moço esperto como os ha a cada canto.—Ó João! ámanhã acorda-me ás quatro horas. —Sim, senhor; mas como eu talvez esteja ferrado no somno, sempre será bom bater-me com o pau para baixo.—Não sejas tolo, ás quatro em ponto chama-me. Vou-me deitar já, e, em eu estando na cama, vem-me apagar a luz. — Sim, senhor, eu aqui fico á espera na saleta; em v. s.ª estando a dormir chame por mim.



Este criado valia muito dinheiro.

D. Pedro II e o gracioso. — Quando D. Pedro II assignou a liga com Inglaterra contra Castella e França, perguntou, por galantaria, a um seu gracioso (por que ainda nesse tempo os havia nos paços dos reis):

—Que te parece esta liga?

—Senhor, respondeu elle, parece-me liga de tafetá podre com renda de tramoia.

Anonymo Batalhense.

Luto.— O uso de testemunhar por signaes exteriores a dor que se sente pela morte dos que perdemos, póde dizer-se que é de todos os povos, e de todos os tempos. A Escriptura diz-nos que Abrahão cumpriu os deveres do luto pela morte de Sara, e mostra-nos tambem que Juda, tendo perdido sua mulher, deixou de se mostrar em publico emquanto durou o luto. Os judeus estavão no uso de cortar as barbas e rasgar os vestidos quando lhes morria alguem; os egypcios, que por habito usavão cabello cortado e barba comprida, deixavão crescer o cabello e cortavão a barba, pelo mesmo motivo; os assyrios e os persas tambem cortavão a barba como os egypcios.



Na antiguidade as mulheres vestião-se de preto para significar o luto; e isto tanto entre os romanos, como na Grecia. Esta pratica existia já no tempo de Homero, que nos diz que Thetis, mergulhada na tristeza pela morte de Patroclo, vestiu o mais negro dos seus vestidos; mas em Roma, no tempo dos imperadores, este uso mudou completamente, porque as mulheres, quando de luto, vestião-se de branco.

A cor do luto para alguns dos primeiros reis de França foi a violeta; mas Carlos VII e Luiz IV já adoptaram o preto na morte de seus paes.

Entre nós, nos primeiros tempos da monarchia, o luto era de burel e almafega branca, e só as pessoas reaes o usavão preto.

Ahi vão alguns exemplos que o demonstrão:

Nas exequias que el-rei de Castella fez em Toledo pela morte do nosso rei D. Fernando, el-rei, diz Fernão Lopes, levava um saio preto, e a rainha ia em umas andas vestida de almafega preta. Os portuguezes, que com ella andavão, levavão burel branco vestido, e isso mesmo as mulheres.

Ao funeral do mesmo rei D. Fernando, veiu vestido de preto o conde de Ourem; Gonçalo Vasques d'Azevedo estranhou-lh'o tanto, que o conde para logo se cobriu de burel branco.

Ainda em tempo de D. João II as praticas erão as mesmas.

Pela morte do principe Affonso, filho d'este rei, a esposa cobriu a cabeça de negro saio, o rei e a rainha vestirão-se de negro luto, e o reino vestiu-se d'almafega e burel branco.

Quando a viuva do mesmo principe se retirou para Hespanha, diz o chronista Garcia de Rezende, foi el-rei com ella, e assim toda a côrte, todos cobertos de burel, sem apparecer homem de preto, salvo el-rei, e alguns bispos e clerigos.

Este costume durou até ao tempo de D. Manoel, e foi este rei quem, por lei de Outubro de 1499, prohibiu geralmente o luto, ou dó de burel branco, mandando que nunca mais se pudesse trazer, por qualquer modo ou pessoa que fosse.

A mordedura. — Qual é a mordedura mais venenosa? — *Ex feriis bestiis obtrectator; ex cicuribus adulator.* Dos animaes bravos, a do maldizente; e dos mansos, a do lisongeiro. Tal foi a resposta de Diogenes.

Antonio Frederico Gomes (Faro).

A NOIVA DO MARINHEIRO

Que noite! sentiste
A casa a tremer?
A chuva é tão triste
No vidro a bater!
É tão doce agora
Passar o serão,
Ouvindo lá fóra
Rugir o trovão!...

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

Bem junto á lareira
Eu gosto de estar
Fazendo ligeira
O fuso saltar,
Ao passo que o vento
Lá fóra a gemer
Imita o lamento
De quem vai morrer.

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

Quem, talvez, lutando
Do mar no escarceo
Esteja fitando
Seus olhos no ceo,
E, perdida a esp'rança
De a vida salvar,
Da amante a lembrança
Saudoso a evocar.

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

Talvez a saudade
O esteja a pungir!
Então quem não ha de
Saudades sentir?
Occorrem-lhe imagens
Da terra natal,
Das lindas paizagens
Do seu Portugal!

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim!

E eu entretanto,
Sentada a pensar,
Bem triste oiço o canto
Do grillo no lar!
Nos brados sentidos
Do vento a rugir
Do amante os gemidos
Então creio ouvir!

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

Do grillinho o canto
Nem sempre ouvi só,
Mas quem amei tanto
Agora é já pó!
Ou do patrio ninho
Bem longe no mar
Não ouve o grillinho
Gemendo no lar!

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

Depois numa noite
Escura a aterrar,
Quando o vento açoite
A face do mar,

Nas vagas sumido
Será meu amor,
Sem ter um gemido
Um pranto, uma flor.

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim

A noite não finda,
E o vento a gemer,
Nos vidros ainda
A chuva a bater!
E eu junto á lareira
Sentada a pensar
Na longa inverneira,
Nas aguas do mar!

Queria commigo
Em noites assim
Quem longe em perigo
Talvez pense em mim.

M. Pinheiro Chagas.

AGOSTO — 26

Magnanimidade de principe. — Carlos II, rei de Inglaterra, vendo, ao passar pela cidade, um homem no pelourinho, perguntou que crime havia elle commettido.

— Senhor, lhe respondeu um dos camaristas que o acompanhavão, fez algumas satyras contra os ministros de vossa magestade.

— Pedaço d'asno! exclamou el-rei; se as tivesse feito contra mim, ninguem teria bolido com elle!

AGOSTO — 27

CHARADA XXIV

Existo em nada. 1
Em tudo existo. 1
Assim faz quem
Implora a Christo. 2

Fulgir das estrellas, das aves o canto,
É tudo mysterio! é um hymno d'amor;
As flores da terra, das noites o encanto,
Indica-nos tudo o poder do Senhor!

D. Maria C. de M. L. (Porto).

AGOSTO — 28

Um bonito cumprimento. — Rulhieres, o autor francez da obra *A Anarchia da Polonia*, andava mascarado num baile em Bordeos, em casa do marechal de Richelieu. Enredava a todos, e ninguem conseguia reconhecel-o. O dono da casa, sobretudo, que era a quem elle mais a miudo se dirigia com ditos chistosos e amaveis, andava já impaciente de curiosidade, e tanto mais que nem sequer tinha ainda podido formar juizo sobre se aquelle ente enygmatico era homem ou mulher.

Rulhieres apresenta-lhe afinal, com lettra disfarçada, e escripto a lapis, o seguinte bilhete; bilhete perfeitamente allusivo em todos os pontos do seu conteudo:

Vou dar-lhe sinaes, e tres,
Se reconhecer-me quer;
Se eu o amo, sou francez;
Se eu o temo, sou inglez;
Se eu o adoro, sou mulher!

LOGOGRIPHO X

No exame sempre o fiz. 2.ª e 1.ª
No tempo em que era feliz. 3.ª e 4.ª
Todos a têem nesta vida. 5.ª e 6.ª
É fruta bem conhecida 5.ª e 1.ª
Dá esta, que é uma flor, 6.ª, 5.ª e 4.ª
A est'outra, teu amor; 4.ª, 1.ª e 6.ª
Se assim ella se chamar
É lindo nome e vulgar; 1.ª, 3.ª e 4.ª
E se ella assim te fizer 4.ª e 1.ª
Escolhe-a para mulher. 1.ª, 6.ª e 1.ª
Pede-a o filhinho á mãe, 1.ª e 1.ª
Ou a est'outra, se a tem. 4.ª e 1.ª.
Já está farto de a ver
Aqui mesmo, e sem saber. 3.ª e 1.ª
Caras nunca lhe fizeste
Quando assim a recebeste. 6.ª e 6.ª
Toda a poesia é bonita
Sendo assim, e bem escripta. 3.ª, 1.ª e 6.ª
Foi modinha bem cantada
Á mulher assim chamada. 1.ª, 3.ª, 5.ª e 4.ª
Ora agora é que eu pergunto
Se entendem bem este assumpto? 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª
Em certo jogo me vês,
Ou na meia que se fez. 1.ª e 2.ª
Que te parece a questão? 5.ª e 7.ª
Mas não é solida, não. 7.ª, 5.ª e 6.ª
Isto vi na geometria, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª
Se no compendio o fazia. 5.ª e 4.ª
Appellido muito usado. 5.ª e 1.ª
É um pachá afamado. 4.ª e 5.ª
Instrumento de cortar. 5.ª e 1.ª

Com esta podes ganhar. 6.ª e 1.ª
É adverbio de logar. 4.ª e 5.ª
Póde a muitos encantar. 4.ª, 3.ª e 4.ª
Quem esta saber quizer,
Busque um nome de mulher. 4.ª, 1.ª, 5.ª e 4.ª
Agora sou animal,
Que todos têem em geral. 4.ª, 5.ª, 1.ª, 3.ª e 4.ª
Certa arvore resinosa. 2.ª e 6.ª
Sou uma velha formosa. 7.ª, 5.ª e 4.ª
A joven abandonada,
Numa canção exaltada. 5.ª, 5.ª e 4.ª
Era eu a amada? Não.
Pae, que fazes? que traição! 5.ª e 4.ª
É no trato mui gabada.
Rica, bella, assim agrada. 5.ª, 1.ª e 6.ª

Basta ó musa; está completo
Co'o vosso auxilio este todo:
Dou-vos graças por tal modo
E graças com abundancia,
Pois formastes bellos *todos*
D'um *todo* todo ignorancia.

Manoel Augusto da Conceição Novaes (Figueira da Foz).

AGOSTO — 30

Quanto se póde atrazar um relogio.

— Quantas horas são no seu infallivel? perguntava a um dos parceiros um jogador que perdia sempre.

— O meu retarda duas horas certas, respondeu o outro; o seu quantas diz?

— O meu está tambem retardado.

— Quanto?

— Tres mezes; em casa do meu usurario!

AGOSTO — 31

Tal pae, tal filho.—Escrevia um sujeito nos seguintes termos a um filho que tinha a estudar num collegio em Lisboa:

«Eu bem sei que pelo estafeta receberás um embrulho com dinheiro, que tua mãe te envia ás minhas escondidas. D'aqui a um mez ajustaremos as contas, pedaço de mariola! mandar-te-hei buscar para casa, pois tenho o dissabor de saber que és um perfeito burro. —Teu pae, *Fulano.*»

SETEMBRO — 1

Na uva pullula o vinho;
No celleiro avulta o pão;
Só bons proventos cubiça
A rechonchuda ambição.



Um dentista que tinha que fazer.—Conta L'Écluse que, quando chegou a Lunéville, capital do reino de Lorena, obteve o logar de dentista de el-rei exactamente no dia em que caíra a sua magestade o ultimo dente!

Já vêem que os nichos, as conezias, as sinecuras não são invenção do seculo actual.

Boa igreja! — O abbade Sanlecque, um dos homens mais espirituosos do seculo XVII, tendo obtido do padre La Chaise um priorato, mas não estando satisfeito com elle, dirigiu ao padre um requerimento em verso, que traduziremos assim:

Consinta, meu reverendo,
Que um desgraçado prior
Lhe pinte a sua miseria,
E esta parochia, senhor:

Nunca na igreja, se chove,
A agua vedar consigo;
As rãs, os patos, e os sapos
Cantam a missa commigo.



Não ha, na patria mesquinha
De quinhentos pobretões,
Confessada que dê caldos,
Devota que dê capões.

Como todos são mendigos,
Sem rendimento, nem terra,
Fico sempre, (caso incrivel!)
Triste quando algum se enterra.

Anagramma feliz.—Já noutro volume do *Almanach* demos conta do que se extraiu d'aquella pergunta que Pilatos fez a Christo, quando lhe disse: *Quid est veritas?* O anagramma, nas mesmas 14 lettras, responde: *Est vir qui adest.* Daremos agora outro, que não é menos feliz, e que pune pela pureza da Virgem, como aquell'outro punia pela verdade de Jesus. É este, tirado das palavras de S. Paulo: *Omnes in Adam peccaverunt.* O anagramma, empregando as mesmas 22 lettras, restringe o texto do apostolo, dizendo, com o só acrescentamento d'uma virgula: *Peccâmus, una Dei Mater non.*

Nada mais engenhoso em louvor da Conceição da Senhora.

SETEMBRO — 4

Patranha bojuda.— Conta o grande João de Barros, nosso Tito Livio, na década 2.ª, liv. 6.º, cap. 2.º, o seguinte:

«Indo assim nesta ordenança, foi Ayres Pereira de Berredo, capitão de uma taforea pequena, dar com uma pangajóa, que se ia furtando ao longo da terra com temor das naus, na qual ia Nehodá Beguea, o qual não sómente defendeu a entrada da sua pangajóa, mas ainda, como homem de pessoa, entrou á força de espada no batel de Ayres Pereira; e assim apertou com elle, que não ficou algum do batel que não fosse bem sangrado d'elle, e elle não de algum (note-se a contradicção que ahi vai!); 'té que, mais cansado que vencido, meio atassalhado, caiu, onde foi tomado ás mãos, sem haver remedio de morrer, nem de verter sangue por quantas feridas tinha (!!!). Alguns dos marinheiros, como elle vinha bem tratado no vestido, começando de o esbulhar, acertaram de lhe achar uma manilha de osso encastoada em oiro da face de cima, e osso da banda da carne do braço, d'onde a elle trazia, tirada a

qual (ahi vai a patranha de grosso calibre), se vasou todo em sangue e expirou. Espantados os nossos de tão nova coisa, souberão dos moiros, que ali tómaram, que aquelle osso era de uma alimaria (sel-o-ha quem tal engolir), que havia na Janha, a que elles chamavão Cabal, coisa mui estimada entre os principes d'aquellas partes, o qual tinha a virtude de reter o sangue da maneira que elles vião.»

Se assim fosse, era o tal osso mais commodo do que o balsamo de que se servia Ferrabraz d'Alexandria, de quem reza, com estupenda pasmaceira dos crédulos leitores barbeiros, o autor da *Vida de Carlos Magno e dos doze pares de França*; era mais proveitoso do que foi a Achilles o banho, que na alagôa stygia lhe deu sua mãe Thetis; era finalmente mais efficaz e seguro que quantas aguas se têem inventado para cura de molestias. Esta patranha é semelhante a muitas que nos impinge Plinio.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

SETEMBRO — 5

CHARADA XXV

O primeiro apoz os cinco. 1	Têem-n'o muitos horroroso;
Dos cinco ainda o primeiro. 1	Outros, bello e prazenteiro.

Manoel Augusto da Conceição Novaes
(Figueira da Foz).

SETEMBRO — 6

Um por todos.—Um burguez ficou desesperado de se terem esquecido d'elle os parentes num jantarão que entre si derão no domingo gordo.

—Deixem vocês estar, disse elle, que domingo de Paschoa hei de dar um banquetão muito maior, e não hei de convidar para elle nem viva alma!

DUAS ALMAS IRMÃS

Ao meu amigo o pintor

José Ferreira Chaves

Mutua, viva sympathia
As nossas almas prendeu;
Mal se encontraram num dia
Logo uma a outra entendeu.
Erão ambas afinadas
Pela harmonia celeste,
Que em frases cadenciadas,
Ou em tintas inspiradas,
A idéa informa e reveste.

Bem como eu, do espaço aereo
Das phantasticas visões
Tu devassas o mysterio,
E doiras as illusões
D'este mundo enganador
Á luz ardente e divina,
Que a fronte ao bardo illumina,
Que accende a fronte ao pintor.

Bem como eu, crês na amizade,
Na paixão, na fé sincera,
No que ha nobre a humanidade,
E, já na virilidade,
Tens inda um quê de innocencia,
Recendes á primavera,
Ao florir da adolescencia.

Ambos nós nos aquecemos
Ao divo sol da esperança,
Almo conforto do ceo;
Ambos nós erguer fazemos
O passado na lembrança,
Ao tempo rasgando o veo.

Se tu és enthusiasta
Pela terra do teu berço,
Filho d'ella sou tambem.
Da minh'alma não se afasta
Sua imagem grandiosa;
Não ha nação no universo
Para nós mais portentosa;
É gloria termos tal mãe!

Grande mãe de mil prodigios
Que o mundo inteiro assombraram;
Cujos profundos vestigios
No mundo impressos ficaram;
Grande mãe, que socegada,
Como tranquillo volcão,
Dos seus filhos rodeada,
Póde acordal-os irada
Da chamma antiga ao clarão.

Todos estes sentimentos,
Ó meu amigo, attrairam
Nossos communs pensamentos,
E as nossas almas uniram.

Ah! que amizade tão forte,
Cerrada por tantos laços,
Até aos umbraes da morte
Nos siga da vida os passos
Sempre igual, da mesma sorte!

Ah! que os extremos affectos,
O amor, a gloria, a ternura,
Não deixem de ser objectos
Da nossa crença mais pura;
E que a elles consagremos,
A elles e á nossa terra,
Á nossa patria adorada,
Quanto fogo em nós se encerra:
Tu as telas animando,
Eu a lyra dedilhando,
A lyra desentoada.

J. Ramos Coelho.

SETEMBRO — 8

Plagiato.— O mais escandaloso de quantos plagiatos se têem commettido é talvez o praticado por Barre, autor de uma grande historia de Allemanha em dez volumes. Vejão se é ou não exaggerado o adjectivo que lhe applicâmos.

Pegou da *Historia de Carlos XII*, e cisou-lhe mais de 200 paginas, que incorporou na sua obra. Mas como? Fazendo dizer a um duque de Lorraine precisamente o que Carlos XII dissera em circumstancias identicas; attribuindo ao imperador Arnoldo o que aconteceu ao monarcha sueco; dizendo do imperador Rodolpho o que se tinha dito do rei Estanislau; pondo na boca de Valdemar, rei de Dinamarca, e fazendo-lhe praticar, palavras que havião sido ditas, e coisas que tinhão sido feitas pelo rei Carlos.

Havemos de confessar que semelhante plagiato se é escandaloso tambem tem bastante de divertido pela mutação de scenas e figuras; mas o mais curioso é que um jornalista do tempo, vendo a prodigiosa semelhança que havia em certos logares das duas obras, denunciou e criticou o plagiato, imputando-o ao autor da *Historia de Carlos XII*, escripta vinte annos antes da de Barre!

É Voltaire, o proprio autor da *Historia de Carlos XII*, quem refere o caso.

Cezimbra.—Cezimbra foi tomada aos moiros no anno de 1165 pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, e foi nos seus campos que o fundador da monarchia derrotou o soberbo rei moiro de Badajoz, que com um formidavel exercito vinha soccorrer os castellos de Cezimbra e de Palmella.

Só no anno de 1200 é que foi mandada povoar por el-rei D. Sancho I; depois el-rei D. Diniz, no anno de 1323, deu-lhe carta de confirmação de privilegios como cabeça de concelho; e depois el-rei D. Manoel deu-lhe o seu foral em 1514.

O concelho de Cezimbra na sua primitiva estendia-se até Coina, e comprehendia todo o limite de Azeitão, que se lhe separou por alvará de 3 de Novembro de 1759. Hoje a sua extensão de norte a sul é, pouco mais ou menos, de 16 kilometros, e de nascente a poente de 13. Pelo norte confina com os concelhos de Almada e do Seixal, e pelo nascente confina com o concelho de Setubal; pelo sul toca no mar, que banha a sua costa; e pelo poente termina no Cabo d'Espichel.

A villa está situada numa baixa á beira-mar, e é rodeada pelo norte, nascente, e poente, de alcantiladas serras. Os edificios são geralmente pequenos, antigos, e de construcção irregular, e as suas ruas são tortuosas e estreitas. Entre esses edificios avulta comtudo a fortaleza junto á praia, que tem boas accommodações para o governador, ajudante, e gente da guarnição, quando a havia: hoje apenas ali ha um destacamento de quatro artilheiros; e uma parte d'aquelle edificio foi destinado para a delegação da alfandega. Os paços do concelho, posto que de gosto antigo, tambem são de uma construcção regular.

A igreja parochial da invocação de S. Thiago é de tres naves, mas muito baixa, e está em mau estado. Ha tambem na villa a igreja da Misericordia, que não é bonita, mas

que está em sofrivel estado; e além d'esta ha mais as ermidas do Espirito Santo, e de S. Sebastião, a primeira da corporação maritima, e a segunda da ordem terceira de S. Francisco.

A principal festividade da terra é no dia 3 de Maio ao Senhor Jesus das Chagas, veneranda imagem que aportou á sua praia no anno de 1534; e a classe maritima concorre com todas as suas forças para que annualmente se faça esta funcção com todo o esplendor.

A villa de Cezimbra é importante pelas muitas pescarias em que abunda a sua costa, e pelo variado systema que se emprega na pesca; e são essas pescarias que ahi formam um centro de movimento e commercio extraordinario, tanto para o interior do paiz, e varios portos do reino, como para a Hespanha; é por isso que a maior parte dos seus habitantes se dedicão á profissão maritima.

O seu termo é bastante agricultado, e povoado a longos intervallos de diversas aldeias, e casaes, que ora se vêem alvejar no declivio dos montes, ora na esplanada dos valles.

Com quanto a propriedade se ache nelle muito dividida e subdividida, ainda assim se encontram alguns predios notaveis, entre os quaes figuram principalmente a quinta dos duques de Palmella no sitio de Calhariz, e a quinta dos condes de S. Payo no sitio da mesma denominação.

A igreja parochial, que tem a invocação de Nossa Senhora da Consolação, está situada na montanha, aonde era o castello dos moiros, como o attestão as muralhas e os torreões que a cercão; é um lindo templo, mas está bastante damnificado: foi a primeira freguezia do concelho; arroga-se por isso a preeminencia de matriz, e é quasi tão antiga como a fundação da monarchia.

Ha neste termo cinco ermidas, a saber: a de Calhariz, a de S. Payo, a de Sant'Anna, a de Aianna, e a de Alfarim; e ha finalmente a capella real de Nossa Senhora do Cabo, que é um bello templo, aonde todos os annos

concorrem differentes romarias, sobresaindo a todas ellas a do cirio dos saloios.

Claro (Cezimbra).

SETEMBRO — 10

O general Zabumba. — Um general francez muito gordo, que tinha perdido batalhas em Italia e Allemanha, achou um dia pregado em fórma de escudo de ar-



mas, sobre o portão do seu palacio, um grande cartaz representando um zabumba, com esta legenda á roda: «Por ambas as bandas me batem.»

O maior elogio de um passaro. — Que excellente canario de que me fez presente meu primo! dizia a uma amiga uma senhorita, que passava por muito discreta, canta que é mesmo uma pintura!

Cadeiras da academia franceza. — As cadeiras mais celebres são a 4.ª, onde se sentou Racine, e onde hoje se senta Feuillet, o mavioso autor da *Dalila*, a 6.ª, que foi de Chateaubriand, e é actualmente d'um Noailles qualquer, a 7.ª de Boileau e hoje d'Augier, a 9.ª de Corneille e actualmente de Victor Hugo (sublime e legitimo herdeiro); a 12.ª de Voltaire, occupada agora pelo barão de Barante, historiador dos duques de Borgonha, a 18.ª de Fénelon, hoje de Falloux, a 22.ª de Bernardin de Saint-Pierre, hoje de Vitet, escriptor que se tem dedicado á especialidade das bellas artes, a 30.ª de Lafontaine e de Volney, hoje d'um dos Broglié, a 33.ª onde se sentou Bossuet, e onde Camillo Doucet, mediocre escriptor dramatico, actualmente se pavoneia!



Habent sua fata... ás cadeiras da academia franceza.

O que faz o transtorno de horas.—Um soldado da guarda municipal, grande dorminhoco por compleição, andava tão desorientado com as noitadas de sentinellas e patrulhas, que ás vezes nem já sabia se estava velando se dormindo. Numa das noites de folga perguntou elle á mulher:

—Ó Maria! eu estou dormindo?

—Estás, sim! pois não te ouves resonar?

—Então bem! exclamou elle virando-se para o outro lado.

SETEMBRO — 13

TANTALO

Sabeis quem era Tantalo? O coitado,
Por mais que fez, não poude entrar no ceo:
Foi ás penas eternas condemnado!
E tão grande castigo mereceu...
    Não sei porque peccado...
    Foi por glutão, creio eu.

Tanto comeu, tanto bebeu, que o eterno
Jove, cansado ao sério com tal méco,
O condemnou, com todo o amor paterno,
A perpetua abstinencia; e magro e peco
    Lá vive no inferno,
    A engulir em secco.

Vê pomos junto aos labios, mas não come;
Vive mettido n'agua, e o seu frescor
Não lhe mitiga a sede que o consome;
Foge-lhe o fruto e a fonte! e neste horror
    Morre de sede e fome!
    ....
    Ha Tantalos d'amor!

Thomaz Ribeiro.

SETEMBRO — 14

Desengano.—Passando um rei do Oriente por uma serra onde ermava um Derviche penitente, deu com elle todo attento a contemplar uma caveira.

—Que fazes ahi, servo de Deus? perguntou o principe.

—Procuro já de muitos dias, respondeu o santão, ver se posso descobrir se esta caveira pertencia a monarcha ou a mendigo.

SETEMBRO — 15

CHARADA XXVI

A primeira é a primeira,
Sim, senhor, lá isso é. 1
A segunda é excellente,
Mas quasi nunca se vê. 2

Dotada de lindas cores,
Só lhe falta um lindo canto ;
Entretanto, sendo muitas,
São patranhas, meus senhores.

D. Julia F. P. B.

SETEMBRO — 16

O Times. — Esta folha, a mais afamada de todas as folhas politicas e quotidianas do mundo, foi fundada no dia 12 de Janeiro de 1783 pelo impressor Walter. Primeiro pouca importancia lhe deu o publico, mas afinal em 1803 o filho do primeiro proprietario lembrou-se de se afastar de todas as ligações de partidos, e de ser simplesmente o representante da opinião publica imparcial. Se assim grangeou as sympathias dos assignantes, contraiu, pelo contrario, a inimizade do ministerio, que chegou a não lhe dar autorisação de se servir dos paquetes fretados por conta do governo para a transmissão dos seus despachos, como era concedido a todos os outros jornaes. O proprietario do *Times* não se affligiu por tão pouco : fretou paquetes seus, e teve correios por sua conta, de sorte que muitas vezes estava o jornal mais bem informado do que o governo sobre factos de politica externa. Imagina-se facilmente a immensa popularidade que por este modo obteve, porque o seu proprietario tambem se não descuidou, e foi o primeiro sempre a adoptar todos os melhoramentos. Foi o *Times* o primeiro jornal que se serviu de prelos a vapor.

Actualmente o *Times* não é um periodico: é um *status in statu*. A sua typographia conta mil compositores. Os redactores effectivos recebem um ordenado de 500 libras ;

outros ha que recebem 150 libras, que escrevem só uma ou duas vezes por semana, mas que são obrigados a estar sempre á disposição da direcção, que ás vezes numa noite lhes ordena que partão no outro dia para um sitio qualquer, onde de subito é necessario um correspondente. Estas missões são sempre largamente retribuidas. Todos os redactores no fim de dez annos de serviço têem uma pensão de reforma!

Não fallâmos nos redactores dos artigos de fundo, que são sempre altos personagens politicos, cujo nome é um segredo escrupulosamente conservado, e que recebem por cada artigo quantias consideraveis.

Para fazer face a estas despezas, tem o *Times* o rendimento da massa consideravel dos annuncios, e das suas cincoenta ou sessenta mil assignaturas.

Lambam os beiços, senhores redactores em chefe dos jornaes portuguezes!

SETEMBRO — 17

A botica do doutor.—Houve outro tempo na armada brasileira um celebre medico, cuja receita era agua salgada para todos os incommodos de que os marinheiros se queixassem.

Achava-se em um bello dia o sabio medico sentado na borda do navio; e, sem ter dado mostras de que necessitasse uma dóse do seu medicamento infallivel, caiu ao mar. A este acontecimento ergue-se d'entre os marinheiros grande alarido.—Solta o cabo! larga o escaler! acudão ao nosso doutor! era o que de um ao outro angulo do navio se escutava. A esta vozeria acorda o commandante, e corre assustado á tolda.

—Não é nada, sr. commandante, sai-lhe logo ao encontro um pachorrento marinheiro, que nem apenas se havia movido ao álerta dos seus companheiros, foi o nosso doutor que caiu na botica!

Antonio Francisco Pinto Junior (Rio de Janeiro).

Paulownia imperialis. — É uma frondosa arvore dos tropicos, que possuo aclimatada, como já por outras partes o ha sido igualmente. Tem folhas largas, semelhantes ás da *Cucurbita*, mas sem terem a sua aspereza; produz biennalmente, em Agosto, nas extremidades dos ramos, abundantes rocas de botões, que pelos fins de Maio desabrochão em viçosas flores purpureas, e depois se convertem em grandes racimos pendentes de frutos ovaes e verdes, e da grandeza de ameixas reinoes. Estes, sazonando em Outubro ou Novembro, tomão então a cor de canella, e, abrindo cada um em duas valvas, soltão milhões de sementes, como as do goivo; porém muito mais esponjosas e leves.

Estas sementes, colhidas nas capsulas antes de abrirem, debulhadas, limpas, e bem seccas, são pela sua elasticidade o melhor recheio para travesseiras (não sendo estas cheias de mais) depois da felpa da *Arauja sericifera*. Experimentem e verão os que porventura tiverem taes arvores.

José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade
(Quinta das Agras).

SETEMBRO — 19

Onde está o homem? — Procurava um celebre juiz em todos os processos crimes a causa primaria de todos elles, e dizia que não era outra senão a mulher.

Citando a opinião do juiz, que parece paradoxal até certo ponto, com quanto innumeras vezes se verifique, diz um escriptor francez que, quando duas mulheres são amigas, ou inimigas, a causa da amizade ou do odio, é sempre um homem.

A nós parecem-nos ambas as opiniões muito falliveis porque estabelecem proposições universaes em materia contingente.

O Cambronne portuguez. — Tudo se julgou perdido quando, na batalha de Alcacer-Kibir, alguem soltou o funesto grito de :—Volta! volta!... Uma palavra sublime respondeu porém a este clamor de angustia: o irmão do conde de Matosinhos, Sebastião de Sá, bradou: — Fugir!... fugir!... o meu cavallo não sabe recuar! e foi morrer, entre os inimigos, a alguns passos adiante!

. . . .

Em Portugal até os simples soldados forão Cambronnes. Rumekão atacou desesperadamente o baluarte S. Thiago. O official Moniz Barreto defendeu este importante ponto. Não tinha já senão dois soldados, quando, sendo alcançado pelas chammas, ia a retirar-se. Foi então que entre elle e um soldado se trocaram as seguintes e sublimes palavras:

— Onde ides?

— Vou ver se apago este fogo. Moniz, deixareis vós perder a fortaleza do rei?

— É impossivel salval-a.

— Olhae, meu capitão, se os braços ainda podem mover-se, isso basta para combater; o resto é nada!

E Moniz Barreto ficou em o seu posto, e a fortaleza foi salva!

Este soldado é conhecido na historia pelo soldado do fogo.

João da Silva Pereira Bravo (Sinfães).

Um elogio competente.—O coronel *** levou um dia para o seu camarote em S. Carlos o seu camarada, que nunca tinha visto opera. No fim do espectaculo (representava-se o *Othello*) perguntou-lhe:

— Ó 98 que te pareceu?

— Saberá v. s.ª, meu commandante, que para paizanos não arranjão lá muito mal.

A máscara do regente de França. — Discutia o regente com o celebre Dubois, seu valido, qual o melhor modo de se disfarçar para não ser conhecido num baile onde elle queria ir. Estudarão-se detidamente todas as mascaras, mas não se chegou a um resultado satisfatorio. O regente passeiava furioso, lamentando a falta de perspicacia do abbade, e a má fortuna que o tinha atirado para junto de si.

Depois de muito pensar, o abbade Dubois disse que tinha descoberto um disfarce maravilhoso, e que o acompanhasse o regente ao baile sem detença. Partiram, e chegaram ao baile. Era a multidão immensa. Os dois mascarados atravessarão-n'a em todos os sentidos, e não forão conhecidos. De feito isso era impossivel: desde que entraram nas salas até que sairam, Dubois, que seguia o regente, não fez outra coisa senão dar-lhe muitos e fortes ponta-pés, e ninguem se lembraria por certo de que o paciente era o regente de França. O zelo do valido só diminuia quando o principe impacientado lhe dizia: — Menos força, abbade! olha que assim disfarças-me de mais.

SETEMBRO — 22

CHARADA XXVII

Foi das musas applaudido. 1	Se tem graça é applaudida;
É mais comprida que larga. 2	Porém seu veneno amarga.

Antonio Rodrigues de Sousa Filho
(Minas — Pitanguy).

O tempo. — É a praia do espirito da humanidade: passa tudo por diante d'elle, e julgâmos que é elle que vai passando.

Fecundidade litteraria. — Falla-se muito na prodigiosa quantidade de volumes que Alexandre Dumas tem arrojado ao publico, e alguns criticos venerandos não deixão de franzir o sobr'olho, e de notar com certo desdem que os antigos escrevião poucos volumes, mas que esses poucos transpunhão o tempo nas azas da fama, ao passo que a numerosa bagagem do autor de *Monte-Christo* e dos *Tres Mosqueteiros*, lhe ha de ser impedimento invencivel para fazer a longa viagem da immortalidade a que aspira. Talvez se enganem, e o que vem desmentir o seu tanto as graves as-



serções d'estes adoradores do passado é a massadora fecundidade dos gregos, fecundidade de que daremos os seguintes exemplos:

Chrysippo escreveu trezentos volumes sobre dialectica; Zenão, setecentos sobre moral; Galeno, quatrocentos sobre medicina, e duzentos sobre diversos assumptos; o grammatico Didymio escreveu tres mil e quinhentos tratados; Diomedes, dez mil; Hermes, trinta e seis mil! . .

Quem seria o editor das obras completas d'este figurão, e de que tamanho serião os volumes?

Bayard.—É um dos typos mais notaveis da historia franceza. O seu nome, como o de D. João de Castro em Portugal, ficou sendo o padrão do caracter immaculado, como o de Albuquerque o do valor mais audacioso. Mereceu o nome de cavalleiro «sans peur et sans reproche.»

Esbocemos a correr esta bella figura:

Filho de uma raça, que conservava intactas as tradições de valor e de fidelidade, Bayard, se foi o seu ultimo representante, foi tambem o que lhe deu maior lustre. Assim a luz, que se extingue, tambem emitte mais fulgido esplendor.

Seu trisavô morrêra na batalha de Poitiers aos pés do rei João; seu bisavô, na batalha de Azincourt; seu avô, na batalha de Montlhéry, ao lado de Luiz XI; e seu pae fôra crivado de feridas na batalha de Guinegate. Ha raças assim, singelamente heroicas, em que é tradicional o sacrificio obscuro, o valor immaculado.



Pedro Terrail, senhor de Bayard, este de que tratâmos, começou por ser pagem do duque de Saboya, depois escudeiro do rei de França Carlos VIII. Distinguiu-se primeiro na batalha de Fornoue, depois não houve um unico sitio na Italia, theatro de guerras continuadas, em que Bayard não deixasse ficar um signal indelevel da sua intrepidez.

Commandante da vanguarda do exercito de Francisco I em 1515, atravessou os Alpes por uma estrada que parecia intransitavel, e foi aprisionar o exercito do papa commandado pelo celebre general Prospero Colonna.

Este feito só fôra praticado, antes de Bayard, por Annibal, depois por Napoleão.

Depois da batalha de Marignan, Francisco I, querendo-lhe dar uma prova da sua estima, pediu-lhe que o armasse cavalleiro. Talvez no mesmo instante em que Francisco I ajoelhava diante do heroico fidalgo para receber d'essas mãos gloriosas a insignia de cavallaria, entrasse em Portugal na cadeia Duarte Pacheco, ou estivesse expirando Affonso de Albuquerque cheio de desgostos!

Envergonhemo-nos!

D'ahi por diante, e nas successivas derrotas que os francezes sofreram na Italia, batidos pelos bons generaes de Carlos V, foi sempre Bayard quem salvou a retirada. Depois da derrota de Romagnano ia, segundo o costume, Bayard guardando a retaguarda, quando um tiro de arcabuz o feriu mortalmente. Ordenou então que o apeiassem do cavallo, e o sentassem com a cara voltada para o inimigo. E, depois de se ter confessado a um dos seus companheiros, ordenou-lhes que se retirassem ao approximar dos batalhões hespanhoes. Mas era tal o prestigio do seu nome que todos os capitães do exercito de Carlos V se approximavão d'elle respeitosamente, inclusivè o traidor condestavel de Bourbon!

Assim morreu esse grande homem. Deus concede estas bellas mortes aos heroes de immaculada vida.

SETEMBRO — 25

Prudencia de um doente. — Meu amigo, acho-o muito melhor! dizia certo medico a um doente; e o pulso está optimo! Então, pelo que vejo, seguiu a minha receita?

—Pobre de mim, replicou o enfermo, pois se o houvera feito, teria quebrado as pernas.

—Então, como! explique-se, que eu não o entendo.

—Quero dizer, respondeu o outro, que atirei com ella pela janella fóra.

AMAR E CRER

Eu amo a tarde, quando o sol se esconde;
Eu amo a noite, quando é pura e bella;
Eu amo a lua cor da branca prata;
Amo no ceo a mais brilhante estrella;

Eu amo a fresca e doce madrugada,
E das aves a terna melodia;
O sol sereno, que alegria espalha,
E as mil bellezas que na terra cria;

Amo das flores o celeste aroma,
E a doce brisa que entre ellas gira;
Amo no espaço as nuvens de oiro e rosa,
No denso bosque a rola que suspira;

Eu amo á tempestade o feio aspecto,
E o trovão quando estala magestoso;
Amo a fita de luz, que os ares corta,
E o vento, quando ruge audaz, iroso;

Amo de toda a terra as maravilhas,
Quanto ha de bello e grande além nos ceos...
Se eu amo as vossas obras tão perfeitas,
Em todas ellas amo a vós, meu Deus!

D. Leonor A. F. (Guiens).

O espirito e as pendulas.—Assim como as pendulas não são perfeitas se andão com velocidade, mas sim se andão com regularidade, assim o espirito só póde ser perfeito quando for acertado, e não quando for muito vivo.

SETEMBRO — 27

Bom conselho. — É o seguinte: a todos os caprichos e phantasias da mulher deve o homem acceder, tendo comtudo o cuidado de acompanhar o *sim* com as razões que justificarião o *não*, deixando-lhe o exercicio do direito que lhe assiste de mudar continuamente de idéas, de sentimentos, e de resolução. Parece-nos que é tambem conveniente seguil-o no trato com os teimosos. O conselho é-nos dado por bom mestre das coisas da vida: é de Balzac.

SETEMBRO — 28

Distancia da terra ao sol.— É a distancia média do sol á terra de trinta e oito milhões de leguas. Um correio que, atravessando o espaço num caminho de ferro imaginario,com uma velocidade constante de dez leguas por hora, lá chegasse este anno, levava ao grande astro nosso chefe, noticias fresquissimas do que ha trezentos e oitenta annos se passava neste planeta. Os habitantes do sol, quem quer que elles fossem, apinhados em torno ao mensageiro escutarião da sua boca com interesse palpitante de novidades os factos que apenas lembrão hoje na terra, mumificados no cemiterio da historia.

E diria o mensageiro: —«Caiu o imperio de Constantinopla! toda a Europa se alvorotou com o baquear d'este solio! Lá em Strasburgo se diz que um mecanico de Moguncia, por nome Guttemberg, inventou uma arte maravilhosa chamada typographia. Se soubesseis o que esta arte realiza! se presenciasseis os milagres estupendos que d'ella mal posso pregoar-vos! Hoje persegue-se este verdadeiro bemfeitor da humanidade; chamão-lhe utopista e visionario; mas deixae passar os seculos, e vereis quem triumpha. Para mim tenho eu como de fé que ao portentoso Guttemberg hão de erigir-se estatuas. Fundiu-se a corôa de Aragão com a de Leão de Castella, por morte d'um monarcha eunucho, el-rei D.

Henrique IV. A rainha D. Joanna, sua viuva, ficou vencida, e a politica tumultuaria dos estadistas ergueu ao throno a joven princezinha Isabel, unindo-a ao poderoso e feliz Fernando V de Aragão.

O poderio da velha Granada estremece, e figura-se-me que ha de vir a baquear-se, e não tarde.

Anda por essas terras da Europa um louco, um maniaco genovez, a correr mundo, e a mendigar uns galeões e umas caravelas. Que pensais que procura? o novo mundo! diz elle; promette descobrir um mundo novo! Bem haja el-rei de Portugal que o repulsou, bem haja el-rei de França, bem hajão os genovezes! Pobre louco! E se o visseis! como promette maravilhas! minas! riquezas! opulencia! dir-se-hia um magico ou um deus! melhor fôra que o homem que tantas venturas e tanta gloria anda offertando de terra em terra, de cidade em cidade, achasse alguns maravedis com que renovasse o tabardo russo que lhe pende aos hombros. E mina-se! e chora-se! e arrepella-se! e mostra uns mappas e uns compassos de seu uso, nem que fosse verdade o que elle espalha! Chamão-lhe Christovão Colombo. Ha de morrer ao desamparo, escarnecido e insultado; e bem o merece este embaidor das turbas. Mas o que mais espanta é que a nova côrte de Aragão anda meio inclinada a emprestar-lhe uns galeões de esmola!

Quanto não ha de arrepender-se de acreditar neste sonhador de mundos!»

Tudo isto pregoaria o mensageiro; e muito mais. Se lá chegasse poucos annos depois, pregoaria que esse louco genovez arrancava ao nada o novo mundo; que Pedro Alvares Cabral descobria o esplendido Brasil; que Leão X subia ao throno pontifical, a renovar na côrte de Roma as tradições dos Medicis de Florença; que el-rei D. Manoel florescia em Portugal; que o vulto collossal de Martim Luthero assombrava a Allemanha; que o novo caminho das Indias se rasgava pelo cabo Tormentorio; que as lettras, as artes, as sciencias ião restaurar-se e opulentar-se ao omnipotente

sopro de uns poucos de monarchas. Tudo isso então pregoaria o mensageiro, ou antes: de tudo isso só d'aqui a quinze ou vinte annos havia de saber-se no sol, se um correio com dez leguas de velocidade por hora tivesse deixado a terra nos primeiros annos do seculo XVI.

Pasmosa immensidade! e que é o homem perante o Creador de tantas maravilhas!?

Julio de Castilho.

(Correspondencia sobre factos memoraveis, dirigida ao jornal *Portugal* do Rio de Janeiro.—Narração sobre o discurso do sr. José Horta no Gremio Litterario em Lisboa a 17 de Março de 1865).

SETEMBRO — 29

CHARADA XXVIII

Sou humilde, corro, corro.
Nem humilde, nem singelo,
Fui soberbo, e hei na historia
Logar importante e bello. 1

Nem o leão tão feroz,
Nem o tigre tão esperto,
Se libertão muitas vezes
Dos anneis em que os aperto. 2

Sou formosa entre as formosas,
E nas aguas me revejo;
Sou princeza cubiçada,
Outras galas não invejo.

D. Amelia Rebocho Freire d'A. Albuquerque (Aveiro).

A criação. — O macho e a femea forão criados successivamente, ou forão-n'o simultaneamente? Mas se forão produzidos successivamente, como foi que se propagaram? E se forão simultaneamente quem os criou e fez encontrar? Esta tão simples consideração não basta para demonstrar a existencia de um Criador Omnipotente?

Romão José Pinto Cerqueira (Brazil).

LOGOGRIPHO XI

Quem por ver-se abandonada
Morte intenta desastrosa ? !
É primeira, com segunda,
Mais parte de flor mimosa.

Terceira, segunda, e sexta,
Dão-te vate d'enchemão ;
Sem ser Ovidio ou Virgilio,
É romano de nação.

No centro de quarta e quarta
Terceira porás sómente,
E, sem mais tir-te nem guar-te,
Vês um grande continente.

Em segunda, quinta, e sexta,
Que vês tu, caro leitor ?
Da natura vês bellezas,
Vês linda mimosa flor.

Não sabes qual, em productos,
Foi mais rica, mais ditosa ?
Foi segunda com a quarta,
Foi quem foi menos formosa.

No centro de sexta e sexta
Escreve um verbo latino,
E logo o nome descobres
D'outro poeta divino.

Ver, leitor, em quinta e sexta
Podes nau, batel, ou barca ;
Mas, de quarta precedidas,
Vês famoso heresiarca.

Queres inda ver poeta,
E poeta altisonante ? !
Escreve as duas primeiras,
Com terceira e sexta adiante.

Quem reler bem a folhinha
D'este livro d'instrucção,
Ha de ver o tal santinho,
Ha de vel-o, queira ou não.

José Lopes Viegas (Olhão).

Um dito de Fontenelle. — Pouco tempo antes de morrer, disse o celebre e espirituoso autor dos *Entretiens sur la pluralité des mondes:* — Vae para cem annos que eu não choro nem rio !

Este homem teria alma ?

OUTUBRO — 1

Morre a verdura nos campos;
Desbota-se a mocidade ;
Eis as tardes melancolicas !
Eis a pallida saudade !



OUTUBRO — 2

Irmãos que o não parecião. — Madame Girardin era aquella deliciosa poetisa que todos sabem.

Um irmão d'ella teve precisão de versos para uma namorada que não admittia galanteios em prosa.

O pobre rapaz nunca os tinha feito ; mas uma vez havia de ser a primeira. Dar o seu braço a torcer é que não: poz-se á obra.

Absorvido no fogo da composição, não deu pela irmã, que, entrando-lhe no quarto, e olhando-lhe por cima do hombro para o que elle estava fazendo, exclamou, toda admirada :

— Versos, mano ? !

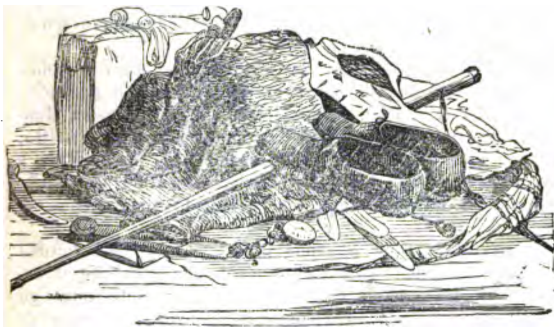
— É verdade, são cá para uma coisa.

— Mas olhe que esse ultimo está muito comprido.

— Qual muito comprido ! ainda elle não está acabado !

Peregrinos.—Assim se denominão em sentido restricto todos aquelles que fazem viagens de devoção para visitar os santos logares, ou para cumprimento d'algum voto. Na idade média, sobretudo, estiverão estas peregrinações em muito uso, e cruzavão-se em todos os pontos do mundo christão. As principaes erão aos tumulos de S. Pedro e S. Paulo, em Roma; ao sepulcro de Jesu Christo, em Jerusalem; a S. Thiago de Compustella, em Hespanha; a S. Miguel do Monte, em França.

Os mahometanos ainda hoje têem a grande peregrinação



de Meca, de bem triste recordação para a Europa, porque d'ahi se originou a cholera que a visitou em 1865.

No habito do peregrino erão signaes distinctivos o bordão, a sacola, e a esclavina.

Os fieis tinhão hospitaes estabelecidos aonde se recolhião e erão tratados na doença; e quando voltavão ao seu paiz invejavão-lhes a sorte, e erão sempre acolhidos com enthusiasmo. Hoje, se exceptuarmos as de Meca, as grandes peregrinações são raras, e cada nação se limita a fazel-as de

poucos dias nos limites das suas fronteiras. Entre nós póde affoitamente dizer-se que entre as maiores avultão a de Nossa Senhora da Nazareth, Senhora do Cabo, e a do Bom Jesus de Braga,—aquellas no sul, esta em o norte do reino.

OUTUBRO — 4

O combate do tui com a cobra.—Muitas pessoas têem ouvido contar o que succede, quando se trava uma luta entre estes dois animaes, e julgão ser fabula. Eu acreditava-o pelo ter ouvido contar a pessoas de inteira confiança; mas agora muito mais, pois o observei viajando nas mattas do Mucury na provincia de Minas, e muitas pessoas que viajavão commigo o testemunharam igualmente.

O tui é uma especie de lagarto; luta com a cobra dando-lhe chicotadas com a cauda (que a tem guarnecida de grossos anneis), e quando recebe a primeira dentada, deixa immediatamente o combate, corre para o matto, mastiga uma planta, que tomou o nome de herva Tui, e não só não morre, mas até volta em busca do inimigo e começa de novo a peleja, tão reanimado que vence a cobra.

O que observámos fez tudo isto, mas afinal foi victima d'um tiro, porque quizemos ver as dentadas que o astuto combatente havia recebido. Na cabeça tinha duas, no corpo quatro, e a boca completamente verde e cheia de espuma.

F. Guimarães (Brazil).

OUTUBRO — 5

Um rapaz acautelado.—Um pequeno foi uma vez com outros seus companheiros de escola, banhar-se ao rio; a corrente ia grossa, perdeu o pé, e ia-se quasi afogando; salvarão-n'o com muito custo.

O pobre rapaz ficou tão espavorido da morte que tinha tido diante dos olhos, que logo ali fez uma jura de nunca mais se metter á agua antes de ter aprendido a nadar! Era esperto.

OUTUBRO — 6

CANÇÃO

A MADAME VOLPINI

Em Abril, noutros paizes,
Quando tudo se enamora,
Quantas flores abre a aurora,
Quão diverso é seu matiz!

Mil e mil todas têem nome
Entre tanta variedade;
Mas o nome da saudade
Só conhece este paiz!

Teu nome ás auras placidas
Direi no patrio lar,
E á flor que achar mais pallida
Saudade hei de chamar.

Num adeus de despedida
Quanto exprime um peito afflicto!
Parte um ai, solta-se um grito,
E esse adeus tudo nos diz!

Mas as lagrimas d'ausencia,
Quando a dor nossa alma opprime,
A palavra que as exprime
Só conhece este paiz!

Saudade! Ás auras placidas
Teu nome hei de ensinar,
E á flor que achar mais pallida
Assim lhe hei de chamar.

Bulhão Pato.

OUTUBRO — 7

Composição da chamma.— Ha phenomenos que aos olhos do vulgo passão despercebidos, mas que não escapão aos do sagaz e estudioso observador. Se per-

guntarmos á maioria das pessoas se a luz é homogenea, responderá com toda a seguridade que sim! Será porém negativa a resposta do homem estudioso a quem se faça a mesma pergunta. Esse dirá: — Não; a luz não é homogenea em todas suas partes. Se o combustivel é um corpo simples, a chamma tambem o será; se porém for composto, a chamma se dividirá visivelmente em quatro partes. Qualquer dos leitores póde certificar-se d'isto examinando attentamente a luz de uma vela, por exemplo: encontrará primeiro na base uma zona, com a figura de meia lua, de um azul sombrio que se desvanece á medida que se afasta da torcida: é ella produzida pelos vapores do combustivel que ainda não attingiram a precisa temperatura para arder com facilidade. Observa-se no meio a segunda parte, que tem uma figura conica, e é amarellada: é ella produzida pela ausencia total da combustão por falta do corpo comburente (oxigenio). É este cône rodeado por um involucro luminoso que fórma a parte terceira, e a mais brilhante da luz: esta parte é o resultado da combustão (ou combinação do oxigenio com o corpo combustivel), mas ainda incompleta, porque deixa um deposito de carvão. A quarta parte da chamma é uma camada muito tenue e transparente que a envolve toda; é no alto da chamma que ella se observa com maior extensão, e é tambem ahi que se dá a combustão completa, e a temperatura é mais elevada.

Não escrevo isto para os homens de sciencia, mas para os que o não são, e simplesmente para estes.

Joaquim Maria Soeiro de Brito (Vimieiro).

OUTUBRO — 8

Maxima de Larochefoucauld.—A prosperidade faz com que appareção bem claramente as nossas virtudes e os nossos vicios, como a luz faz com que se tornem todos os objectos bem visiveis.

OUTUBRO — 9

CHARADA XXIX

Bem sei que devo partir,
Que tu m'o vens ordenar; 1
Porém espera que eu ponha
O que a moda manda usar. 2

Sendo eu um nome de homem,
Um nome de homem não sou,
Porque nunca a flor ao homem
No mundo se assemelhou.

Dona G. D. N. Torrezão.

OUTUBRO — 10

Anachronismos.—No tempo do maior esplendor das artes professaram os grandes artistas um solemne desprezo pela cor local, e pela erudição archeologica. O *bello* absorvia-os, e pouco lhes importava commetterem nos seus quadros terriveis anachronismos. Ahi vão alguns exemplos:

Raphael, o grande pintor das *Madonas*, no seu quadro de *Heliodoro fustigado pelos anjos*, e expulso do templo de Jerusalem, cento e setenta e seis annos antes de Christo, metteu o papa Julio II sem o disfarçar sequer em judeu!

O Tintoreto no quadro que representa os israelitas no deserto apanhando o maná, armou-os com espingardas!!

Lanfrane, pintando o Menino Jesus, poz-lhe aos pés um santo padre de sobrepeliz!!!

Paulo Veronezo, no seu quadro das *Bodas de Câna*, pôz frades bentos entre os convidados!!!

Não findariamos tão cedo se fossemos a citar todas as affrontas que os grandes pintores fizerão á historia. Os actuaes são mais escrupulosos; mas ha gente que tem o mau gosto de preferir as falsidades archeologicas de Raphael aos exactissimos quadros dos modernos pintores.

Isabel de Davalos.— No anno de 1367, depois da batalha de Nagera, foi o rei D. Pedro de Castella e Leão (é notavel que na mesma época existissem em Portugal, Castella e Aragão tres reis chamados Pedros, e cujos paes, que tambem reinaram ao mesmo tempo, se chamassem Affonsos) a Sevilha, onde fez prender e queimar a D. Urraca Osorio, mãe de D. João Affonso de Gusmão (1.º conde de Niebla) afim de vingar-se por este ter sido partidario do conde D. Henrique, que lhe disputava a corôa. Tendo porém no acto do supplicio ardido parte da roupa de D. Urraca, e ficando por isso alguma coisa descomposta, arrojou-se ao fogo Isabel de Davalos, sua dama de honor, afim de recatar sua ama. Esta heroicidade custou-lhe a vida: as chammas envolverão-n'a, e, juntamente com D. Urraca, foi reduzida a cinzas.

Os seus restos conservão-se unidos num rico e sumptuoso sepulcro no mosteiro de santo Isidoro do campo, extramuros de Sevilha, jazigo dos duques de Medina, onde se vê em marmore a figura de D. Urraca, e, a seus pés, D. Isabel, sua dama, na acção de recatal-a com os proprios vestidos.

D. João Affonso de Gusmão ordenou em testamento aos seus successores a concessão de todos os obsequios aos descendentes de Davalos, sob pena de maldição, em memoria da fidelidade e corajosa façanha d'aquella donzella.

G. de Fuentes.

As calças unicas. — Um poeta pobrissimo só tinha umas calças; deu-as uma vez á lavadeira, e metteu-se na cama á espera de que voltassem.

Entretanto vierão uns amigos convidal-o para uma festa de arraial, de que era muito curioso.

— Que pena que tenho! levou-me a lavadeira as calças! Se eu pudesse ir buscal-as, ia; mas para isso era-me preciso tel-as; que apparecer nu no meio da rua parecia mal!

OUTUBRO — 12

Elementos.— Os antigos conhecião quatro elementos, porque só denominavão taes os principios constitutivos de todos os corpos: calor (fogo), humidade (agua), principio solido (terra), principio gazoso (ar). Os modernos chamão elementos a todos os corpos que julgão simples. Eis a razão porque já hoje reconhecem algumas cinco duzias, e ainda hão de achar mais. *C.* (Rio de Janeiro).

OUTUBRO — 13

Cartazes e annuncios romanos.— Nada mais digno de fixar a attenção do viajante do que Pompeia. A velha cidade romana, que se envolveu no seu manto de cinzas, e que atravessou assim, muda e escondida, o longo periodo de dezoito seculos, resurge á luz do dia, tão fresca e juvenil como no instante fatal em que a erupção do Vesuvio a isolou do mundo dos vivos. Entre as muitas curiosidades d'essa Epimenides das cidades avultão os annuncios escriptos nas paredes da via consular.

Ahi vai um requerimento em fórma:

Marcellinum œdilem lignarii et plaustrarii rogant ut faveat,

O que quer dizer:

«Os carpinteiros e os carreiros implorão a protecção do edil Marcellino.»

Ahi vai um cartaz de espectaculo:

Glad. paria XXX matutini erunt

«Trinta pares de gladiadores combaterão pela manhã.»

Um annuncio de aluguer de casa:

«Cneio Pompeu Diogenes aluga nas calendas de julho o andar superior da sua casa.»

E mil outras particularidades, que nos fazem entrar no amago da vida romana, d'essa vida intima, que a historia nos não revela.

Odios litterarios.—Têem muitos homens de lettras consumido um tempo precioso, e gasto grande cabedal de intelligencia descompondo-se uns aos outros. Ahi vão exemplos:

Ph. Pareus, grammatico allemão, publicou muitos trabalhos sobre Plauto, que era o seu autor predilecto; criticou-o Gruter, respondeu-lhe elle em 1620; replicou-lhe o outro; e assim continuando forão innumeras as injurias com que reciprocamente se brindaram. Só em um dos livros de Gruter contou o jesuita Jacques Gretser cento e trinta e seis, qual a qual mais forte, e entre estas a de burro, porco, macho de liteira, *stercoreus* etc. Pareus não lhe ficava atraz; é bem de suppor.



Publicou outro jesuita um livro que continha unicamente as injurias que dois theologos protestantes, Voetius e Desmarest, tinhão escripto durante trinta annos um contra o outro a proposito de uma confraria da Virgem estabelecida em Bois-le-Duc. O jesuita concluia que quando mesmo dois terços das accusações fossem falsas, de parte a parte, o outro terço restante, sendo verdadeiro, tornava os dois theologos escriptores dignos do calaboiço.

Muitas vezes as vinganças erão mais divertidas, posto que não menos pungentes.

Richelet no seu Diccionario, na palavra *Elargir*, accusa o seu rival em litteratura Vaumorière de haver estado preso. Lhéritier, botanico francez do seculo XVIII, vinga-se do seu adversario Buchoz, botanico como elle, dando o nome de *Buchozia* a uma planta fétida!

Estava no seu direito.

O capitão de Tanger.—D. Sebastião media no seu ardor os successos pelos desejos, e sonhava uma grande conquista sem dispor os meios, nem contar com o espaço preciso para a verificar. Quinhentos cavalleiros, repartidos em nove companhias, afiguravão-se-lhe sufficiente soccorro para abalar os muros de Marrocos.

Ruy de Sousa, criado nas armas e nos trabalhos de Ceuta, e de Mazagão, conhecia melhor as difficuldades, e, certo de que faria tudo que pudesse ousar o mais valente, não tentou o impossivel, que era uma entrada triumphal pelo coração do imperio. A prudencia do novo capitão, como deve suppor-se, achou em el-rei um censor. Para elle o numero dos inimigos e os arrojos da temeridade, não passavão de acasos que importava desprezar, ou quando muito, que servião apenas para redobrar o esplendor das victorias. Desde que o capitão de Tanger não realizava o ideal que lhe exaltára a mente, reduzindo a Africa ao seu dominio, parecerão-lhe menores as suas gentilezas, e, tão arrebatado na estranheza, como no louvor, escreveu-lhe para o increpar de pouco activo, imputando a supposta inercia ao seu casamento, ainda recente, com D. Maria da Silveira,



crendo que só os vinculos de tal affecto podião suster longe das fadigas do campo um cavalleiro tão denodado!

Reprehensões injustas, como esta, firmadas por um principe, dão a morte. Ruy de Sousa calou comsigo a dor, e escondeu a offensa a todos, e sobretudo á esposa, que o amava com extremo; mas provavelmente protestou logo que a nodoa, que a mão do monarcha acabava de imprimir, seria lavada á custa do sangue e até da vida.

Desde então, desgostoso e preoccupado, o que pediu á fortuna foi só um lance, em que provasse ao rei impaciente e pouco visto na guerra, que os ares de Tanger, e as delicias da ternura conjugal, não tinhão esfriado os brios do fronteiro de Mazagão.

Os verdadeiros heroes vingão-se por este modo! Se o desaggravo, que o desgraçado cavalleiro buscou anciosamente, era a morte, ella não se demorou em o satisfazer: A 2 de Julho de 1573, dois mil cavallos arabes, capitaneados pelos alcaides de Alcacer e de Arzilla, acommettião uma das tranqueiras da praça: travou-se a peleja, cresceu a refrega, e os poucos portuguezes, que amparavão a entrada com os peitos, forão caindo uns após outros, cada qual guardando ainda com o corpo o posto que defendêra.

Ao mesmo tempo, em outro sitio, na tranqueira chamada da *Silveirinha,* o pezo dos arabes carregava todo sobre Ruy de Sousa, que os recebeu intrepidamente com os raros soldados, que o rodeávão, resolvido a não recuar um passo, e póde ser que agradecendo a Deus a occasião propicia, que se lhe offerecia, de mostrar ao rei o somno do leão, quando se arrancava dos braços do amor.

Em tão desigual combate, a victoria só podia ser a morte; mas a morte gloriosa e digna de inveja, trespassado por cento e dez feridas, e exhalando o derradeiro suspiro diante dos olhos de sua mulher, unica testemunha d'aquelle terrivel duello de um contra mil!

Antes de fechar para sempre as palpebras, como Bayard, o heroico fronteiro talvez ainda tivesse forças para lançar

a vista para a janella, d'onde a esposa chamava por soccorro, ignorando que o cavalleiro para quem o pedia fosse seu marido, e que o espectaculo, que presenceava, tremula de afflicção, servisse de desenlace áquella grande carreira, cortada pelas palavras imprudentes d'um principe, que não sabia conhecer-se, nem conhecer os outros.

O sangue de Ruy de Sousa ficou bem vingado. Antes da espada lhe escapar das mãos, deixou assignalado o seu valor no estrago dos contrarios; e D. Sebastião, em signal de luto por tão grande perda, mandou cerrar as janellas do paço, e compassivo escreveu a D. Maria da Silveira com expressões tão vivas e sinceras, que lhe mitigou um pouco a magoa, de que não se convalesceu nunca inteiramente.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

OUTUBRO — 16

CHARADA XXX

Trocando o *o* em *a* assolo a terra; 2
Sou irascivel, meigo, agreste, e doce; 3
Fugindo á terra, e mergulhado n'agua,
Vivo no mar, como se mar eu fosse.

Dona *G. C. Leite.*

OUTUBRO — 17

Lekain e os comparsas.—Em 1776, Lekain, o grande actor francez, precursor de Talma, foi a Nancy dar algumas representações. Quiz-se estreiar no papel de Bayard. Precisava de soldados para comparsas, e mandou pedir ao coronel do regimento da guarnição doze homens de boa apparencia. O coronel escolheu doze formidaveis granadeiros, que todos tinhão entrado em fogo, e mandou-lh'os. Lekain levou-os ao theatro, e formou-os no palco.

Lekain era baixo e exquisito, mas em scena transfigu-

rava-se. Os soldados espantarão-se ao ver o ar nobre e guerreiro que o paizanito assumíra, a sua estatura desempenada, e a energia das suas feições.— «Meus amigos, disse-lhes elle, a sorte das armas encerrou-nos numa praça forte. A fome aperta, e vêmo-nos cercados por numerosos batalhões inimigos. Os seus chefes dirigem-se a mim, a mim, Bayard, que sou commandante dos sitiados, e propõem-me uma baixeza.—«As suas fortificações estão minadas, dizem-me elles, renda-se, ou dentro em pouco ver-se-ha sem muralhas!»— E eu volto-me para vocês, camaradas (e, dizendo estas palavras, Lekain trava com vivacidade da mão d'um d'elles) e exclamo:

«Olvidais estes vivos baluartes!
Attentae nestes bravos que se ufanão
D'honradas cicatrizes! D'estes muros,
Tintos de sangue, sairão sómente,
Quando os seus inimigos moribundos
Lhes formarem no fosso horrenda ponte!»

—Sim! sim! bradão os soldados com enthusiasmo, olvidando que estavão no theatro, e que tudo era fingimento, todos! todos!

Tal é o poder do talento até nos espiritos mais rudes.

OUTUBRO — 18

Estatistica theatral. — Segundo alguns dados estatisticos, mais ou menos officiaes, calculou-se em 1860 haver na Europa 18:140 actores, 21:609 actrizes, e 1:773 directores de companhias, sem contar o grande numero de individuos cuja existencia se prende por mais de um modo á vida dos theatros, e que é avaliado em cêrca de 12:206! É um verdadeiro exercito dramatico-lyrico, a quem estão confiados os destinos theatraes da Europa.

José A. J da Costa (Mafra).

OUTUBRO — 19

DEUS

Este ar vivificante,
Susurrante,
Que entre as folhas vem morrer,
Esta noite socegada,
Perfumada,
De flores a recender,

Estas aves innocentes,
Tão contentes,
Junto ao ninho a esvoaçar,
Essas ondas buliçosas,
Rumorosas,
No seu contínuo lutar,

Esta bella natureza,
E a pureza
Das mil estrellas dos ceos,
Mar, das aves a ternura,
A espessura,
Tudo aqui falla de Deus!

D. Emilia dos Martyres Aguiar (Ilha do Maio).

OUTUBRO — 20

Avareza lograda.—Lord Eldon, que na primeira metade d'este seculo serviu muitos annos o cargo de chanceller em Inglaterra, passava geralmente por homem de grande saber, e ministro incorruptivel na administração da justiça, posto que muito moroso na decisão das causas. Suavão e resuavão as partes, primeiro que conseguissem arrancar-lhe das mãos a sentença final em qualquer processo! Além d'este defeito, tinha outro, que o tornava alvo dos dichotes do publico malicioso, e das galhofas dos jornaes: era a sua extrema tacanheza no gastar, tanto mais notavel em homem da sua qualidade, quanto os seus bens se reputavão excedentes a quatro milhões de libras, e dos rendimentos do cargo tirava annualmente uma somma avul-

tadissima. A esposa não lhe ficava a dever nada nesta parte: era ainda mais unhas de fome que o marido, por modo que este par inglez assemelhava-se algum tanto áquelle intendente de policia de Paris, e sua mulher, commemorados nas satyras de Boileau, que ás mãos de assassinos acabaram a vida miseravel, que devião acabar ás da fome! Tudo isto se vai ver na seguinte historieta, havida por verdadeira, se não mentem os *noticiarios* das gazetas do tempo, onde a encontrámos registada com outras do mesmo gosto:

Enfadado de ter sempre á meza do jantar por mezes a fio uma espadoa de carneiro, lord Eldon tirou-se um dia de seus cuidados (estava o diabo atraz da porta!) e foi-se á ribeira do peixe. Comprou por quarenta schillings um formoso rodovalho; porém, receioso de que tão excessiva despeza desagradasse á sua cara metade, preveniu o moço, ao mandal-o para casa, de que, se a senhora perguntasse pelo preço, dissesse que havia só custado vinte schillings. E ainda assim não ficou de todo descansado na consciencia, nem mui seguro de que a taramela da esposa deixaria de fazer-lhe o bocado amargo, reprehendendo-lhe a extravagancia.

Que havia de acontecer entretanto? Lady Eldon teve nesta manhã visita de outra senhora, que em conversa de comes e bebes veiu a lastimar-se de não ter achado peixe na ribeira, pois que o pouco que houvera, por alto preço havia mui cedo desapparecido. Uma feliz lembrança occorreu para logo á senhora chanceller:

—Oh! minha rica amiga! quanto estimo poder servil-a nesta occasião! Agora mesmo mandou meu marido para casa um excellente rodovalho, e só custou trinta schillings! Não é caro: se o quer pelo mesmo preço, elle ahi está, póde leval-o, que nós sem isso temos muito que jantar!

Acceitou a visitante o offerecimento; contou os trinta schillings, e foi-se rebolindo com o peixe. Não era passado muito tempo, bate á porta o chanceller, que nesse dia se despachára mais cedo, com o cheiro no rodovalho. Põe-se

á meza, eis que lhe apparece diante a quotidiana espadoa de carneiro!

—Que é do peixe? perguntou admirado.

—O peixe?... Foi-se, diz-lhe a senhora alviçareira; mas cá ficaram pelas custas dez schillings de ganho!

Quando o pobre marido veiu a uma explicação, e achou que os dez schillings erão de perda, cuidou perder tambem a cabeça!... Afinal accommodou-se, recommendando á mulher que em seus contractos futuros levasse a considerar ao menos tanto tempo como elle costumava levar a decidir as demandas.

Innocencio Francisco da Silva.

OUTUBRO — 21

Fertilidade de mais.— Conversando um dia dois lavradores sobre a excellente apparencia da estação, disse um d'elles:

—Se estas chuvas continuarem assim por mais alguns dias, tudo sairá da terra.

—Ah! santo nome de Deus! que diz você, meu amigo! exclamou o outro, mui consternado. Que será de mim! Eu, que tenho dúas mulheres no cemiterio!

OUTUBRO — 22

O chapeo.—O chapeo era entre os romanos signal de nobreza e symbolo de liberdade; e, quando a querião significar, pintavão um chapeo, como se vê nas moedas de Claudio, de Antonio, e de Galba. E assim, quando libertavão aos escravos lhes davão chapeo, como refere Pierio Valeriano nos seus geroglificos liv. 40, onde tambem affirma que os escravos que se vendião por maus costumes, e ruins partes que tinhão, os punhão na almoeda com chapeo na cabeça em signal que seu senhor o não queria por escravo, nem se obrigava a fiar sua má natureza.

De sorte que o descobrir um homem a cabeça, e tirar o chapeo ao outro, é confessar-se por seu escravo; e a esta cortezia responde a de chamarmos senhores aos iguaes, e maiores com que tratâmos, e ainda aos inferiores.

Francisco Rodrigues Lobo (Corte na Aldeia).

OUTUBRO — 23

Neptuno.—Na mythologia era Neptuno filho de Saturno e de Opis, irmão de Plutão e de Jupiter. De condição revolucionaria, quando Jupiter desthronou Saturno uniu-se ao irmão contra o pae, e d'ahi resultou o dar-se-lhe o imperio dos mares, como a Jupiter coube o do ceo e a Plutão o do inferno. Uniu-se depois com Apollo para derrubar Jupiter, mas, não vingando a conspiração, forão ambos expulsos do ceo, e então é que edificaram os muros da soberba Troya.



Se era revolucionario, não era menos seductor, apesar de casado com Amphitrite. Para ser amado de Ceres tomou a fórma de um cavallo; para seduzir Theophania transformou-se em carneiro. Todos os seus instinctos erão de guerra, como convinha a um revolucionario; e, foi por isso que, contendendo com Minerva sobre qual dos dois teria a honra de dar o nome á cidade de Athenas, criou o cavallo, symbolo da guerra; venceu-o,

porém, a sabia Minerva criando a oliveira, symbolo de paz.

Pintão os poetas o deus dos mares sobre um carro em fórma de concha, tirado por cavallos marinhos, cercado de tritões e de nymphas, e armado de um tridente, que nelle symbolisa o sceptro.

Os antigos sacrificavão-lhe o cavallo; os romanos instituiram em sua honra os jogos circenses, em que corrião cavallos. Era justo, visto que, como já dissemos, criára o cavallo para dar um nome a Athenas, e nelle se transformára para seduzir Ceres.

OUTUBRO — 24

LOGOGRIPHO XII

Da minha primeira e quinta
A humildade se cingia,
Mas em dadas circumstancias
O terror me precedia.

A quarta com a primeira
Causa accessos d'alegria,
E tambem causa desgostos
Quando a razão se entibia.

Ás avessas lida a quarta
(Inda a metade uniria)
Com a terceira e a quinta,
Obra de grande valia.

A segunda co'a terceira
Dá luz que muito alumia;
E invertida inda com ella
Diz que alguem se ausentaria.

A quarta e quinta incessantes,
E ninguem descansaria;
Estas ambas e outra lettra,
Dão flor que muito varia.

Á sexta com a primeira
Inda uma lettra uniria
Para mostrar que a virtude
Do pudor se revestia.

Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria!.
Eis aqui o logogripho
Já tão claro como o dia!

D. Catharina Maxima de Figueiredo (Guiães).

Caçada d'um crocodilo. — . . . .
. . . .
Compunha-se o meu arraial de contingentes de varios reinos na força de 1:200 homens, de 230 moradores de Dilly, mais uns 20 soldados de linha e 15 fondus.

Com esta força tinha eu acampado numa planicie á beira mar, d'onde tencionava dirigir-me sobre a capital do reino rebelado para a atacar.

Julgando que o inimigo não me incommodaria no meu acampamento, e sabendo que num pantano proximo se havia descoberto um crocodilo, a que em Timor chamão lagarto, quiz ver caçar vivo tão perigoso animal, coisa para mim muito duvidosa.

Acompanhava-me D. Belchior, um dos chefes indigenas do reino de Claco, que passava entre os timores por um homem dotado de poder sobrenatural, e que me dizião possuir o segredo de adormecer os crocodilos para os agarrar.

Mandei chamar D. Belchior, e disse-lhe que queria ver caçar vivo o lagarto que havia no pantano, ao que elle me respondeu que ia informar-se se o animal lá estava, e preparar as coisas para que eu visse aquillo de que duvidava.

D'ahi a pouco dirigia-me ao pantano, onde se achava uma grande multidão de timores, no meio da qual se distinguia D. Belchior, que naquelle momento tinha alguma coisa de phantastico ! Estou a vel-o : rosto bronzeado, o olhar vivo e penetrante do selvagem acostumado a distinguir por entre os bosques o amigo do inimigo com quem anda em guerra, o bigode encerado, fazendo dois caracoes nos cantos da bocca, guarnecida de dentes pretos como o ebano, o cabello negro e hirsuto, atado por um lenço escarlate ; e, como para completar aquelle estranho penteado, um grande pennacho de pennas de gallo e de papagaio de cores vivas e deslumbrantes lhe ondeava sobre a cabeça !

Estou a vel-o com o seu vestuario de guerra!: corpete escarlate, braço nu adornado de manilhas de prata, salenda (facha a tiracol) de cores vivas, lipa vermelha em largas pregas até o joelho, segura á cinta pela cartucheira de coiro de bufalo, a perna musculosa e nua, e junto ao artelho atados os pellos de cabra, que servem para dar a quem os traz a agilidade d'aquelle animal, como dizem os timores. Completava este trage, tão singular como extravagante, a zagaia enfeitada de clina branca e encarnada, e a famosa espada com que o vencedor decepa as cabeças dos vencidos! e bom numero havia decepado a de D. Belchior, como o estavão indicando as muitas luas de oiro que trazia ao pescoço.

Esta figura, que a ligeiros traços acabo de descrever, estava em pé á borda do pantano, olhando com olhar altivo para o crocodilo, que sem movimento jazia a seus pés.

Aproximei-me de D. Belchior; e, julgando que o animal estava morto, disse-lhe: — Assim todos caçam lagartos.

O olhar que o chefe me lançou é indescriptivel; e, por unica resposta, voltou-se para os seus escravos, e articulou algumas palavras em lingua Teto, que me pareceram cabalisticas.

Os quatro escravos aproximarão-se do crocodilo, e, batendo-lhe com uma vara, que devia ser magica, no focinho, fizerão-n'o dar um salto ao meio do pantano!

As minhas duvidas desvanecerão-se. O crocodilo estava vivo!

Novas palavras pronunciou D. Belchior, depois de atirar á agua, na direcção do crocodilo, umas substancias que estava mascando, e em seguida os quatro escravos precipitarão-se no pantano avançando para o crocodilo, que havia mergulhado.

Logo que o toparam, saltarão-lhe em cima; e, com grossas cordas que levavão, começaram a amarrar o monstro pelas quatro patas.

Concluido aquelle trabalho, olharam para D. Belchior,

como para receberem as suas ordens, e, a um signal d'este, foi o monstro arrastado para terra.

Posto na margem, o crocodilo como que acordou do lethargo em que jazêra, pois soltou então gritos medonhos e estrebuxou a ponto de recear-se que rompesse as prisões.

D. Belchior, a quem nenhum dos movimentos do crocodilo escapava, aproximou-se d'elle, e, batendo-lhe com uma vara nas ventas, obrigou-o a soltar um tremendo grito, e a abrir a boca, guarnecida de duas ordens de agudissimos dentes, que só de vel-os fazião estremecer, e, sem perder um momento, atravessou então um pau na boca do crocodilo, e, com uma incrivel rapidez, enleou-lhe o focinho.

O monstro estava completamente sujeito, e nada havia que recear já.

Felicitei D. Belchior pelo bom exito da caçada, e disse-lhe que todas as minhas duvidas havião desapparecido perante o formidavel poder dos seus narcoticos.

O animal foi conduzido em triumpho ao acampamento, e logo despedaçado e devorado pelos que, protegidos da fortuna, ou de D. Belchior, puderam haver uma parte d'aquella saborosa carne.

. . . .

Affonso de Castro (Excerpto d'um livro inédito).

OUTUBRO — 26

CHARADA XXXI

Duas partes d'um almude ; 1
E tres outras d'um lagar ; 1
Mesmo no centro da inveja
Hão de com certeza achar. 1

Sou conquista d'um Affonso ;
Tenho sofrido revezes.
Sou brazão, orgulho, e patria
D'aguerridos portuguezes.

Um farense (Lisboa).

OUTUBRO — 27

Oração de um gatuno. — Um amigo da boa vida e de a passar á custa alheia, reduzia as suas orações do levantar e do deitar ás poucas e substanciosas palavras seguintes:

— Meu Deus, não vos peço que me deis riquezas; dizei-me só aonde ellas estão, que eu as irei buscar. Amen.

OUTUBRO — 28

Laponia. — Grande região do norte da Europa, situada na parte septentrional da Escandinavia. Pertence á Noruega e á Suecia (reunidas numa só monarchia desde 1815), e á Russia.

Apresenta um clima que espanta o viajante que parte das regiões temperadas; o verão comprehende o que noutros paizes se chama primavera e outono, e compõe-se de cincoenta e seis dias, que apresentão os seguintes caracteres:

23 de Junho	Derrete-se a neve.
1 de Julho	Desapparece de todo.
9 »	Cobrem-se os campos de verdura.
17 »	As plantas naturaes, semeadas, ou cultivadas, estão em pleno viçar.
25 »	Estão em flor.
2 de Agosto	Amadurecem as frutas.
10 »	Emmurchecem as plantas.
18 »	Começa a caír a neve.

Emfim desde esta epoca até ao dia 23 de Junho do anno seguinte está o chão coberto por toda a parte de neve e aguas de gelo. No tempo dos dias grandes do estio nunca se põe o sol, e durante dois mezes não apparece. Esta immensa noite é compensada pelo clarão da lua, pelo vivo esplendor das auroras boreaes, que são frequentissimas, e pela extensão dos crepusculos.

A Laponia é habitada por uma população de perto de vinte mil habitantes, quasi anões, enfezados, feios, pouco civilisados, bebedos, mas alegres e hospitaleiros. As resinas constituem a sua principal riqueza. Vivem quasi todos no estado nomado.

OUTUBRO — 29

Garcia de Rezende. — Foi sujeito de muitas prendas e talentos, bem que de pouca instrucção, como elle proprio confessa. Homem muito da privança e confiança d'el-rei D. João II, escreveu a chronica d'este grande principe, a qual, ainda que em grande parte seja copiada da de Ruy de Pina (é antiga a raça dos plagiarios) tem comtudo bastante merecimento historico, porque ao texto de Pina accrescentou e emendou muitas coisas, de que elle estava inteirado como moço de escrevaninha, que fôra, de el-rei D João II.

Mas o seu verdadeiro titulo de gloria está no *Cancioneiro*, compilação de canções do seu tempo, ou das eras anteriores, rico manancial de informações sobre os costumes e vida intima d'essa época. E parece que a Providencia suscitou este homem no momento proprio, porque, annos depois, surgia a *Renascença*, e, se esse trabalho não estivesse já feito, de certo ninguem o faria. Não seria a douta e apurada escola dos Mirandas, e dos Ferreiras que havia de se dar ao trabalho de reunir essas rudes canções dos seus maiores. Bem affanosos andavão elles em descobrir manuscriptos de Cicero, Virgilio, e Horacio, e não perderião um instante sequer a copiar as trovas de Branca Alvares Cristalleira, ou de D. Luiz Ladrão.

Ainda que não se saiba ao certo o anno do seu nascimento e o da sua morte, tudo nos leva a crer que viveu longa vida, porque o vemos moço da camara do principe D. Affonso, filho de D. João II, em 1490, e ha todas as razões para se suppor que ainda em 1554 viveria, porque nesse anno se fez uma edição das suas obras, que os edi-

tores subsequentes dizem feita pelo mesmo autor. Ora, ainda supposondo que morreu apenas acabou de imprimir as suas producções, e suppondo tambem que tinha apenas quinze annos quando foi nomeado moço da camara do principe D. Affonso, dão-nos estes calculos em resultado uma vida de setenta e nove para oitenta annos, o que não é para desprezar, principalmente num tempo em que as lanças dos mouros, e as fauces das ondas se encarregavão de resumir muito a existencia dos portuguezes.

Foi secretario da pomposa embaixada que D. Manoel enviou a Leão x, instituiu o morgado d'Antas, viveu em Evora, em casas suas, que ainda hoje existem, provavelmente desamparadas e estragadas, como essas coisas costumão sempre estar em Portugal, e jaz enterrado na capella que mandou construir na igreja do convento do Espinheiro, em Evora.

OUTUBRO — 30

Lição a más linguas. — Querendo alguns inimigos de Voltaire espalhar que a tragedia *Alzira* não era d'elle, respondeu certo sujeito de reconhecida intelligencia:

— Tomára eu que assim fosse.

— Então porque? perguntou um d'elles.

— Porque teriamos mais um excellente poeta.

OUTUBRO — 31

Objecção ao movimento da terra.—Tratava-se de demonstrar numa aula de geographia o movimento de translação e rotação da terra. O digno professor, depois de apresentar as provas d'uma verdade, hoje por todos conhecida, excepto por algum inimigo acerrimo de Galileo, e amante das antigualhas, perguntou aos que o ouvião, se estavão satisfeitos. Já se vê, todos responderam no sentido affirmativo. Um dos escolares, porém, mostrou indicios de nenhuma satisfação, antes de muita duvida, mas a que o pro-

fessor não attendeu, talvez porque não reparou. Tendo todos saido da aula, aquelles que lhe tinhão notado a phisionomia duvidosa no acto da demonstração, perguntarão-lhe:

—Então as provas do lente não te convenceram?

—Não, respondeu promptamente o antagonista de Galileo; se a terra se move e roda, qual a razão porque tendo eu 22 annos ainda não cheguei a Londres, nem a Paris?

Athayde Oliveira.

NOVEMBRO — 1

Caem as folhas, estalam
Sob os pés do caminheiro;
Declina a vida, esmorece
Mais frouxo o sol no outeiro.



NOVEMBRO — 2

Erão dignos um do outro. — Ó compadre! *cigano* escreve-se com um *c* ou com um *s*?...

— É com um *c*.

— Porque?

— Porque está no plural.

J. A. B.

Santa Eugenia.—É a seguinte a lenda d'esta santa:

Eugenia era romana. Vivia no tempo do imperador Galliano, um dos que mais perseguiram os sectarios de Jesus. Accusada de feiticeira, foi conduzida perante o prefeito Nicétius.

Já se vê que o prefeito não poude, por fórma alguma, conseguir que Eugenia revelasse o supposto crime. Ordenou, pois, que a levassem ao templo de Diana, e que obrigassem ahi a casta virgem christã a sacrificar ao idolo vão, que o paganismo torpe fizera a imagem da pura castidade.

Castidade, com nodoas ainda assim. Essa religião sensual não poude consentir que fosse immaculado o veo da pudica deusa. E da mesma fórma que a argentea lua mostra na linda face essas manchas que lhe desfigurão a candidez, assim tambem a virginea deusa sacrificou ás tendencias do paganismo, indo procurar na umbrosa alcova dos bosques o juvenil e formoso Endymião.

Foi, pois, Eugenia conduzida ao templo d'essa divindade

prude, e intimada para sacrificar aos seus altares.

Recusou obedecer a virgem christã; e, dirigindo-se em fervorosa supplica ao Todo Poderoso, pediu-lhe, não que a salvasse a ella, que nada ambicionava mais do que a palma do martyrio, mas que mostrasse a esses descrentes o poder do seu braço invencivel.

Treme subito a terra! as columnas marmoreas do templo romano oscillão, e desabão, deixando ficar apenas de pé o altar onde Eugenia campeia, não timida sacrificadora, como os romanos esperavão, mas vencedora e radiante, tendo a seus pés o idolo prostrado.

Não bastou isto ainda para convencer os pagãos: os impios attribuem o prodigio operado por mão do Omnipotente á sciencia magica da bemaventurada neophyta e lanção-n'a, por ordem do imperador, ao Tibre, com uma pedra ao pescoço.

Mas a pedra enorme entreabriu-se, e caiu do pescoço de Eugenia! as aguas do rio cerrarão-se, e recusaram engulir o corpo da virtuosa romana! Como Moysés outr'ora nas aguas do Nilo, Eugenia fluctua docemente, tendo por nave as proprias ondas, que a acaricião, e que entoão em torno d'ella o seu cantico indolente!

Tirão-n'a do rio, e lanção-n'a dentro de uma fornalha, que servia para aquecer uma das innumeras thermas da cidade eterna.

O fogo foi tão respeitoso como a agua: apagou-se de subito! e por tal fórma se extinguiu o calor, que resfriaram instantaneamente os banhos, onde se estavão regalando os voluptuosos patricios romanos!

Tantos prodigios não conseguem abalar a resolução dos feros algozes; encerrão-n'a num carcere, onde nem sequer entrava a luz do dia. Porém a auréola que circumdava a fronte da christã bastou para encher o quarto de luz, de esplendor celeste, mais puro do que o da aurora, mais deslumbrante do que o do sol, mais suave do que o da pallida scismadora do firmamento nocturno.

Um gladiador entrou então na masmorra, e deu finalmente a Eugenia a palma do martyrio, por ella tão cubiçada.

Desde então esta suave figura é venerada entre os santos do paraiso christão.

NOVEMBRO — 4

Falsa dignidade. — Da dignidade á pseudo-dignidade vai uma distancia pelo menos igual á que vai da verdade á mentira.

Agesilau, o maior homem da sua nação, sendo certo dia, e por um embaixador, encontrado quando andava brincando com um de seus filhos, cavalgando cada um numa cana, continuou e disse sómente ao estrangeiro: — Não digas nada antes de seres pae.

Henrique IV, andando de gatinhas com seu filho ás cavalleiras, foi tomado de improviso por um embaixador, a quem deu a mesma resposta.

Quantos ha por esse mundo de Christo, aliás boas pessoas, que, se fossem vistos a beijar, ou a abraçar um filho, buscarião encobril-o, por julgarem (pobre gente!) que a sua dignidade acabava de ser altamente prejudicada!

João da Silva Pereira Bravo (Sinfães).

NOVEMBRO — 5

Dito de criança.—Uma senhora atravessou uma das ruas de Lisboa com sua filha. Passa uma pobre criança, e murmura algumas palavras em voz baixa. A senhora dá-lhe dez réis.

—O que foi que elle lhe disse, mamã? perguntou-lhe a menina.

—Disse-me que não tinha pão.

—Ah!

—Então não tens dó d'este pobre desgraçadinho?

—Eu não, mamã; é tão bom comer tudo sem pão!...

O NADADOR

Cerrou-se escuro nevoeiro,
Mal posso ao longe avistar,
Saltando irosa o carneiro
Alva crista a emproar,
Essa onda que me aterra,
E que se enrola a crescer,
'Té que fórma a alta serra,
Que na praia vem morrer.

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar?

Tens tu peito de rochedo
Para a onda acommetter?
No braço tens do penedo
Firmeza p'ra te suster?
Volve á praia sem demora;
Um pouco o mar serenou;
Temerario: força, agora;
Que a *marinheira* passou![1]

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar?

Não me escuta! Mais furiosa
Parece que ora voltou
A vaga tremenda, irosa;
Com o repouso alentou.
Ao largo; que o p'rigo aperta!
Forceja por te alargar!
No penedo a morte é certa
Do mar com tanto rolar.

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar?

Ao largo o perdi de vista;
Ou foi onda que o cobriu.
A Virgem Santa lhe assista!
De meus olhos se sumiu!
Quebrou onda, forte, ingente!
O nadador arrastou?
Não, inda não: mais valente,
De lado a lado a furou!

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar?

[1] De certo em certo numero de ondas que rebentão na praia, rebenta uma maior, a que os pescadores chamão *Onda marinheira*. Todos os nadadores sabem quanto é perigoso chegar á praia na *onda marinheira*.

Oh Deus ! parece cansado !
Se o choque ingente o abalou !
O mar é mais levantado ;
Contra elle ora se avançou !
Se menos forte e seguro
Desfallece em combater...
Oh Senhora, em tal apuro,
Só tu lhe podes valer !

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar ?

Outra ! outra ! Não têem conta
As ondas que já furou !
Temerario ! á terra aponta ;
De novo o mar socegou.
Mancebo tão destemido
Nunca assim se viu nadar !
Mais valente, mais ardido,
Nunca entrou em nosso mar !

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar ?

Descansa, oh mar, um momento !
Quasi que a praia tocou !
Nada, mancebo, com tento !
Traidora rocha evitou !
Apressa-te ! Olha essa vaga...
Eil-a comtigo !... La vem !...
Ai ! segue-a, que não te esmaga !
Trouxe-te á praia !.. foi mãe !..

Nadador, que te aventuras
A arrostar tão bravo mar,
Onde o pharol que procuras,
A Hero que vens buscar ?

Graças a Deus ! É salvado.
«Moço ! quem te manda ao mar?
«Porque no elemento irado
«Vais com a morte brincar ?
«É-te a existencia pezada,
«Que assim buscas o escarceo ?
«Quel-a cedo ver cortada
«Pela cholera do ceo !

«Nadador, que te aventuras
«A arrostar tão bravo mar,
«Onde o pharol que procuras,
«A Hero que vens buscar?» —

— «A vida não me é pezada ;
«Mas não a prézo tambem.
«Cuidas tu que ella acabada
«Fizesse hoje falta a alguem ?
«Pergunta a essa penedia
«Porque as ondas não temeu ?
«Insensivel, dura, e fria,
«Nenhum insulto a moveu !

«Nadador que se aventure
«A arrostar tão bravo mar,
«Não tem pharol que procure,
«Nem Hero que vá buscar !

«Uma Hero tive outr'ora,
«Que mais que Leandro amei.
«Da vida leda era a aurora,

«Oh quanto então a prezei!
«Ella era linda, e eu forte,
«Fui d'ella amado!... acabou!
«Sem morrer, teve igual sorte:
«P'ra mim Zuleicka findou!

«Nadador, que se aventure
«A arrostar tão bravo mar,
«Não tem pharol que procure,
«Nem Hero que vá buscar!

«Não a culpes, estrangeiro;
«Que o mais culpado fui eu!
«Mas que faz por derradeiro
«Quem o seu mal promoveu?
«Curti a dor no segredo,
«Até que a alma calejou!
«Não chores: vês o penedo?
«Sofre? Não. Assim eu sou!

«Nadador, que se aventure
«A arrostar tão bravo mar,
«Não tem pharol que procure,
«Nem Hero que vá buscar!»—

Disse; e em vez do rosto bello
Ter os prantos da paixão,
Tinha as gotas que o cabello
Gotejava ainda então.
Nem um suspiro lhe ouvi
Ás tristes memorias dar!
De mim socegado o vi
A lento passo afastar.

Nadador, que se aventure
A arrostar tão bravo mar,
Não tem pharol que procure,
Nem Hero que vá buscar.

Mas logo no outeiro, em frente,
Um hymno aos ares se ergueu!
Som de voz meigo, plangente,
Que o meu peito commoveu!
Era uma voz que pedia
Ao ceo pelo nadador;
E essa voz assim dizia,
Orando a Deus com fervor:

—«Nadador, que te aventuras
«A arrostar tão bravo mar,
«Longe de mim que procuras?
«O meu pharol vem buscar!»—

O reclamo doce ouvido,
Corre a elle o nadador.
Nesse peito endurecido
Vibrava ainda um amor;
Um só; mas esse é provado,
Nunca o traiu, nem deixou:
Da irmã o amor dedicado,
E esse affecto o consolou!

—«Nadador, que se aventura
«A arrostar tão bravo mar,
«Longe de ti que procura?
«O teu pharol vem buscar!»—

S. Pedro de Muel—1845.

Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque

Os livros e as flores.—Atravez de uma existencia que não tratou nunca de ser util a si pelas especulações da politica, e que infelizmente não conseguirá ser util aos outros pelo culto do bello, eu tenho tido sempre duas grandes consolações na vida: os livros e as flores. Encontra-se nestas, encontra-se naquelles, igual remedio para as penas d'alma: as flores são paginas perfumadas do poema das estações, livro escripto em todas as linguas; os livros são jardins, em que o espirito de todos os seculos semeou flores de todos os tempos e climas, flores immoveis que nos transportão aonde não estamos, aonde bem quizeramos estar, flores feiticeiras que evocão para a alma os paizes em que brotam. Que de versos ineditos de Castilho se lêem num jardim! que de jardins ignorados se respiram nos versos de Castilho! *Julio Cesar Machado.*

NOVEMBRO — 8

CHARADA XXXII

A primeira só por si
Da segunda separado. 1
E depois inda posposto
A este que foi achado,
E que tambem tu encontras,
Se o buscas no mar salgado. 2

Esta palavra sómente,
Ou a várias ajuntada,
É no mar sempre precisa
P'ra se safar a *rascada*.
Tem dois FF; isso que importa?
Não deturpão a charada.

C. & C.

Riso sardonico.—Segundo Discorides, crescia na Sardenha uma planta, cuja raiz, logo que se comia, causava a morte com convulsões do rosto, semelhantes ás do riso.—Proviria d'ahi a frase de *riso sardonico?* diz Cesar Cantu na sua Historia.

Cariatides. — Assim se chama, tanto em architectura, como em esculptura, ás estatuas femininas, vestidas completamente ou semi-vestidas, que se collocão em vez de columnas para suster um entablamento. É o seguinte a origem d'este ornato, e do termo que o designa.

Tendo-se os habitantes da Caria unido aos persas contra os outros gregos, seus compatriotas, estes subjugaram essa provincia, passaram os homens ao fio da espada, e escravizaram as mulheres, obrigando-as a conservar, em expiação do seu crime, as suas longas vestes e os seus enfeites. Depois alguns architectos, indignados com a traição d'esses gregos renegados, substituiram as columnas e as pilastras por estatuas de mulheres vestidas como as *Cariatides* para conservarem á posteridade a



memoria da escravidão, e da traição, que lhe dera origem.

É terrivel, como a de Deus, a indignação do artista ou

do poeta: já o mundo olvidou a vingança guerreira, mas o estigma estampado pelo artista na fronte dos traidores foi indelevel, foi immortal!

Ainda que menos propriamente, são tambem chamadas *Cariatides* as estatuas de homens sustentando um entablamento em vez de pilares, columnas, ou pilastras.

NOVEMBRO — 10

Illuminação das ruas.—Hoje as grandes cidades, e muitas tambem das pequenas, são illuminadas a gaz; antigamente nenhumas o erão, nem mesmo a azeite. Até Roma, tão grande e tão opulenta como era, não tinha illuminação publica, e os seus habitantes erão muitas vezes obrigados a acompanhar-se de archotes ou lanternas se não querião de noite andar ás escuras. A Antiochia, neste ponto mais adiantada do que Roma, já no 4.º seculo tinha as suas ruas principaes, e logares



mais publicos, bem ou mal illuminados. Só muito depois é que este costume de illuminar as ruas veiu a generalisar-se; e nos tempos modernos uma das cidades que mais cedo gozaram d'este beneficio foi talvez Amsterdam, porque em 1699 se publicou ali uma postura na qual se ordenava aos limpas-candieiros que os limpassem todos os dias, e que não consentissem em que se prendessem cavallos aos pilares em que estavão postos; d'onde se conclue que já então ali havia candieiros fixos em pilares, quando só depois outras cidades os vierão a ter pendurados em cordas passadas de lado a lado da rua. Paris antecedeu-a, é certo, mas a sua illuminação, que teve principio no seculo XVI, consistiu por muito tempo, não em candieiros, mas em simples lanternas.

Em Londres começou a illuminação das ruas, posto que ainda imperfeitamente, em 1668; em Veneza, Palermo, Hamburgo, Haia, e outras cidades, durante os seculos XVII e XVIII. Roma ainda no fim do seculo passado não tinha candieiros, e foi o papa Xisto VI quem ordenou que as alampadas postas nas ruas diante das imagens augmentassem com o fim de diminuir a escuridade.

Lisboa, que tem por costume não ser das mais cuidadosas em criar e promover os commodos da civilisação, só no principio d'este seculo é que foi illuminada. Deve comtudo dizer-se que já nos primeiros annos do reinado de D. José o estadista D. Luiz da Cunha o tinha proposto áquelle principe entre outros conselhos que lhe deu numa carta politica que lhe dirigiu.

NOVEMBRO — 11

Um perfeito cortezão. — Perguntando Frederico II, rei da Prussia, ao celebre medico Zimmermann, quantas pessoas tinha elle morto em toda a sua vida.

— Não tantas como vossa magestade, respondeu o medico, e com muito menos gloria.

CONFIDENCIA

á mais bella das elvenses

Não sabes porque, donzella,
Me apraz um dia sem sol?
Ouvir bramir a procella?
E, qual funebre lençol,
Estendido pelo ceo,
De nuvens espesso veo
Enlutando a face ao dia?
E silvar o vendaval,
Correndo do monte ao val,
Gemendo na penedia?

Não sabes porque me apraz
O ribombo do trovão?
Do relampago fugaz
Triste e pallido clarão?
E o rugido da torrente
Revolta, negra, fremente,
Em cachão a referver?
E ver a selva abatida,
Pelo tufão sacudida,
Curvar-se toda a gemer?

Não sabes? É que no peito
Vai tempestade tambem!
É que em meus sonhos no leito,
Sorrir-me um anjo não vem!
É que vejo o meu futuro,
Outr'ora limpido, puro,
Mais e mais ennegrecer!
É que n'alma vai calando,
A luz da fé apagando,
Torva torrente, o descrer!

É que não tenho uma esp'rança
A doirar o meu porvir!
Nem um astro de bonança
Vejo no ceo refulgir!
Os meigos sonhos d'outr'ora,
Esvaecerão-se... e agora
Resta apenas a saudade!
Mas saudade amarga e triste,
A que o peito mal resiste
Em tão erma soledade!

Oh! se tu, virgem, quizesses
Ser a estrella do meu ceo!...
Se o fogo reaccendesses
Da esperança que morreu!
Se, qual no campo o rocio,
Em pura manhã d'estio
Vai dar viço á murcha flor,
Tu viesses, carinhosa,
Em minh'alma sequiosa
Espargir o teu amor!...

Talvez então acalmasse
Este medonho escarceo!
E este inferno se trocasse
Num paraiso, num ceo!
Por ti amaria as flores,
Da primavera os verdores,
Os trilos do rouxinol,
O ribeiro murmurando,
A viração suspirando,
E a luz fulgente do sol!

F. T. Laborde Barata (Elvas).

Bartholomeu Bueno. — Quando as solidões do Brazil revelaram aos seus maravilhados conquistadores as riquezas, que no seio occultavão, quando o veo densissimo das florestas virgens foi caindo a pouco e pouco, e deixando entrever os encantos que sempre fascinaram os homens, o oiro e os diamantes, apoderou-se dos portuguezes a mesma loucura infrene, que o descobrimento dos terrenos auriferos da California e da Australia inspirou no nosso seculo aos habitantes de todo o mundo. Arrojarão-se com delirio aos vastos ermos d'onde a riqueza lhes acenava com as suas esplendidas miragens. Mas, para conquistar os sorrisos da fortuna, era necessario possuir uma energia d'animo, e uma força de vontade, que superasse todos os obstaculos do terreno, affrontasse as hordas selvagens, e não trepidasse, emfim, perante qualquer ousado commettimento.

Estas qualidades todas possuião-n'as os habitantes das provincias de S. Paulo. Por isso as suas aventurosas *bandeiras* forão sempre as que marcharam na vanguarda dos exploradores, e os vultos heroicos dos *bandeirantes* tomaram, atravessando os seculos nas azas da tradição, um aspecto legendario e um colorido fantastico.

Entre todos esses vultos sobresai o de Bartholomeu Bueno, um d'estes homens de rija tempera, fadados para levarem a cabo as mais ousadas emprezas na esphera onde a fortuna os collocou. Bonapartes, se o destino os arrojou ao seio ardente das batalhas e das revoluções; Bartholomeus Buenos, se a sorte os fez nascer nesse tempo febricitante das explorações d'ignotos paizes.

Desde a idade de doze annos, acompanhava seu pae, *chefe de bandeira*. Cresceu e coube-lhe tambem ser chefe. A sua audacia, sempre coroada por bom exito, a energia com que sabia domar os selvagens, e a astucia com que os sabia dirigir, derão-lhe uma reputação formidavel.

Um dos factos da sua vida, que pintão melhor o seu caracter, é o seguinte:

Uma vez que os indios se recusavão a indicar-lhe novos terrenos auriferos, e que ameaçavão até revoltar-se, Bartholomeu Bueno reune-os a todos, sem o assustar a imprudencia, e diz-lhes:

— Não ouseis negar-vos a obedecer-me, ou cairá tremendo castigo sobre as vossas cabeças. Não conheceis qual é todo o meu poder. A um signal meu incendiar-se-hão não só os vossos bosques, mas tambem os vossos rios e lagos.

E como os indios, julgando que estava zombando d'elles, o encaravão ameaçadores, Bartholomeu Bueno fez um signal a um dos seus bandeirantes, que, já prevenido, sai e volta com um alguidar cheio d'agua, ou de liquido que se lhe assemelhava. Bartholomeu Bueno chega-lhe o fogo; o liquido inflamma-se, e projecta chammas azuladas nas faces dos aterrados indios, que caem aos pés do poderoso portuguez.

Escusâmos de dizer que Bartholomeu Bueno não fizera mais do que queimar um magnifico ponche.

NOVEMBRO — 14

CHARADA XXXIII

Tem-n'a o musulmano. 1
Corre em todo o anno. 1

Sim? Olé!
'Stá contente
Toda a gente
Que assim é!

J. J. Dias (Santarem).

O coração e as lagrimas segundo a sciencia.—Não intento reformar a anatomia vulgar, estremando umas glandulas lacrimaes nobres de outras glandulas lacrimaes infimas. Considero, porém, que ha um chorar aviltador e outro chorar nobilitante. Que tem de inverosimil a diversidade da origem dos prantos? As lagrimas da mãe, que aperta ao seio a frialdade d'um filhinho morto, correm da mesma glandula que as dá na raiva do orgulho ferido d'essa mulher? Diz a phisiologia que sim. Curve-se a razão á phisiologia.

Que escura e triste coisa é a sciencia!

Abrâmos o nosso *Nysten*, edição de 1858, pag. 709:

«Chamão-se *lagrimas* um humor excrementicio...»

Humor excrementicio! Santo Deus!

Continuemos:

«... que lubrifica o globo do olho, e lhe facilita o moverse na orbita.

«... As lagrimas enverdecem o xarope de violeta; e, evaporadas dão crystaes de chlorureto de sodium, encrustados de uma especie de mucus, e tambem encerrão phosphato de cal e de soda.»

Ora aqui está!

Diz um homem, na sua melhor boa fé, á mulher que ama:

—Choro! Vê nestas lagrimas a minha alma, e condoe-te.

Se a mulher leu, por infausto acerto, o *Nysten*, ou outro que tal expositor de verdades cruas, responde-lhe:

—O que tu choras, homem, não é alma: é humor excrementicio, é chlorureto do sodium, é mucus, é phosphato de soda, é phosphato de cal.

Isto é de matar a paixão, e seccar as glandulas nobres e as infimas.

Moralistas! dae um compendio de sciencias naturaes para uso dos collegios de meninas.

Defini a lagrima.

Defini o coração. Illustrae o compendio. Pintae-lhe esse musculo ôco e feio; que ellas enfiarão de horror, vendo-se amadas em nome de tal entranha, susceptivel de fazer-se osso, de fazer-se pedra, de fazer-se... coisa peior ainda que pedra e osso. *Camillo Castello Branco.*

NOVEMBRO — 16

LOGOGRIPHO XIII

Busca a primeira entre balas,
E de certo a encontrarás;
Ou nas renhidas batalhas
Que nos perturbão a paz.

Esta mesma repetida,
Sem mais nada lhe ajuntar,
É attributo do infante,
E ás vezes do centenar.

Se uma lettra da terceira
Á segunda pões diante,
Verás logo sem demora
Bello astro fulgurante.

A terceira dá-nos vida;
A quarta e esta, vestido;
Esta e quarta, habilidade
A quem a tem aprendido.

Agora torna ao principio
Se o todo queres achar,
E lá onde se batalha
O podes ir encontrar.

D. Maria José Furtado de Mendonça (Beira).

NOVEMBRO — 17

O relogio de sol. — Rapaz, vae ao quintal ver no relogio de sol que horas são! dizia ao seu criado um bebedo estremunhado, acordando d'um somno de quatorze horas.

— Não se vê lá nada, é noite, e está escura como um prego.

— Forte burro! não podes levar a candeia?

Combou, corneta que serve nos pagodes.—O *Song*, ou busio, que assoprão os bramines. — O *Tourti*, gaita de folles que acompanha as orações nos pagodes e nas danças. — O *Nagur*, ou timbale. — O *Hoeirak*, ou tamburino, e emfim o *Nagabotte*, caixa grande que se toca sobre um elephante diante dos principes do paiz.

J. J. T. R. (Aldeia).

NOVEMBRO — 20

PROBLEMA

Estrella, flor, e donzella,
Qual das tres tem mais primor?
Qual é das tres a mais bella,
Donzella, estrella, ou a flor?

RESOLUÇÃO

O viço da flor mimosa
Damnificão gelo, e frio,
A rajada impetuosa,
O sol ardente do estio.

Um natural accidente
Dá á estrella tal revez,
Que seu brilho resplendente
Se converte em pallidez.

Mas a donzella formosa,
Esmaltada de pureza,
Respira sempre donosa
Seu primor, sua belleza.

Manoel Lopes Maria (Gavião).

NOVEMBRO — 21

Receita para alegrar as creanças. — Como os seus filhos, minha senhora, são tristinhos!
— É verdade minha senhora; pois olhe que não é por falta de eu lhes bater para mudarem de genio.

O bispo de Alicarnasse.—Nesses tempos em que se pelejavão batalhas tremendas em defeza da fé, não era raro descobrir debaixo da armadura brilhante do guerreiro o grosseiro e innocente habito de frade. Era quasi sempre a morte, quem rompendo os sellos d'estes segredos, os divulgava para todos. Antes ninguem crêra que no fervor dos combates, no mar de sangue fosse possivel buscar os thesoiros do ceo. Que esses factos se derão, contão-n'o as chronicas fieis da epoca: o que porém nenhuma d'ellas diz é que um bispo catholico e portuguez fosse nababo da India.

É este o nosso caso:

D. Antonio José de Noronha nasceu aos 14 de julho de 1720, na freguezia de Santo André de Goa-Velha. Forão seus paes D. Francisco de Noronha e D. Maria da Cunha e Castro, descendentes dos condes dos Arcos. Em verdes annos professou na ordem de S. Francisco e passou depois para a Costa de Coromandel como missionario. A existencia tranquilla do sacerdocio e as austeridades do claustro não careavão muito o animo do adolescente religioso. Pastor apenas de uma modesta parochia de Meliapor, Fr. Antonio abriu larga correspondencia com os reis indigenas, e com as autoridades das diversas nações europeas, que então disputavão a posse da India. D'ahi veiu a mercê que lhe fez o Grão-Mogol da cidade de Meliapor. O missionario não quiz depois saber mais da igreja. Construiu um forte, hasteou-lhe em cima a bandeira portugueza, ajuntou 20 homens, e cuidou que tinha uma monarchia.

Não durou muito o reinado do novo soberano. Os inglezes, commandados por um capitão general, arrazaram o forte, e fizerão prisioneiro o commandante. Fr. Antonio teve de ir até Londres, e na viagem padeceu fomes e privações peiores do que aquellas que evitára fugindo do convento. O sofrimento não lhe desmaiou o animo. Perante o go-

verno inglez sustentou os seus direiros e a sua innocencia com tanta fortuna, que lhe foi restituida a liberdade e o forte.

De Londres partiu Fr. Antonio para a França, onde a protecção do famoso Dupleix, que conhecêra na India, podia abrir novos horisontes á sua ambição. Não teve pressa de cingir a corôa que se infamára de tantos tormentos. Era menos perigosa uma mitra. Sollicitou-a com toda a instancia o nosso religioso. Ou fosse pela influencia do governo francez, ou fosse porque não erão conhecidas da curia as aventuras do candidato, o papa Benedicto XIV nomeou-o bispo de Alicarnasse. Não logrou porém o beneficio o novo bispo porque antes de chegarem as bullas teve de sair na fragata *Colomba* para a India, á testa da força expedicionaria que ia soccorrer a possessão franceza naquellas regiões. Nem bispo nem rei o deixavão ser.

Assegura-nos o sr. Nery Xavier, fundando-se em documentos officiaes, que, se as bullas do bispo de Alicarnasse não forão expedidas com a brevidade que desejava o beneficiado, andára nisso intriga jesuitica urdida por tal fórma, que os ministros da França e de Portugal em Roma só depois de muitos esforços, e tarde, a puderam desvanecer.

Novas honras e triumphos aguardavão na India o bispo de Alicarnasse. Pouco depois da sua chegada enviou-lhe o Grão-Mogol o titulo de *Nababo Deilavargenga*. E na conquista de Pondicheri provou Fr. Antonio que o seu braço não enfraquecêra com o sofrimento, nem o tempo pudera abrandar o seu genio impetuoso; que mais para a guerra do que para a paz talhára Deus o nosso religioso.

Em 1763 Fr. Antonio voltou para Goa, e foi nomeado general das provincias de Ponda, Zambalin e annexas, e, pouco depois, brigadeiro e commandante da legião. Desde então desappareceu o bispo e o frade. Ficou em scena só D. Antonio de Norónha. Não usou de outro nome até á sua morte, que foi tão extraordinaria como a sua vida. Um dia

viu-se que o carrinho em que D. Antonio costumava vir de Dangin á cidade de Goa estava parado no meio da estrada.

Causava estranheza o facto a quantos passavão; ninguem tratava de examinar a causa. O primeiro que o fez, declarou que os cavallos não andavão porque estava morto quem os devia guiar.

O religioso da ordem de S. Francisco, o rei de Meliapor, o bispo de Alicarnasse, o Nababo Delavargenga, o brigadeiro D. Antonio, couberão todos depois da morte num pequeno espaço de terra do convento da Madre de Deus de Goa, como em vida todas estas encontradas dignidades tinhão cabido num só homem.

Francisco Luiz Gomes.

NOVEMBRO — 23

CHARADA XXXIV

Um rei de Judá 2	Cidade africana
Sou o principal 1	Foi de Portugal.

A. de J. e Silva (Vermoil).

NOVEMBRO — 24

Dois devotos de Baccho. — Pouco antes da extincção das ordens religiosas, era guardião do convento de franciscanos em Coimbra Fr. José da Madre de Deus, homem aliás dotado de excellentes qualidades, mas um tanto devoto, como o é muito boa gente, do

....nume thyrsigero,
Que as tristezas e magoas adoça,
E a rugada velhice remoça.

O provincial da ordem, se lhe não levava a palma, pelo

menos nada lhe cedia em devoção ao deus das parreiras. Foi por isso que estes dois prelados mereceram da penna d'um academico contemporaneo os seguintes versos:

Em dia de S. Francisco,
Um dia de sexta feira,
Jantaram os franciscanos,
E todos de cabelleira.

Erão tantos os guisados,
Que a todos davão espanto,
Emfim, não faltava nada
P'ra festejarem o santo.

Depois de pias saudes,
O bojudo guardião,
'Stando já bem atestado,
Disse co'o copo na mão:

—«Aos attractivos do vinho
Quem pode haver que resista?
Dá memoria, força, engorda,
Sobretudo apura a vista.»—

Acode o provincial:
—«Essa não parece sua!
Se o que diz fôra verdade,
Via um mosquito na lua.»—

Sousa Leão (Roriz).

NOVEMBRO — 25

Taboleta original.— Um pintor de retratos poz na sua taboleta o seguinte annuncio notavel pela franqueza:

Parecença completa — quatro libras. *Meia parecença* — duas libras. *Ar de familia* — uma libra.

NOVEMBRO — 26

TARDES DE ESTIO

Nas tardes calmosas de estio fagueiro,
Lá quando risonho descai no poente
O sol, que inda ha pouco crestára as boninas,
Das aguas mirando-se á luz transparente;

Á sombra de espessos, virentes olmeiros,
Que os ramos ostentão em ermo logar,
Comtigo na mente, comtigo e não outra,
A sós pensativo me vou assentar.

A fronte reclino na molle alcatifa
De doce verdura que ao sol escapou,
E em meigo lethargo, revendo-te sempre,
Esqueço que sofro, que vivo, e onde estou.

Do rio fremente, que ao pé se despenha,
A espuma de prata desfeita em gemidos,
Vem branda correndo, de maga doçura
Não sei que mysterios trazer-me aos ouvidos.

No grato cicio das brisas olentes
Que a fronte me afagão de leve a roçar
Cobrindo-me as faces co'os soltos cabellos,
Eu julgo segredos d'amor escutar.

Nas tranças do bosque, que as aves povoão,
Que a aragem da tarde faz leve mover,
Parece que escuto teus frouxos vestidos,
Teus passos, tuas fallas. Oh! almo prazer!

E durmo, e repouso, sonhando delicias
Que os anjos só podem no ceo desfructar:
O grato favonio me embala esses sonhos
Trazendo-me as notas dos hymnos do mar.

A noite sómente com frio sudario
Me arranca ás venturas; em sonhos ahi...
Te creio em meus braços, te julgo ao meu lado,
E acordo chorando bem longe de ti!...

J. Dantas de Sousa (Arcos de Val de Vez).

Linguas. — Perguntou a Milton um seu amigo
— Não manda aprender linguas ás suas filhas?

— Para mulheres já uma é de mais, respondeu á pergunta o insigne poeta, se Eva não tivesse nenhuma não estaria eu agora escrevendo — *O Paraiso Perdido*. Creia-o.



Até grandes homens como este caem na pequice ingrata de levar a mal a loquacidade feminina; não sabemos porque não hão de condemnar o rouxinol por ser cantor.

O autor de Paulo e Virginia, o estudioso, ou antes o confidente e amante da natureza, ponderava com muito mais verdadeira e subida filosofia, que se as mulheres não dissessem senão o indispensavel, a casa ficaria sem musica, a sociedade sem alma, e a vida sem o seu principal feitiço; e, o que peior era, as crianças, faltando-lhe em roda d'ellas esse harmonioso chilrear de todos os minutos, tarde ou nunca chegarião a fallar. Os mudos não o são senão por serem surdos.

Nunca se deu a coisa alguma denominação tão acertada como esta de *materna* á lingua que fallâmos.

O ente que nos dá a vida e o leite é o que nos completa, ensinando-nos além de mil outras coisas, qual a mais util e necessaria, esta arte maravilhosa de expressarmos por sons as nossas idéas e sentimentos.

Aqui está, homens desagradecidos, o porquê e para quê as mulheres são palreiras.

NOVEMBRO — 28

Historia de muita gente boa.— Um decrepito chegára a tal ponto de demencia que nem já se conhecia.

Quando passava por diante de um espelho detinha-se e exclamava com a maior commiseração: — Coitadinho está palerma de todo!

NOVEMBRO — 29

SOBRE A CAMPA

DE MINHA PRESADA IRMÃ ISABEL C. JARDIM

. . . .
Tão cedo no leito da morte descanças
De cinzas cercada!...
Roubou-te os encantos da vida d'esp'ranças
A tumba gelada!

Repousa, meu anjo, que á vida no mundo
Preside esta lei...
Repousa, que um dia da campa no fundo
Comtigo serei...

D. Leolinda M. Jardim (Funchal).

NOVEMBRO — 30

Lição a uma fatua que póde servir para muitos. — Uma menina aristocrata procurava trazer sempre á collacção o titulo do pai.

— Meu pai o sr. marquez de... para aqui; meu pai o sr. marquez de... para acolá.

— E o outro como se chama? lhe perguntou muito singelamente um ouvinte.

Finda o anno. Do seu tumulo
Brota o berço de Jesus;
Assim nas trevas da morte
Nasce, esplende a etherea luz.



Nacionalidade portugueza.—A este sentimento, profundamente enraizado no coração dos nossos antepassados, deve Portugal o ter desempenhado no mundo um gloriosissimo papel. Esta pequena nação, escondida aqui num canto do occidente, foi, graças ao férvido patriotismo dos seus filhos, uma das que mais concorreram para a grande obra do progresso humanitario. Em quanto o resto da Europa se debatia em lutas sanguinolentas e estereis, Portugal, com os olhos fitos nos mares, arrojava ás ondas as suas galés, que ião affrontar os perigos de navegações cheias de mysterio, e traçar na espuma do Oceano o caminho que devia ligar entre si o mundo todo.

Quem lhes deu animo para tão heroica empreza? O sentimento da nacionalidade.

Assim que Portugal se constitue em provincia separada debaixo do governo do conde D. Henrique mostrão logo os portuguezes que são dignos da independencia. Junto d'este pequeno reino, as outras monarchias hespanholas fundem-se, separão-se, tornão-se a reunir, dividem-se de outro modo.

Hoje é Leão só, ámanha Leão e Castella, no outro dia Leão, Castella e Galliza. Portugal, é sempre Portugal.

É que já se mostrava predestinado a grandes coisas.

Nada consegue domar o seu orgulho. Se os monarchas se esquecem da missão que têem para cumprir, se a aristocracia é infiel ao mandato de Deus, improvisa-se de repente um povo, e toma a seu cargo a tarefa de manter immaculada e intacta a nossa nacionalidade. Esse povo encontra nos degraus do throno um homem digno de comprehender a nobre missão d'este paiz microscopico. Esse homem chama-se o Mestre d'Aviz, esse homem ha de ser D. João I.

Depois começão os heroicos feitos da geração navegadora e conquistadora que enchem o mundo de assombro, e que tanto contribuem para o grande movimento civilisador da renascença. Durante esta época reune-se a Hespanha debaixo do sceptro de Fernando e Isabel, sceptro empunhado logo depois pela mão potente e respeitada de Carlos V. Porque motivo só Portugal se livra d'esta fusão? Porque motivo conserva a independencia, quando as mesmas Vascongadas a não conservão, quando Aragão se liga a Castella, a Catalunha á Navarra, e quando a corôa de brilhantes de Granada cai da fronte de Boadil e vem rolar aos pés dos reis catholicos, a fim de se transformar em esplendido florão do formoso diadema das Hespanhas?

É porque este povo estava reservado para uma grande obra, e é tal o vigor do seu espirito nacional, que, ainda depois de ter cumprido a sua gloriosa missão, dá aos portuguezes os brios com que, ha hoje 227 annos, se recobrão da vergonha dos sessenta annos de captiveiro, e com que depois atiraram a luva ás faces de Napoleão.

Oh! conservemos piedosamente a nossa nacionalidade, senão como uma reliquia, ao menos como uma esperança. Provincia de Hespanha, annullamo-nos; reino independente, quem sabe o que nos estará ainda destinado? A nacionalidade que nos deu a vida, paiz embryonario, não nos poderá ainda galvanizar, cadaver?

DEZEMBRO — 2

CHARADA XXXV

Significo muito, 2
E punho tambem. 2
É nome proprio,
Reparem bem.
J. A. da Palma (Elvas).

DEZEMBRO — 3

O que é a desgraça? — Um estudantinho saiu num dia de sueto a passear, e encontrou um pobresinho quasi da mesma idade que lhe pediu esmola, dizendo que era muito desgraçado.

— Então certamente andas no latim.

DEZEMBRO — 4

UM SERMÃO D'ALDEIA

Numa aldeia muito longe,
Em dia de S. João,
Havia fogo de vista,
Festa na igreja e sermão.

Fez o bom do prégador
Ao santo um grande elogio,
Dizendo não haver outro
Tão virtuoso e tão pio!

No calor de tal discurso,
E gritando a bom gritar,
Disse, olhando p'ra um saloio,
Que attento estava a escutar:

— «Ó santo mais milagroso
De todos que têem havido!
Não sei, ó santo, onde possa
Dar-te um logar escolhido!...

Responde logo o saloio,
Meio a rir, meio a chorar:
— «Senhor cura, eu vou-me embora,
Póde dar-lhe o meu logar.» —
A. C. Ferreira de Mesquita.

A praça de Palma e o senador Paruta.—O senador Pedro Paulo Paruta foi causa de se fazer a grande praça de Palma. Morrendo, lhe pozerão os italianos no seu tumulo a seguinte inscripção, alludindo aos PP. do nome do senador e da praça:

Pietro Paulo Paruta
Prode, Prudente, Providente
Produsse Palma Per Patria Piantando Palma,
Publico Propugnaculo,
Provido Presidio Per Permanente
Principal Provincia.
Pelegrino, Posa.
Passeggia Per Potente Piazza,
Pensa,
Prefige Premii Per Paruta,
Presto Parti.
Isto é:
Pedro Paulo Paruta
Poderoso, Prudente, Providente
Produziu Palma Pela Patria Plantando Palma,
Publico Propugnaculo,
Provido Presidio Para Perpetuar
Principal Provincia.
Peregrino, Pára,
Passeia Pela Potente Praça,
Pensa,
Prepara Premios Para Paruta,
Presto Parte.

O Abbade de Castro.

DEZEMBRO — 6

O luxo.—A hydra do luxo, nutre-se na sua propria destruição, só acaba quando deixa tudo arruinado.

LOGOGRIPHO XIV

Vou fazer um logogripho,
Que toda a gente adivinha ;
Não tem sete cotovêllos,
E basta ser coisa minha.

Para meninos de escola
É que vai ser destinado ;
É dos que no ar se apanhão,
Apoz lido, adivinhado.

A terceira co'a primeira
Has de num Guilherme achal-o,
E já te digo que ás véssas
Ha de uma carta marcal-o.

Vice-versa combinados,
Tem-l'a tu, e todos tem ;
Tem-n'a a barra, a mina, a peça,
E a espingarda tambem !

A quarta com a terceira.
Quem me dera uma assim !...
Mais feliz então seria ;
Não tivessem dó de mim.

E que direi da segunda ?...
Nada digo que é melhor ;
Arranja a coisa comtigo;
Que por fóra vais peior.

A quinta depois da quarta,
Ha muitos em Portugal ;
A quinta com a terceira
Leva agua e pouco val.

A primeira co'a segunda,
E a terceira juntamente,
Se tem morto alguem no mundo,
Tem salvado muita gente.

Se um bojudo fradalhão
Quizesse dar prelecções,
Vendo um rabo de rapoza
De mui grandes dimensões,
Podia logo ensinar
Que a parte de qualquer coisa
É maior do que o seu todo,
(Coisa rara e singular !...)
Riem-se ?... a coisa é séria ;
Aqui tem, nesta materia
Acertava o padre mestre,
Sem grande engenho, nem arte,
Porque neste logogripho
Vê-se o todo estar na parte !

J. J. Dias (Santarem).

ENIGMA VI

Logo — *estas letras o que são?*

NOITE DE ESTIO

Sobre rosas se deslisa
Leve brisa a suspirar;
Vai depois nos arvoredos
Mil segredos murmurar.

Canam aves seus amores;
Cai das flores doce aroma;
Elevado sobre o outeiro,
Ergue o olmeiro a verde coma.

Surge a lua junto á serra,
Vem na terra, scismadora,
Espalhar a doce calma
De que a alma se innamora.

Pelo azul do firmamento,
Cento a cento a pullular,
As estrellas vão surgindo,
E luzindo sem cessar.

Sonha a alma sonho infindo!...
Vago, lindo, divinal!...
D'esperança indefinivel...
Aprazivel, ideal.

Pelas horas do mysterio,
Como o ethereo scintillar,
Ha de um despertar tristonho
Este sonho dissipar?

És da noite flor singela,
Inda bella no arrebol,
Que se murcha quando a aurora
Já descora, e surge o sol.

Doce engano fugitivo!...
Meigo e vivo encantamento,
Ai! quizera á vida unir-te,
E cingir-te ao pensamento!...

Nesse enlevo embevecida,
Toda a vida emfim sonhára,
Mas um sonho de venturas,
Que amarguras olvidára!

D. Catharina Maxima de Figueiredo (Guiães).

DEZEMBRO — 9

Anthitese justa. —Dizia Larochefoucault o seguinte:

«Sempre nos affeiçoamos áquelles que nos admiram, mas nem sempre áquelles a quem admiramos.

Quasi nunca, podia dizer.

Conselhos. — Entre outros conselhos que um pae dava a seu filho, quando este se decidiu a deixar a terra e correr mundo para ganhar a vida pelo officio que lhe ensinaram, deu-lhe estes:

— Filho, assim como muitas vezes quem vê caras não vê corações, assim tambem ha por esse mundo de Christo terras que logo ao primeiro aspecto podem ser avaliadas. Terra em que ouvires repicar muito os sinos, olhe que deves entrar nella com a algibeira quente, se tens tenção de dar esmola a todos os mendigos que encontrares.



Não julgues da devoção de qualquer cidade pelo numero de sinos que tiverem as suas torres, nem pelo luxo das suas igrejas, como não julgues dos haveres de ninguem por trazer bom ou mau fato, nem do vinho de qualquer taverna pela taboleta. A verdadeira piedade é singela; os mais ricos são a maior parte das vezes os mais modestos no trajar; e o bom vinho não precisa de taboleta que o apregôe para attrair fregueses.

Onde os camponezes forem grosseiros, e a ninguem derem os bons dias, assenta de ti para comtigo, que ahi os bois fazem melhor a sua obrigação no trabalho, e na manjadoira, do que o mestre na escola.

Se chegares a um paiz em que haja boas estradas som-

breadas de arvores; onde se não vejão campos por arrotear, nem terras sem amanho; aonde o estrangeiro receba gasalhado; onde os mendigos não atulhem as ruas; e em que os mais sumptuosos edificios sejão escolas e hospitaes, — fica ahi filho: Estás em terra de gente bem inclinada, e com o juizo no seu logar.

DEZEMBRO — 11

Caçoada a uma bala. — A presença de espirito e o sangue frio são qualidades que nobilitão o homem em todas as classes, mas no militar são ainda mais apreciaveis. Sem agora podermos designar aonde, lemos o seguinte facto:



Certo general, a quem uma bala de artilheria levou uma perna de pau numa batalha desatou a rir ás gargalhadas dizendo para os que o cercavão:

— D'esta vez logrei o inimigo, rapazes, porque trago ali outra perna na bagagem!

Não póde dar-se maior prova de sangue frio.

DEZEMBRO — 12

O orçamento. — Conta-se que um deputado francez, saindo da camara, e trazendo na algibeira o orçamento, contra o qual votára inutilmente, quiz entrar no jardim das Tulherias.

— Não se passa! diz-lhe a sentinella.

— Oh! meu amigo, tornou o deputado, é o orçamento isto sempre passa.

A SAUDADE [1]

Saudade, branca imagem vaporosa,
Oh! triste companheira dos mortaes!
Que nos segues tão pallida e formosa,
A chorar do passado nos umbraes!

As lembranças gentis d'esses instantes,
Que o tempo no seu vortice abismou,
Resuscitão mais puras, mais brilhantes,
Se a tua mão formosa as adornou!

Recompões todo um quadro de primores
Já sumido nas trevas do passado!
Dás vida á morte, brilho ás murchas flores
Ao tocar-lhe o teu sôpro enfeitiçado!

[1] O *Almanach* chama a attenção dos seus mais intelligentes leitores para os formosissimos versos com que este anno nos honrou a ex.ma sr.a D. Maria Amalia de Carvalho, e que acima se lêem sob a epigraphe *Saudade*.

O *Almanach* faz mais, e perdoe-se-lhe a indiscripção, se o é, denuncia que tão sentidas e irreprehensiveis estrophes são obra de uma menina de 19 annos, que tem nas solidões do seu retiro campestre retemperado a alma, e adivinhado o que nunca se lhe ensinou.

Ouvimos-lhe recitar em casa do sr. Antonio Feliciano de Castilho, e depois em Pinteos, em casa de seu pai, o sr. José Vaz de Carvalho, *Uma primavera de mulher*, poemetto em 4 cantos, que tem prompto para dar á luz publica.

Os emboras, e as enthusiasticas felicitações, que o principe dos nossos poetas, e os srs. Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, Silva Tulio, Thomaz de Carvalho, Ribeiro Guimarães, e outros n'esta ultima reunião lhe dirigiram, foram a expressão sincera de almas que se sentiram impressionadas e comovidas ao escutar-lhe tão peregrina poesia.

Portugal em 1867 contará uma segunda marqueza de Alorna; talvez menos erudita, mas inquestionavelmente mais talentosa, mais inspirada, e sobre tudo mais sympathica.

Ai! saudade, que magoas não revela
Da tua voz a languida harmonia!
Sublime virgem, scismadora e bella,
Doce irmã da fiel melancolia!

D'harpa-eólea o vibrar melodioso
D'entre a rama do altivo pinheiral,
Não tem o mago som mysterioso,
Da tua voz fagueira e divinal.

Não tem, qual tu, fragrancia perfumada
A brisa a ciciar entre os rosaes;
Nem lyra por mão d'anjo modulada
Tão castos hymnos suspirou jámais!...

Tu reunes em ti tanta doçura!...
Tão breves magoa!... tão acerba dor!...
Na taça que nos dás, tanta amargura!...
Na voz com que nos fallas, tanto amor!...

Saudade, quem comprehende o teu encanto?...
Quem sabe a tua essencia decifrar?...
Quem não ama essas perolas de pranto,
Que fazes pelo rosto deslisar!?...

Eu amo-te, oh! saudade! anjo formoso!
Minha divina e casta inspiração!
Amo-te, e oiço, com lagrimas de goso,
Da tua voz a meiga vibração!...

Quando á tarde das orlas do occidente
O seu extremo adeus nos manda o sol,
E em voz suave, languida, e plangente,
Lhe responde na olaia o rouxinol!

Quando em notas de musica celeste
Sóbe o canto immortal da criação
Ao que de flores as planicies veste,
Ao Deus d'amor, de gloria, e de perdão!...

É ness'hora d'amor e de magia,
De augusta e de serena magestade,
Que, envolta no teu manto de poesia,
Tu surges a meus olhos, oh! saudade!...

Então eu vejo a tua imagem linda,
Qual eu sempre a sonhei, triste mas bella!
E em teus suspiros de harmonia infinda,
Um poema de angustias se revela!...

Pinteos, 22 de setembro de 1865.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

DEZEMBRO — 14

CHARADA XXXVI

A primeira sobre as aguas,
Vegeta sem mostrar flor, 2
A segunda não tem vida, 2
Nao tem alma, nao tem cor,
Forma o todo bebida delicada
E que a razão não deixa embriagada.

Anonymo Batalhense

DEZEMBRO — 15

Problema. — Sabe-se pela historia que a somma dos annos de idade e de reinado do memoravel e venturoso rei, o sr. D. Manoel, é igual a 78 annos. Contando por lustros a idade ficão dois annos, e os annos de reinado fica um. Dividindo por 9 a idade ficão 7 annos, e por 7 o reinado ficão cinco. Quaes são os dois numeros que satisfazem ás condições expostas?

Marçal Antonio.

Zumalacárregui. — A historia, sem attender a influencias partidarias, tributa as suas austeras homenagens aos grandes homens que se illustraram na defeza de principios verdadeiros ou erroneos, e estigmatisa os que macularam as boas causas, ou os que ainda mais aviltaram as más Louva Bonchamp, condemna Carrier; exalta Zumalacarregui, castiga Zurbano. Pois Bonchamp defendia a causa do despotismo, Carrier a da liberdade; Zumalacarregui era campeão do passado oppressor, Zurbano do presente luminoso. Que importa? A santa arvore liberal não precisa de ser regada com sangue; as novas idéas desprezão os bandidos que se dizem seus defensores.

Zumalacarregui, fidalgote das Vascongadas, nasceu em 1789 em Ormaistegui. Andava estudando direito, quando os exercitos napoleonicos invadiram a Hespanha. Correu logo a pegar em armas para a defeza da patria. Em 1813 era capitão no exercito de Mina. Em 1823 foi nomeado tenente coronel, depois coronel de infanteria, e governador do Ferrol. Julgavão-n'o bom administrador, mas pessimo militar. São sempre assim os prognosticos. Em 1832 foi passado para a inactividade temporaria, por causa das suas opiniões carlistas. Depois da morte de Fernando VII, em 1833, tendo-se sublevado as Vascongadas a favor de D. Carlos, Zumalacarregui foi tomar parte na insurreição, e logo organisou um corpo de voluntarios. Em seguida foi proclamado chefe dos bandos revoltados. Zumalacarregui teve a habilidade, numa guerra de guerrilhas, de disciplinar perfeitamente os seus soldados, coisa que os generaes modernos nunca havião conseguido. Á testa d'essas tropas bateu no dia 1 de Agosto de 1834 o general Rodil no valle d'Amescoas; depois no dia 7 de Setembro do mesmo anno derrotou outro exercito liberal debaixo dos muros de Viana. Na primavera do anno seguinte bateu no valle de Amescoas, já illustrado pela sua primeira victoria, o gene-

ral Valdez; e em Guernice, Iriarte. Foi então que o principe D. Carlos, por cuja causa se derramava tanto sangue, se dignou apparecer no exercito. Mas a sua presença não fez senão augmentar os desgostos do heroico general, atormentado havia muito, pelas intrigas da ignobil camarilha que rodeiava o pretendente. Depois d'uma serie de combates, quasi sempre victoriosos, que deu para conservar abertas as suas communicações com as fronteiras francezas, foi ferido no cerco de Bilbau, no dia 15 de Agosto de 1835, e no dia 25 morreu. Quando succedeu tal, estava a sua demissão em cima da mesa de D. Carlos. Essa demissão, que Zumalacarregui déra, cançado de intrigas e embaraços, fôra acceita fria e indifferentemente pelo homem a quem sacrificára a sua vida.

Não succedêra o mesmo no Vendée, não succederá sempre o mesmo em quanto houver tão insensatos heroes que se sacrifiquem não por uma idéa, mas por um homem?

DEZEMBRO — 17

RELIGIÃO

(Versão livre de V. Hugo)

Alta noite! — no cimo da colina
Eu era mudo e triste, olhando os ceus;
E minha irmã me disse: «amigo attende;
«Que laço ao Creador tua alma prende?
«Não vão além da terra os sonhos teus?
«Apenas vês no genio denso fumo
«Que d'entre cinzas sáe, vago e sem rumo?
«Tua Biblia qual é, qual o teu Deus?»

Eu disse-lhe que orava; ella tornou-me:
«Mas como? que mysterio te seduz?
«Onde o templo, o altar edificante,
«O incenso ao Creador, o celebrante,

«O calix, a oblação, a hostia, a cruz?»
Eu disse: «o templo é esse... o espaço infindo!
«O sacrificio... vê!» ia surgindo
A lua toda envolta em casta luz!

Qual hostia immensa erguia-se no espaço;
Sorria, ao vel-a, toda a creação!
Os arbustos, o mar, a fresca aragem,
O ceu, a terra...—em mystica linguagem
Tudo ostentava ali grata oração!
E eu disse então com voz de quem supplíca:
«Ajoelha, amiga!... é Deus que sacrifica,
«Eis immensa nos ceus sua oblação!!!»

Furtado d'Antas (Loanda).

DEZEMBRO — 18

Um aristocratinha. — Andando ainda no collegio o filho do duque de Trámouille, teve uma desavença com outro pequeno da sua idade; ralharam, ralharam, até que dos ralhos pássaram aos sôcos.

O mecanico assentou no futuro titular o melhor pontapé que o apanhou por a parte posterior e lhe fer vêr as estrellas, suas parentas, ao meio dia.

—Patife, plebeu, exclamou este furioso, não sabe que sou filho d'um duque?

—Pois olha, respondeu o outro, ainda que fosses filho d'um rei, o que eu não podia era dar-te um melhor pontapé.

DEZEMBRO — 19

ENIGMA VII

Ha na lingua portugueza uma palavra que se escreve com duas lettras, e tem tres syllabas. Qual é?

V. D. d'Algures.

A miseria em ambos os extremos. — Um desvalido que tinha caido na infima pobreza, e que já não comia havia bom numero de horas, dirigiu-se a um millionario: — Meu rico bemfeitor, peço-lhe pelo amor de Deus dez réis para um quarto de pão, que me estou aqui morrendo de fome.



O millionario, que pelo abuso da abundancia, tinha um fastio mortal a tudo, deixou-se ficar recostado como estava, e deu-lhe o costumado — *Deus o favoreça.* Depois viu-o afastar-se, e ficou resmungando: — Que patife tão feliz! Tem fome!...

DEZEMBRO — 21

Club do silencio. — Pelos fins do seculo XVII, formou-se em Londres uma associação que se denominou: — *Club do silencio.* A lei fumdamental dos associados era a de nunca abrir a bocca, fosse porque fosse. O mesmo presidente era mudo como os outros, fazia-se entender pelos movimentos dos dedos, mas esta mesma eloquencia mechanica, não era permittida senão muito raramente, e em occasiões importantes.

Um dia, certo membro exaltado pelo patriotismo, e não cabendo em si, annuncia-lhes em alta voz a celebre victoria de Hochstedt, ganhada pelos inglezes.

Que succedeu? Toda aquella gente, que ainda ignorava a grande nova recolheu o espirito em si, e sem soltar uma palavra, expulsou do seu seio o indiscreto á pluralidade de votos.

Devera antes chamar-se-lhe club de estafermos.

DEZEMBRO — 22

Symbolo da força.— Assim consideraram os antigos o leão e cremos que razão tiverão para isso. «Symbolo da fortaleza é o leão, diz o nosso erudito Bluteau, porque não é suspeitoso, não teme, não torna atraz, nem se assusta a qualquer coisa que encontre; para passar a noite não se recolhe em cavernas, deita-se a dormir onde se acha, e com os olhos abertos dorme. Perseguido dos cães e dos caçadores não foge, anda com passo grave, de tempo em tempo pára, se vira e olha;



apaga com a cauda as pisadas; quando descobre a prêsa dá um grande rugido, se lança a ella, e a despedaça com formidavel magnanimidade; aos que se lhe prostrão per-

dôa. «Acreditâmos em todas as allegações do celebre lexicographo, menos na ultima. A magnanimidade do leão consistirá em devorar a sua prêsa, ainda que esta se lhe prostre; mas Bluteau tão convencido estava, ou parecia estar do contrario, que lastíma que os romanos *enxovalhassem a generosidade* de tão brioso animal, obrigando-o a puchar por carros na solemnidade dos seus triumphos.

DEZEMBRO — 23

CHARADA XXXVII

Na musica,	1	Da musica	1
Tem musica	1	Na musica	1

Por musica...
Que musica!

Emygdio Gomes dos Reis (Coimbra).

DEZEMBRO — 24

A ilha de Cóos. — Esta pequena ilha tornou-se célebre, por ter dado o berço a duas celebridades cuja memoria o tempo, apesar do andar de muitos seculos, ainda não poude destruir. A primeira foi Hypocrates o fundador da medicina dogmatica; que nasceu, e floresceu n'esta ilha 22 seculos antes de Christo.

A segunda foi o divino Apelles, pintor insigne, que floresceu pelo mesmo tempo.

O reino vegetal tambem ali produziu um assombro de nacionaes e estrangeiros: foi esse famoso platano, talvez o maior e mais corpulento vegetal que se tem visto no mundo. Seus grossos ramos estendião-se sobre a terra e sobre o mar a uma grande distancia, e tanta veneração tinhão por elle os

habitantes da ilha, que para evitar os ertragos do tempo sustentavão seus ramos com pilares de pedra.

Constantino T. de V. Leite Pereira (Amarante).

DEZEMBRO — 25

Natal na Inglaterra.—Em Inglaterra não se festejão as noites de natal como entre nós, mas o dia (um dos poucos que alli se guardão) é de uma solemnidade nacional. Além do grande jantar, que de ordinario consiste só em *roast beef* e *plum puddings* (pudim de ameixas) usa-se nas principaes casas da arvore do natal *(Christ mastree)*. Consiste ella num pequeno arbusto, que, enfeitado de pequenas prendas, e ornado com summa elegancia, se colloca no centro da sala aonde se reune uma multidão de crianças e seus paes e parentes. Numeradas as prendas, distribuem-se pelos convivas os numeros, e, depois sendo chamados, entregão-se as que lhes correspondem. É curioso ver o afan que se dão as crianças para obter os melhores premios, que são sempre recebidos com grande applauso. De ordinario, começa a distribuição ou rifa pelas 10 horas da noite, e termina pelas 2 da manhã, pouco mais ou menos.

O mesmo, com pouca differença, se usa na Allemanha.

(*A.* de 1851—25 de Dezembro.)

DEZEMBRO — 26

A festa de S. Estevão. — Se no dia 26 de Dezembro passasseis por Travanca de Macedo, na occasião em que um povo inteiro se banqueteia em communidade no meio da rua, dirieis que se observava aqui mais pontualmente, do que outr'ora em Sparta, essa famosa lei de Licurgo, contra a profusão e luxo das mesas. Pois não é nada d'isso; essa curiosa scena, que de certo vos chamaria a attenção, não é mais do que a festa de S. Estevão, que de tempos immemoriaes costuma celebrar-se nesta ter-

ra, e em quasi todas as suas visinhanças, de uma leg em circuito, ou mais. Passemos em silencio a parte re giosa, que nada offerece de extraordinario. Logo que conclue a funcção da igreja, dirige-se cada um a sua cas enche um açafate de frutas seccas, a que junta um hu milde talher, e com este arranjo vai apresentar-se á port do mordomo. Ali encontra já armada no meio da rua uma meza de vinte a trinta metros de comprimento, sobr um de largura. O corpo d'esta meza é indifferentement occupado pelo povo, e a cabeceira, pelas pessoas distin ctas da terra; mas este ultimo costume vai caindo em des uso, ainda que não, de todo. Á excepção das viuvas, todos devem tomar parte neste festim popular; e aquelle que, sem motivo plausivel não apparece, é qualificado de mi santropo e pouco sociavel. Depois de reunidos todos os convivas, vem logo a primeira e ultima coberta, que cons ta de pães centeios, sardinhas assadas, tremoços, e algum vinho. Toda a polidez e ceremonia são banidas d'esta me sa: aqui exigem-se mais sardinhas, acolá grita-se por mais pão, ali pede-se vinho, e fazem-se saudes aos mordomos, etc.

No fim d'esta refeição, em que se devorou a bagatella de um milheiro, ou mais de sardinhas, vem o mordomo com uma laranja espetada numa vardasca, e offerece-a áquelle que tem de servir no anno seguinte: a esta trans missão de poder, rompem de todas as bocas enthusiasticos *vivas* ao mordomo!... tudo se agglomera com azafama em volta d'elle: dois esforçados Hercules, entrelaçando as mãos formão uma cadeira, onde o fazem sentar, para ser con duzido á sua habitação: se tem familia, é tambem condu zida em cadeiras identicas, por pessoas de sexo e estado respectivo. Eil-o ahi vai em triumpho, no meio dos ap plausos e acclamações do povo, que não cessa de feste jal-o com enthusiasmo vertiginoso e selvatico! Á noite tor na-se a reunir tudo em casa do novo eleito; e é então que se realisa o celebre jogo do *frade*, em que mais figura

aquelle que mais estrondo póde fazer com os socos: ha tambem outro, regulado por certas leis, cuja infracção (essencial ao jogo) é punida com fortissimas dozes de correadas, o que promove grande hilaridade em todos, sem exceptuar o reo. Como estes, usão-se outros divertimentos e jogos exquisitos, que seria longo enumerar.

Não ha escripto, nem tradição, que nos oriente ácerca da instituição d'esta festa: mas, segundo me parece, é ella ainda um reflexo dos *agapes* (banquetes da igreja primitiva), para cujo ministerio foi ordenado diacono o grande Proto-Martyr, como nos refere S. Lucas nos seus Actos Apostolicos.

P.e *Luciano Joaquim de Moraes* (Macedo de Cavalleiros).

DEZEMBRO — 27

Antepassado dos tambores-mores. — Na batalha de Hastings ganha por Guilherme, o conquistador, contra Haroldo, rei dos anglo-saxonios, um bardo normando chamado Taillefer, ia a cavallo cantando canções guerreiras, atirando com a espada ao ar, e recebendo-a na palma da mão.

Era um tamhor-mór perfeitamente. Agora os actuaes o que não fazem é cantar!

DEZEMBRO — 28

Cuidado com os espelhos.—É sabido quo Napoleão tomava, ou, para ser mais exacto ainda, estragava muito tabaco. Um dia, em que se achava a escrever, e só no seu gabinete, tocou a campainha.

— Senhor! acudiu o criado que estava de serviço, apparecendo na porta.

— Tabaco, diz-lhe o imperador sem cessar de escrever.

O criado approximou-se da secretaria, lançou mão da caixa e dirigiu-se a um recanto onde estava o frasco do

tabaco, que, é bem de presumir, não era do peior. Ahi encheu a caixa do imperador, e julgou a proposito encher tambem a sua.

—Então! esse tabaco apparece? diz-lhe Napoleão com modo agastado.

O criado saltou de medo, metteu a sua caixa na algibeira e dirigiu-se balbuciante ao imperador:

—Senhor! eis...

—Pateta, acudiu asperamente Napoleão, tirando-lhe das mãos a caixa, quando se furta é mister estar álerta,— e continuou a escrever.

Um espelho denunciára o criado.

J. M. dos Santos (Guarda).

DEZEMBRO — 29

A vida.—A vida, disse já alguem, é uma mesa, aonde se ajuntão quatro jogadores: o tempo está na cabeceira, e passa; o amor faz o seu resto, e treme; o homem tem boas esperanças, e a morte ganha tudo.

O mundo, disse outro, e não com menor philosophia, é o mar, aonde a gallé é a vida; o tempo o piloto; a esperança o norte; a fortuna o vento; as tempestades a inveja; e o homem o forçado, que não tem mais porto, que a morte.

DEZEMBRO — 30

Boa replica a um insolente.—Certo fidalgo, vendo um dia Descartes numa casa de pasto comendo á regalada, lhe disse:

—Então que é isso, meu amigo, pois tambem o philosophos gastão o seu dinheiro em acepipes?

—Essa não é má, respondeu Descartes, acaso v. ex.ª julga que a natureza só produziu coisas boas para os ignorantes!

VERDADE

Feliz do que puder á hora derradeira,
Volvendo extremo olhar á vida que passou,
Dizer: «bem vinda a paz! Liberta da poeira
Minha alma dou a Deus, qual Deus m'a confiou.

A morte não assusta a consciencia pura;
Quem cumpre o seu dever não sente vão terror;
E se outra vida existe além da sepultura,
Eu n'ella posso entrar seguro e sem pavor.

Não deixo atraz de mim as lagrimas e o luto;
Não fui calumniador; não difamei ninguem;
Amei sempre fiel; e da virtude o fructo
Na caridade achei, fazendo sempre o bem.

A luz que me allumia esta hora derradeira
É a da rectidão, que sempre me guiou;
Bem vinda, pois, a morte! E, livre da poeira,
Minha alma entrego a Deus, qual Deus m'a confiou.

Francisco Gomes de Amorim.

